

CAPIR



ENTREMUROS: UMA ARQUEOLOGIA DA CIDADE-JARDIM EM GOIÂNIA (GO)

FAU-UFRJ | TRABALHO FINAL DE GRADUAÇÃO 2 | BANCA FINAL | 2020.1
ALUNO: RAFAEL COSTA AMORIM | ORIENTADORA: JULIANA SICURO

SUMÁRIO

| | | | |
|-------------------------------|----|---------------------------------|----|
| RESUMO | 3 | MIOLos DE QUADRA PÚBLICOS | 31 |
| METODOLOGIA | 8 | ACESSOS | 34 |
| O PROJETO | 9 | BECOS | 36 |
| O URBANISMO | 11 | LOTES VAZIOS | 38 |
| A CONSTRUÇÃO | 13 | USOS E APROPRIAÇÕES | 40 |
| O DESENVOLVIMENTO | 17 | PARA ALÉM DOS USOS | 42 |
| FORMA URBANA | 18 | INTENÇÕES PROJETUAIS | 45 |
| ASPECTOS NATURAIS | 20 | INTENÇÕES BAIRRO | 46 |
| ÁREAS LIVRES | 22 | INTENÇÕES MIOLos | 47 |
| TERRENOS | 24 | INTENÇÕES LOTES | 50 |
| PARÂMETROS URBANÍSTICOS | 26 | A TERCEIRA PAISAGEM | 51 |
| VIAS E CAMINHOS | 28 | A PROPOSTA | 57 |
| TRANSPORTES | 30 | BIBLIOGRAFIA | 58 |

RESUMO

Goiânia foi uma cidade planejada nos anos 30 por Attílio Corrêa Lima e Armando de Godoy, sua construção refletia os ideais de planejamento e desenvolvimento da época e fez parte da chamada marcha para o oeste. Seu projeto original era constituído de cinco setores com funções específicas, um deles é o Setor Sul, um bairro de função residencial que foi projetado seguindo o modelo das cidades-jardins inglesas, contando com espaços livres públicos nas áreas internas das quadras que formam um grande parque fragmentado. Ao contrário do planejado, esses espaços não ganharam o protagonismo que se esperava, e as residências muitas vezes sequer construíram acessos diretos a eles. Essas áreas livres nunca foram realmente projetadas, apenas foram reservadas no projeto urbano, o que fez com que na maior parte dos casos elas tenham um caráter de abandono e degradação. Em outros casos, por iniciativa dos próprios moradores existem espaços muito acolhedores e bem cuidados. Mas em ambos, os muros das casas foram bastante apropriados por grafites e intervenções artísticas, o que criou uma identidade local e evidencia uma relação afetiva que a população tem pelo lugar. Além disso, o bairro é caracterizado por habitações unifamiliares de gabarito baixo, numa região central da cidade, onde os bairros ao redor tem condomínios de edifícios que em média ultrapassam os vinte pavimentos, esse contraste se dá pela própria forma urbana do bairro que dificulta um processo de incorporação imobiliária. Atualmente, com a formulação de um novo plano diretor para a cidade, o bairro está ameaçado por parte dos vereadores estarem defendendo uma proposta de adensamento a partir do aumento do gabarito e da possibilidade de venda das áreas livres públicas. Pensando nisso e reconhecendo as qualidades do Setor Sul e sua importância histórico-cultural para a cidade, o projeto visa ressignificar o desenho original a fim de proteger as características do bairro, fazendo com que a forma e a existência desses espaços livres públicos ainda faça sentido para a atual dinâmica da cidade.

Palavras-chave: Cidade-Jardim, Patrimônio Urbano, Sistema de Espaços Livres, Espaços Residuais



FIGURA 01 - APROXIMAÇÃO POR SATÉLITE: ARREDORES DO BAIRRO (FONTE: GOOGLE EARTH COM INTERVENÇÃO DO AUTOR)



FIGURA 02 - APROXIMAÇÃO POR SATÉLITE: O BAIRRO (FONTE: GOOGLE EARTH COM INTERVENÇÃO DO AUTOR)



Google Earth

FIGURA 03 - APROXIMAÇÃO POR SATÉLITE: A QUADRA (FONTE: GOOGLE EARTH COM INTERVENÇÃO DO AUTOR)



Google Earth

FIGURA 04 - APROXIMAÇÃO POR SATÉLITE: A CASA (FONTE: GOOGLE EARTH COM INTERVENÇÃO DO AUTOR)



FIGURA 05 – VISTA DA FACHADA DA CASA EM QUE MOREI (FONTE: GOOGLE EARTH)



FIGURA 06 – VISTA DA OUTRA FACHADA DA CASA QUE MOREI (FONTE: GOOGLE EARTH)

METODOLOGIA

O processo de projeto surge a partir da experiência como morador do bairro, antes me mudar para o Rio de Janeiro morei em uma casa no Setor Sul. Essa casa fica no final de uma *cul-de-sac* e possui duas fachadas, porém a fachada para o interior da quadra era apenas um muro. Por conta dessa vivência, existia em mim várias indagações e curiosidades que me levaram a começar a pesquisa para o desenvolvimento do TFG. Realizando essa pesquisa durante a pandemia, restou utilizar os mapeamentos virtuais para investigar e olhar ainda mais profundamente os espaços que já conhecia, para isso foi usado o Google Earth e Street View. Paralelamente foi desenvolvido a pesquisa histórica, que contou com leituras de artigos, além de pesquisa de dados, documentações históricas e cartografias, foram

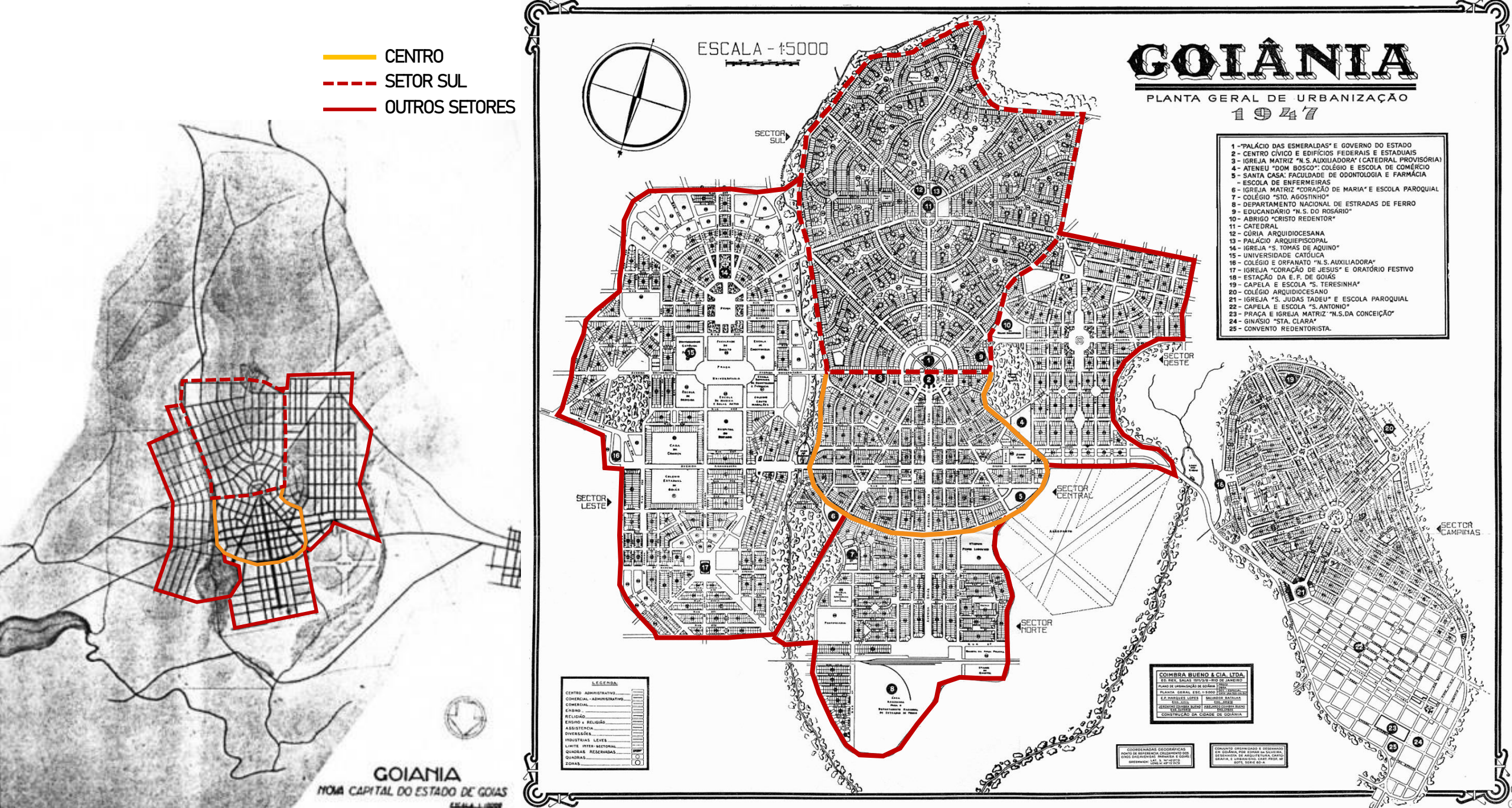
usados principalmente os sites da Prefeitura de Goiânia e do plano diretor Goiânia do Futuro para obter essas informações. A partir da leitura do livro Formas Urbanas - A dissolução da quadra, iniciou-se um processo de análise da forma urbana e desenvolvimento de mapas e diagramas que explicassem o bairro, são eles que compõe esse caderno. Em seguida, para encontrar outros olhares realizei entrevistas com outros moradores e utilizei notícias como fonte de informações. Busquei conversar com moradores que estão mobilizados na defesa do bairro e que participam das organizações e associações de moradores das quadras. Por fim, através de referencial teórico-projetual pude construir meu modo de encarar o lugar e chegar em intenções projetuais.



O PROJETO

A construção de uma nova capital para o estado de Goiás era discutida e planejada desde o final do ciclo do ouro, ainda no final do século XVIII. Isso porque a antiga capital era ligada a essa atividade econômica e tinha perdido sua relevância. Houveram muitas tentativas de se iniciar o projeto para a construção dessa nova cidade, mas só depois de 1930 com a nomeação, por Getúlio Vargas, de Pedro Ludovico Teixeira como interventor que a ideia começou a se concretizar. Alinhado ao movimento político-econômico da Marcha para o Oeste, a construção de Goiânia teve investimentos estaduais e federais e foi acompanhada de forte investimento na construção de rodovias e ferrovias que ligariam o estado as outras regiões do país. A escolha do sítio foi bastante estudada nos primeiros anos e foi determinada pela posição central no território estadual e facilidades geográficas. Foram desapropriadas fazendas a beira do Córrego Botafogo, e na área plana de topografia sem grandes desafios foi construída a nova capital. Primeiramente o encarregado pelo projeto foi o arquiteto-urbanista Atílio Corrêa Lima que, seguindo sua formação francesa de planejamento urbano, fez o primeiro traçado da cidade em 1933. Foi este desenho que deu origem a construção da cidade, iniciando-se pelo centro a partir da Praça Cívica, a praça monumental no centro do projeto. Ele acompanhou os primeiros anos da construção, mas em 1936 Atílio se desliga do projeto e Armando de Godoy, um dos engenheiros que já estavam envolvidos, assume a função. Godoy faz grandes alterações no projeto, reconfigurando os setores e incluindo a cidade-satélite Campinas no planejamento, que era um povoado que já existia a poucos quilômetros da capital. Uma das maiores transformações foi o traçado do Setor Sul, que passa a ter grande influência das ideias das cidades-jardins inglesas e passa a ser chamado pelo próprio Godoy como o bairro-jardim de Goiânia. Por já estar em processo de construção, poucas alterações são feitas no centro da cidade, mantendo o desenho francês de Corrêa Lima, além disso a setorização da cidade por funções e classes econômicas permanece no projeto de Godoy.

FIGURA 07 - TRAÇADO INICIAL DA CIDADE DE GOIÂNIA FEITO POR ATTILIO CORRÊA LIMA EM 1933 (FONTE: REVISTA BRASILEIRA DE GESTÃO URBANA)



— CENTRO
— SETOR SUL
— OUTROS SETORES

ESCALA - 1:5000

GOIÂNIA

PLANTA GERAL DE URBANIZAÇÃO

1947

- 1 - "PALÁCIO DAS ESMERALDAS" E GOVERNO DO ESTADO
- 2 - CENTRO CÍVICO E EDIFÍCIOS FEDERAIS E ESTADUAIS
- 3 - IGREJA MATRIZ "N.S. AUXILIADORA" (CATEDRAL PROVISÓRIA)
- 4 - ATENEU "DOM BOSCO"; COLÉGIO E ESCOLA DE COMÉRCIO
- 5 - SANTA CASA; FACULDADE DE ODONTOLOGIA E FARMÁCIA - ESCOLA DE ENFERMEIRAS
- 6 - IGREJA MATRIZ "CORAÇÃO DE MARIA" E ESCOLA PAROQUIAL
- 7 - COLÉGIO "S. AGOSTINHO"
- 8 - DEPARTAMENTO NACIONAL DE ESTRADAS DE FERRO
- 9 - EDUCANDÁRIO "N.S. DO ROSÁRIO"
- 10 - ABRIGO "CRISTO REDENTOR"
- 11 - CATEDRAL
- 12 - CÚRIA ARQUIDIOCESANA
- 13 - PALÁCIO ARQUIEPISCOPAL
- 14 - IGREJA "S. TOMÁS DE AQUINO"
- 15 - UNIVERSIDADE CATÓLICA
- 16 - COLÉGIO E ORFANATO "N.S. AUXILIADORA"
- 17 - IGREJA "CORAÇÃO DE JESUS" E ORATÓRIO FESTIVO
- 18 - ESTAÇÃO DA E. F. DE GOIÁS
- 19 - CAPELA E ESCOLA "S. TERESINHA"
- 20 - COLÉGIO ARQUIDIOCESANO
- 21 - IGREJA "S. JUDAS TADEU" E ESCOLA PAROQUIAL
- 22 - CAPELA E ESCOLA "S. ANTONIO"
- 23 - PRAÇA E IGREJA MATRIZ "N.S. DA CONCEIÇÃO"
- 24 - GINÁSIO "STA. CLARA"
- 25 - CONVENTO REDENTORISTA.

LEGENDA
 CENTRO ADMINISTRATIVO
 COMERCIAL - ADMINISTRATIVO
 COMERCIAL
 ENFERM.
 RELIGIÃO
 ENSINO + RELIGIÃO
 ASSISTÊNCIA
 DIVERSOS
 INDUSTRIAIS LEVES
 LIMITE INTER-SECTORIAL
 QUADRAS RESERVADAS
 QUADRAS

COIMBRA BUENO & CIA. LTDA.
 ENGENHEIROS ARQUITETOS
 PLANO DE URBANIZAÇÃO DE GOIÂNIA
 PLANTA GERAL - ESC. - 1947
 E. COIMBRA BUENO - RUA...
 C. BUENO - RUA...
 COIMBRA BUENO & CIA. LTDA.
 CONSTRUÇÃO DA CIDADE DE GOIÂNIA

GOIÂNIA
 NOME CAPITAL DO ESTADO DE GOIÁS
 ESCALA 1:5000

FIGURA 08 - COMPARAÇÃO DOS DOIS TRAÇADOS COM A MARCAÇÃO DOS SETORES (FONTE: REVISTA BRASILEIRA DE GESTÃO URBANA COM INTERVENÇÃO DO AUTOR)

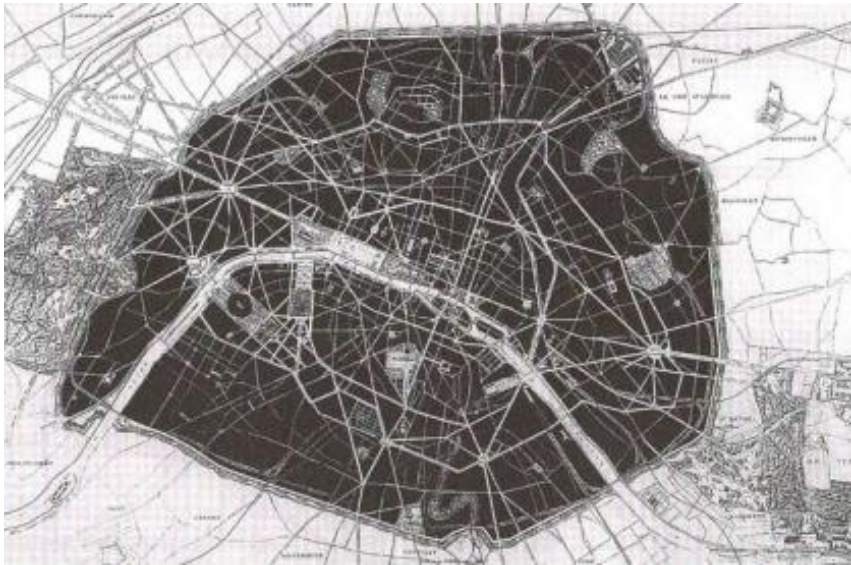


FIGURA 09 – PARIS DEPOIS DA REFORMA DE HAUSMANN (FONTE: FORMAS URBANAS: A DISSOLUÇÃO DA QUADRA)



FIGURA 10 – TRECHO DO PLANO DA CIDADE-JARDIM DE WELMYN (FONTE: FORMAS URBANAS: A DISSOLUÇÃO DA QUADRA)

O URBANISMO

Atílio Corrêa Lima possuía formação como urbanista em Paris e ao conceber Goiânia teve grande influência das ideias francesas de planejamento. Assim como os urbanistas franceses, ele estruturou a cidade em três pilares: o sistema viário, o zoneamento e a configuração do terreno. No desenho, a influência francesa fica evidente ao se analisar o sistema viário que é bastante hierarquizado e contém vias radiais que se encontram em grandes praças. As vias arteriais tem grande largura e sempre conectam uma praça ou um monumento, estabelecendo conexões visuais e espaciais. O objetivo era funcional e estético, levando todas as vias importantes até o centro administrativo, a Praça Cívica, e dessa forma enaltecendo-o. É nessa praça de tamanho monumental que ficariam os palácios e edifícios da sede do Governo Estadual e é nela que foi colocada a pedra fundamental da cidade, que deu início a construção. Ainda em 1933, Armando de Godoy havia feito propostas ligadas as ideias de cidade-jardim de Howard, mas Corrêa Lima era bastante resistente as ideias inglesas, isso porque enquanto morava na França ele viu de perto a tentativa, bastante criticada, de implementação do modelo na cidade-dormitório Sallier, nos arredores de Paris. Porém, ao assumir a função de projetista, Godoy decidiu colocar em prática os ideais do modelo inglês, principalmente no Setor Sul. Inspirado na cidade de Radburn e no modelo de Raymond Unwin, Godoy propõe um bairro de baixa densidade com um desenho sinuoso repleto de áreas verdes que são protegidas pelas residências que teriam uma separação entre entrada social e de serviço (frente e fundos), adotando o sistema de *cul-de-sac*. Essas áreas livres interconectadas no interior das quadras, estariam separadas das vias de automóveis e dessa forma criariam um caminho interno ao longo de todo o bairro. Apesar disso, ainda é possível perceber a influência francesa no desenho do bairro, criando vias arteriais radiais que se encontram na Praça do Cruzeiro, um elemento central articulador que funciona como o sistema asterisco de Hausmann. Outro ponto das ideias inglesas adotadas por Armando de Godoy, é a limitação da população da cidade e a criação de cidades satélites que controlariam a expansão da cidade, porém isso não aconteceu e Goiânia cresceu de forma irrestrita. O limite inicial estabelecido foi de somente 50 mil habitantes.

INFLUÊNCIAS



FIGURA 11 – SISTEMA ASTERISCO EM PARIS (FONTE: GOOGLE EARTH)



FIGURA 13 – SISTEMA CUL-DE-SAC EM RADBURN (FONTE: GOOGLE EARTH)

APLICAÇÕES



FIGURA 12 – SISTEMA ASTERISCO EM GOIÂNIA (FONTE: GOOGLE EARTH)



FIGURA 14 – SISTEMA CUL-DE-SAC NO SETOR SUL (FONTE: GOOGLE EARTH)



A CONSTRUÇÃO

O traçado do Setor Sul foi finalizado e aprovado em 1938, mas visando aumentar os recursos estatais para construção da cidade, a venda dos lotes começou ainda em 1937. Os lotes foram vendidos a preços muito baixos, pela região ainda não ter nenhum tipo de infraestrutura, sendo um grande matagal até a década de 50. Numa tentativa de controlar o processo de urbanização da cidade, o bairro foi determinado como Zona Fechada pelo Governo Estadual, o que significava que a ocupação era legalmente proibida. Ainda no final da década de 30, também foi definido a ordem prioritária de execução dos setores, colocando que após a finalização do Centro seria construído primeiramente o Setor Norte (que abrigava a área industrial, ferroviária e residencial de média a baixa renda), em seguida o Setor Sul (que abrigava funções residenciais de média a alta renda) e posteriormente os outros setores. Dessa forma, a implantação do bairro-jardim foi prevista para o ano de 1962, mas como os lotes já vinham sendo vendidos este planejamento acabou não se concretizando. Os proprietários dos lotes pressionaram o governo para a liberação da construção, o que aconteceu em 1950, porém, até a década de 60 o bairro não possuía em sua maior parte infraestrutura básica e antes da autorização, a área já vinha sendo ocupada por alguns proprietários de lotes e invasores. As áreas livres não receberam nenhum tipo de tratamento e os espaços públicos não foram realmente construídos, se tornando uma espécie de terreno baldio. É interessante notar que a ocupação no Setor Sul se iniciou através do descumprimento de uma lei e a partir da iniciativa privada, sem intervenções num primeiro momento do poder do Estado, completamente diferente do processo do centro da cidade que teve sua ocupação completamente controlada e articulada pelo governo. Essa situação iniciou o processo de descaracterização da ideia do bairro, já que a forma de ocupação projetada por Godoy não era comum nem de conhecimento de todos os proprietários, além de não haver nenhum tipo de legislação específica que garantisse o padrão de ocupação dos lotes em relação as áreas livres.

FIGURA 15 – PROPAGANDA DA ÉPOCA PARA VENDA DOS TERRENOS (FONTE: VITRUVIUS – REVISTA ENANPARQ)

1933

INÍCIO DA CONSTRUÇÃO

Esta é a primeira foto de Goiânia, ela foi tirada no ano do início da construção e sem ter nenhum edifício construído ainda, a foto mostra apenas o traçado do centro da cidade que havia sido desenhado por Atílio Corrêa Lima. É possível distinguir as principais avenidas (Av. Goiás, Av. Anhanguera, Av. Paranaíba) e áreas como a Praça Cívica e a Praça do Trabalhador (antiga Praça da Estação Ferroviária).



FIGURA 16 - FOTO AÉREA DO CENTRO DE GOIÂNIA COM APENAS O TRAÇADO DELIMITADO (FONTE: MIS-GO)

1935

INAUGURAÇÃO DOS PRIMEIROS EDIFÍCIOS

Esta foto retrata os primeiros edifícios da cidade, alguns já inaugurados, como o Grande Hotel na Av. Goiás, e outros ainda em construção. Todos esses primeiros edifícios foram construídos pelo governo e tinham funções administrativas ou relacionados a própria construção da cidade, como é o caso do Grande Hotel que serviu primeiramente como dormitório para os trabalhadores.



FIGURA 17 - FOTO AÉREA MOSTRANDO ÁREA DA PRAÇA CÍVICA E OS PRIMEIROS EDIFÍCIOS DE GOIÂNIA (FONTE: MIS-GO)



1950

INÍCIO DA OCUPAÇÃO DO SETOR SUL

Nesta foto se vê parte do Setor Sul em primeiro plano e o Centro de Goiânia ao fundo. É possível perceber um centro consolidado enquanto no Setor Sul estão aparecendo os primeiros edifícios, que são casas unifamiliares que foram sendo construídas enquanto o bairro ainda nem tinha toda a infraestrutura necessária de água, esgoto e eletricidade. É interessante notar que já haviam casas sendo construídas com muros, enquanto outras não.

FIGURA 18 - FOTO AÉREA MOSTRANDO AS PRIMEIRAS CASAS DO SETOR SUL NAS PROXIMIDADES DA PRAÇA CÍVICA (FONTE: MIS-GO)



1955

AUMENTO DA OCUPAÇÃO DO SETOR SUL

Essa foto aérea coloca a Praça Cívica no centro da imagem e mostra bem o contraste entre o Centro e o Setor Sul. Apesar do desenvolvimento do bairro com a construção de cada vez mais casas, o Centro já está todo ocupado e tem as suas ruas bem estruturadas e com bastante arborização. Enquanto isso, no Setor Sul vemos as vias bastante precárias e o surgimento de vários caminhos marcados nos espaços livres que são tanto as áreas livres públicas quanto terrenos que ainda estão vazios.

FIGURA 19 - FOTO AÉREA MOSTRANDO PARTE DO CENTRO DE GOIÂNIA E DO SETOR SUL (FONTE: MIS-GO)

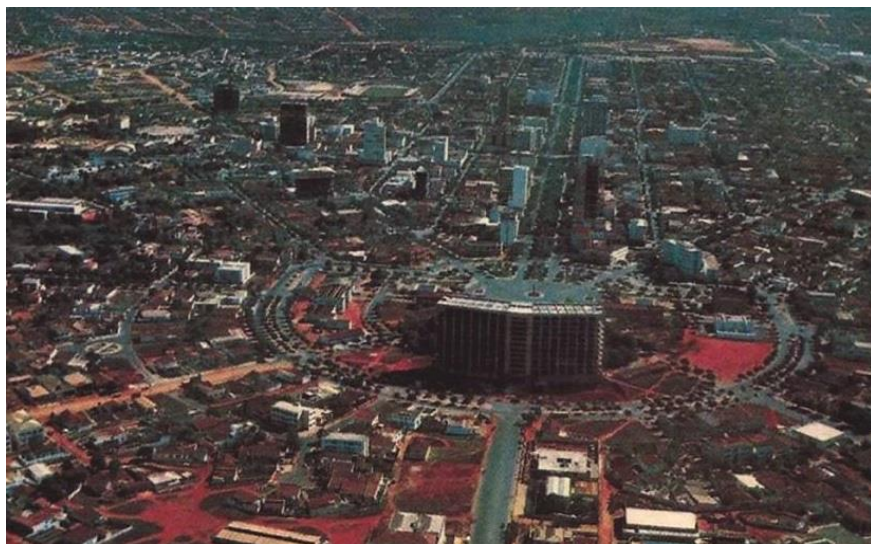


1960

CONSOLIDAÇÃO DO SETOR SUL

Nesta década o desenvolvimento da cidade e do bairro acelera bastante, um dos motivos para isso é a construção e inauguração de Brasília que fica a cerca de 200km de distância. Nessa imagem podemos ver a ocupação no Setor Sul se expandindo para além dos arredores da Praça Cívica, também pode-se perceber o surgimento dos primeiros edifícios verticalizados no centro. Os caminhos internos das quadras continuam chamando a atenção e crescem cada vez mais.

FIGURA 20 - FOTO AÉREA DE PARTE DO SETOR SETOR SUL MOSTRANDO A REGIÃO DA RUA 83 (FONTE: MIS-GO)



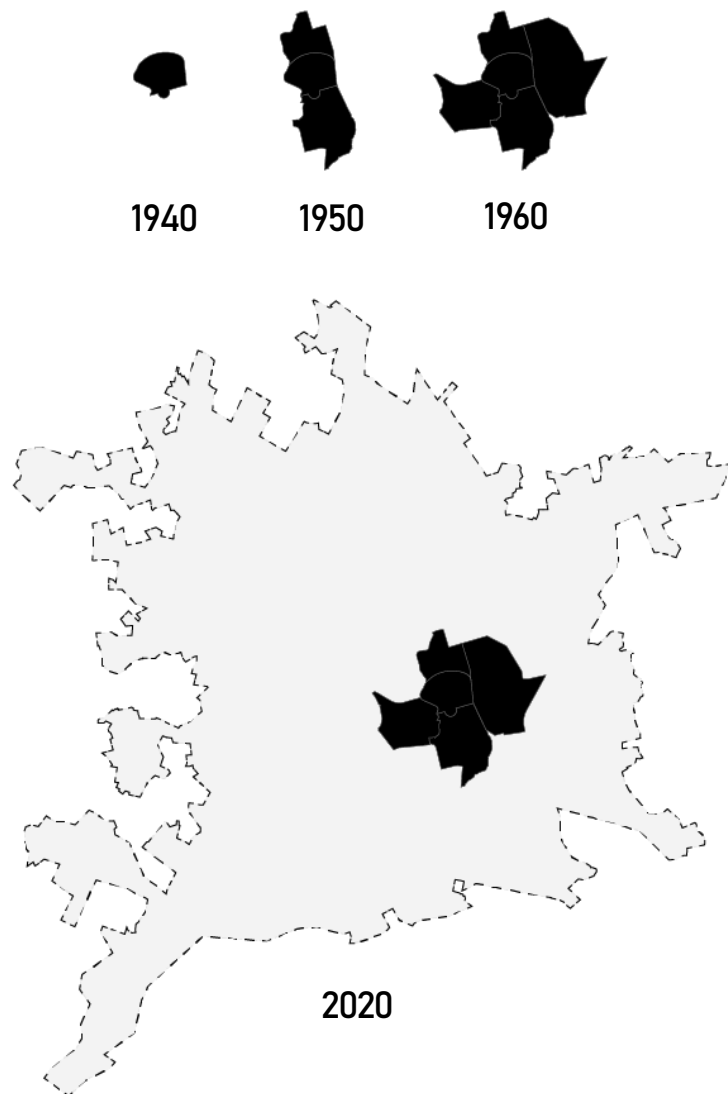
1966

URBANIZAÇÃO AINDA PRECÁRIA

Com essa foto colorizada é possível ver como as ruas e espaços livres públicos continuam com baixa infraestrutura. Enquanto no Setor Sul se tem poucas ruas asfaltadas e grande parte das áreas ainda em terra, sem vegetação ou pavimentação bem estabelecidos. O Centro da cidade já conta com uma rede bem estruturada e avança em seu desenvolvimento, com o surgimento cada vez maior de edifícios verticalizados.

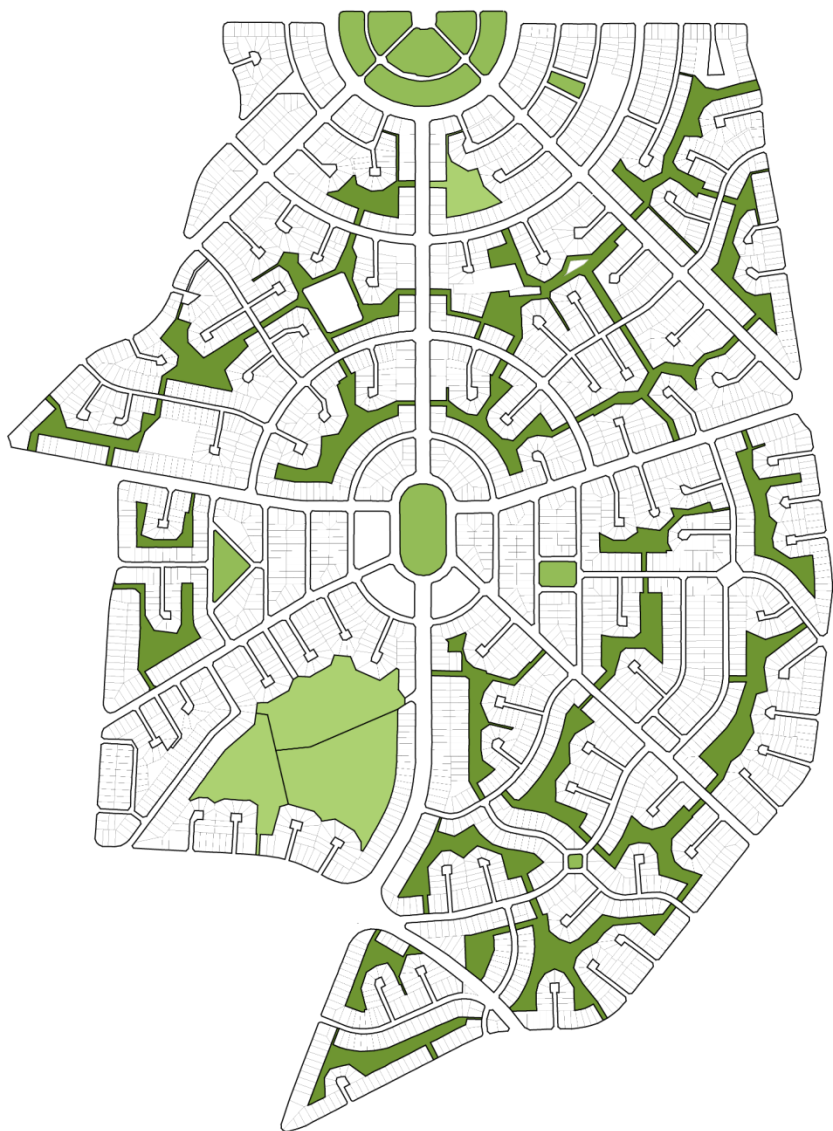
FIGURA 21 - FOTO AÉREA DO CENTRO DE GOIÂNIA E PARTE DO SETOR SUL COM DESTAQUE PARA A PRAÇA CÍVICA(FONTE: MIS-GO)

O DESENVOLVIMENTO



Goiânia cresceu de maneira muito rápida e as tentativas de controle dos processos de urbanização acabaram falhando. Ao chegar na década de 50, o centro da cidade já estava completamente consolidado e urbanizado através do poder público, e é nessa época que começa a expansão para os Setores Norte e Sul, através de ocupações irregulares e pressão por parte da população. Foi nessa época que a nova capital atingiu o planejamento populacional inicial, atingindo os 53 mil habitantes em 1950. A partir daí, o crescimento demográfico aumentou exponencialmente devido a diversos fatores, entre eles temos a chegada da estrada de ferro na cidade em 1951, a inauguração da Usina do Rochedo em 1955 e a construção de Brasília, entre 1956 e 1960. Sobre esse último fator, é importante ressaltar que a capital federal fica a cerca de 200km de Goiânia, o que gera grande influência na cidade até os dias de hoje. A construção de Brasília promoveu obras viárias importantes de ligação da região com o restante do país, além de ter gerado uma grande migração para a região. No final da década de 50, os outros setores do planejamento inicial já haviam iniciado sua ocupação e uma nova lei é aprovada pela prefeitura, ela permitia que donos de loteamentos não precisem oferecer estrutura urbana para os novos bairros, o que fez com que surgissem mais de cem novos bairros na década de 60, fazendo com que a cidade chegasse a mais de 150 mil habitantes. Esta década é definidora de Goiânia enquanto uma metrópole brasileira, seu ritmo de crescimento aumenta ainda mais e é nessa época que são fundadas as primeiras universidades e o aeroporto é transferido para que possa receber mais voos. Desde então a cidade mantém um ritmo de crescimento populacional e econômico bastante alto, alcançando uma área extensa e criando conurbações com cidades vizinhas. Atualmente a população da Região Metropolitana de Goiânia é de 2.613.491 habitantes, segundo o IBGE.

FIGURA 22 – DESENVOLVIMENTO DO PROJETO E COMPARAÇÃO COM O TAMANHO DA CIDADE DE GOIÂNIA
(FONTE: AUTORAL)



FORMA URBANA

Ao se analisar o traçado urbano do Setor Sul nos dias de hoje, é possível perceber que mesmo através de um processo de urbanização um tanto quanto complicado, o desenho é bastante fiel ao projeto de Armando de Godoy. Como já foi mencionado, houveram alguns elementos que descaracterizaram o bairro, sendo o principal deles a forma de ocupação dos lotes. Outros elementos alteram a forma urbana do bairro, como a expansão e invasão dos lotes em direção às áreas livres internas e a implantação de edifícios ou usos que descaracterizaram essas mesmas áreas livres. Enquanto alteração no desenho, o elemento que mais chama a atenção foi a não construção de uma parte do setor, localizada no canto esquerdo, faz parte dessa área não construída tanto quadras inteiras quanto fragmentos de quadras que foram parcialmente construídas. Atualmente toda essa área é o Clube dos Engenheiros de Goiás. Outra alteração significativa foi a ampliação e alargamento da Rua 136, na parte mais ao sul do projeto, que acabou cortando duas quadras e fragmentando-as. Além disso, uma mudança importante foi a criação de vias que passam dentro das áreas internas, elas vão ser melhor abordadas posteriormente, mas existem a partir do alargamento de caminhos existentes.

FIGURA 23 – FORMA URBANA ATUAL DO SETOR SUL (FONTE: AUTORAL)

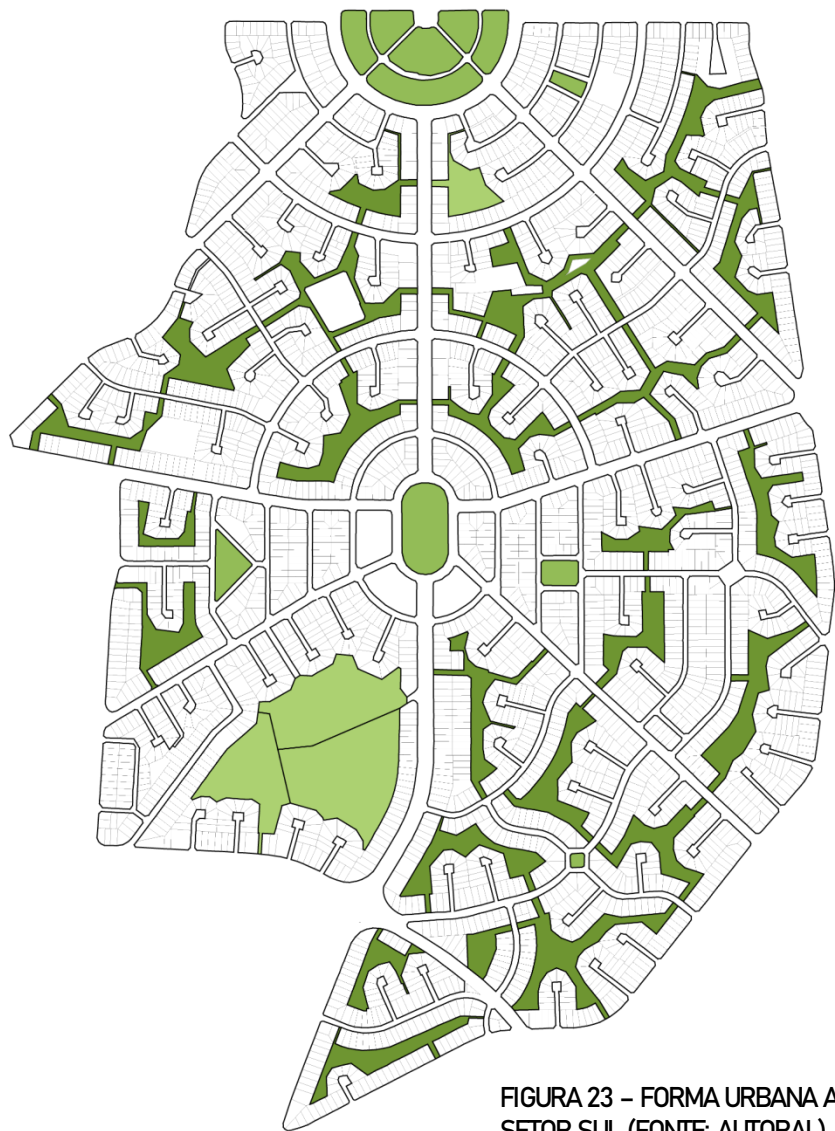
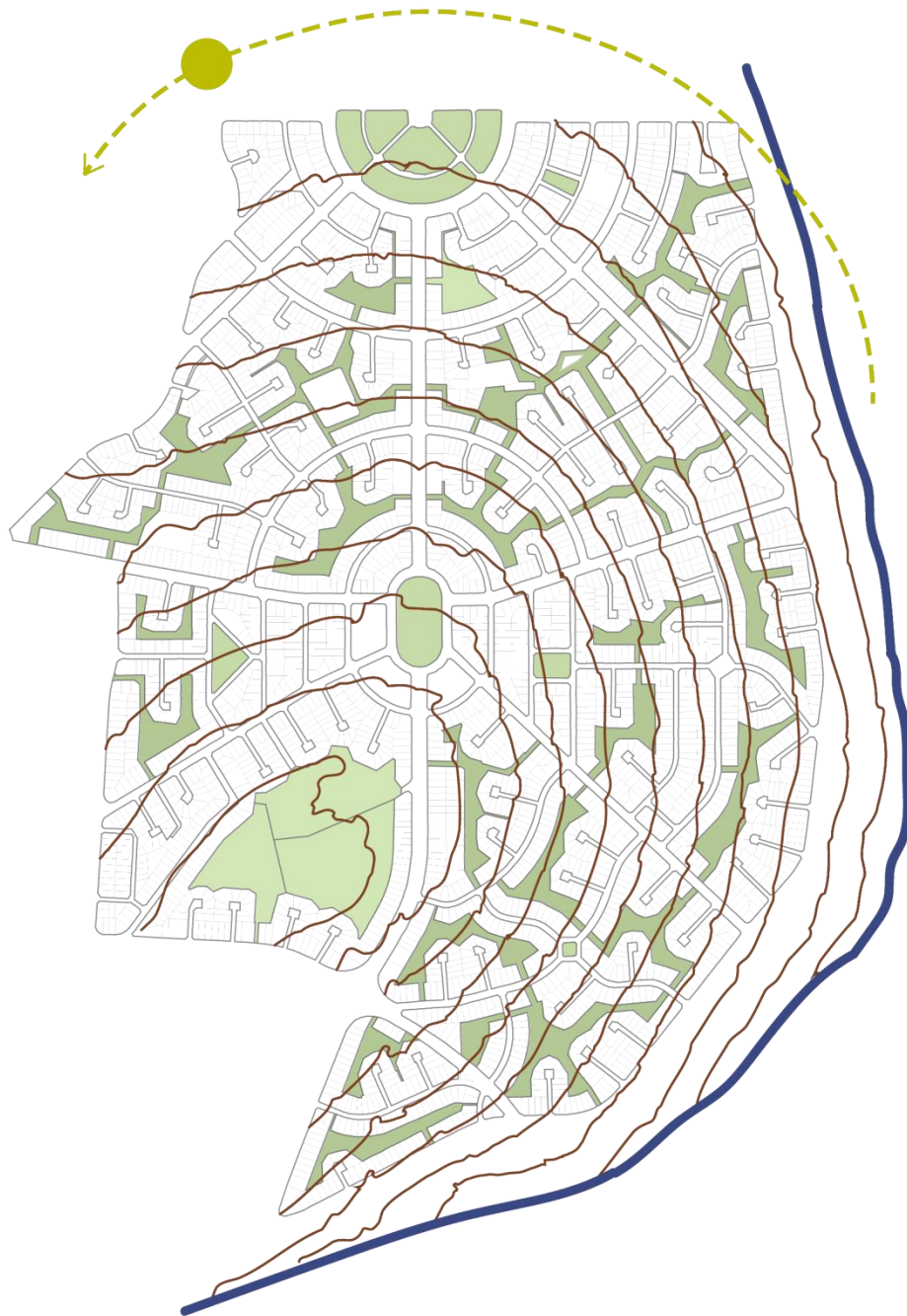


FIGURA 23 – FORMA URBANA ATUAL DO SETOR SUL (FONTE: AUTORAL)



FIGURA 24 – PRINCIPAIS ALTERAÇÕES (FONTE: VITRUVIUS COM INTERVENÇÃO DO AUTOR)



ASPECTOS NATURAIS

O traçado e implantação do Setor Sul tentaram respeitar a natureza pré-existente da área. Pelo lado direito, o bairro é margeado pelo Córrego Botafogo e isso se reflete no traçado que tem uma curva correspondente. As vias que saem radialmente da Praça do Cruzeiro são perpendiculares as curvas de nível da topografia, o que sugere que são essas vias as responsáveis pelo escoamento das águas de chuvas, principalmente em direção ao corpo d'água mencionado. Além disso o desenho tem ruas que tentam acompanhar as curvas de nível, gerando ruas mais agradáveis de caminhar. É interessante notar que a quadra com uma área interna diferenciada (a maior delas, no canto esquerdo) fica posicionada no ponto mais alto da região. O traçado orgânico do bairro gera terrenos em posições muito variadas, o que faz com que seja difícil fazer uma análise da influência da trajetória solar na escala do bairro. Mas por não possuir edifícios em grande altura, não há manchas de sombreamento relevantes.

FIGURA 25 - MAPA DE ASPECTOS NATURAIS (FONTE: AUTORAL)

- CÓRREGO BOTAFOGO
- TOPOGRAFIA
- - - TRAJETÓRIA SOLAR



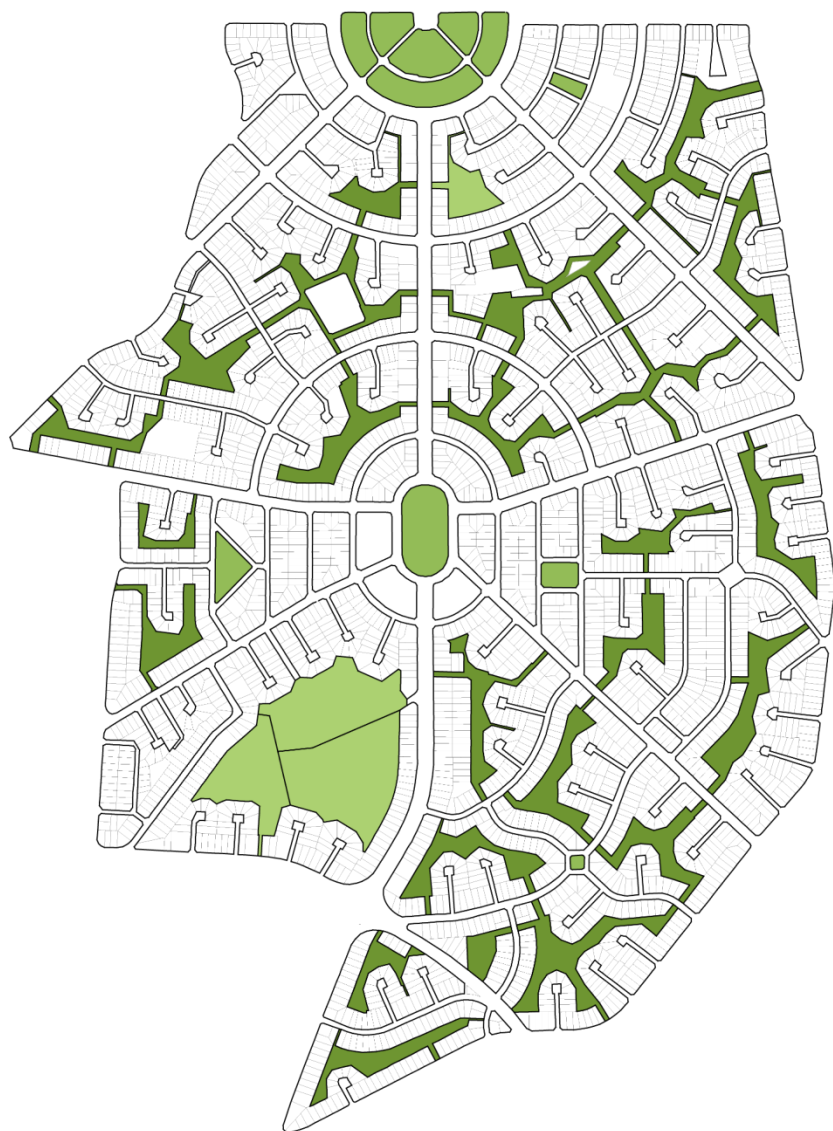
FIGURA 26 – MARGINAL E CÓRREGO BOTAFOGO (FONTE: DIÁRIO DE GOIÁS)

O Córrego Botafogo em um primeiro momento foi respeitado pelo desenho urbano, porém isso mudou com a sua canalização e construção da via expressa Marginal Botafogo. Esse via foi construída no início da década de 90 com o intuito de desafogar o trânsito intenso da região central da cidade e criar uma conexão expressa entre regiões da cidade. Para sua construção houve a canalização do córrego e o desmatamento de parte da vegetação ciliar, num processo comum das cidades de sacrifício ambiental em nome de algum progresso. O clima seco da região central do país faz com que em grande parte do ano não chova, mas quando chega o período de



FIGURA 27 – ENCHENTE NO CÓRREGO BOTAFOGO (FONTE: O POPULAR)

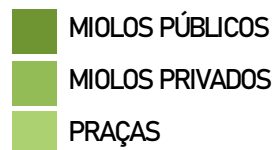
chuvas o grande volume de precipitação faz com que mananciais aumentem muito de tamanho, gerando enchentes e alagamentos principalmente nos que se encontram canalizados como o Córrego Botafogo. Isso é um problema constante e acontece anualmente mesmo com a grande oferta de solo livre que há pela região. As áreas livres, tanto públicas quanto privadas, do Setor Sul também são importantes para receber as águas das chuvas e evitar situações ainda piores.

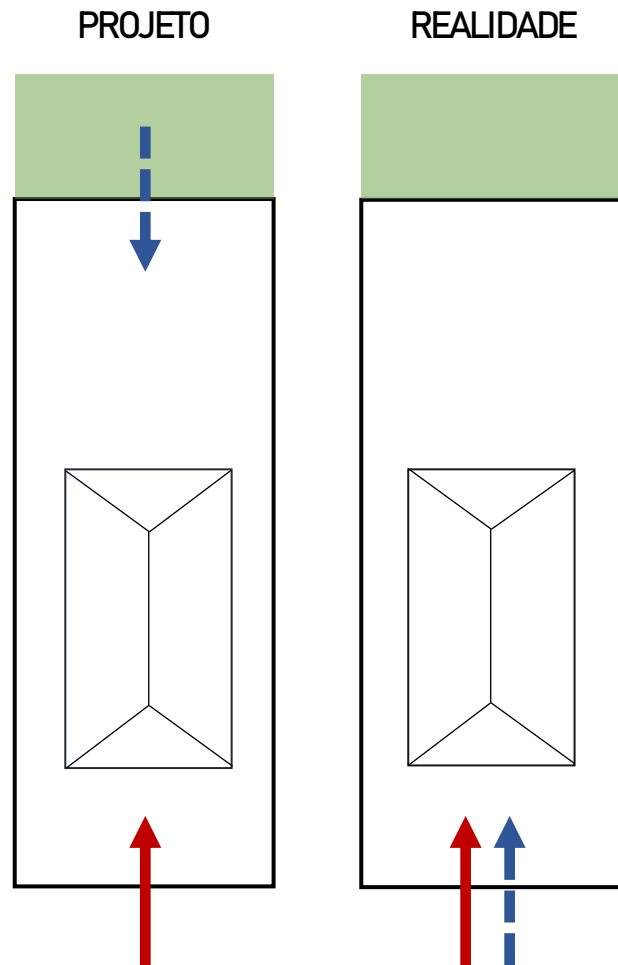


ÁREAS LIVRES

Projetado como um bairro-jardim, o Setor Sul conta com muita área livre, sejam praças, clubes ou áreas livres públicas. Grande parte das quadras possuem um miolo, inicialmente esses espaços seriam todos públicos e tanto os moradores das quadras quanto qualquer outro poderia ter acesso e usufruir dessa área verde. O projeto não dava usos para esses espaços livres, ele previa que fossem jardins públicos que formariam em seu conjunto um grande parque, criando essa relação de moradia em meio a natureza. Porém, com o passar dos anos alguns desses espaços passaram para a iniciativa privada se tornando clubes ou escolas. Outras dessas áreas livres foram tendo modificações e perderam algumas de suas partes para outros fins, como é o caso do antigo reservatório de água, que foi construído em uma dessas áreas livres. Depois de desativado esse reservatório se tornou um dos principais centros culturais da cidade, o Martim Cererê.

FIGURA 28 - MAPA DE ÁREAS LIVRES (FONTE: AUTORAL)

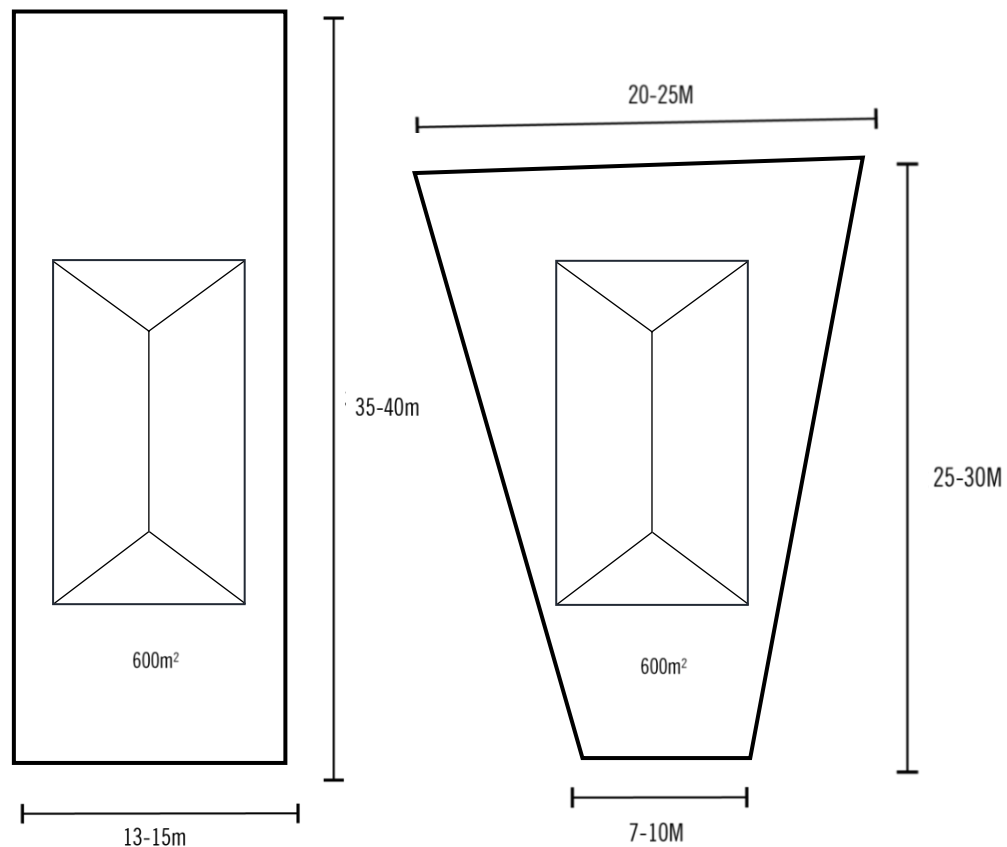




Nas quadras que possuem os miolos, os terrenos foram pensados para ter uma relação forte com esses espaços. Todos os terrenos foram desenhados para ter duas frentes, uma voltada para as vias (que podem ser vias comum ou uma *cul-de-sac*) e a outra voltada para a área livre interna da quadra. O projeto previa uma separação dos acessos, enquanto os automóveis entrariam pelos fundos do terreno (voltado para a via), os pedestres entrariam pelo jardim interno que teria a entrada principal da casa com um jardim privado que faria a transição entre esses espaços. Mas na realidade essa separação não ocorreu, as casas foram construídas com a frente para as vias e os fundos para a área interna, foram construídos muros que muitas vezes sequer tem algum tipo de acesso direto para o miolo. Dessa forma, é como se projeto tivesse sido construído do avesso, e o que era a frente dos terrenos se tornou os fundos. Isso aconteceu porque as casas foram sendo construídas sem ter tido um processo de urbanização dessas áreas internas, o que fez com que não houvesse a leitura pelos moradores desses espaços enquanto protagonistas, além, é claro, da importância que o automóvel passou a ter para a sociedade.

FIGURA 29 - DIAGRAMA DE ACESSOS DOS LOTES (FONTE: AUTORAL)

— AUTOMÓVEIS
 - - - PEDESTRES



TERRENOS

O bairro é constituído basicamente de dois tipos de terreno, o retangular e o trapezoidal. O terreno retangular é o que mais aparece e tem suas medidas mais regulares, acontece alguma variação, mas é bem baixa. Ele tem a frente de 13-15m e a profundidade de 35-40m, o que faz com que ele seja proporcionalmente um terreno profundo e estreito, isso gera uma implantação típica de quintal de frente e quintal de fundos, e tem a característica já mencionada de em grande parte dos casos possuir duas frentes. O outro tipo de terreno, o trapezoidal, tem grande variação de medidas, e ele aparece no final das *cul-de-sac* e seu traçado serve para fechar o desenho da quadra. Ele costuma ter a frente para a via bem estreita (7-10m) e os fundos bem largos (20-25m), a sua profundidade é menor que do outro tipo (25-30m). Ambos os terrenos tem uma área variável que gira em torno dos 600m², o que é um terreno de área bastante generosa e que possibilitaria diferentes arranjos, porém pela homogeneidade as implantações costumam se repetir bastante.

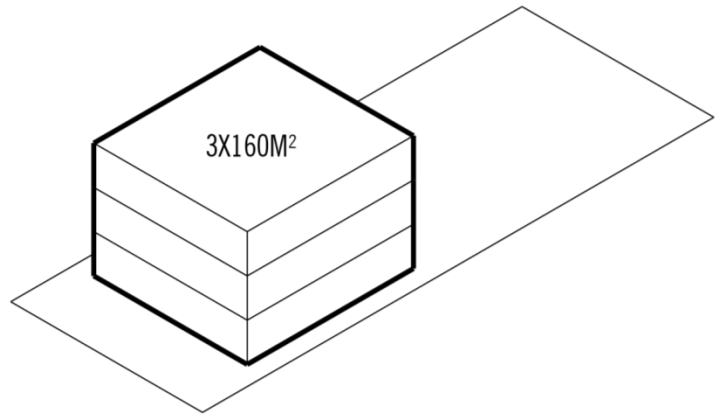
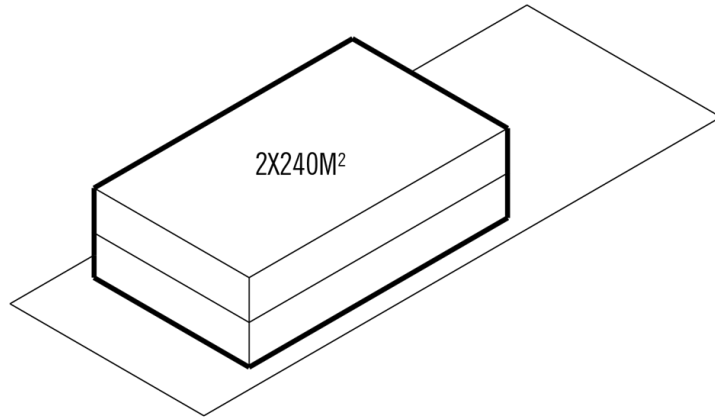
FIGURA 30 - TERRENOS E IMPLANTAÇÕES TÍPICAS (FONTE: AUTORAL)



FIGURA 31 - TERRENOS DO TIPO RETANGULAR (FONTE: GOOGLE EARTH)



FIGURA 32 - TERRENOS DO TIPO TRAPEZOIDAL (FONTE: GOOGLE EARTH)



PARÂMETROS URBANÍSTICOS

De acordo com o Plano Diretor de Goiânia, o Setor Sul fica dentro da Área de Adensamento Básico. Com exceção das áreas ambientais, essa categoria é a com parâmetros urbanísticos mais baixos, possuindo baixo índice de ocupação e coeficiente de aproveitamento. Além de possuir uma alta limitação com gabaritos baixos e uma taxa de permeabilidade elevada. Isso revela que a alta porcentagem de áreas livres na escala do bairro também está presente na escala do terreno, evidenciando o caráter ambiental do bairro-jardim mesmo nos espaços privados. O que os parâmetros urbanísticos atuais do Setor Sul geram são edifícios térreos ou com dois pavimentos, no centro do terreno e com grandes quintais. Sendo em sua grande maioria habitações unifamiliares, ou transformações dessa tipologia para novos usos.

GABARITO - 10M

AFASTAMENTO MÍN. FRONTAL - 5M

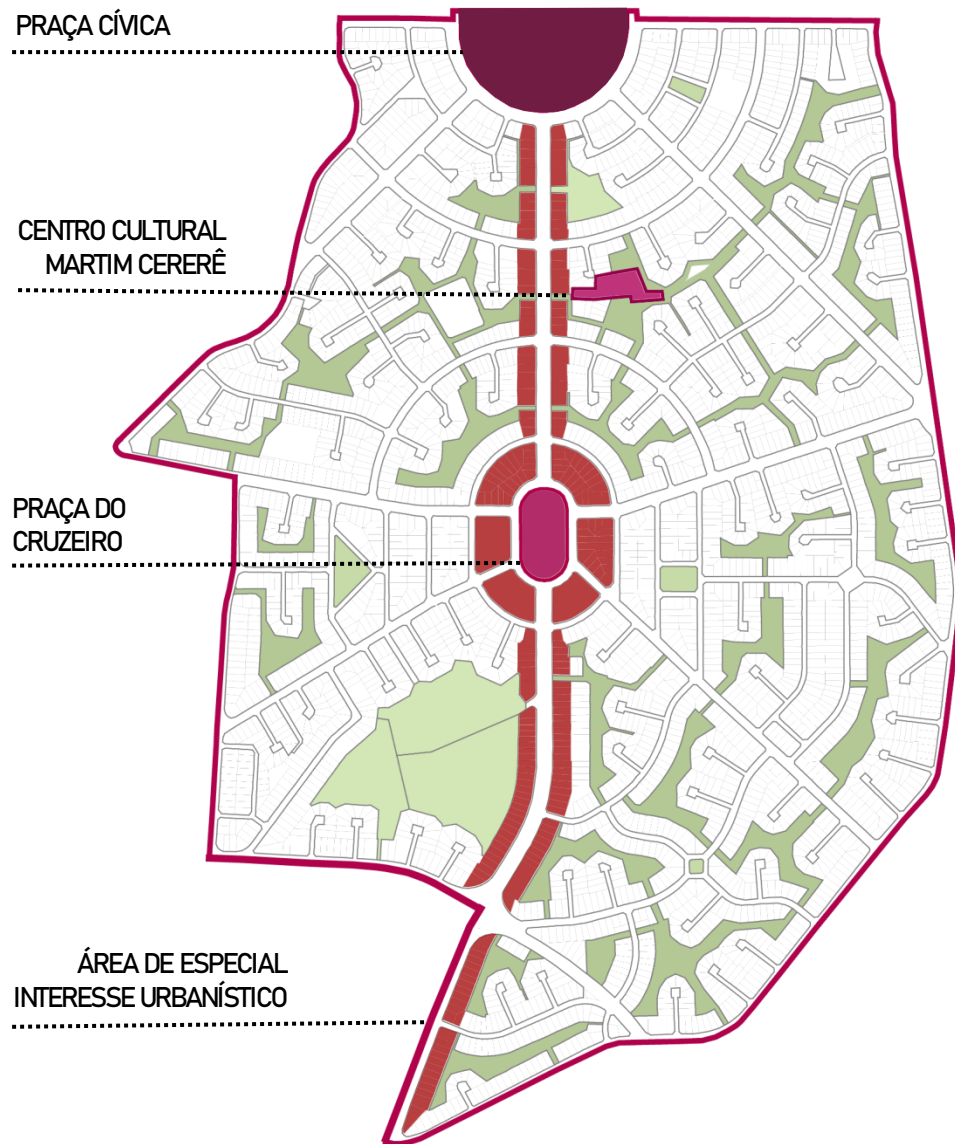
AFASTAMENTO MÍN. LATERAL - 2M

COEFICIENTE DE APROVEITAMENTO - 0,8X (480M²)

ÍNDICE DE OCUPAÇÃO - 40% (240M²)

TAXA DE PERMEABILIDADE - 20% (120M²)

FIGURA 33 - ESTUDO VOLUMÉTRICO COM TERRENO TÍPICO DE 600M² (FONTE: AUTORAL)



Entre as outras categorias do plano diretor estão as Áreas de Aceleração de Adensamento, em que os parâmetros aumentam e deixa de ter restrição de gabarito. No Setor Sul há uma mancha dentro dessa categoria, que são os lotes próximos a Rua 90 que é o eixo central do bairro e conecta as suas duas extremidades. Outro parâmetro estabelecido pelo plano são as Áreas de Especial Interesse Urbanístico, na qual todo o Setor Sul faz parte. São estabelecidas que essas áreas tem valor cultural para a cidade e por isso estão sujeitas a ações de requalificação urbanístico-ambiental, objetificando a valorização de suas particularidades e relações. Além disso é formalizado que qualquer alteração nessas áreas devem passar por audiências públicas na câmara de vereadores. É importante ressaltar que atualmente está sendo elaborado o novo Plano Diretor: Goiânia do Futuro – Cidade Centenária, o que pode trazer mudanças nesses parâmetros.

No mapa ao lado também estão marcados os espaços protegidos por tombamentos, em que temos a Praça Cívica e todos os seus edifícios tombados pelo Iphan, além da Praça do Cruzeiro e o Centro Cultural Martim Cererê tombados pela Prefeitura de Goiânia.

FIGURA 34 – MAPA DE PARÂMETROS URBANÍSTICOS (FONTE: AUTORAL)

- TOMBAMENTO FEDERAL
- TOMBAMENTO MUNICIPAL
- EIXO ADENSÁVEL

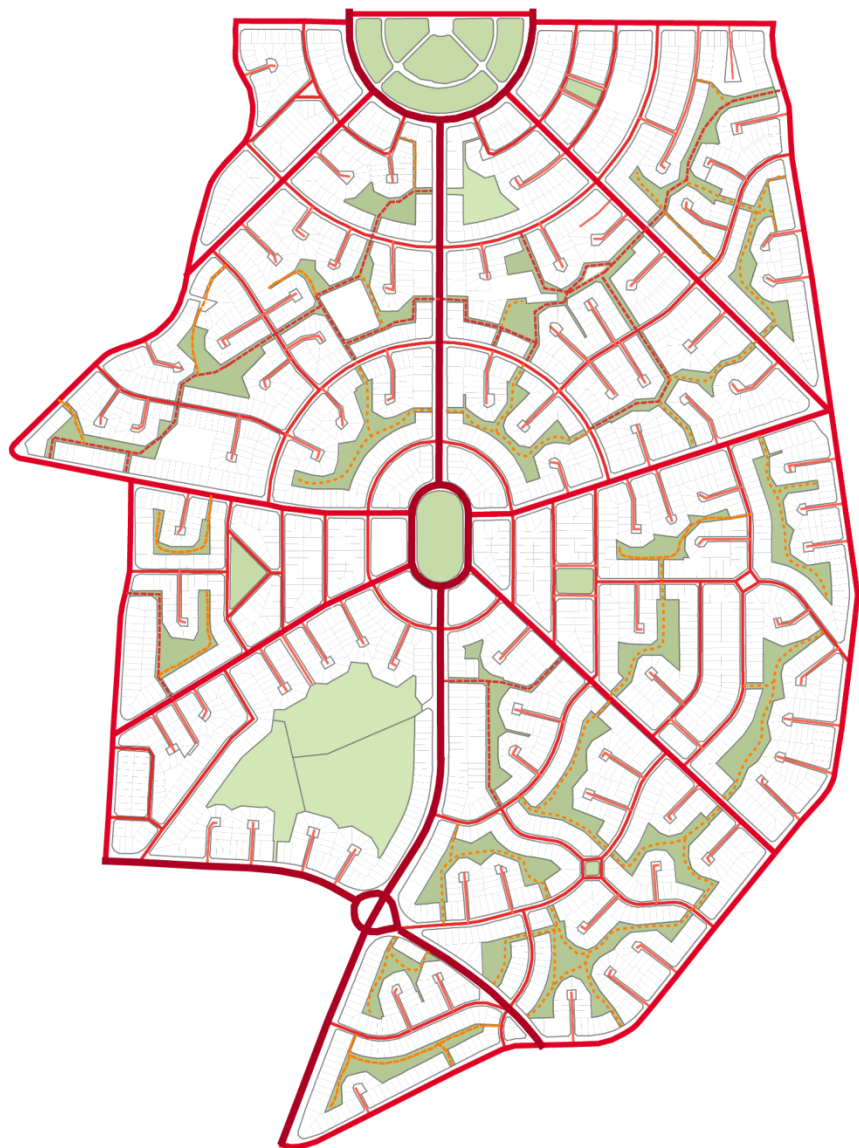
VIAS E CAMINHOS

O traçado urbano do Setor Sul é bastante hierarquizado, sendo facilmente distinguível as vias de maior e menor importância. As vias de maior fluxo e importância saem de maneira radial dos pontos centrais do traçado, que funcionam como o sistema asterisco. A Praça Cívica cumpre essa função numa escala da cidade, indo além do bairro, e a Praça do Cruzeiro funciona da mesma maneira dentro do bairro, sendo a centralidade e o ponto pra onde as vias convergem. A principal via do bairro é a Rua 90 que é um eixo central e conecta as duas praças mencionadas. Dentro da hierarquia, ainda se tem as vias locais que formam as quadras e por fim as *cul-de-sac*, que são ruas sem-saída que servem de acesso aos lotes.

Os caminhos internos das quadras foram sofrendo diversas alterações ao longo do tempo. Em alguns deles houveram tentativas de urbanização, asfaltando e colocando equipamentos ao longo do percurso, mas que em geral hoje já estão bastante degradados. Mas em alguns casos ocorreram alargamentos que transformaram esses caminhos em vias de baixo fluxo e que são muito utilizadas como estacionamento de veículos. Ainda assim existem muitos casos de caminhos sem qualquer urbanização, e que só existem a partir da passagem de veículos e pedestres.

FIGURA 35 – MAPA DE VIAS E CAMINHOS (FONTE: AUTORAL)

| | | | |
|---|----------------|---|-----------------------------------|
|  | VIAS ARTERIAIS |  | VIAS DE ACESSO (“CUL-DE-SAC”) |
|  | VIAS COLETORAS |  | CAMINHOS TRANSFORMADOS EM VIAS |
|  | VIAS LOCAIS |  | CAMINHOS COM PRESENÇA DE VEÍCULOS |



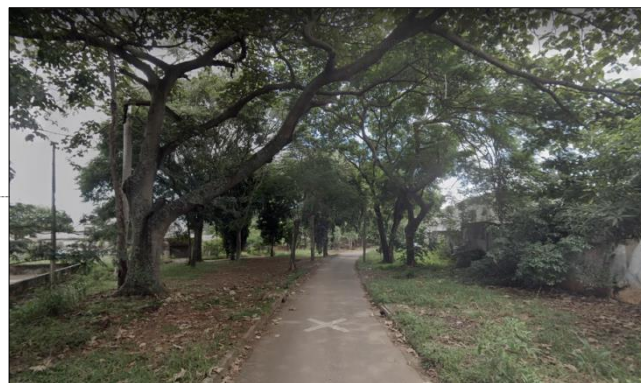
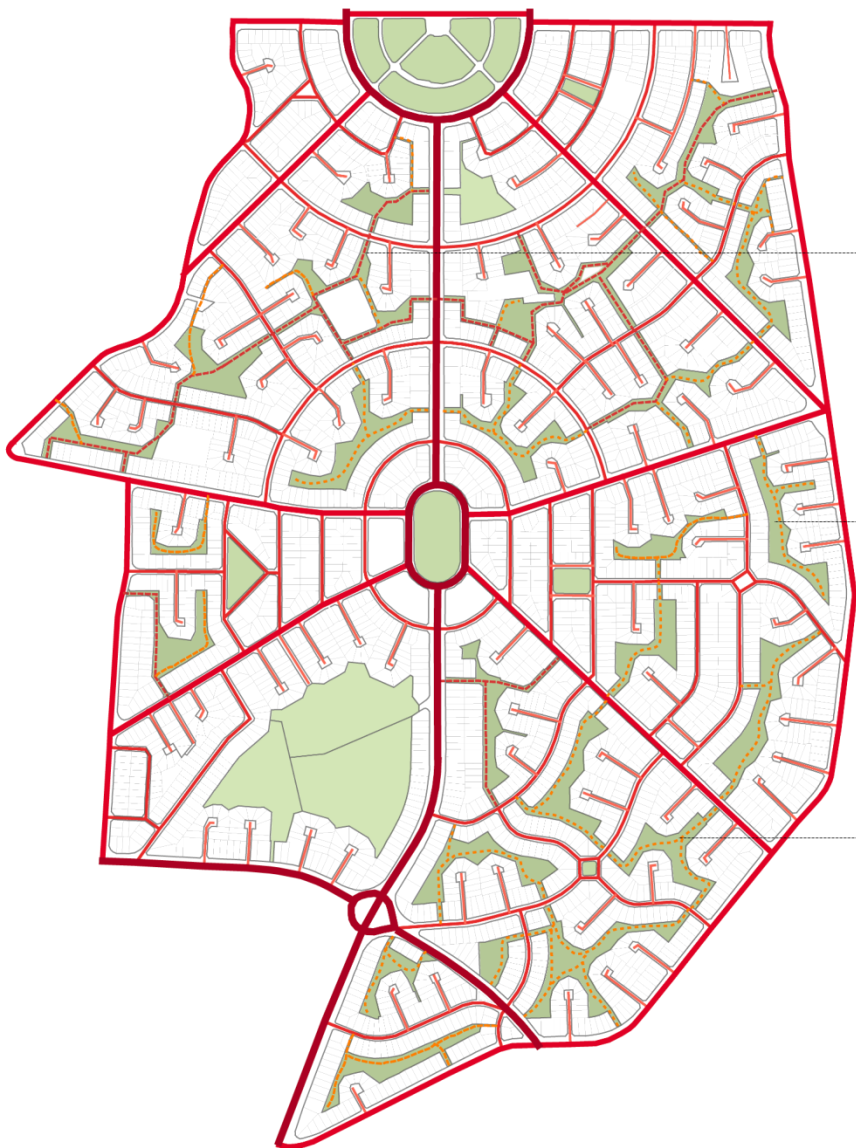


FIGURA 37 – CAMINHO ASFALTADO COM POUCA LARGURA (FONTE: GOOGLE EARTH)



FIGURA 36 – CAMINHO TRANSFORMADO EM UMA VIA DE BAIXO FLUXO (FONTE: GOOGLE EARTH)



FIGURA 38 – CAMINHO SEM QUALQUER TIPO DE PAVIMENTAÇÃO (FONTE: GOOGLE EARTH)

TRANSPORTES

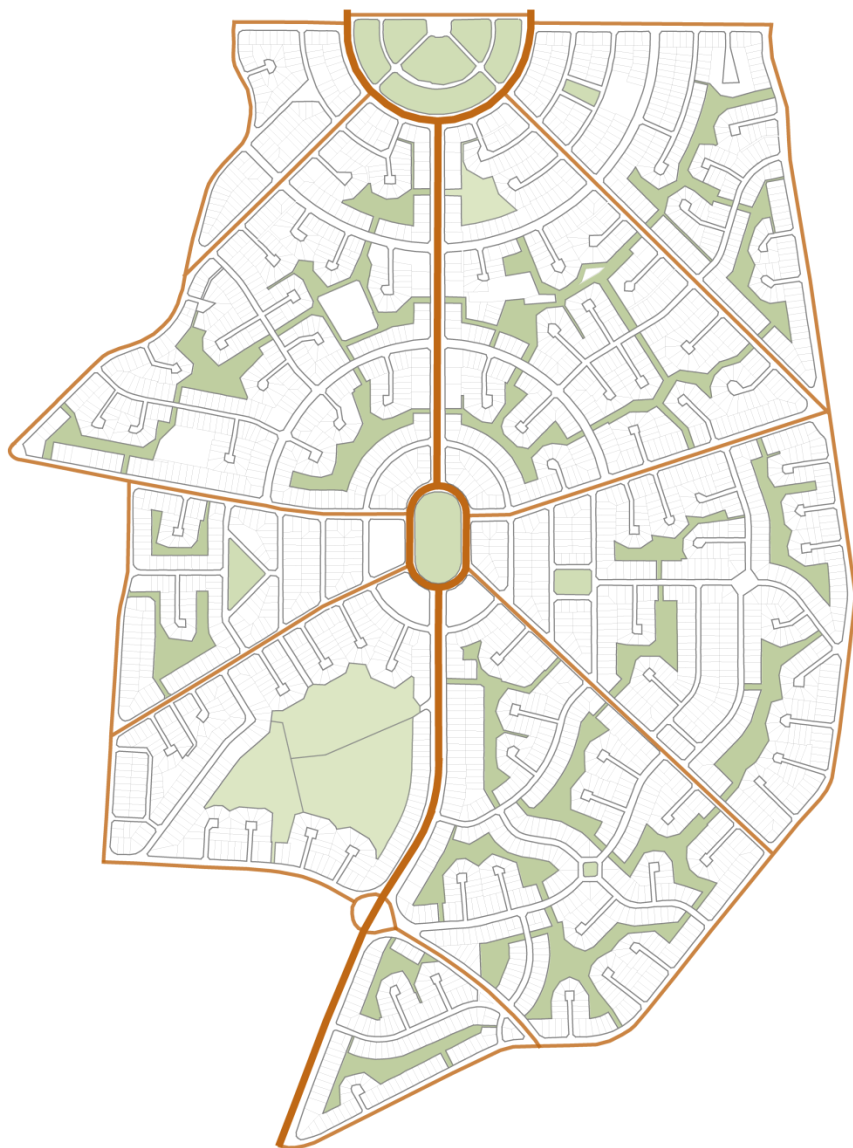
A hierarquia viária se reflete nas vias em que há sistema de transporte público. O eixo central (Rua 90) já contava com faixas exclusivas para ônibus que também eram ciclofaixas, mas atualmente está em processo de implementação um trecho do sistema de BRT que corta a cidade no sentido Norte-Sul e vai ligar o Setor Sul a outros bairros mais distantes. A construção desse sistema gerou mudanças significativas na região, como a construção de um viaduto no cruzamento da Av. 136 com a Rua 90, mas já na Praça do Cruzeiro depois de muita pressão o projeto foi revisto e não vai mais alterar o desenho da praça.

FIGURA 39 – MAPA DE TRANSPORTES (FONTE: AUTORAL)

- TRECHO DO BRT NORTE-SUL (*EM CONSTRUÇÃO*)
- VIAS EM QUE PASSAM ÔNIBUS



FIGURA 38 – PROJETO DO BRT NORTE-SUL NA PRAÇA DO CRUZEIRO (FONTE: O POPULAR)



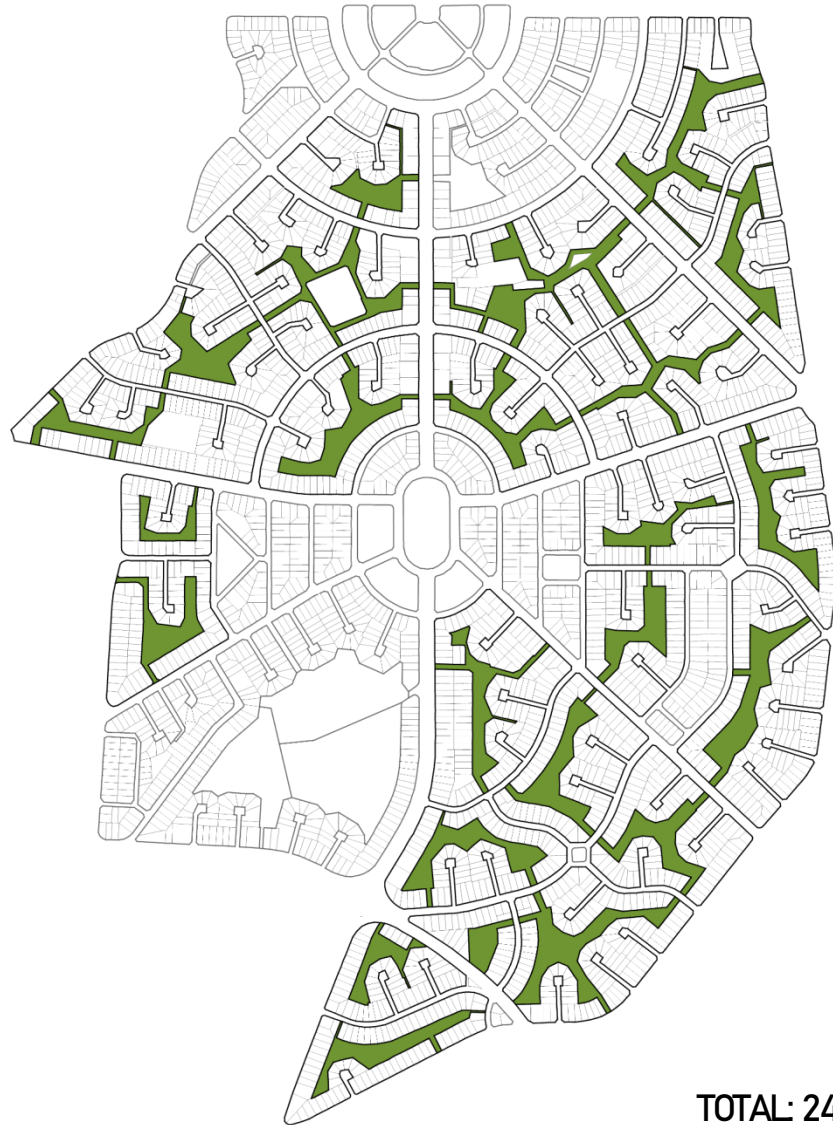
MIOLOS DE QUADRA PÚBLICOS

Como abordado anteriormente, o Setor Sul possui uma diversidade de tipos de quadra por já ser uma aplicação com muitas modificações do modelo das cidades-jardins. O tipo que está sendo analisado neste trabalho é o que possui miolos de quadra de acesso público, já que alguns deles foram privatizados e se tornaram clubes ou escolas. No total são 24 quadras com formatos, dimensões e configurações bastante diversas, mas que suas áreas livres formam juntas um grande parque fragmentado. A imagem que se tem desses espaços se dá pela presença marcante dos muros grafitados e seu caráter de espaços residuais.

FIGURA 40 – MAPA DE QUADRAS COM MIOLOS PÚBLICOS (FONTE: AUTORAL)



FIGURA 39 – VISTA DE UM MIOLO DE QUADRA MOSTRANDO O CONTRASTE COM O ENTORNO (FONTE: FOTO AUTORAL)



TOTAL: 24



FIGURA 41 – PRAÇA DO BACIÃO COM QUADRA DEGRADADA (FONTE: FOTO AUTORAL)



FIGURA 42 – CONDIÇÃO TÍPICA DE EQUIPAMENTOS EXISTENTES (FONTE: FOTO AUTORAL)

Algumas características que esses espaços tem em comum são a vegetação que já é bastante abundante. Algumas quadras são repletas de árvores de tipos bastante heterogêneos e formam verdadeiros bosques como é o caso do Bosque dos Pássaros. Mas a paisagem que realmente se repete em todas as quadras é uma abundância em arbustos e gramíneas, com algumas árvores espaçadas e outras concentradas. Além disso, é possível perceber toda uma vida pulsando nesses espaços, sendo o lar de vários seres vivos além da vegetação, como pássaros, insetos e pequenos animais. Outro fator que se repete em praticamente todas as quadras é a presença de equipamentos em péssimo estado de conservação. Estes equipamentos são quadras, parquinhos, pequenos coretos, mobiliários urbanos entre outros. Um ponto importante a se levar em conta é que em todos os miolos públicos há a presença de automóveis, o que também acontece em graus diferentes. Isso acontece pela dimensão dos acessos permitir a entrada e não existir

nenhum impeditivo, dessa forma eles conseguem atravessar e até mesmo estacionar dentro dos miolos.

Na próxima página está um estudo de áreas realizado para entender qual a dimensão real desses espaços separadamente e como um conjunto. Para uma comparação com o Rio de Janeiro, os menores miolos (4.885-11.110m²) poderiam ser comparados com a Praça do Bairro Peixoto em Copacabana (7.040m²), os medianos (11.110-16.345m²) com a Praça Nelson Mandela em Botafogo (13.080m²) e os maiores (16.345m²-23.270m²) com a Praça Mauá na Região Portuária (20.520m²). Como conjunto de áreas livres (306.585m²) se compara a duas vezes o tamanho do Campo de Santana no Centro (155.200m²).

| | |
|------------------------------|-----------------------------|
| TOTAL: 306.585m ² | MENOR: 4.885m ² |
| MÉDIA: 12.650m ² | MAIOR: 23.270m ² |

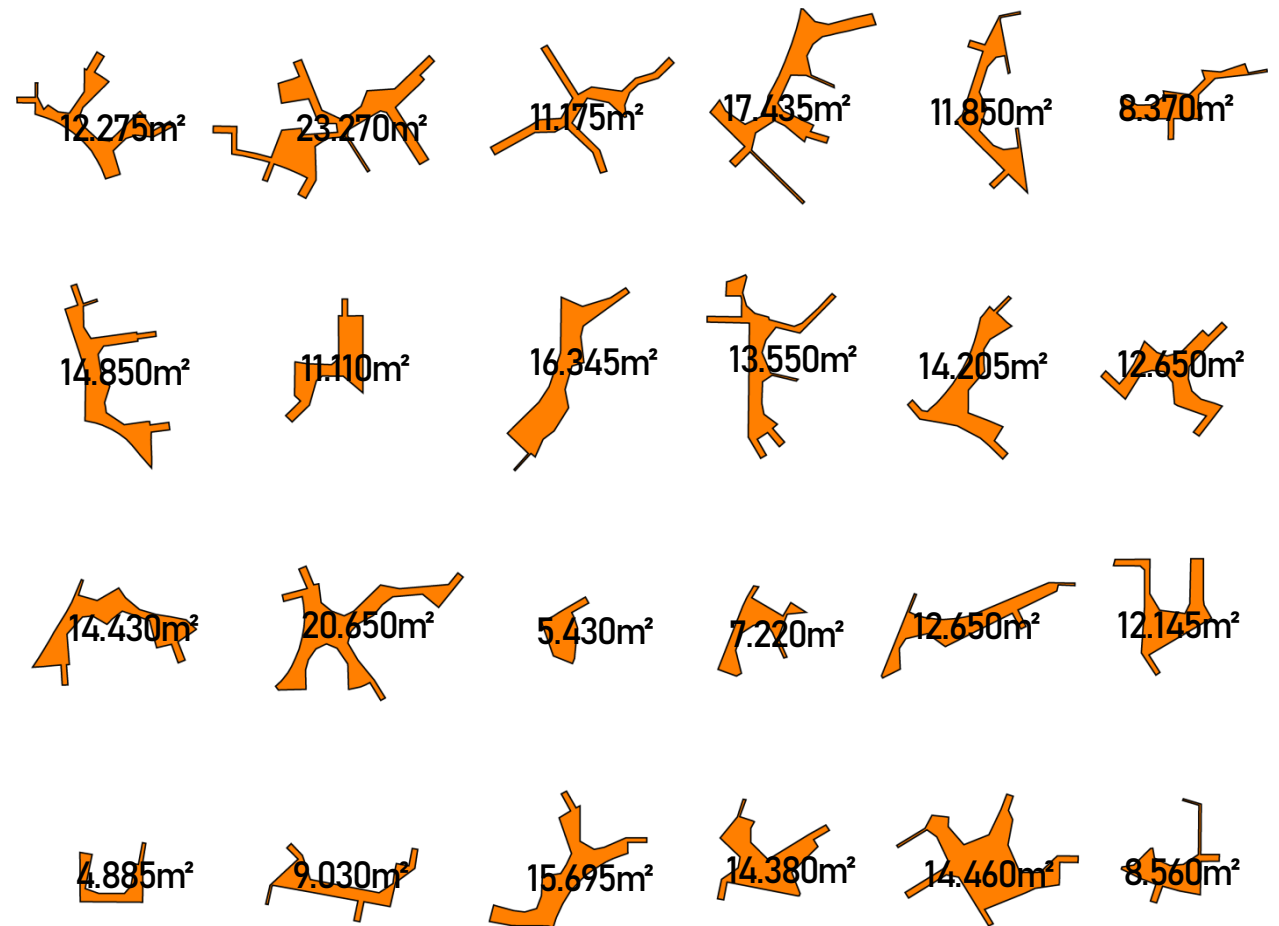
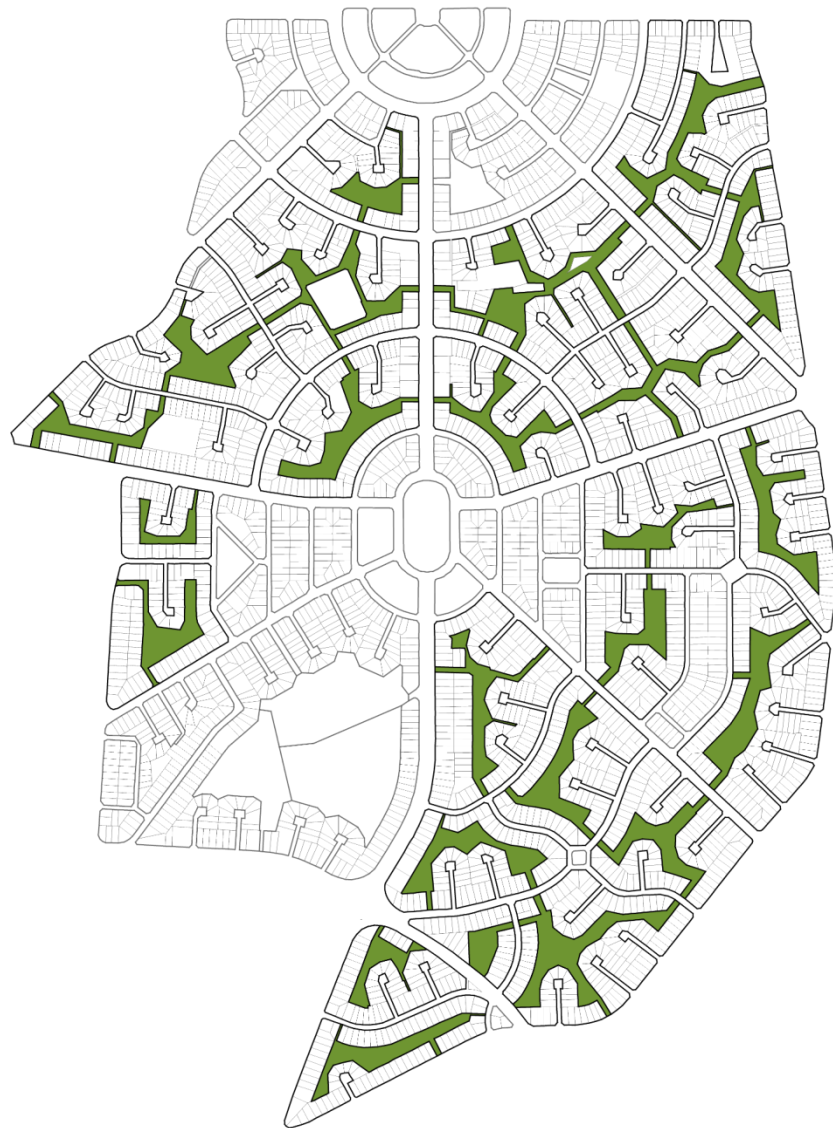


FIGURA 43 - ESTUDO DE ÁREAS DOS MIOLOS PÚBLICOS (FONTE: AUTORAL)

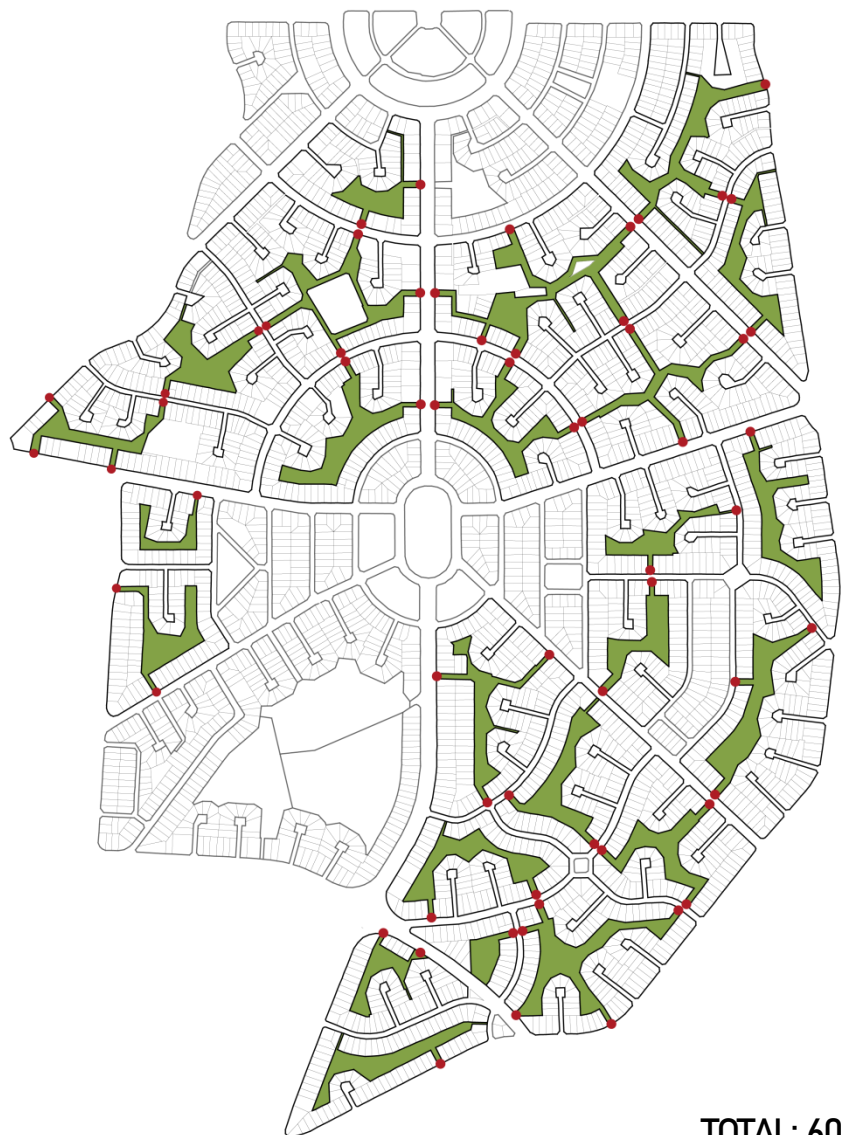


ACESSOS

Um espaço de grande importância ao se pensar nos miolos de quadra são os acessos, são eles que convidam ou afastam tanto os transeuntes quanto os automóveis. No total somam-se 60 acessos, sem contabilizar nem os becos nem os lotes vagos que são categorias que serão abordados a seguir. Todos esses acessos estavam previstos no projeto, eles são da dimensão de um terreno comum do bairro e isso faz com que sejam espaços bem amplos e com grande potencial. Exatamente por suas medidas, em alguns casos é possível perceber invasões dos terrenos que estreitam o acesso. Mas apesar disso, a maior parte deles continua com a forma bem próxima da original, sendo uma área de cerca de 600m², assim como os terrenos. Por suas dimensões, em todos os casos um automóvel consegue passar e muitas vezes o caminho que existe é pela passagem dos carros. Ao analisar estes acessos foi possível perceber a repetição de 4 tipos de situação, a primeira delas são os acessos que hoje em dia passam uma via, outro tipo é o que não há qualquer tipo de urbanização tendo o chão de terra marcado pela passagem de carros, o terceiro caso é onde há uma tentativa de separar um caminho de pedestres de caminhos de carros e por fim há o tipo que um carro até consegue passar, mas o acesso comunica que aquele espaço não é do automóvel, através do estreitamento do caminho e outros elementos como um portal ou vegetação.

FIGURA 44 - MAPA COM MARCAÇÃO DOS ACESSOS (FONTE: AUTORAL)

TOTAL: 60



TOTAL: 60

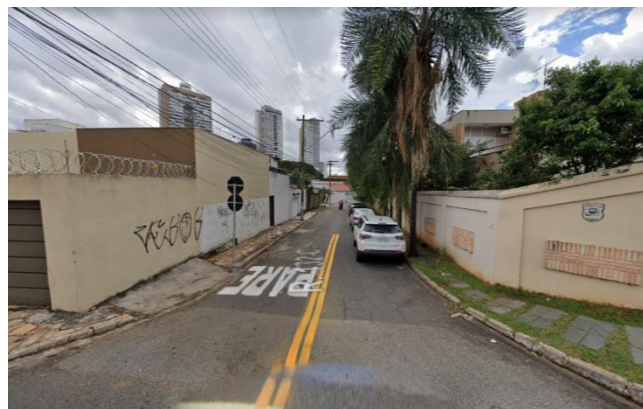


FIGURA 45 – ACESSO QUE FOI TRANSFORMADO EM VIA
(FONTE: GOOGLE EARTH)



FIGURA 46 – ACESSO SEM NENHUM TIPO DE
URBANIZAÇÃO (FONTE: GOOGLE EARTH)



FIGURA 47 – ACESSO COM ALGUMA SEPARAÇÃO PARA
PEDESTRES (FONTE: GOOGLE EARTH)

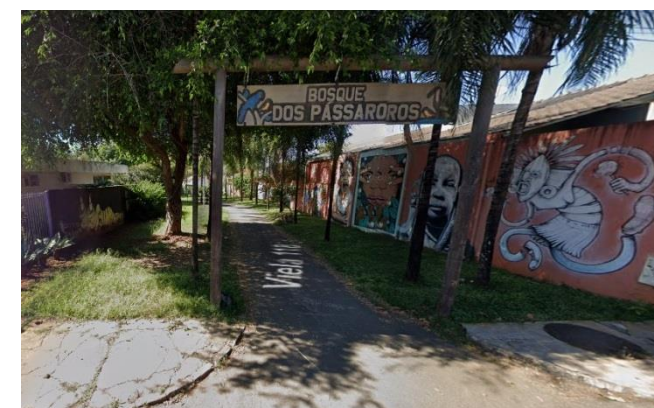
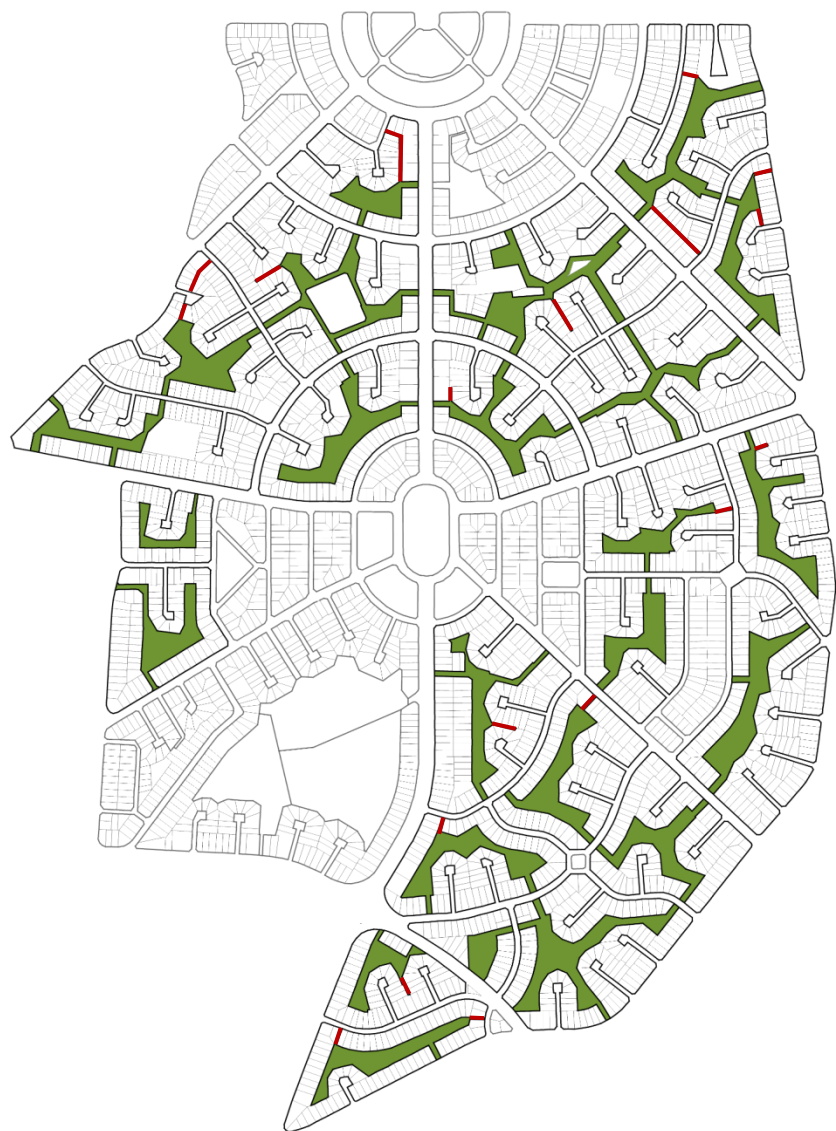


FIGURA 48 – ACESSO COM CAMINHO ASFALTADO
(FONTE: GOOGLE EARTH)



BECOS

Para todos os terrenos terem acesso aos miolos de quadra, o projeto previa um sistema de becos de pedestre que garantiriam a dupla fachada dos terrenos. Esses caminhos com dimensões estreitas podem ser percebidos ao longo de todo o projeto, mas durante a construção esses espaços foram sendo incorporados aos terrenos e é possível perceber acréscimos posteriores das casas onde era para estar um desses becos. Apesar disso, isso não aconteceu com todos eles, ainda restam alguns fragmentos dessa ideia, que no total somam 17 becos. Na maior parte dos casos eles perderam dimensão e hoje são apenas curtas passagens (10 becos), mas existem também 2 casos de maior extensão e o tipo sem saída (5 becos) que atende as *cul-de-sac*.

FIGURA 49 – MAPA COM MARCAÇÃO DOS BECOS (FONTE: AUTORAL)

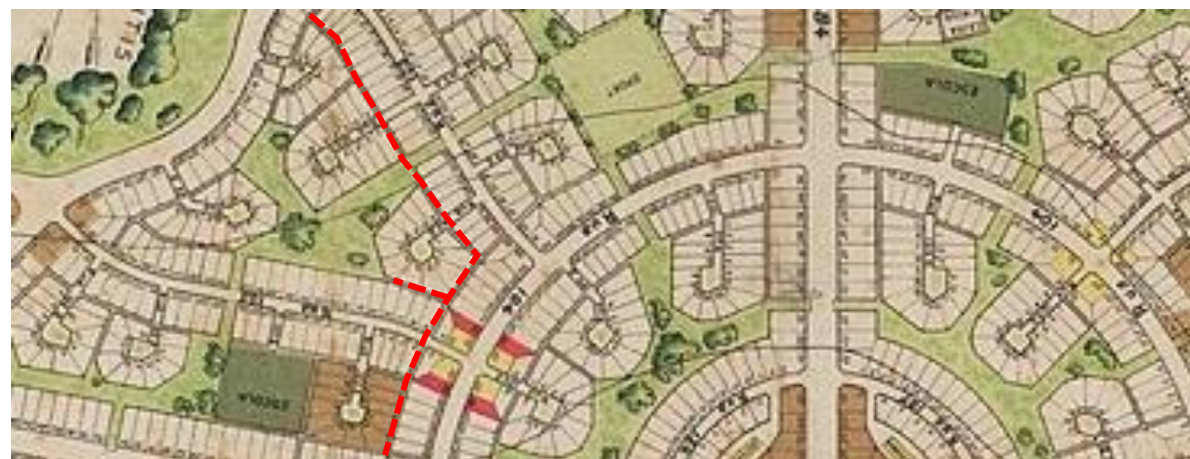
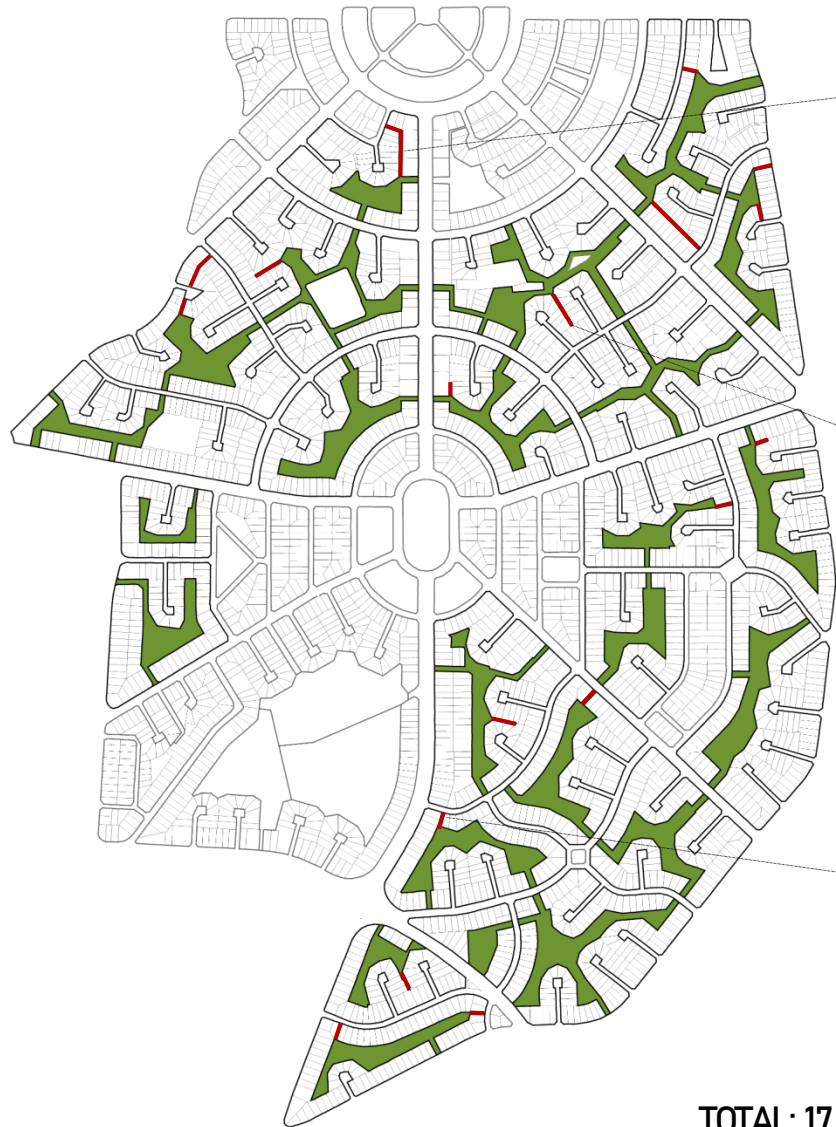
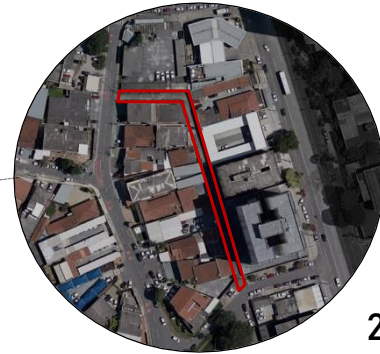


FIGURA 50 – RECORTE DO PROJETO COM MARCAÇÃO DE ALGUNS DOS BECOS (FONTE: VITRUVIUS – REVISTA ENANPARQ COM INTERVENÇÃO DO AUTOR)



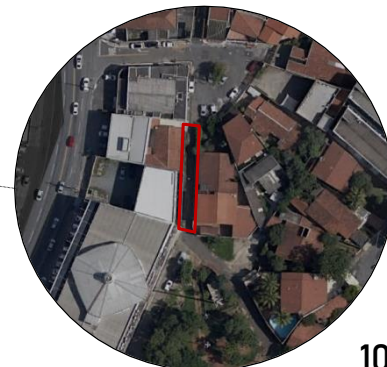
TOTAL: 17



2



5



10



FIGURAS 51 A 56 - IMAGENS DE SATÉLITE E STREET VIEW DOS TIPOS DE BECOS (FONTE: GOOGLE EARTH)

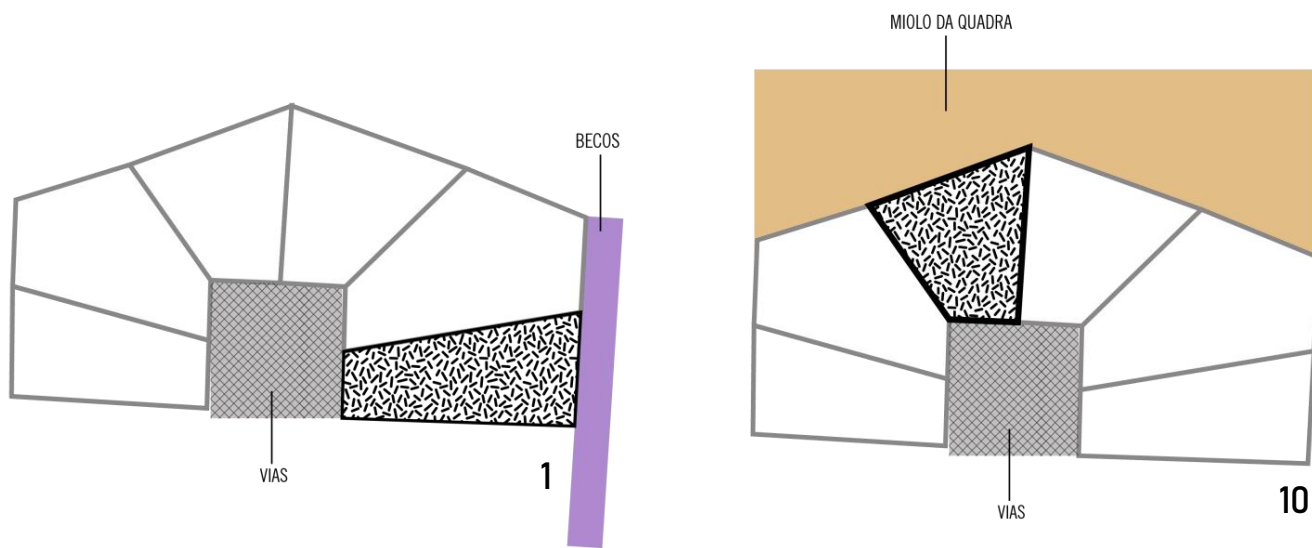
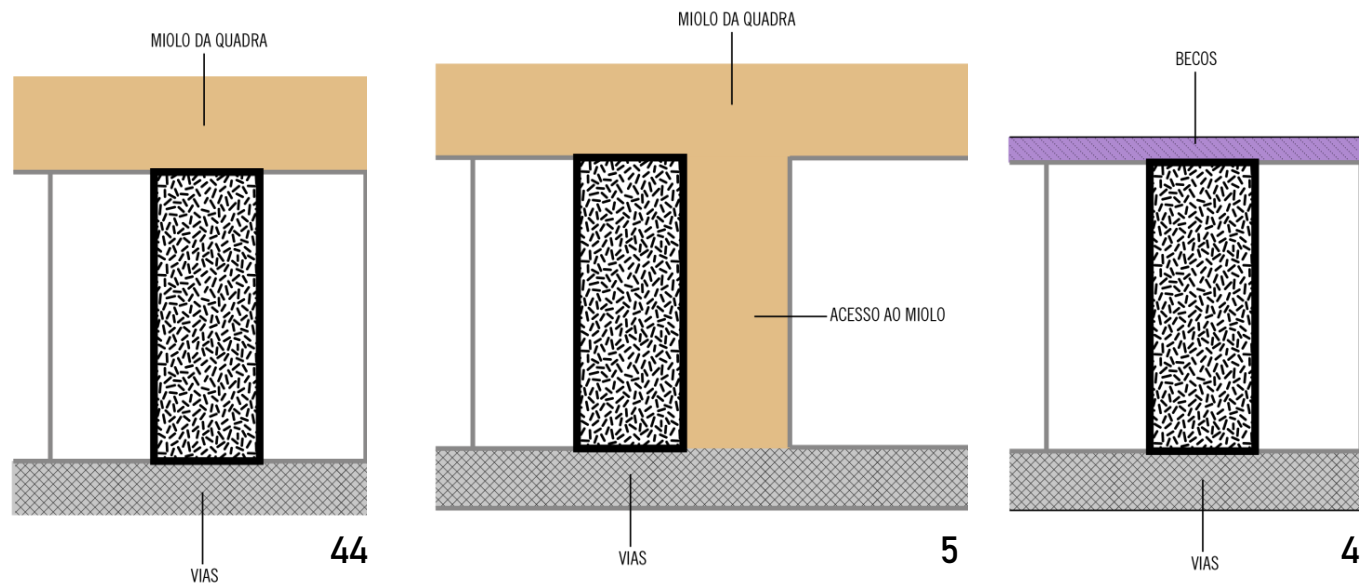


LOTES VAZIOS

Apesar de já ter se passado cerca de 70 anos desde o início da ocupação no Setor Sul, ainda restam uma quantidade considerável de terrenos vazios. Olhando apenas as quadras que tem os miolos públicos, somam-se 64 lotes vagos. Atualmente a maior parte deles está completamente vazio e sem nenhum tipo de uso, na maioria dos casos estão murados. Existem alguns casos que são usados como estacionamentos rotativos particulares e nos casos que não há muros eles servem como atravessamento e funcionam como um novo acesso às áreas internas. Há muito potencial nesses terrenos para se pensar numa diversificação de tipologias, usos e público, que no caso do bairro são todos bastante homogêneos. Esse tipo de diversificação criaria novas atividades, impulsionariam as que já existem, e ainda daria mais vida para as áreas livres. Além disso, pensar sobre novas formas de ocupação dos terrenos, repensando seus limites é outro campo potencial de projeto. Na próxima página estão diagramas analisando as configurações desses terrenos livres e quantidade de cada um dos tipos. Pelos contabilização é possível perceber que a grande maioria é do tipo mais comum, retangular com duas frentes (uma para uma via e outra para o miolo da quadra).

FIGURA 57 - MAPA COM MARCAÇÃO DOS LOTES VAZIOS (FONTE: AUTORAL)

TOTAL: 64



FIGURAS 58 A 62- DIAGRAMAS DOS TIPOS DE LOTES VAZIOS (FONTE: AUTORAL)

USOS E APROPRIAÇÕES

Para compreender os usos desses espaços foram realizadas entrevistas com outros moradores do bairro, que relataram suas vivências, percepções e observações da vida no Setor Sul. De cara os usos relatados se relacionavam aos equipamentos que existem, (quadras, playgrounds e espaços de estar) mas sempre pontuando que isso depende do estado de conservação que eles se encontram. Levar crianças para brincar, passear com cachorros, encontrar amigos e usar as quadras foram sempre citados. A presença de hortas comunitárias e o uso como estacionamento de veículos também foram trazidos nas entrevistas.

Outros usos que foram pontuados, são relacionados a movimentação de lugares importantes como escolas e o Centro Cultural Martim Cererê. Além da apropriação de alguns espaços temporariamente para eventos que extrapolam os limites dos lotes. Uma questão relatada foi a diferença no bairro em relação as quadras que são mais próximas do centro de Goiânia para as mais distantes, em que foi citado que nos arredores da Praça Cívica há uma presença forte de moradores de rua e usuários de droga, que utilizam essas áreas livres.

Os grafites e a presença dos skatistas foram citados por todos os entrevistados, no caso dos grafites por ser o grande símbolo de apropriação do lugar, criando identidade e inclusive atraindo pessoas que gostam de ver e fotografar os desenhos. Já os skatistas enquanto uma comunidade que não necessariamente é moradora do bairro, e que ocupam algumas áreas específicas, sendo a principal delas a praça ao lado do Centro Cultural Martim Cererê. Lá eles adaptaram uma quadra poliesportiva em uma grande pista de skate., contaram com o apoio de uma loja. Além desse lugar, outros espaços chamados de bacias também tem uso desse público, porém por falta de manutenção tem perdido sua força.

FIGURA 63 - MAPA COM MARCAÇÃO DE EQUIPAMENTOS E USOS (FONTE: AUTORAL)

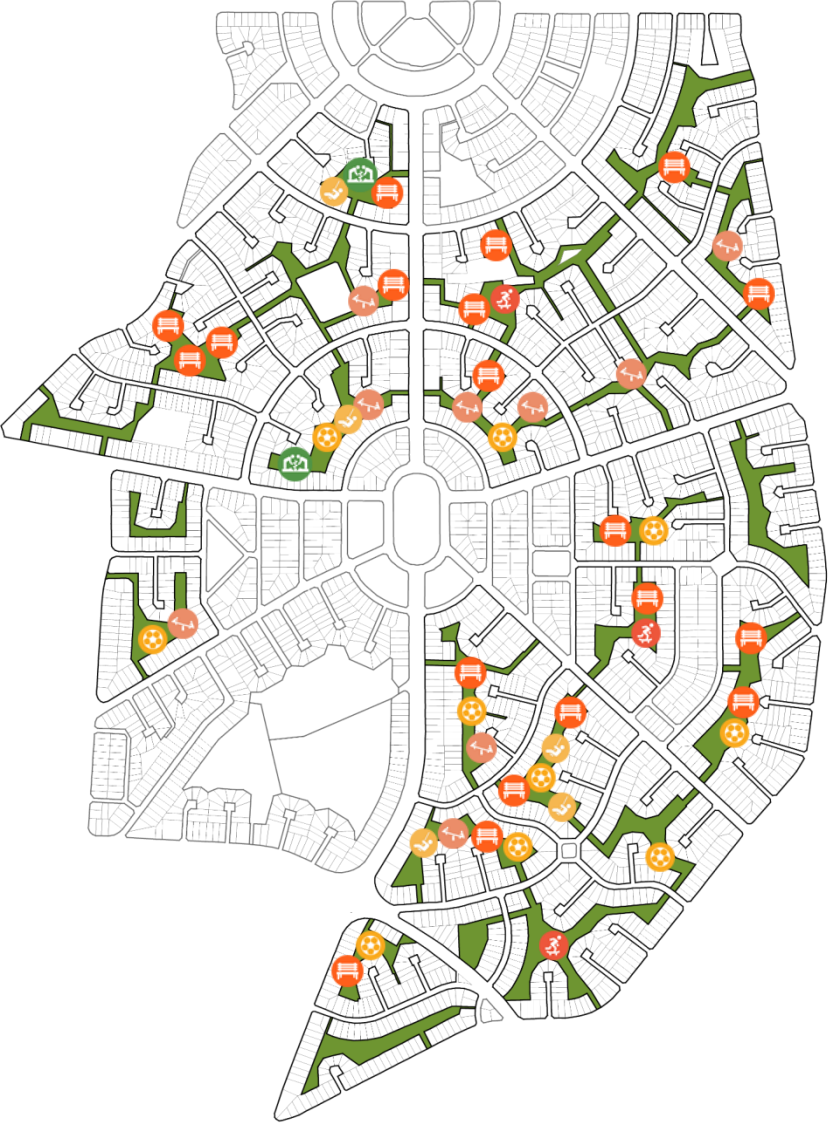
- 
- O mapa do Setor Sul apresenta uma malha urbana com áreas verdes destacadas. Vários ícones coloridos são distribuídos pelo território, indicando a localização de equipamentos e usos relatados pelos moradores. Os ícones incluem: uma bola de futebol (quadras de esportes), uma criança balançando em um balanço (balanço em árvores), um banco (mobiliário urbano), uma criança brincando em um brinquedo (parquinho infantil), uma pessoa patinando (pista de skate e bacias) e uma horta (horta comunitária).
- QUADRAS DE ESPORTES
 - BALANÇO EM ÁRVORES
 - MOBILIÁRIO URBANO
 - PISTA DE SKATE E BACIAS
 - PARQUINHO INFANTIL
 - HORTA COMUNITÁRIA



FIGURA 64 – EVENTO SE APROPRIANDO DO ESPAÇO E PARTE DE UMA HORTA COMUNITÁRIA (FONTE: COLETIVO CENTOPEIA)



FIGURA 65 – TRABALHADORES DESCANSANDO NA SOMBRA DE UMA ÁRVORE (FONTE: GOOGLE STREET VIEW)

“gostava de ir me sentar numa pracinha pra me desligar da cidade, me acalmava escutar o som dos carros distante e estar próxima da natureza”

“por sempre andar muito a pé, o meu principal uso do bairro era o de atravessar essas pracinhas cortando caminho para chegar aonde queria ir”

“um uso que sempre percebi foi o de que os trabalhadores no horário do almoço costumam descansar nas sombras das árvores, chegando até a tirar sonecas na grama ou em bancos.”

“sempre marcava de encontrar algum amigo na quadrinha atrás de casa, a gente tomava alguma bebida e passávamos um tempo ali”

“do lado de onde era o coletivo a gente fazia evento e deixava o portão todo aberto, a gente não cobrava entrada e aí a galera ocupava ali o gramado também”

“de uso diário eu levava minha filha pra brincar e a cachorra pra passear, nossa casa não tinha portão direto, mas pra chegar na pracinha não precisava nem atravessar rua, aí nem me preocupava muito nesse caminho”

“a gente encontrava a galera pra dar rolê, um levava patins, skate ou bicicleta e a gente gostava de aproveitar a descidinha que tinha ali no bosque dos pássaros”

“a praça do martim é dominada por skatistas, mas praticamente só meninos. Recentemente um coletivo de meninas se apropriou de uma das bacias que estavam abandonadas e começaram a reformar para poder usar”

“já fui muito com amigos jogar nas quadras, mas muitas vezes a gente tinha que levar vassoura e dar uma geral antes porque ficava cheio de terra e folhas”

Moradores do Setor Sul revelam porque escolheram morar no “pulmãozinho de Goiânia”

Bosques e áreas verdes, vocação cultural, roteiro de lazer e arte são alguns dos atrativos de um dos primeiros bairros surgidos na capital do Estado

Bosque no Setor Sul é adotado e restaurado por moradores

Morador se acorrenta para evitar que árvore seja derrubada em Goiânia

Três plantas frutíferas darão lugar a um muro.

Moradores reagem a corte de árvores no Setor Sul, em Goiânia

Retirada de espécimes virou motivo de contenda em prédio residencial. Síndica conseguiu autorização, mas condôminos afirmam que exemplares são saudáveis

PARA ALÉM DOS USOS

As relações que as pessoas estabelecem com um lugar vão muito além de seus usos e apropriações. Existe uma dimensão dessa conexão que está relacionada a afetividade e ao apreço por certas características espaciais. Fez parte dos relatos recolhidos o reconhecimento da qualidade ambiental do bairro e a preocupação pela preservação simplesmente por suas árvores e áreas verdes. Isso também é notável ao se fazer uma pesquisa de notícias do Setor Sul, em que é possível encontrar vários relatos que revelam a conexão afetiva que os moradores tem com a vegetação e com o bairro em si. Todas as manchetes apresentadas ao lado são de notícias deste ano, algumas inclusive de momentos da pandemia, como é o caso do morador que se acorrentou a uma árvore no mês de setembro numa tentativa de salva-la. Essa relação com a natureza, vai desde um apreço por essa qualidade ambiental do bairro quanto por uma afetividade com essas árvores, que muitas vezes foram plantadas pelos próprios moradores.

Em entrevista para o jornal O Popular, Aline Melo disse: "Acordo todos os dias com passarinhos e até me esqueço que estou no meio da cidade. Já plantei mais de 50 mudas na praça da minha casa". A partir de uma mobilização de Aline, com apoio do projeto Virada Ambiental, da UFG, no ano passado conseguiram 350 mudas de espécies nativas do cerrado para serem plantadas nas áreas verdes do Setor Sul. Atualmente ela é presidente da Associação dos Moradores Residentes da Quadra F-39, ou como foi batizada Bosque da Amizade.

Pela manutenção dessas áreas livres muitas vezes ficar completamente dependente da iniciativa dos próprios moradores, algumas quadras se organizam e criam uma associação dos moradores da quadra. O caso emblemático em relação a isso é o do Bosque dos Pássaros, que foi a primeira a se mobilizar por volta de 2003 e acabou inspirando algumas outras tentativas de auto-organização. A quadra mais recente a se organizar foi a Quadra F-40, que foi batizada de Bosque da Gameleira, ela foi restaurada ainda esse ano e tudo começou por iniciativa de uma família, mas aos poucos outros moradores passaram a contribuir, mesmo que só financeiramente.

“Resolvi bater de porta em porta dos vizinhos e convidá-los para fazermos uma mobilização e nós mesmos darmos um jeito no problema. Na época o pessoal até apoiou a iniciativa, mas relutaram em ajudar financeiramente. Aí iniciei eu mesmo e banquei muita ação por conta própria. [...] Hoje os netinhos já descem pra cá pra brincar na quadra, na sombra da gameleira e é uma satisfação muito grande ver todo mundo querendo jogar nela.” contou o engenheiro agrônomo Chicão em entrevista para o jornal Diário da Manhã.

PROTEÇÃO PARA O SETOR SUL – O BAIRRO JARDIM DE GOIÂNIA



FIGURA 67 – PÁGINA DA PETIÇÃO ONLINE EM DEFESA DO SETOR SUL (FONTE: AVAAZ)



FIGURA 68 – PROTESTO NA PRAÇA DO CRUZEIRO (FONTE: DIÁRIO DA MANHÃ)

Atualmente está sendo elaborado um novo Plano Diretor para Goiânia, que foi batizado de Goiânia do Futuro – Cidade Centenária. Alguns vereadores da cidade começaram a discutir a possibilidade de verticalização e adensamento do Setor Sul, isso a partir da possibilidade de vendas das áreas livres públicas e remembramento de lotes. A proposta foi protocolada e defendida pelo presidente da Câmara de Vereadores, usando o discurso da ineficiência do poder público de gerenciar esses espaços o que causa falta de segurança pública, além da ideia de gerar desenvolvimento a partir de novos empreendimentos. A partir disso, começou uma grande movimentação por parte de moradores que se mostraram preocupados com a proposta que poderia descaracterizar o bairro e destruir o patrimônio de seu desenho urbano peculiar.

Em entrevista para o jornal O Popular, a arquiteta conselheira do CAU-GO e moradora do Setor Sul, Márcia Guerrante disse: “A verticalização desenfreada não se importa com o traçado histórico e com a qualidade de vida e mobilidade das pessoas.. Há um tempo fizeram uma audiência na tentativa de vender áreas verdes, que chamaram de inservíveis, e nos mobilizamos contra. [...] Existe uma relação humana muito especial no Setor Sul, é um pedaço da cidade que guarda memória e patrimônio. Percebo que há uma relação de vizinhança muito forte. As pessoas que habitam o setor estão mobilizadas, com uma defesa apaixonada.”

Conversando com a Márcia, ela relatou que as mobilizações começaram através de grupos de Whatsapp e que hoje contam com mais de 150 moradores ativos no processo de defesa do bairro, no grupo de trabalho há pessoas de diversas áreas que ajudam como podem e tentam estar presentes nas discussões. Para chamar a atenção da população eles criaram páginas em redes sociais e fizeram uma petição online, que atualmente já conta com quase 3 mil assinaturas. Além disso, marcaram presença nas audiências públicas que discutiram a proposta, fazendo pressão para seu arquivamento. Recentemente, mesmo na situação da pandemia, alguns moradores realizaram um protesto na Praça do Cruzeiro, levando faixas em defesa das áreas verdes do bairro. Por conta do período eleitoral foi elaborado um documento elencando todas as reivindicações dos moradores, ele foi entregue para os candidatos dessa eleição e está disponível integralmente na próxima página.

CARTA DO SETOR SUL

MANIFESTO DOS MORADORES DO SETOR SUL EM DEFESA DO BAIRRO JARDIM DE GOIÂNIA

A cidade é um organismo vivo e, como tal, cresce e se transforma continuamente. Presenciamos nos últimos anos o crescimento acelerado de Goiânia que tem provocado mudanças substanciais de sua paisagem. Acreditamos que a melhor maneira para uma cidade crescer é favorecendo a boa qualidade de vida dos seus habitantes e para tanto precisa, dentre outras coisas, ser inclusiva, oferecer condições satisfatórias de segurança, trabalho, saneamento, saúde, lazer, educação, mobilidade e moradia. A cidade precisa ainda contar com uma governança atenta e eficiente, que busque construir e manter espaços públicos de qualidade, promover o desenvolvimento humano e econômico, preservar e valorizar o meio ambiente, respeitando em todas as suas ações as necessidades, os valores, a história, memória e identidade de quem vive a cidade.

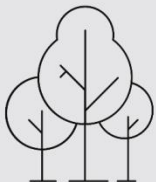
Nesse momento importante, quando se discute o novo Plano Diretor - instrumento que irá regular a forma como a cidade irá crescer nos próximos anos - e também nesse momento em que nos preparamos para eleger nossos futuros representantes e o novo prefeito ou prefeita da cidade, nós MORADORES DO SETOR SUL, reconhecendo a importância histórica e ambiental do nosso bairro, queremos fazer ouvir em sua defesa a nossa voz e apresentar aos futuros gestores desta cidade e à toda população as nossas reivindicações.



QUEREMOS



- 1 PROTEÇÃO E TOMBAMENTO** pelo poder público do traçado histórico do Setor Sul e de suas áreas verdes.



- 2 REVITALIZAÇÃO E MANUTENÇÃO** das áreas verdes públicas do Setor Sul.



- 3 CRIAÇÃO DO CIRCUITO BAIRRO JARDIM** Conexão de todas as áreas verdes do Setor Sul, com a implantação de ciclovias e pistas de caminhadas que percorram com continuidade todas as praças do bairro, contando ainda com a presença de redutores de velocidade de veículos na travessia de vias de grande fluxo.



- 4 INSTALAÇÃO DE ILUMINAÇÃO** adequada e eficiente nas ruas, quadras, praças e áreas verdes.



- 5 REFORMA** das Quadras de Esportes



- 6 INSTALAÇÃO** de Parques Infantis e aparelhos de ginástica nas praças

- 7 CRIAÇÃO E MANUTENÇÃO** de elementos paisagísticos tais como pergolados e recantos, com bancos e jardins.



- 8 PODAS, PLANTIO E MANEJO** adequados das árvores e vegetação das áreas verdes e calçadas.

- 9 RECONSTRUÇÃO** de meio-fio, guias e recuperação de pavimentação nas praças do bairro.

QUEREMOS



- 10 INSTALAÇÃO DE LIXEIRAS** e coleta regular do lixo pela administração municipal.



- 11 ATENÇÃO À ACESSIBILIDADE** em todas as praças e calçadas do bairro.



- 12 ORGANIZAÇÃO DO TRÂNSITO** no Setor Sul de modo a favorecer o pedestre e permitir a convivência segura e a circulação fluida dos veículos e pedestres.



- 13 RESTRIÇÃO DO TRÂNSITO DE VEÍCULOS** nas áreas verdes, permitindo-o apenas para o acesso dos moradores às respectivas casas.

- 14 PROIBIÇÃO** de estacionamento nas áreas verdes do Setor Sul.

- 15 REATIVAÇÃO E CRIAÇÃO** de novos poços/ cisternas para irrigação adequada das áreas verdes do bairro.



- 16 IMPLANTAÇÃO DE SISTEMA DE DRENAGEM** eficiente nas áreas verdes das praças que colete e reconduza as águas pluviais para o lençol freático através de poços de infiltração.



- 17 INSTALAÇÃO** de Posto de Saúde SUS no Setor Sul.



- 18 PATRULHAMENTO REGULAR** da Guarda Civil Metropolitana de Goiânia nas Praças do Setor Sul de modo a garantir a segurança de moradores e de frequentadores das mesmas.

QUEREMOS



- 19 ESTUDO DE IMPLANTAÇÃO** de um plano de bairro para o setor Sul que tenha como premissa a participação efetiva dos moradores locais nas tomadas de decisões.



- 20 REINTEGRAÇÃO** de posse das áreas públicas invadidas nas praças do setor Sul.



- 21 MANUTENÇÃO DO ADENSAMENTO BÁSICO** para o bairro, preferencialmente com estabelecimento do gabarito máximo de três pavimentos nas vias principais e dois pavimentos nas vielas.

REPUDIAMOS



- 1** Qualquer adensamento que exceda ao limite imposto pelas Leis atualmente em vigor, venda de áreas públicas ou permissão de rememoração dos lotes adquiridos nas vias de eixo viário que atravessam o bairro com os lotes de fundo, que dão para praças ou ruas secundárias.



- 2** Parcerias público-privadas em detrimento das parcerias poder público - moradores. Repudiamos ainda qualquer intervenção pública ou privada que venha a apresentar interesses outros que não o bem-estar e desenvolvimento da comunidade local e a valorização do papel histórico ambiental do Setor Sul para toda a cidade.

**Sem mais, apresentamos aqui
nosso manifesto e seguimos atentos e vigilantes
em benefício do nosso amado
SETOR SUL.**



FIGURA 69 – OS MIOLOS DE QUADRA (FONTE: GOOGLE MAPS)



FIGURA 70 – OS LOTES DISPONÍVEIS (FONTE: GOOGLE MAPS)



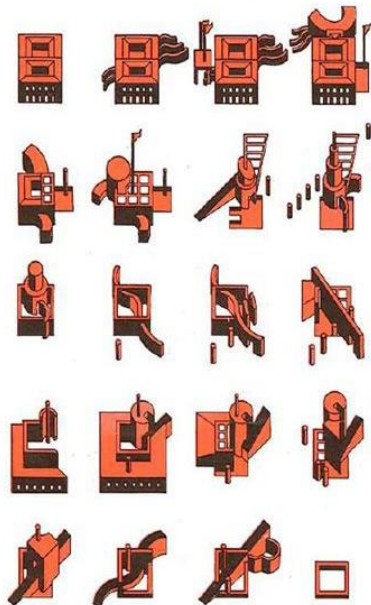
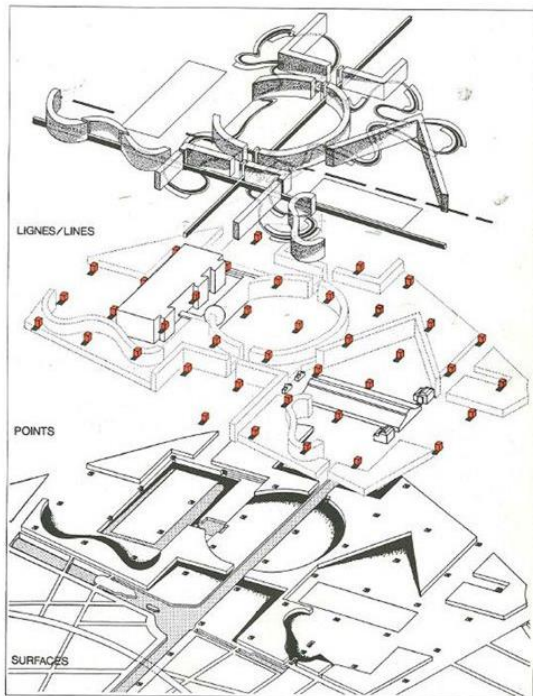
FIGURA 71 – OS ACESSOS (FONTE: GOOGLE EARTH)



FIGURA 72 – OS BECOS (FONTE: GOOGLE EARTH)

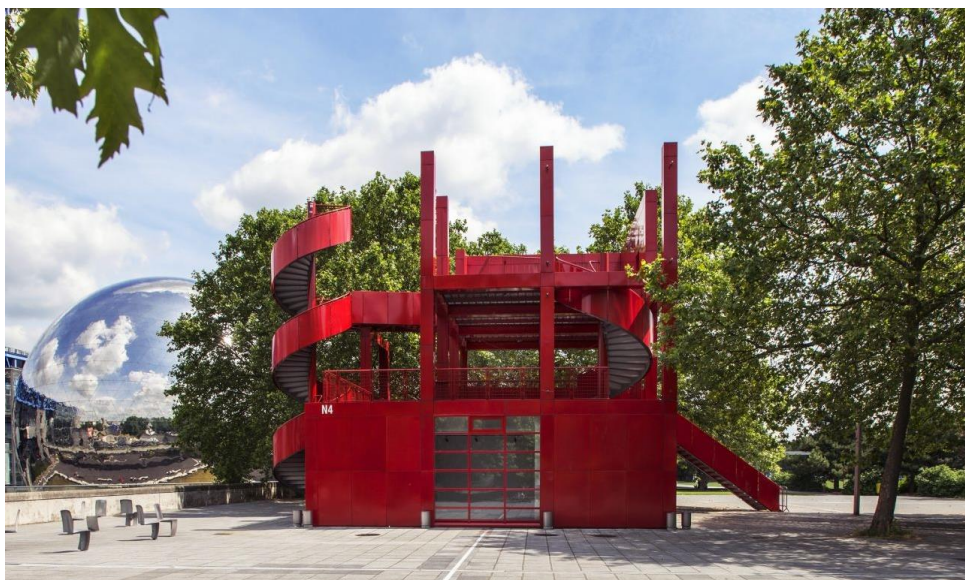
INTENÇÕES PROJETAIS

Através do processo de investigação da forma urbana e das atuais condições do Setor Sul em comparação com o projeto original, foram identificados quatro áreas potenciais de projeto, são elas: os miolos de quadra, os lotes vagos, os acessos e os becos. A partir das reivindicações dos moradores, conclui-se a necessidade de intervenção nas áreas livres do bairro explorando a ideia de que juntas elas formam uma espécie de parque fragmentado. A proposta de um circuito que conecte todas as quadras é muito boa e poderia servir para dar a legibilidade da área enquanto conjunto. Isso poderia acontecer a partir de um projeto que se utilizasse das quatro áreas identificadas, criando caminhos que aumentem a permeabilidade das áreas verdes e convidem quem passa a descobrir esses jardins secretos. Fica claro o reconhecimento do valor histórico-cultural do Setor Sul e a preocupação com preservá-lo enquanto patrimônio urbano brasileiro, porém ao mesmo tempo é necessário ter um olhar que acredite na preservação através de mudanças qualitativas que garantam a sobrevivência de suas características e forma urbana. A proteção ao bairro deve ir além do tombamento de seu traçado, o valor do bairro vai além do seu desenho, está também na sua relação com a natureza e a possibilidade de uma vida que se conecte a ela, isso fica claro a partir da própria relação que os moradores tem com o lugar. Eles pedem acima de tudo, a proteção e manutenção das áreas livres do bairro e temem por mudanças que gerem perda dessas áreas. É claro que nesse processo de intervenção é necessário cautela e o estabelecimento de diretrizes claras que limitem um possível processo de adensamento e verticalização, mas um aumento da diversidade de tipologias e por consequência de perfil de moradores, não deve ser visto necessariamente como algo negativo.

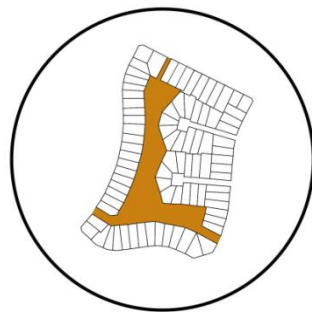
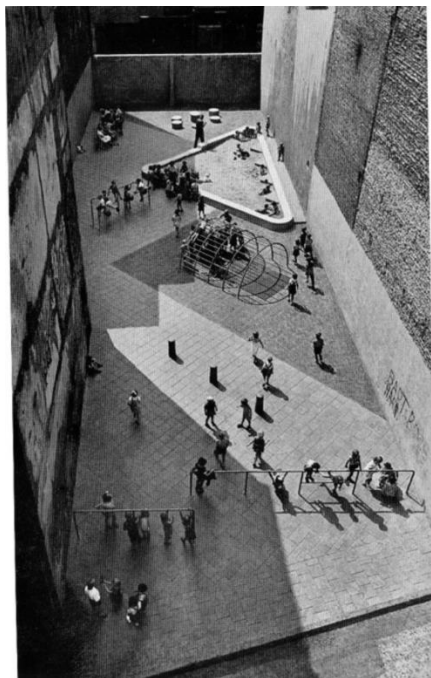
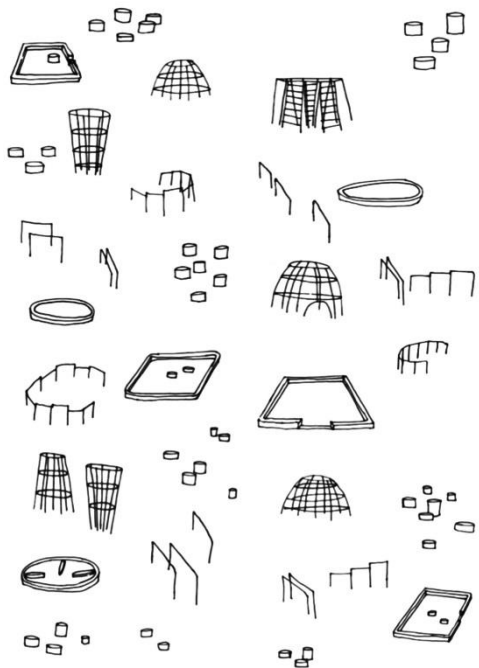


ESCALA DO BAIRRO REDE DE PERCURSOS INTEGRADORES

Assim como o plano previa, o Setor Sul tem o potencial de ser interpretado como um parque contínuo, com elementos que conectem todos os miolos de quadra. As reivindicações dos moradores vem muito no encontro dessa ideia, defendendo a destinação das áreas livres como espaços de lazer e conexão com a natureza. Também acredito nessa ideia, e como proposta para a escala do bairro tenho a criação de uma rede de percursos que integrem todas as quadras, formando esse parque fragmentado e explorando o diálogo entre as escalas das quadras e do bairro. Para pensar em como conceber esse parque, recorri ao projeto do Parc de La Villette de Bernard Tschumi, construído em 1987 em Paris. O famoso projeto tem como característica principal um método de organização espacial através da articulação de elementos que estabelecem uma leitura do complexo ao mesmo tempo que criam uma relação de identidade. Os elementos são: as superfícies, que são as áreas verdes abertas, as linhas, que são caminhos sinuosos ao longo do parque, e os pontos, estruturas icônicas sem um programa pré-definido. Os pontos, que ele chama de *follies*, são o que estruturam o parque sendo regularmente posicionadas no espaço. Ao contrário disso, as superfícies e as linhas não seguem qualquer lógica clara de organização, a ideia era evocar uma sensação de liberdade numa organização sobreposta, que mescla o natural ao artificial num estado constante de interações. O caráter único e indefinido das *follies* contribuem para essa sensação, criando a ideia de descoberta e exploração do lugar, ao mesmo tempo que criam a unidade do parque. Através desse projeto, pode-se pensar numa estrutura organizacional das áreas livres do Setor Sul, projetando essa rede de percursos aproveitando os caminhos que já existem e criando novas rotas. Além de estabelecer onde os caminhos passam, desenhar e definir este piso e os seus limites é parte fundamental do projeto, para isso uma referência já mencionada seria o High Line de Nova Iorque.



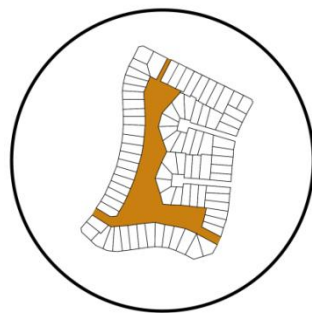
FIGURAS 81 E 82 – PARC DE LA VILLETTE - BERNARD TSCHUMI, PARIS, 1987 (FONTE: ARCHDAILY)



MIOLO DE QUADRA SISTEMA ABERTO DE EQUIPAMENTOS

As follies são elementos bastante instigantes e cumprem seu papel de referencial e identidade do projeto, pensando nesses elementos estruturantes, recorri também ao projeto dos playgrounds de Aldo Van Eyck, construídos em Amsterdam a partir de 1947. Ao entrar para o Departamento de Obras Públicas da capital holandesa no período pós-guerra, Van Eyck utilizou terrenos abandonados e em ruínas para a construção de playgrounds infantis, totalizando mais de setecentos até o ano de 1978. Para isso o arquiteto criou um sistema de quatro elementos que mudavam de forma e assumiam diferentes configurações de acordo com o terreno em que fosse implementado, com isso foram desenvolvidas uma grande variedade de composições. Os elementos eram: as caixas, espaços com areia cercados por um banco de concreto; as pedras, elevações no piso em diferentes alturas; as barras, tubos metálicos agrupados ou sozinhos; e as gaiolas, estruturas de barras com diferentes formatos. Van Eyck desenhava conscientemente os elementos de forma mínima, a fim de estimular a imaginação de seus usuários, deixando a interpretação em aberto. O que isso gerou foram verdadeiros centros comunitários, que reuniam as crianças e seus responsáveis que viviam em ambientes cada vez menores. Nesse projeto, as conexões dos elementos são ordenadas por suas relações mútuas e não hierarquizadas, não existindo um princípio ordenador de organização, tornando todos os elementos equivalentes entre si. O enfoque no corpo das crianças e como ele se apropria do espaço esta em clara oposição a concepção funcionalista moderna vigente na época, segundo o arquiteto “o funcionalismo matou a criatividade, ele nos conduziu a uma fria tecnocracia em que os aspectos humanos são ignorados. Um edifício é muito mais que a soma de suas funções, é papel da arquitetura facilitar a atividade humana e principalmente promover a interação social”, declarou em um artigo para a revista Fórum.

FIGURAS 83 A 85 – SISTEMA DE PLAYGROUNDS – ALDO VAN EYCK, AMSTERDAM, 1947-1978 (FONTE: CRONOLOGIA DO PENSAMENTO URBANÍSTICO - UFBA)



MIOLO DE QUADRA SISTEMA ABERTO DE EQUIPAMENTOS

Indo além ao se refletir sobre a indefinição desses elementos, acredito que minha proposta possa tensionar o limite entre equipamentos urbanos e elementos de fruição artística. Busco no projeto do *Magic Square #5* de Hélio Oiticica um referencial de como abordar essa questão e construir uma espacialidade que também se relaciona a experiência sensorial. Esse projeto concebido na década de 70, faz parte de uma série de seis trabalhos do artista carioca, elas foram pensadas para serem construídas ao ar livre e no espaço público, mas ele não chegou a ver nenhuma delas construídas, deixando as instruções para a sua realização em um grande acervo de textos, desenhos, diagramas e maquetes. Baseadas no quadrado, esses espaços foram idealizados como áreas de permanência e convívio, colocando o espectador em contato experiencial com a forma, a cor e os materiais. As *Magic Squares* são colocadas pelo próprio autor na categoria de Penetráveis, sua pesquisa sobre a ocupação da cor no espaço renovando a concepção de um espaço arquitetônico. Ao atingir a escala ambiental, seu penetrável se aproxima das praças, dos jardins, de um labirinto ou um parque de diversão. Nessa referência é possível pensar sobre a manipulação de um mesmo elemento para criar uma espacialidade muito forte e sensível, expandindo a ideia dos equipamentos para muito além de seus usos e trazendo a experiência como um fator importante na concepção projetual. A ideia é a partir da desenvolvimento de um sistema aberto de equipamentos criar espacialidades sensoriais, estimular a imaginação e permitir a apropriação dos usuários, além de assim como as *follies*, criar a legibilidade e identidade do parque enquanto unidade. Outros projetos mais contemporâneos também são interessantes para refletir sobre essa manipulação de elementos e a indefinição de seus usos, deixando-os abertos a apropriações, alguns outros exemplos estão destacados na próxima página.



FIGURA 86 A 88 – MAGIC SQUARE #5 – HÉLIO OITICICA, INHOTIM, CONCEBIDO EM 1977 (FONTE: INHOTIM)



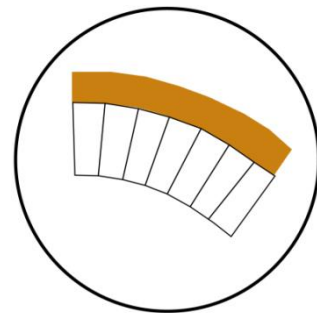
FIGURA 89 – STADIUM CHARLEMAGNE – NP2F, PARIS, 2016 (FONTE: NP2F)



FIGURA 90 – THE CIRCLES – ATELIER SCALE, NANJING, 2019 (FONTE: LANDEZINE)



FIGURA 91 – PARK'NPLAY – JAJA ARCH, COPENHAGEN, 2016 (FONTE: ARCHDAILY)



LOTES VAGOS DIVERSIFICAÇÃO DE TIPOLOGIAS

Por fim, os terrenos vazios são um grande potencial de projeto, pela quantidade considerável disponível e a possibilidade de diversificar o bairro. Pensar em edifícios habitacionais de pequeno porte, que estabeleçam certos limites em respeito ao lugar mas que também proponham um aumento e diversificação de moradores parece ser um caminho. O projeto Edifício Superí de Alonso&Crippa, construído em Buenos Aires em 2018, surge como referência primeiramente por sua escala e dimensão, que se assemelha aos terrenos típicos do Setor Sul. Conta com apenas seis unidades que tem um caráter híbrido e variável, contendo tipologias diferentes que se mesclam na organização vertical. Um ponto chave do projeto é sua preocupação com as áreas livres, a entrada de luz e uma tentativa de diluir o exterior com o interior. Tendo essa mesma preocupação com o limite entre dentro e fora, o Edifício Bonpland de Adamo Faiden, também em Buenos Aires e de 2018, possui uma varanda-jardim e um plano de fachada que transformam completamente essa relação. Outro ponto interessante do projeto é que, como o próprio arquiteto define, ele não é um edifício de uso misto e sim de uso difuso, porque através de uma homogeneidade espacial oferece uma estrutura aberta a diferentes apropriações, sendo “um ambiente programaticamente instável, mas espacialmente específico”. Essa questão parece ser útil ao pensar na possibilidade de diversificação de usos dos edifícios do bairro, e também num movimento que já acontece em que podemos encontrar casas do Setor Sul que foram transformadas em escritórios de advocacia, de arquitetura, ateliers de arte, coletivos de design entre várias outras adaptações. É importante além de pensar na diversificação de tipologias habitacionais, ter atenção para os novos usos e as instâncias híbridas da cidade. Uma questão fundamental na intervenção nos lotes que essas referências não respondem é o atravessamento e a permeabilidade do pavimento térreo.



FIGURA 97 E 98 – EDIFÍCIO SUPERÍ – ALONSO&CRIPPA, BUENOS AIRES, 2018 (FONTE: REVISTA PLOT E AUTORAL)

FIGURA 99 E 100 – EDIFÍCIO BONPLAND – ADAMO FAIDEN, BUENOS AIRES, 2018 (FONTE: ARCHDAILY)



FIGURA 73 – JARDIM DA TERCEIRA PAISAGEM (FONTE: VITRUVIUS)



FIGURA 74 – O PAISAGISTA GILLES CLEMÉNT (FONTE: WIKIPEDIA)

A TERCEIRA PAISAGEM

A terceira paisagem é um conceito extraído do livro “O Manifesto da Terceira Paisagem” de Gilles Clément, publicado pela primeira vez em 2004. Clément é um paisagista francês, ou como ele mesmo prefere ser chamado, simplesmente um jardineiro. Ele é famoso por defender uma outra posição enquanto paisagista, entendendo que o seu papel é ser um catalisador de um fluxo da natureza, deixando de lado a postura de domesticação, controle e planejamento tão comuns da disciplina. Ele também não acredita na ideia de projeto autoral, entendendo que ele é só mais uma dentre as inúmeras influências que um jardim tem.

Nesse ensaio o autor faz uma articulação de alguns conceitos seus já bastante conhecidos, como o Jardim em Movimento e o Jardim Planetário. A partir desses conceitos ele define e defende os espaços residuais e abandonados, ou como ele denomina A Terceira Paisagem. Clément não chega a definir explicitamente quais seriam as outras duas paisagens, mas é possível entender que seriam a paisagem explorada pelo homem e a paisagem não explorada. A terceira seria então o entre as outras duas, é a paisagem que já foi explorada mas que a partir da não-ação humana foi reapropriada pela natureza selvagem.

“Fragmento indeciso do jardim planetário, a Terceira Paisagem é composta de todos os lugares abandonados pelo homem. Essas margens reúnem uma diversidade biológica que ainda não está listada como riqueza. [...] Por seu arranjo heterogêneo, sua inconstância e seu excesso temporal, a Terceira Paisagem aparece como o território da invenção biológica.” (Clément, 2004)

O autor reconhece que o afastamento humano permite o desenvolvimento de um fenômeno natural poderoso de autorregeneração, que potencia a dinâmica espontânea da biosfera e cria um equilíbrio ecológico, reunindo uma comunidade clímax com biodiversidade compatível com o ambiente.. Para ele há nesses espaços uma riqueza ecológica inexplorada, já que a maior parte dessas espécies são sempre vistas como indesejadas e invasoras, sendo sucessivamente arrancadas por jardineiros de todo o mundo num esforço incansável de controlar o incontrolável.



FIGURA 75 – JARDIM DA BASE DE SUBMARINOS DE SAINT-NAZAIRE (FONTE: REVISTA AREA)

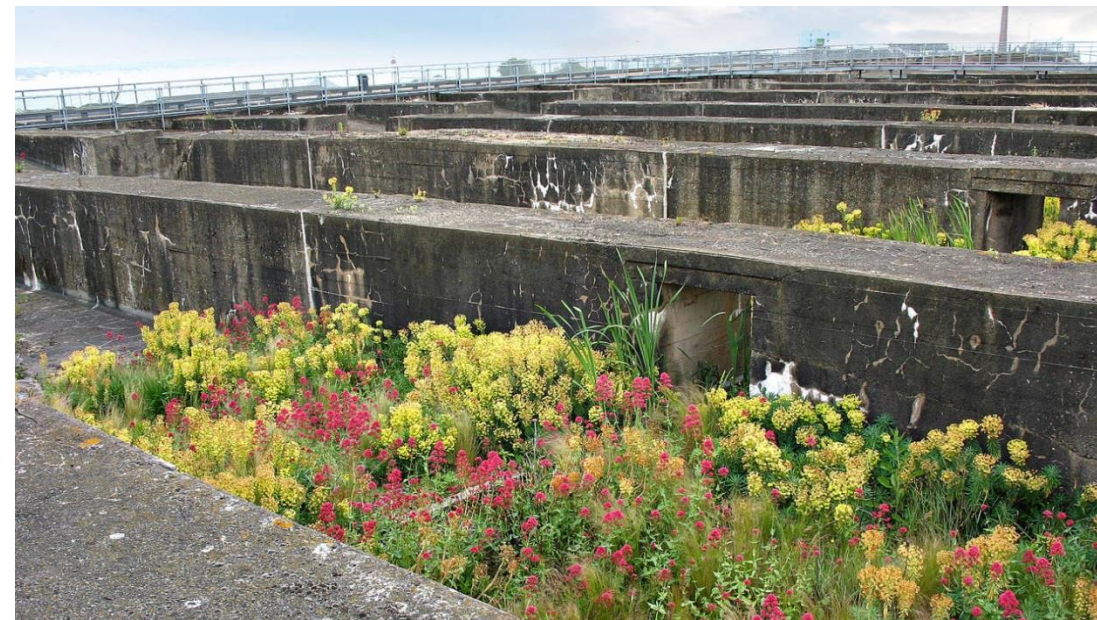


FIGURA 76 – JARDIM DA BASE DE SUBMARINOS DE SAINT-NAZAIRE (FONTE: REVISTA AREA)

Além da defesa ecológica desses espaços, Clément também defende seu papel na constituição da paisagem e sua importância perante a memória e o tempo. Para ele a Terceira Paisagem se mostra como um confronto entre o tempo passado, presente e futuro, representando uma problemática dos processos urbanísticos por serem vistos como anomalias, disrupções, erros da trajetória das cidades.

“A reapropriação da terra pela natureza é sempre interpretada como decadência, quando na verdade é exatamente o oposto. Este é um estereótipo que permanece, a ideia de que o homem nunca deve abandonar a terra que ele domesticou. Tudo o que o homem abandona ao tempo, dá à paisagem uma chance de ser simultaneamente marcada pela sua presença e por sua libertação” (Clément, 2004)

A visão do paisagismo ecológico de Gilles Clément levanta reflexões sobre a experiência estética e cognitiva da paisagem abandonada, evidenciando uma perspectiva de um lugar natural, espontâneo, resiliente e ambíguo. É nessa paisagem que estão concentradas ideias paradoxais, como ausência e

possibilidade, decadência e futuro, vida e morte.

Os projetos de Gilles mostram que suas ideias encontram aplicabilidade projetual, o mais mencionado ao se falar da Terceira Paisagem é o dos Jardins da Base de Submarinos de Saint-Nazaire, realizado em 1998. Esses jardins são parte de um projeto maior que ocupou toda uma estação militar desativada. Clément ao chegar ao local se deparou com as coberturas de concreto já repletas de vegetação espontânea e pioneira. Seus atos projetuais então vem no sentido de explorar e impulsionar esse movimento natural que já estava acontecendo, além de enaltecer as espécies que já haviam se apropriado do ambiente. Entre suas intervenções, ele aumenta a área de substrato e agrupa espécies para que aumentem seus processos reprodutivos, além de criar um canal de água que une todas as coberturas. Apesar de não ter o desenho final de seus jardins, nesse processo é possível perceber que ele tem muito entendimento e controle de suas ações e acredita que o jardim é algo vivo, em transformação constante.

“Um jardim é sempre artificial, mas um jardim pode ser refúgio de vida selvagem.” (Clément, 2004)



FIGURA 77 – FOTO ANTES DO PROJETO DO HIGH LINE (FONTE: ARCHDAILY)



FIGURA 78 – RESULTADO FINAL DO HIGH LINE (FONTE: ARCHDAILY)

Outro projeto que reflete as reflexões trazidas pelo Manifesto da Terceira Paisagem, mas dessa vez com outra abordagem, é o High Line de Nova Iorque, construído em 2008. Enquanto ainda se pensava na demolição da linha de trem desativada, o fotógrafo Joel Sternfeld realizou uma série de fotos que retratava a peculiaridade da paisagem do elevador. Retratando a vegetação que crescia espontaneamente com a cidade ao fundo, ele teve papel importante em sensibilizar a população que passou a reivindicar a manutenção ao invés da demolição. Com isso ao iniciar o processo de requalificação da área, os escritórios de design e arquitetura James Corner Field Operations e Diller Scofidio+Renfro, pensaram num projeto que aproveitasse a natureza existente e se relacionasse com a memória do espaço outrora abandonado. A intervenção foi chamada de agro-arquitetura, pois pretende se fundir a natureza pré-existente e aos outros elementos, sendo uma ótima estratégia de desenho de piso e que pretendo usar como referencial.

Muitos autores também discutem a importância dos espaços residuais, e de onde poderíamos extrair outras reflexões. O que a Terceira Paisagem de Clément traz de interessante é seu olhar a partir da importância biológica desses espaços, enaltecendo a vida e o poder da natureza que existe ali, e além desse valor ecológico, ele também ressalta o seu lado estético e cognitivo. Talvez um dos conceitos mais importantes sobre o assunto seja o *terrain vague* de Solà-Morales, em que um dos pontos abordados pelo autor é o sentimento de estranheza que esses espaços nos causam. Ele fala sobre como esse sentimento é diferentemente encarado, para os fotógrafos por exemplo é um espaço de fascinação, mas muitas vezes para os arquitetos é um sentimento que causa um grande desejo de transformação.

“Pertence à essência da arquitetura sua condição de instrumento de organização, de racionalização e de eficácia produtiva capaz de transformar o selvagem em cultivado, o baldio em produtivo, o vazio em edificado. Deste modo, quando arquitetura e desenho urbano projetam seu desejo frente a um espaço abandonado, um *terrain vague*, parece que não podem fazer outra coisa que não seja transformações radicais, modificando o estranhamento pela cidadania e pretendendo a todo custo desfazer-se da magia não contaminada do obsoleto no realismo da eficácia.” (Solà-Morales, 2009)



FIGURA 79 – CAMINHO EM UM MIOLO DE QUADRA DO SETOR SUL (FONTE: GOOGLE EARTH)



FIGURA 80 – CAMINHO EM UM MIOLO DE QUADRA DO SETOR SUL (FONTE: GOOGLE EARTH)

Os miolos de quadra do Setor Sul são, em diferentes níveis, exemplos da Terceira Paisagem, espaços que pela falta de ação humana a natureza se reapropriou e isso é parte importante da identidade do lugar. Nesses espaços se encontram uma rica biodiversidade, dominada por espécies de gramíneas e arbustos, além de árvores de diferentes espécies e tamanhos. Mas além de sua importância ambiental e ecológica, as áreas livres do Setor Sul contam uma parte da história da cidade e a negligência e abandono dos miolos são parte fundamental dessa narrativa, sendo mais importante talvez que o próprio plano em si. Então surgem as questões, até que ponto uma intervenção nesses espaços não é apagar essa história? Até onde projetar?

“Terreno real, misterioso mas explorável, convida o jardineiro a definir o seu espaço, a sua riqueza, o seu habitat. Ele mantém a humanidade suspensa no tempo. Cada semente anuncia o amanhã. É sempre um projeto. O jardim produz bens, tem símbolos, acompanha sonhos. É acessível a todos. Não promete nada e dá tudo.” (Clemént, 2004)

A partir dessas leituras pode-se começar a contruir um modo de encarar a paisagem da qual os miolos de quadra do Setor Sul fazem parte, Clemént deixa claro que esses espaços tem sua importância, beleza e devem ser valorizados. Solà-Morales nos alerta sobre o perigo do desejo de transformação, refletindo sobre a neutralização das características do lugar. Dessa forma se faz necessário pensar numa intervenção que respeite a condição e história desse lugar, enaltecendo a biodiversidade local e levando em conta esse movimento natural que já existe, dialogando entre o controlado e o imprevisível.

Numa investigação através do Google Street View, facilmente pode-se enxergar a beleza e a potencialidade dessas áreas livres a partir do olhar da Terceira Paisagem. Nessa páginas e nas próximas existe uma seleção de imagens que reconhecem essa dimensão desses espaços, tentam revelar como um dos pontos mais interessantes da espacialidade desse lugar está relacionada ao abandono, a marginalidade e presença e o domínio dessa natureza não controlada.



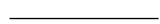


A PROPOSTA

PRESERVAR
vegetação e
experiência



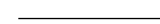
EXPLORAR
espacialidades
e usos



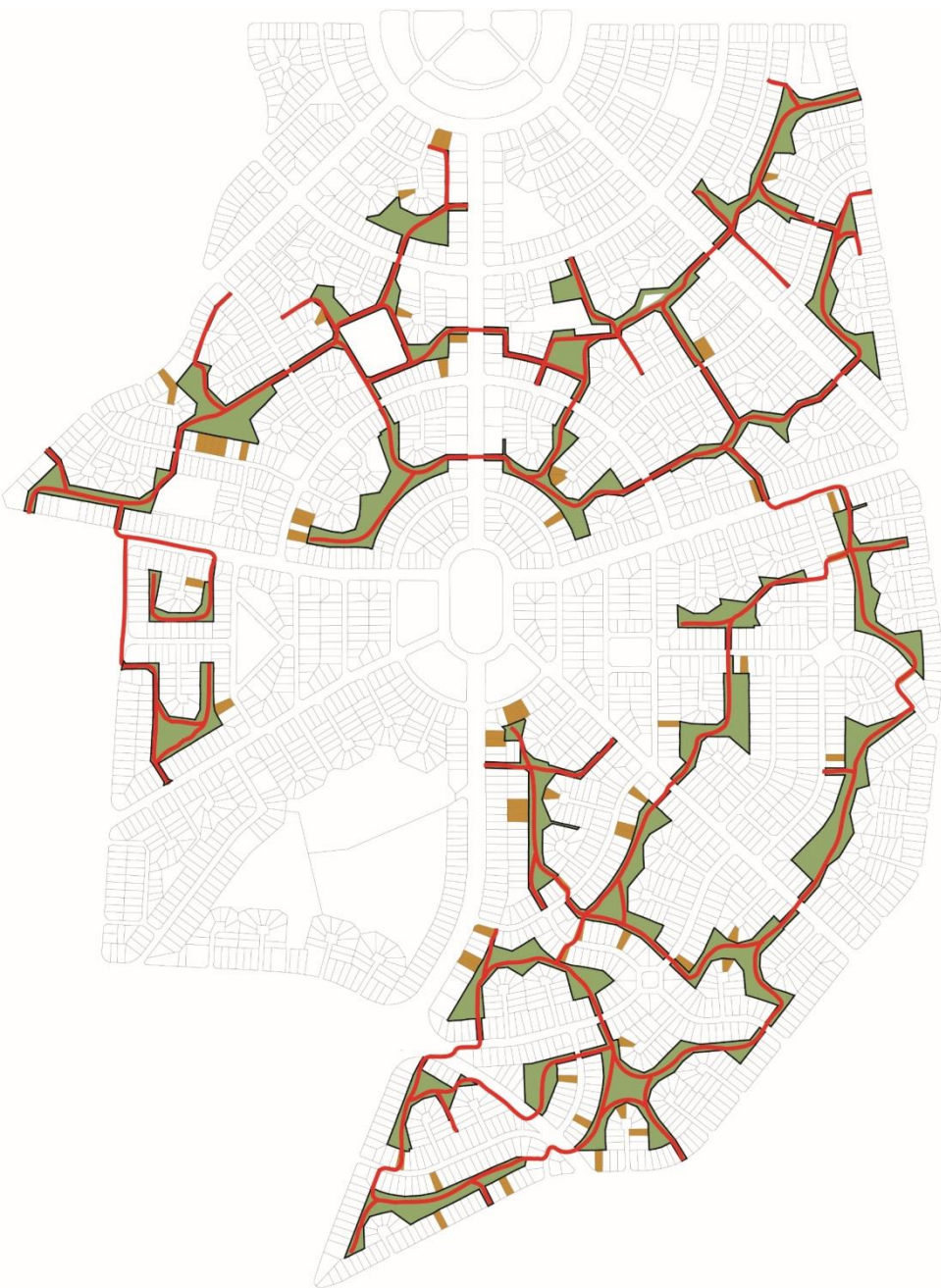
INTEGRAR
espaço e
história



VALORIZAR
itens naturais e
artificiais



APROVEITAR
equipamentos
e caminhos



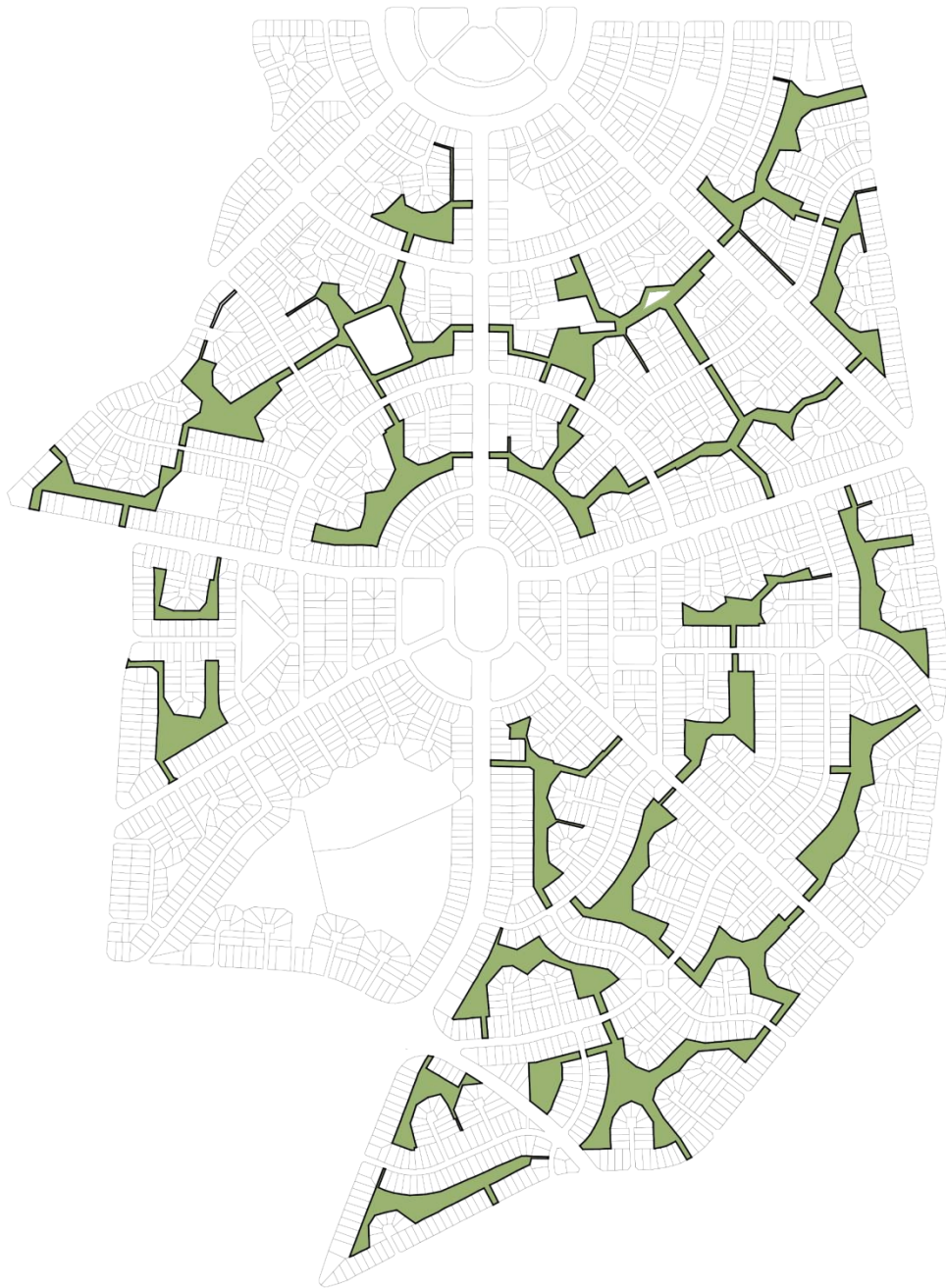
O CIRCUITO BAIRRO-JARDIM

Ao experienciar as áreas verdes do Setor Sul, pode-se perceber que existe um grande poder de transformação do espaço a partir da criação de uma rede de caminhos integradores, que convidem quem passa a descobrir esse lugar. Isso é uma das demandas trazidas pelos moradores e fica evidente nas conversas realizadas em que praticamente todos os entrevistados falaram sobre o uso desses espaços como rotas alternativas para se atravessar ao caminhar pelo bairro.

A partir daí, como primeiro passo no processo de desenho do projeto, realizei um estudo de possíveis rotas ao longo do sistema de espaços livres do bairro. Compreendendo os miolos de quadra e os lotes vagos como o campo de projeto, ressaltai esses espaços no mapa diminuindo a hierarquia de todo o restante. Dessa forma, foi possível visualizar melhor o que pode ser entendido como o Parque do Setor Sul, um arquipélago verde a ser descoberto.

Fazendo uma análise dos caminhos existentes, sem qualquer distinção de tipos, comecei a traçar os percursos ainda na escala do bairro, marcando o que seriam os principais caminhos deste parque. Nesse processo percebi que nem todas as quadras são facilmente conectáveis, mas como um todo é possível perceber que há uma grande continuidade e a possibilidade de percorrer todo o bairro através desses caminhos internos.

Dentre as maiores dificuldades de se trabalhar esse território está a sua escala, pensando nisso selecionei um recorte para começar a fazer aproximações e enfim chegar a um desenho de projeto. O trecho foi escolhido por incluir uma diversidade de situações, equipamentos e escalas, além de possuir graus diferentes de infraestrutura e conservação, além disso, foi escolhido um trecho contínuo e que estivesse localizado mais próximo ao centro do bairro, entendendo que as quadras nas margens possuem dinâmicas diferenciadas por também estarem próximas de outros bairros.



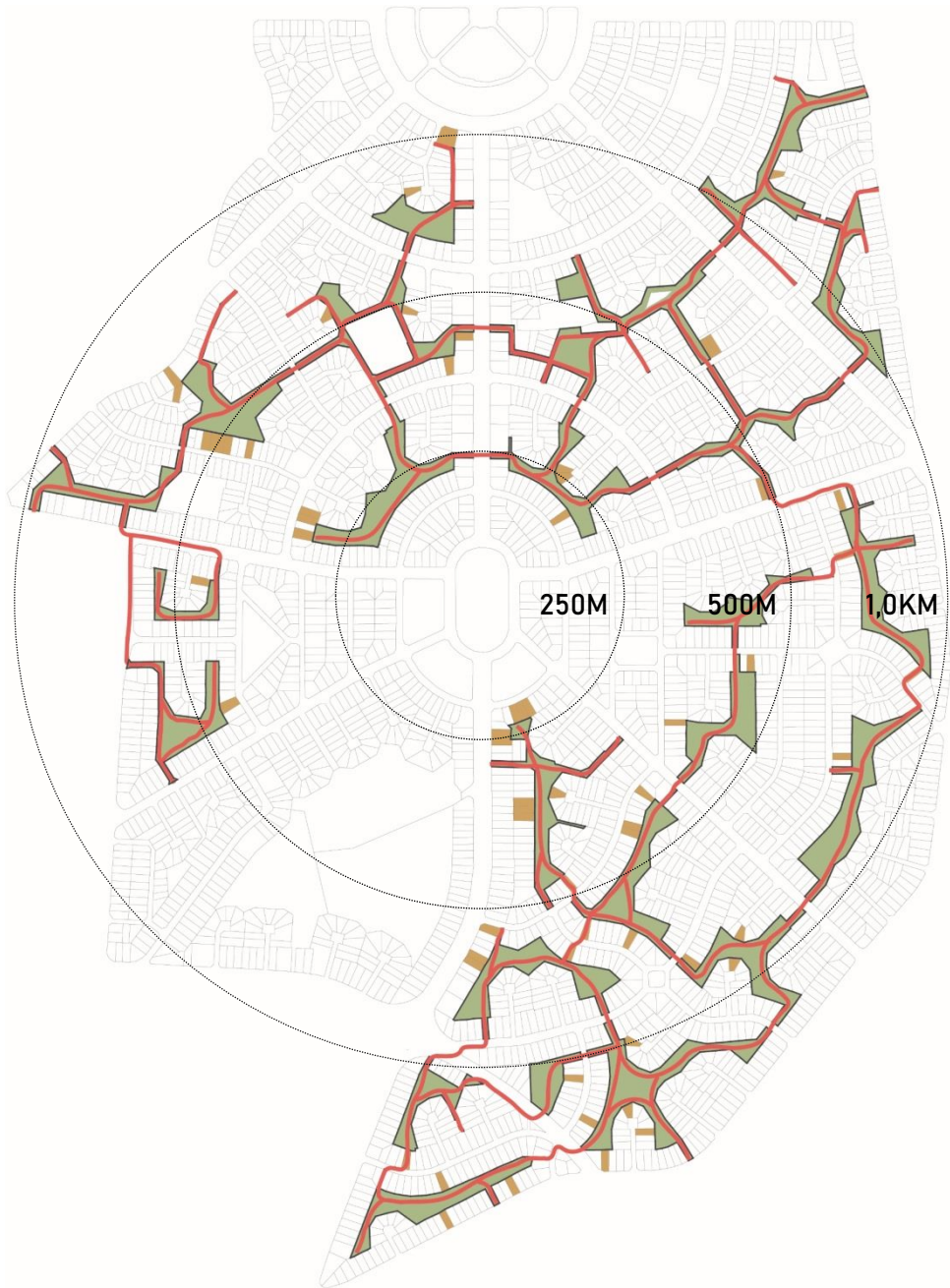
O CIRCUITO BAIRRO-JARDIM



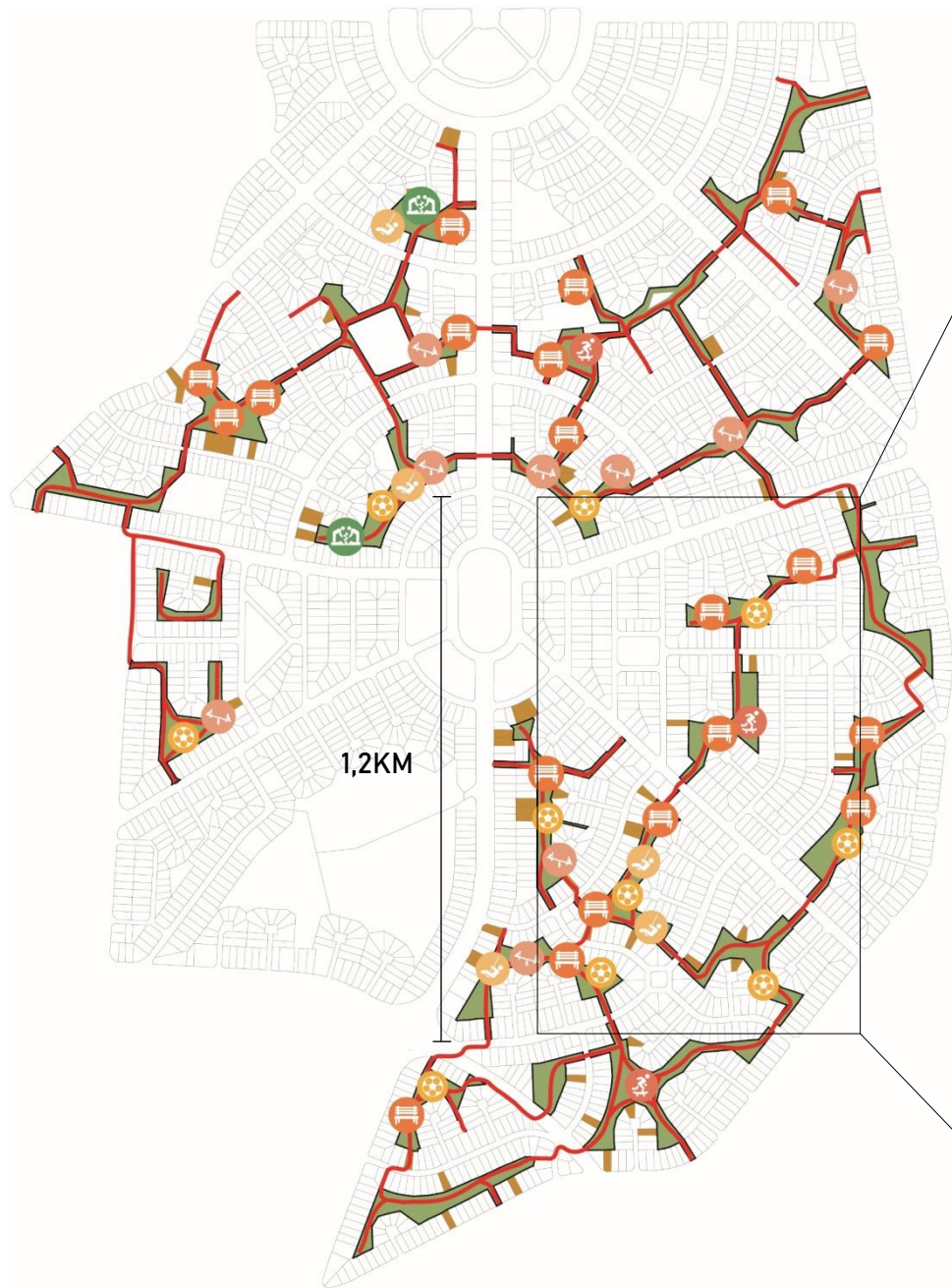
O CIRCUITO BAIRRO-JARDIM



O CIRCUITO BAIRRO-JARDIM



O CIRCUITO BAIRRO-JARDIM



TRAVESSA 110

PRAÇA DA BACIA

BOSQUE DOS PÁSSAROS



RECONHECIMENTO DOS CAMINHOS (1:1000)

CAMINHO DETERIORADO





CAMINHO COM VEGETAÇÃO



CAMINHO ASFALTADO



-  CAMINHOS PAVIMENTADOS
-  CAMINHOS NÃO PAVIMENTADOS



PROPOSTA PARA OS CAMINHOS (1:1000)

PRESERVAÇÃO DE ROTAS
ALTERNATIVAS PELAS ÁRVORES

PAVIMENTAÇÃO DE ROTAS
JÁ MARCADAS NA TERRA

TRAVESSIAS ELEVADAS
CONECTANDO OS MIOLOS

UNIÃO DE ROTAS COM
ELEMENTOS DE DRENAGEM

MANUTENÇÃO E PRESERVAÇÃO DE
CAMINHOS COM VEGETAÇÃO

PRESERVAÇÃO DE CAMINHOS
EM BOM ESTADO

REFORMA NOS TRECHOS
DETERIORADOS



RECONHECIMENTO DA DRENAGEM (1:1000)

CALHA ESTREITA PRÓXIMA AOS LOTES



CALHA EM CONCRETO COM VEGETAÇÃO



CALHA LARGA EM MEIO ÀS ÁRVORES



PROPOSTA PARA A DRENAGEM (1:1000)

APROVEITAMENTO DE CALHAS
EXISTENTES

SISTEMA DE BACIAS DE
RETENÇÃO E CALHAS

USO DE PROGRAMAS
EXISTENTES PARA AS BACIAS



PRAÇA DA BACIA (1:500)



CAMINHO CONSERVADO



BOSQUE



CAMINHONETE ABANDONADA



GALINHAS



BANCOS NAS ÁRVORES



VESTÍGIOS DE FOGUEIRA



BACIA DE SKATE



MUDAS

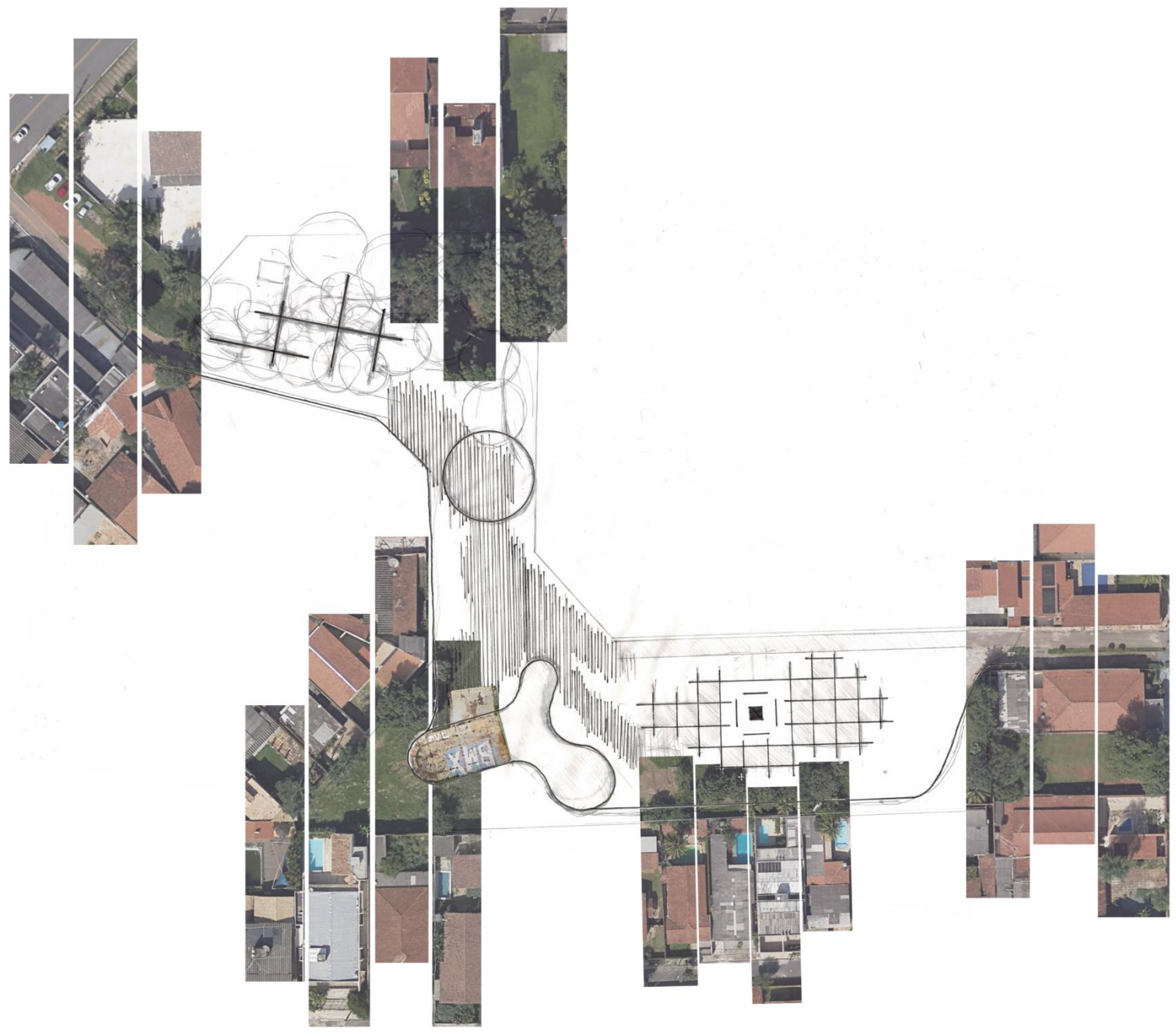


CAMINHO PELAS ÁRVORES

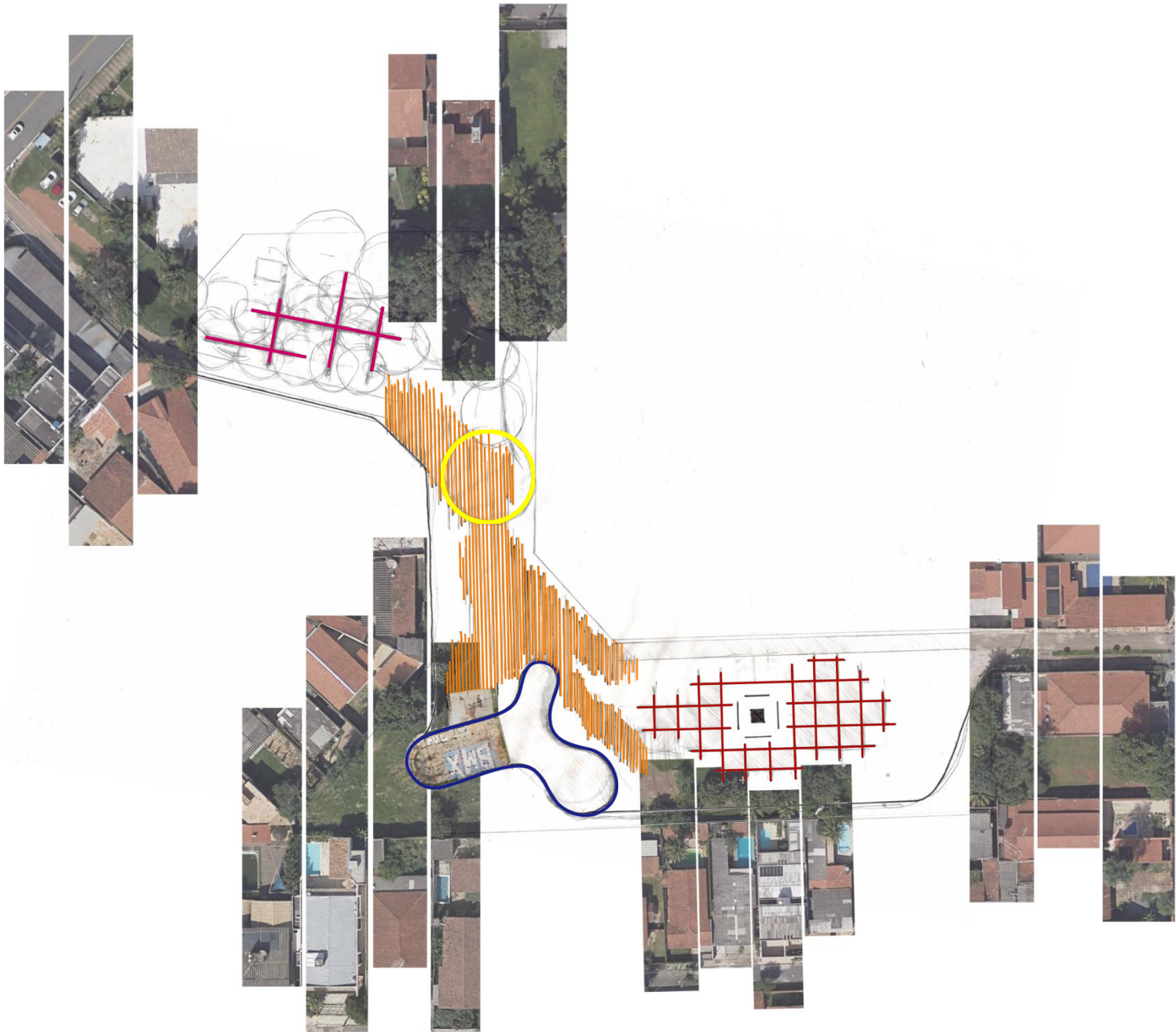


INTENÇÕES PRAÇA DA BACIA (1:500)

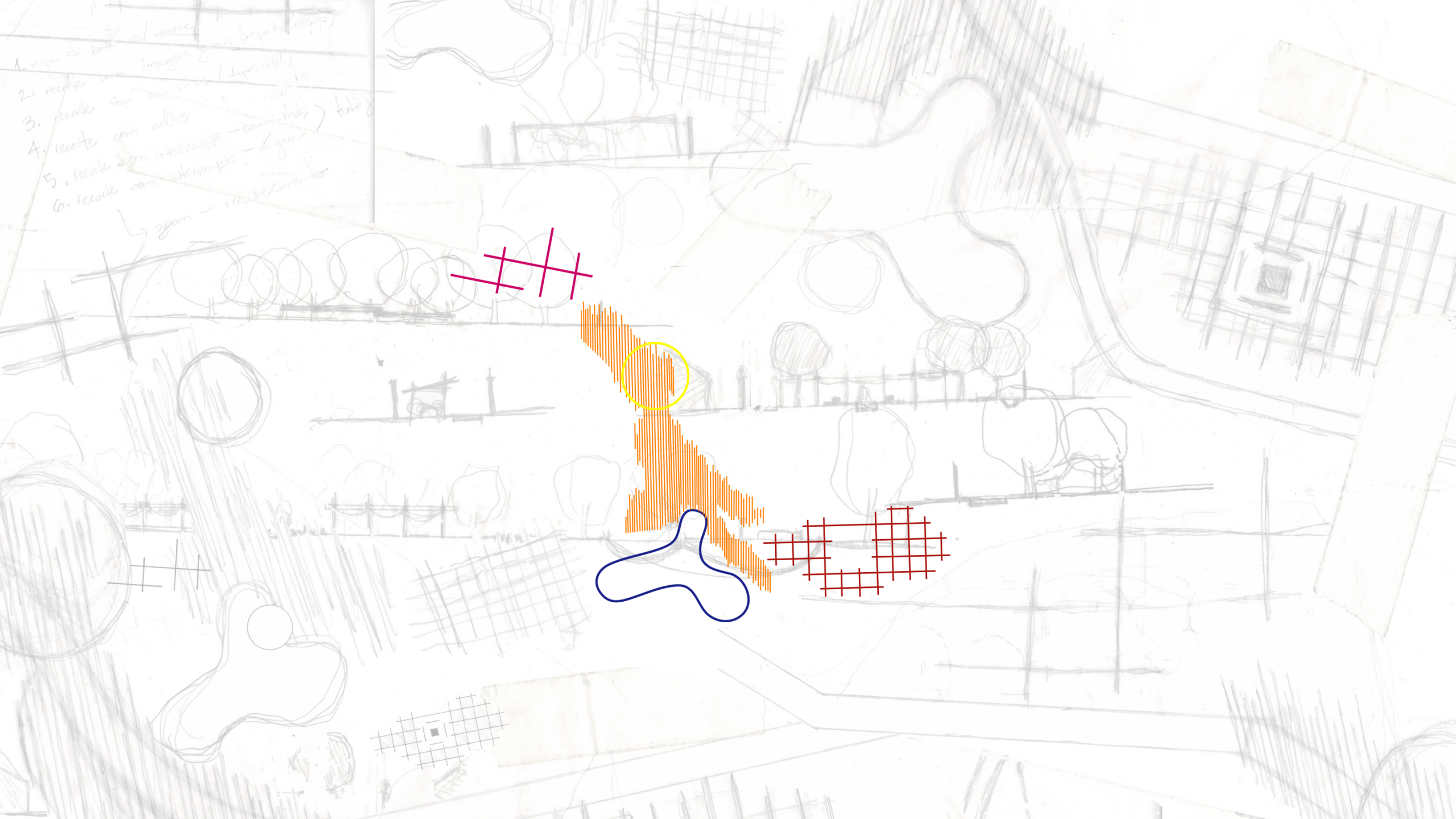


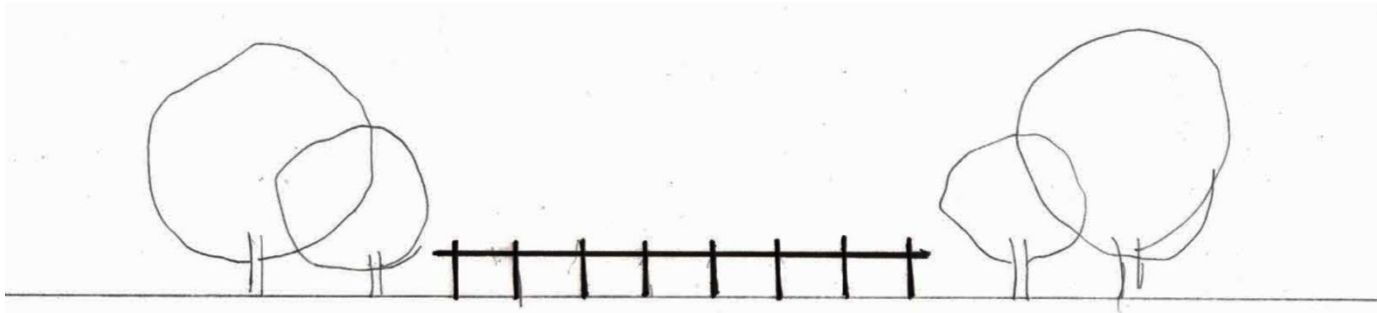


IMPLANTAÇÃO

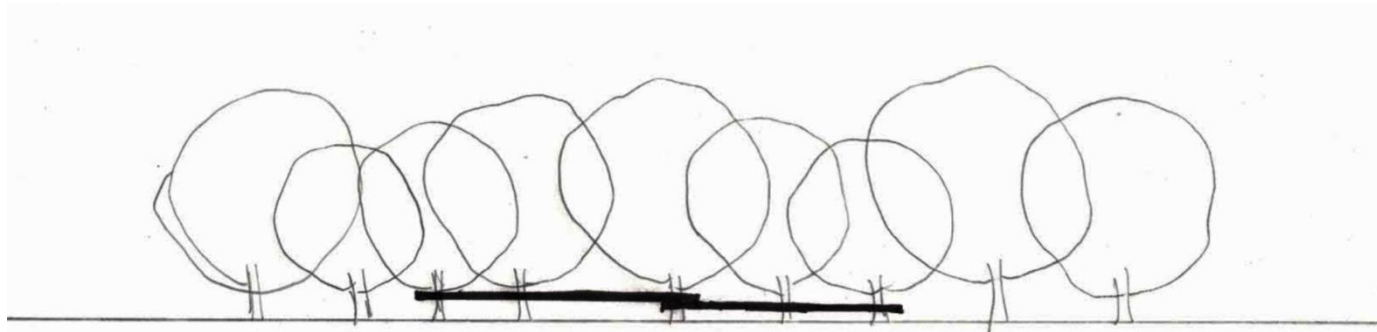


1. mapa do bairro
 2. recorte com imagens boas (repare imagens)
 3. recorte com caminhos (tipos dif.)
 4. recorte com calçadas
 5. recorte com intervenções - canchinhos
 6. recorte com intervenções - Lazer
- ↳ zoom - reatualização

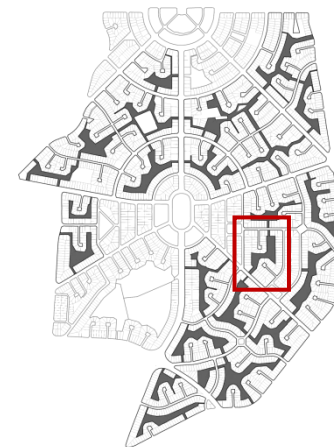




A GRELHA: OCUPANDO O VAZIO

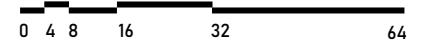


AS BARRAS: APROVEITANDO O CHEIO



- 1 PORTAIS
- 2 BARRAS
- 3 ANEL
- 4 BACIA
- 5 GRELHA
- 6 ESTUFAS

PLANTA GERAL





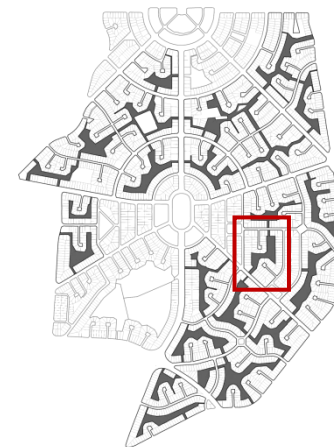
- 1 CAMINHO EXISTENTE PREENCHIDO COM NOVO PISO
- 2 CAMINHO DETERIORADO EM TERRA COM NOVO PISO
- 3 CAMINHO EXISTENTE REFORMADO
- 4 CAMINHO PROPOSTO COM PISO DRENANTE

O CHÃO

A proposta de piso faz a costura dos caminhos existentes na quadra, se aproveitando do alargamento que o caminho central formou na terra, a intervenção visa dissolver seus limites se fundindo com a vegetação e ressaltando o caminho que ela preenche através da permanência do meio-fio. Sua largura é suficiente para o compartilhamento de usos, não sendo necessária a demarcação de funções. Usando placa cimentícias antiderrapantes de alto desempenho, a paginação visa ressaltar a diferença de momentos do trajeto, sendo utilizada em seu tamanho padrão e com paginação contínua nos caminhos existentes e com meia placa e paginação intercalada na área central. Além disso, o caminho entre as árvores é reformado e nele se utiliza placas cimentícias que buscam rememorar o piso que já existe mas encontra-se deteriorado. Por fim, duas novas rotas são criadas, elas atravessam os novos acessos criados pelas estufas nos lotes vagos. Essas rotas são feitas de um piso drenante de vergalhões e sua largura revela sua posição como caminho alternativo, uma espécie de trilha entre a vegetação.

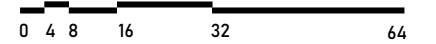


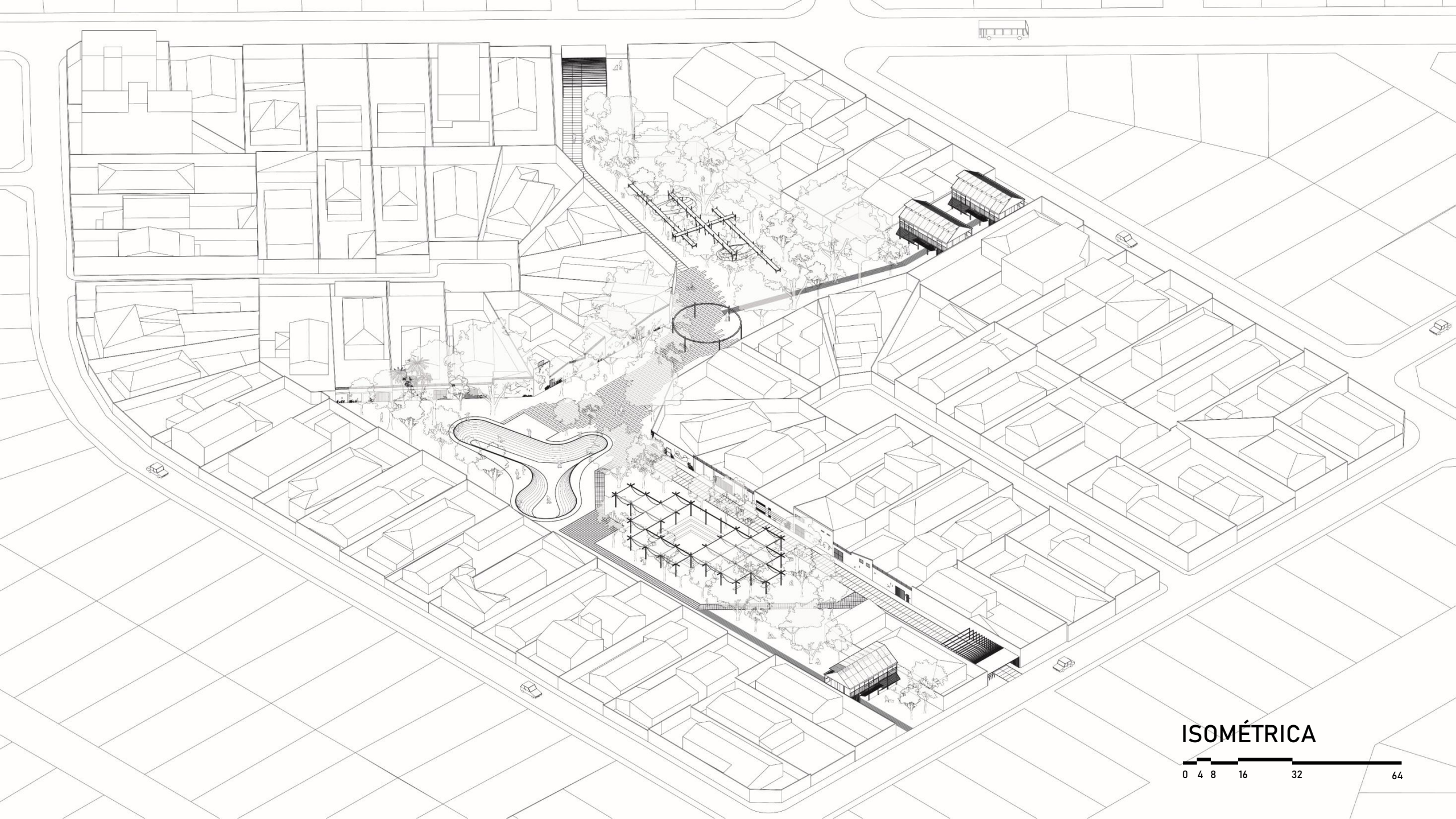
DETALHE DO PISO DRENANTE DOS CAMINHOS DAS ESTUFAS



- 1 PORTAL
- 2 BARRAS
- 3 ANEL
- 4 BACIA
- 5 GRELHA
- 6 ESTUFA

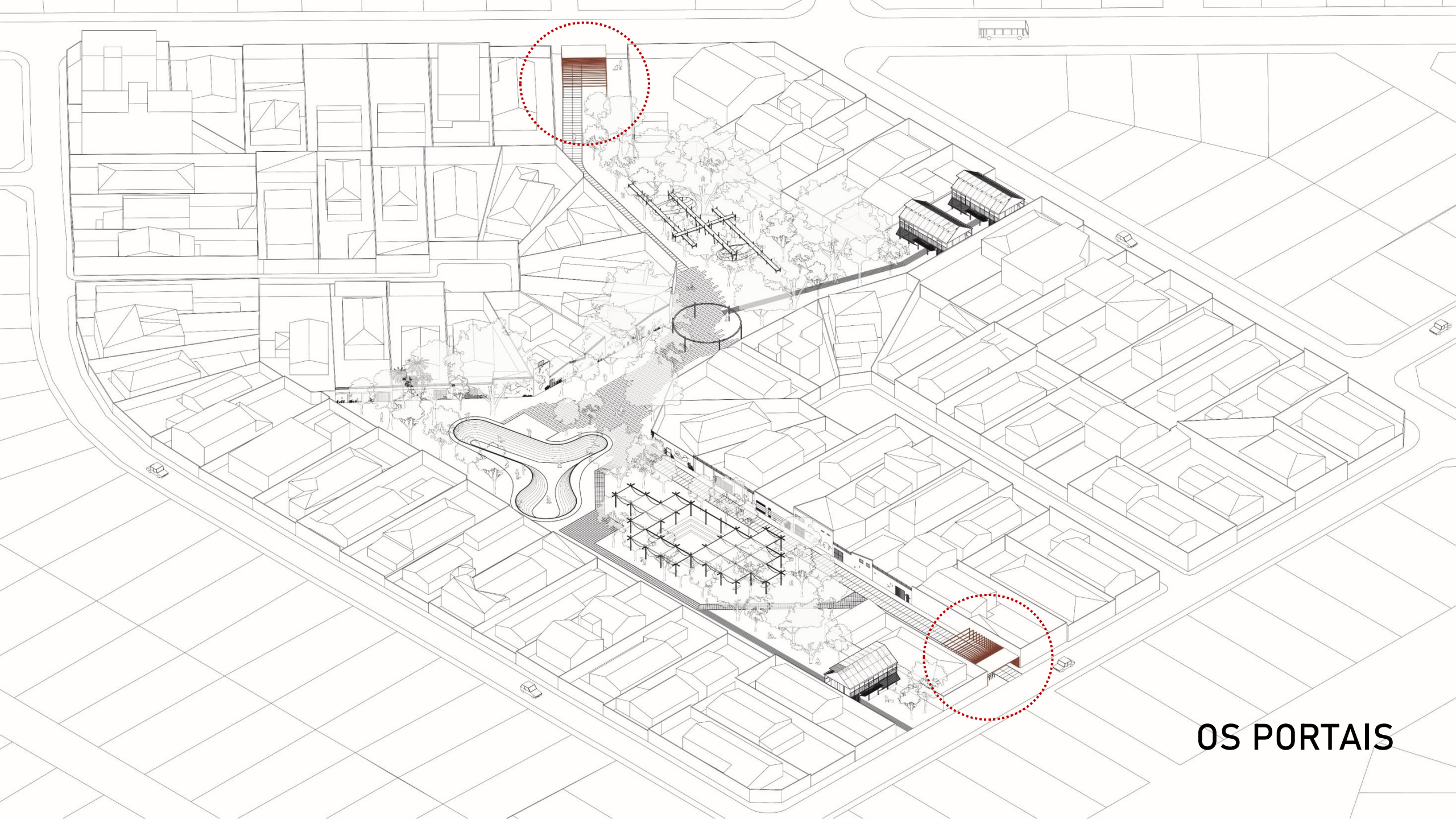
APROXIMAÇÕES



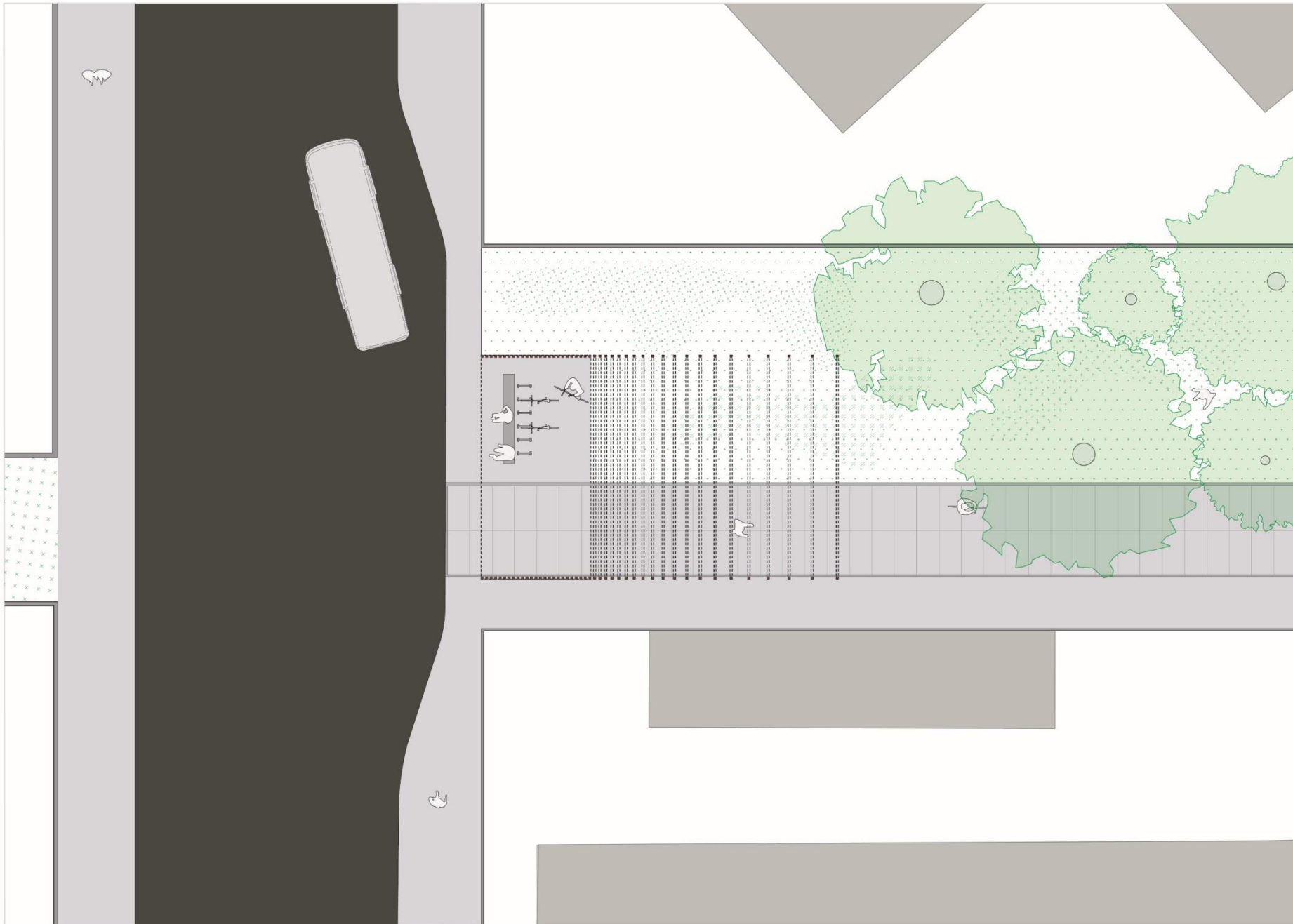


ISOMÉTRICA

0 4 8 16 32 64



OS PORTAIS



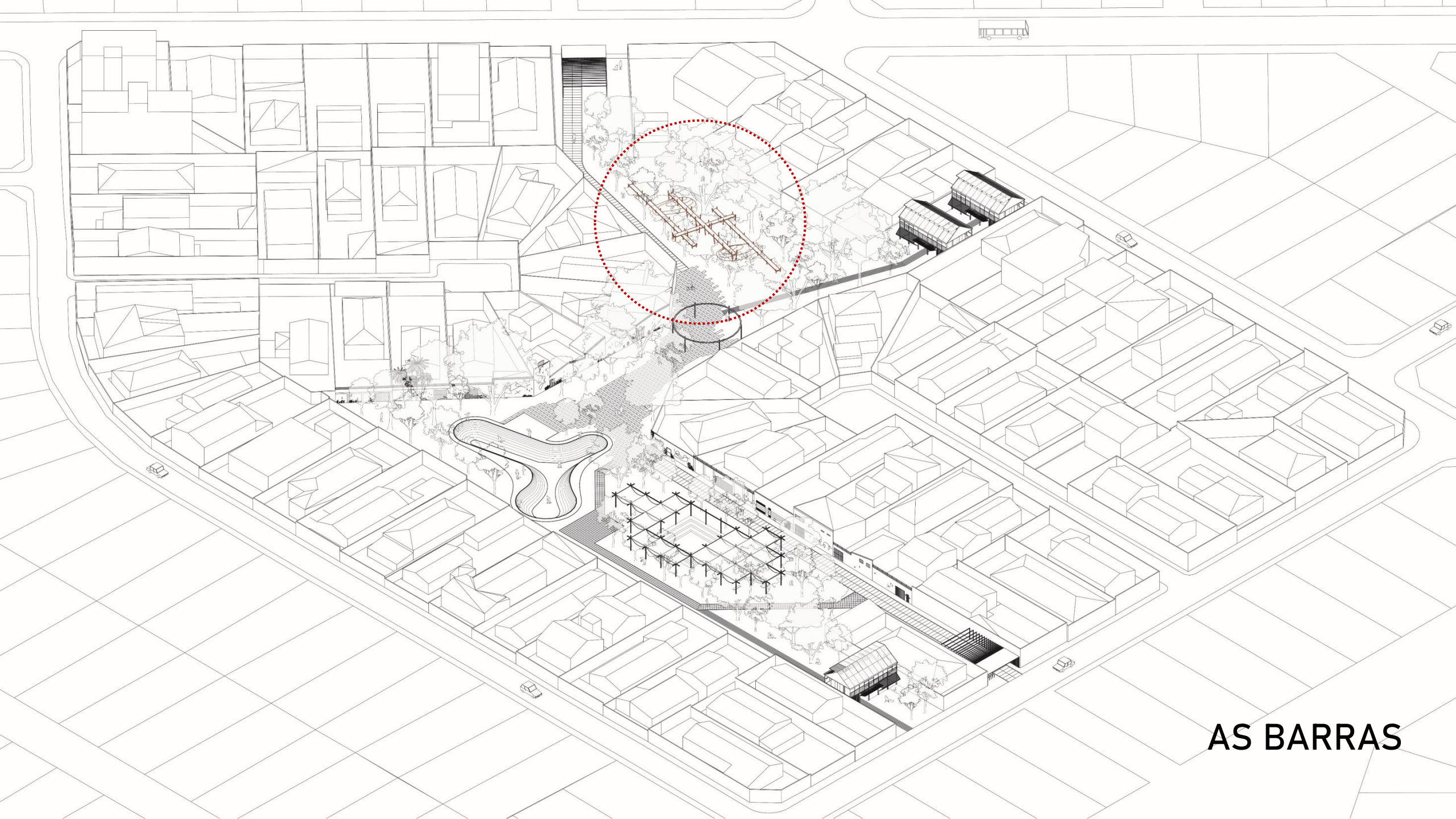
Nos acessos da quadra foram projetados elementos de cobertura que marcam a entrada e criam um abrigo. Uma espécie de pergolado que valoriza e ressalta a sensação de decompressão ao entrar no interior da quadra. Essa estrutura abriga um ponto de ônibus e um bicicletário, mas poderia ser usada como um espaço de estar ou possuir outras funções como um espaço para placas informativas entre outras coisas.

PLANTA BAIXA

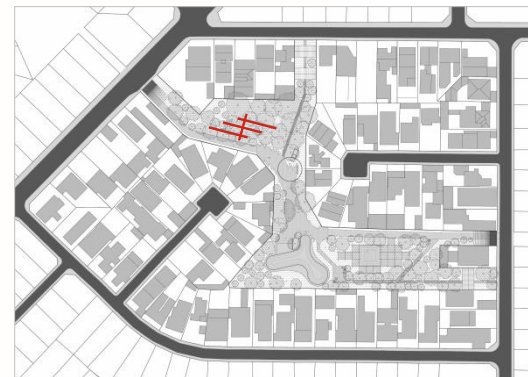
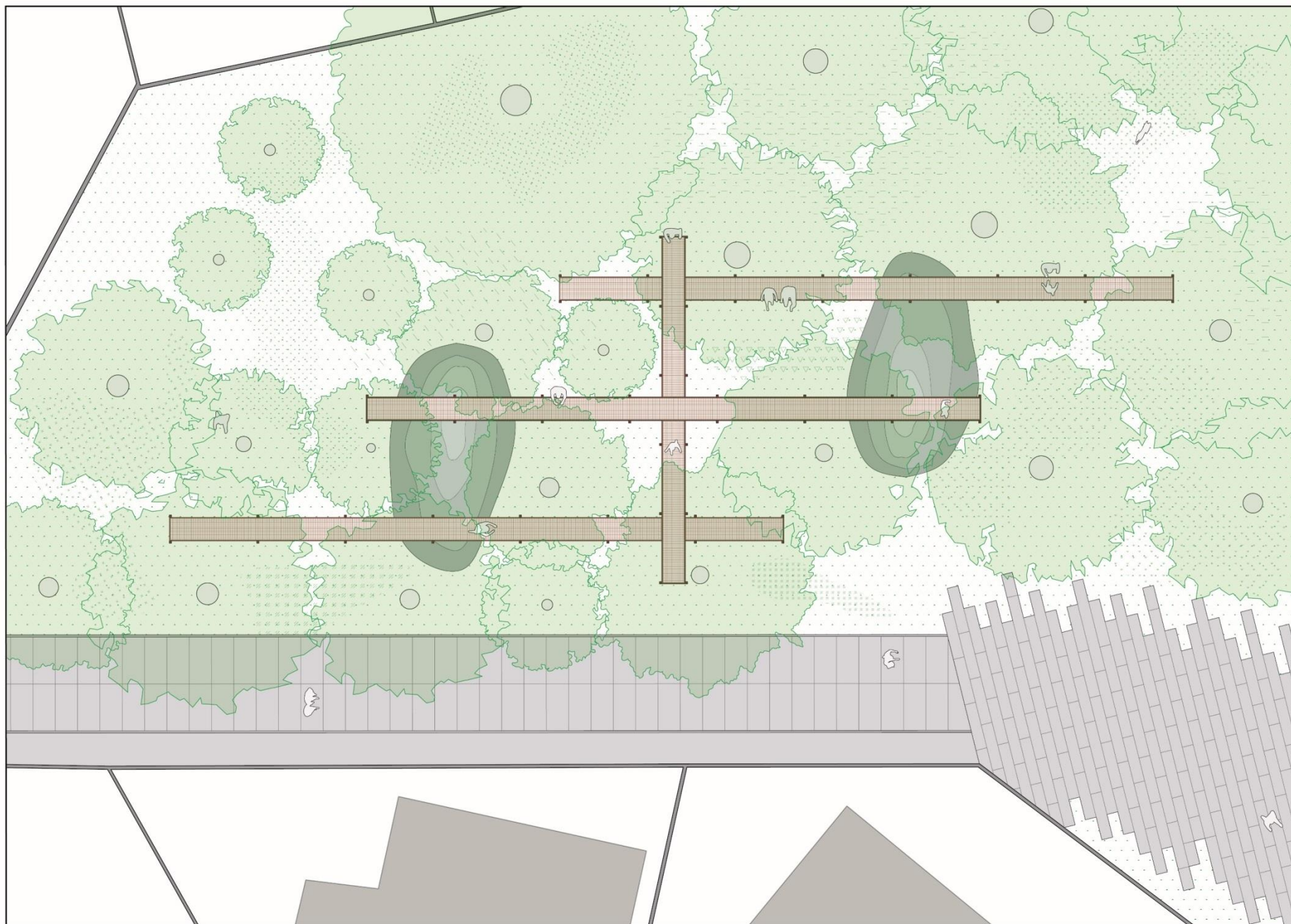




CORTE



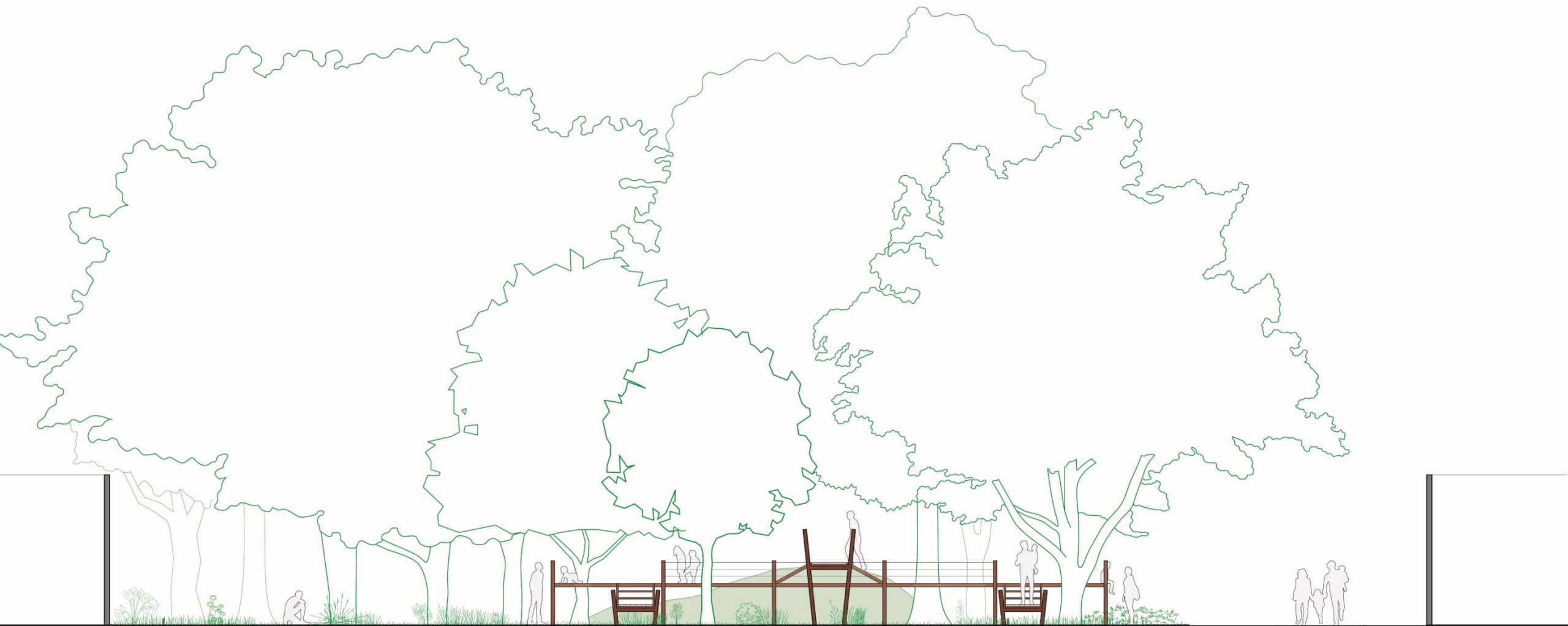
AS BARRAS



Em um espaço completamente preenchido por árvores, a intervenção propõe uma nova experiência de uso do lugar e do caminhar entre os troncos. A estrutura se apropria do cheio e dialoga com a ideia do brincar e subir em árvores, criando relações íntimas com elas. É criada uma topografia artificial com a terra retirada da bacia e nela são apoiadas quatro passarelas de grades de piso metálicas em diferentes alturas que sugere uma experiência lúdica do espaço, ora servindo como apoio, mobiliário, brinquedo ou tudo ao mesmo tempo.

PLANTA BAIXA

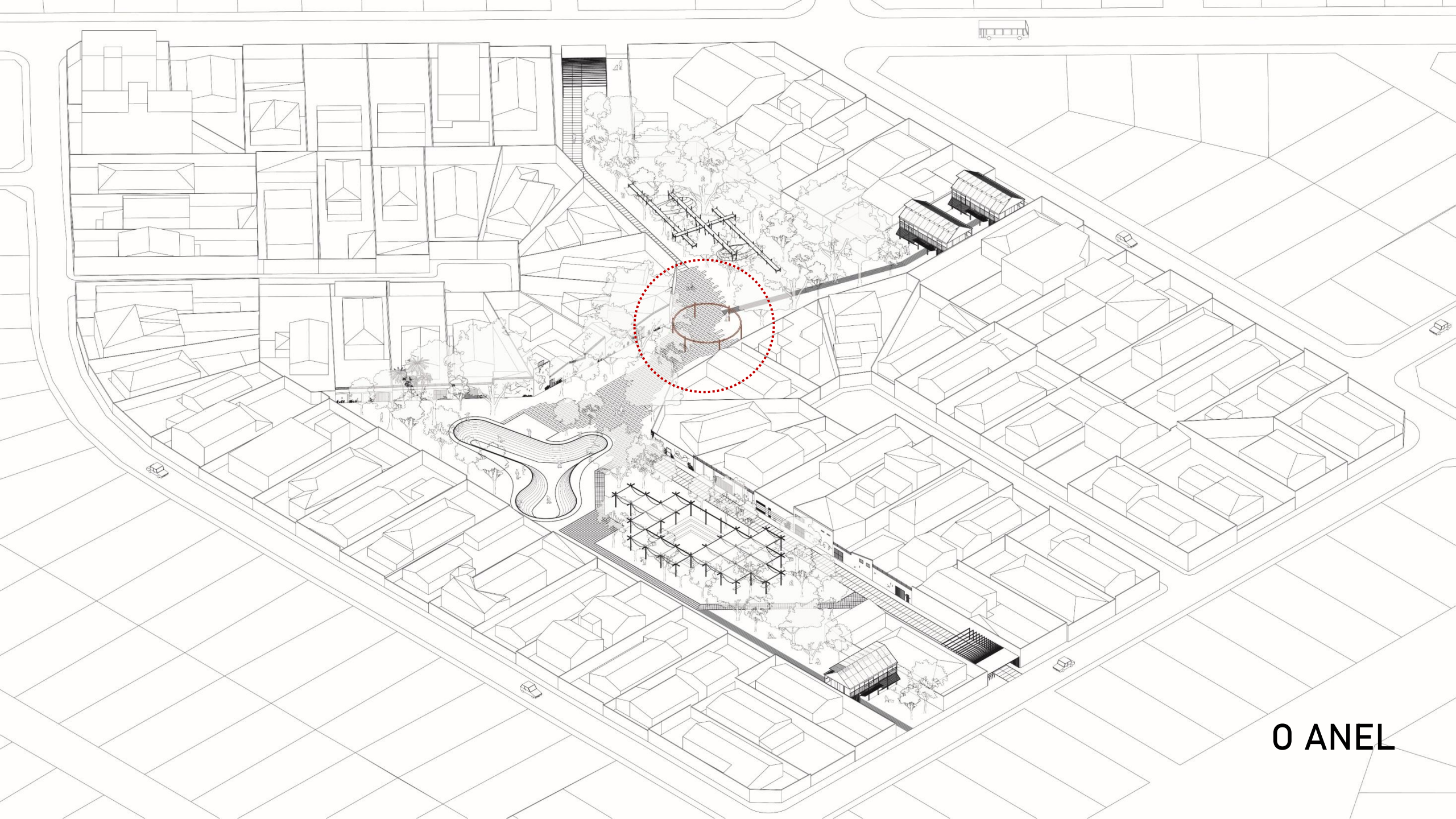




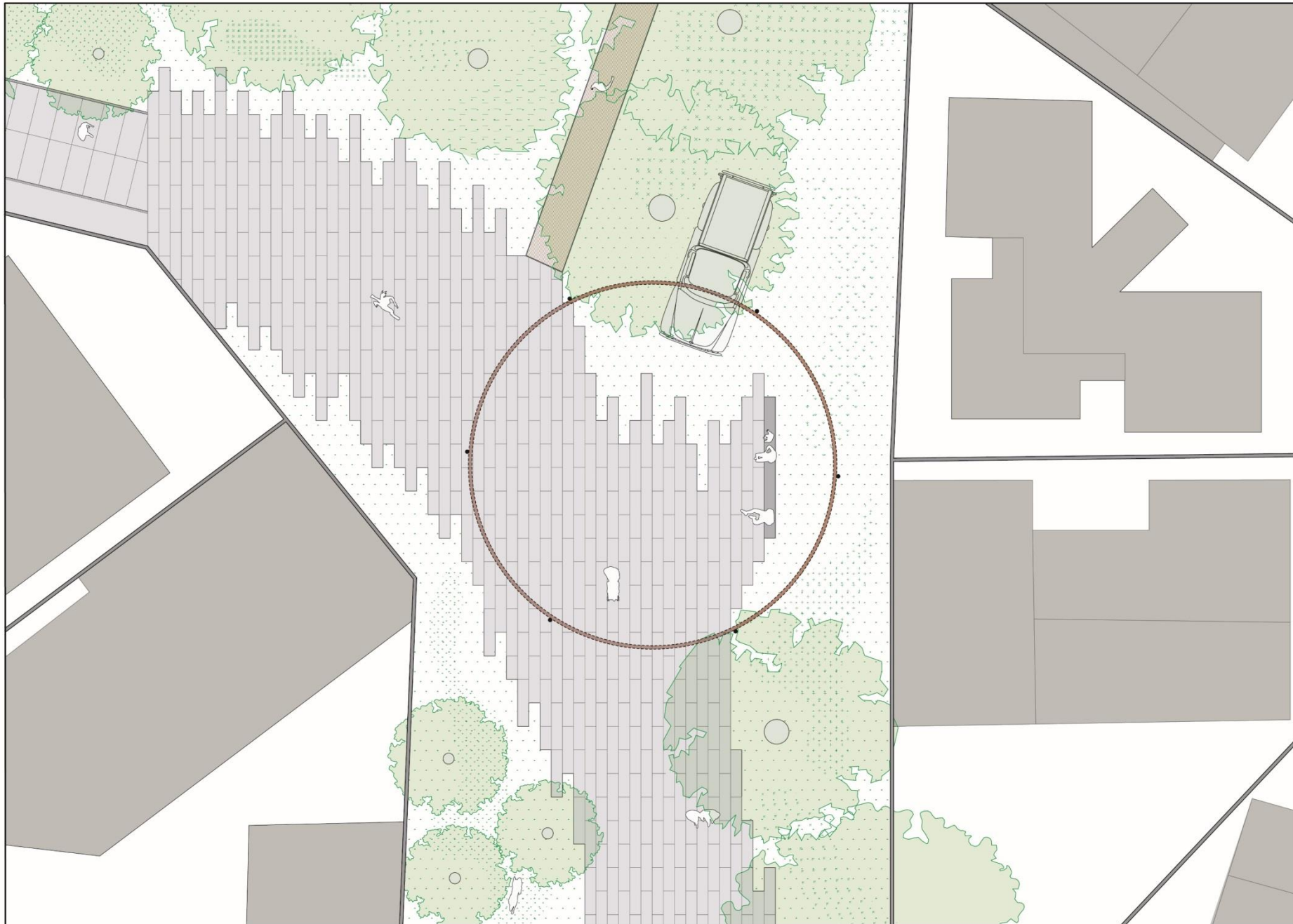
CORTE



PERSPECTIVA

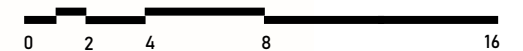


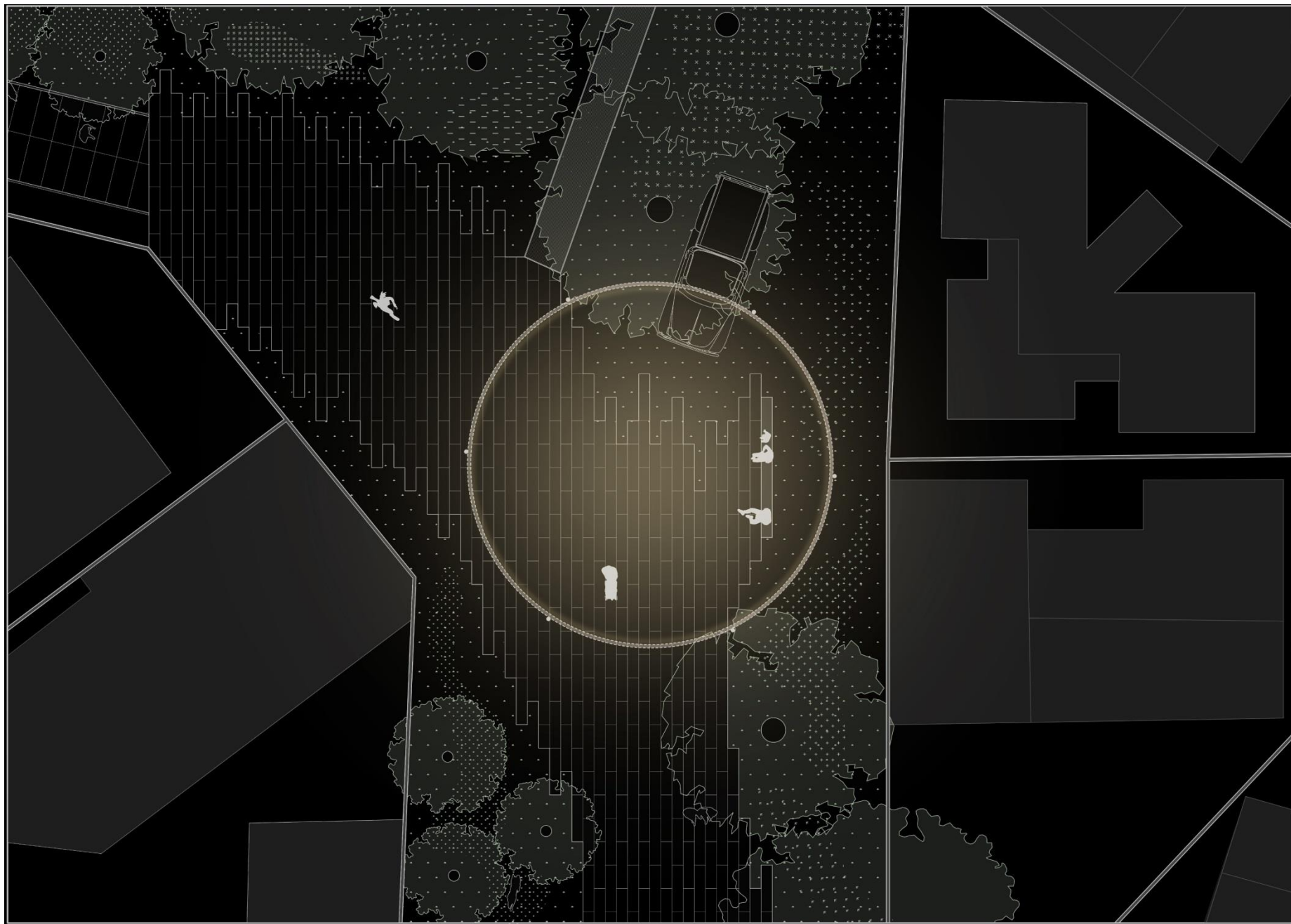
0 ANEL



Ao atravessar a quadra todos tem de passar pelo anel. Ele sugere ser um ponto de encontro por sua forma circular, sua posição central e sua relação com um item marcante da paisagem. Um círculo iluminado que surge para valorizar a caminhonete abandonada enquanto um elemento escultórico dessa quadra. Ao mesmo tempo, o anel cria uma espacialidade específica e estabelece um espaço de uso indefinido, além de também incentivar o uso noturno do lugar.

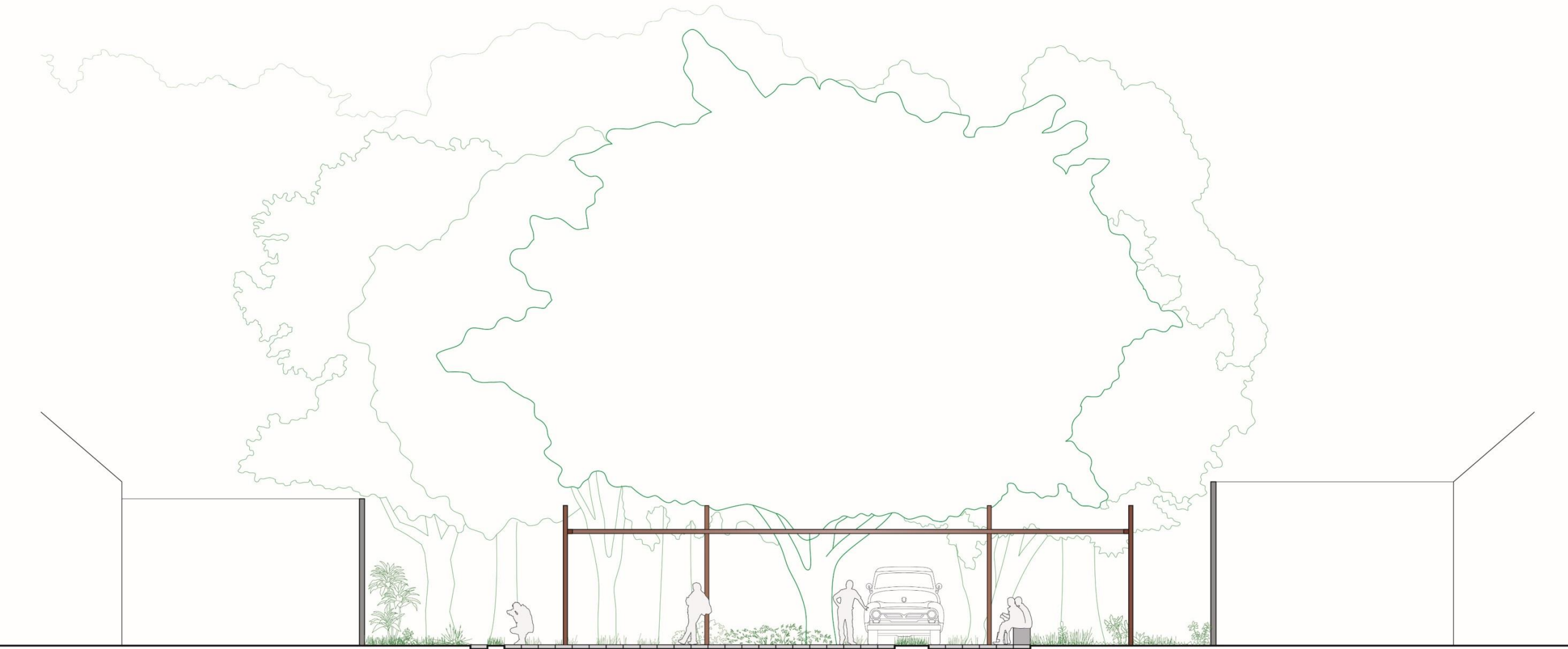
PLANTA BAIXA





PLANTA BAIXA



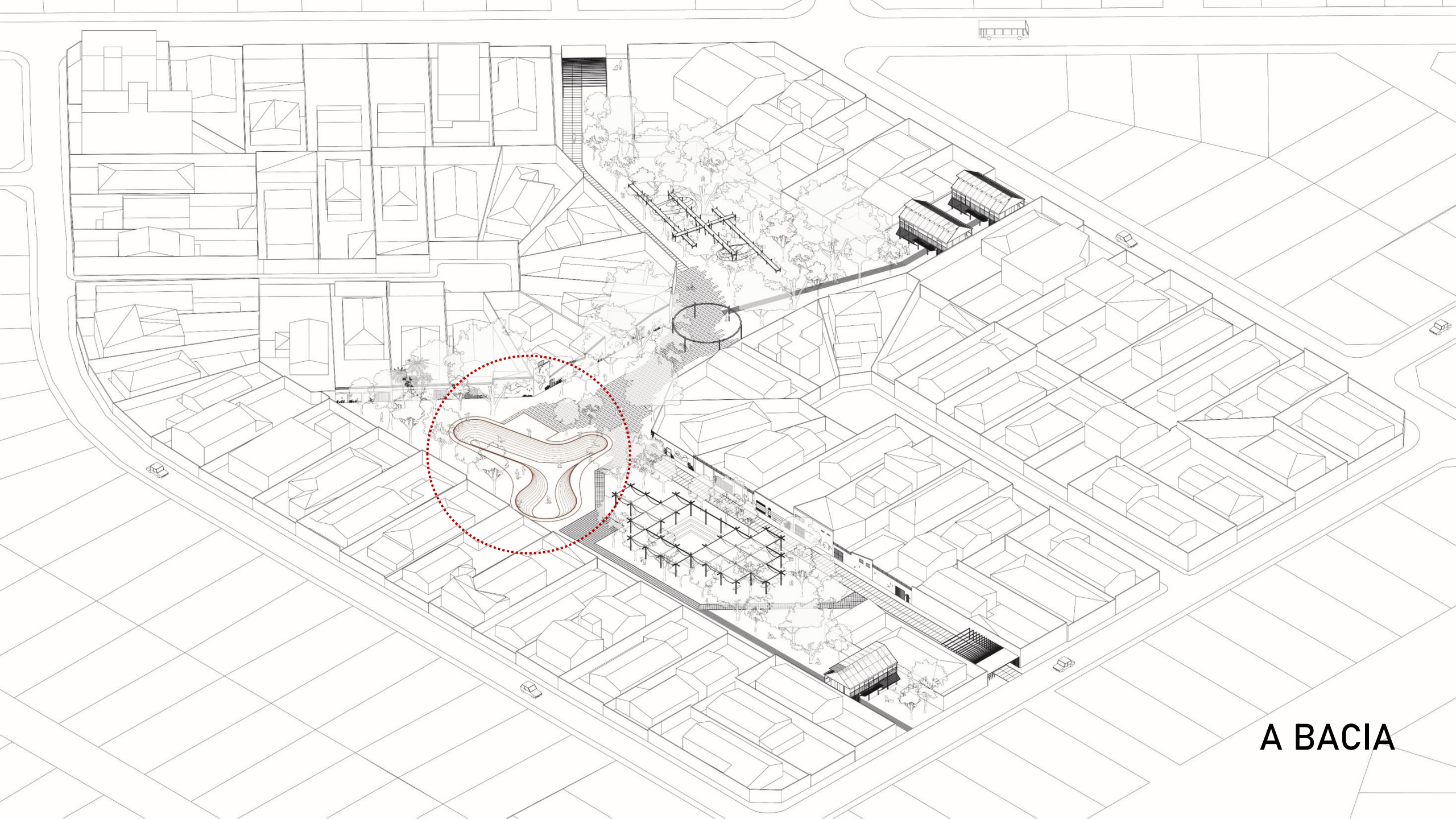


CORTE

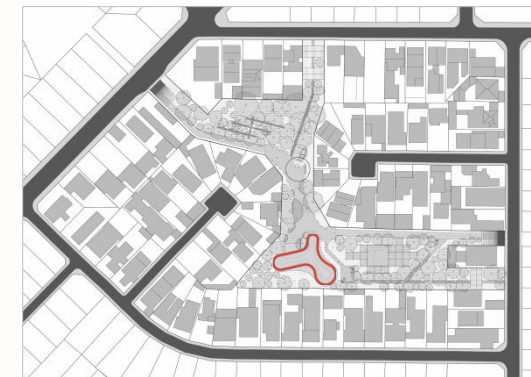
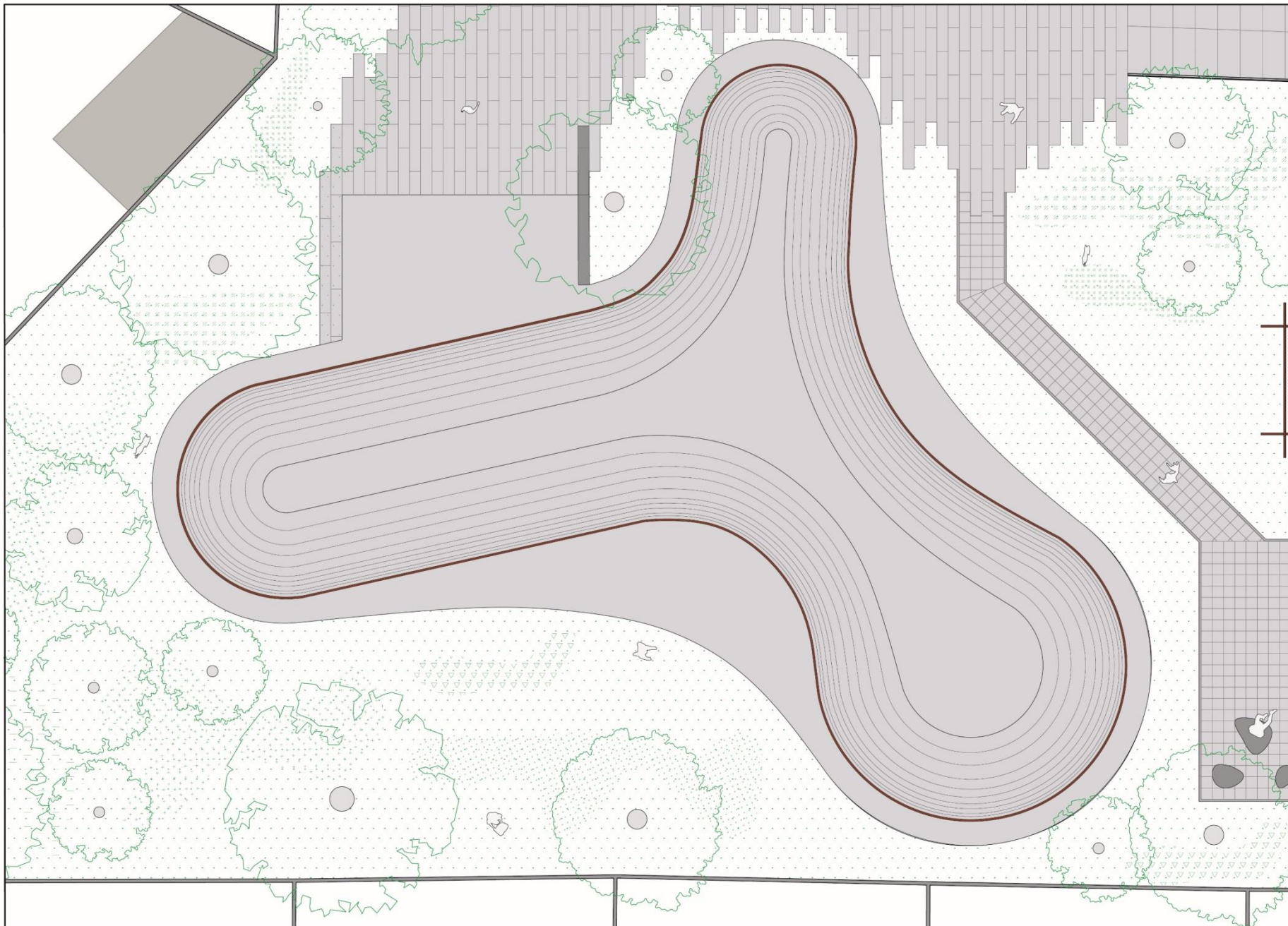




PERSPECTIVA



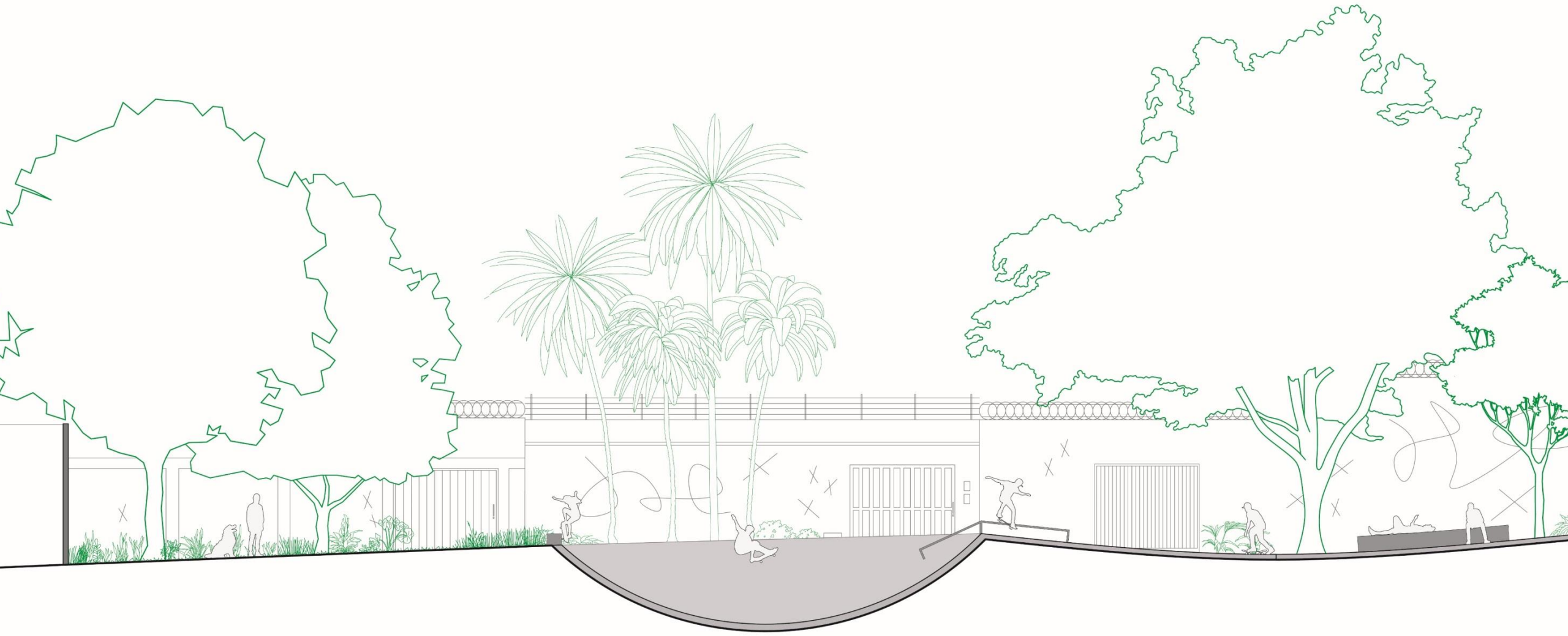
A BACIA



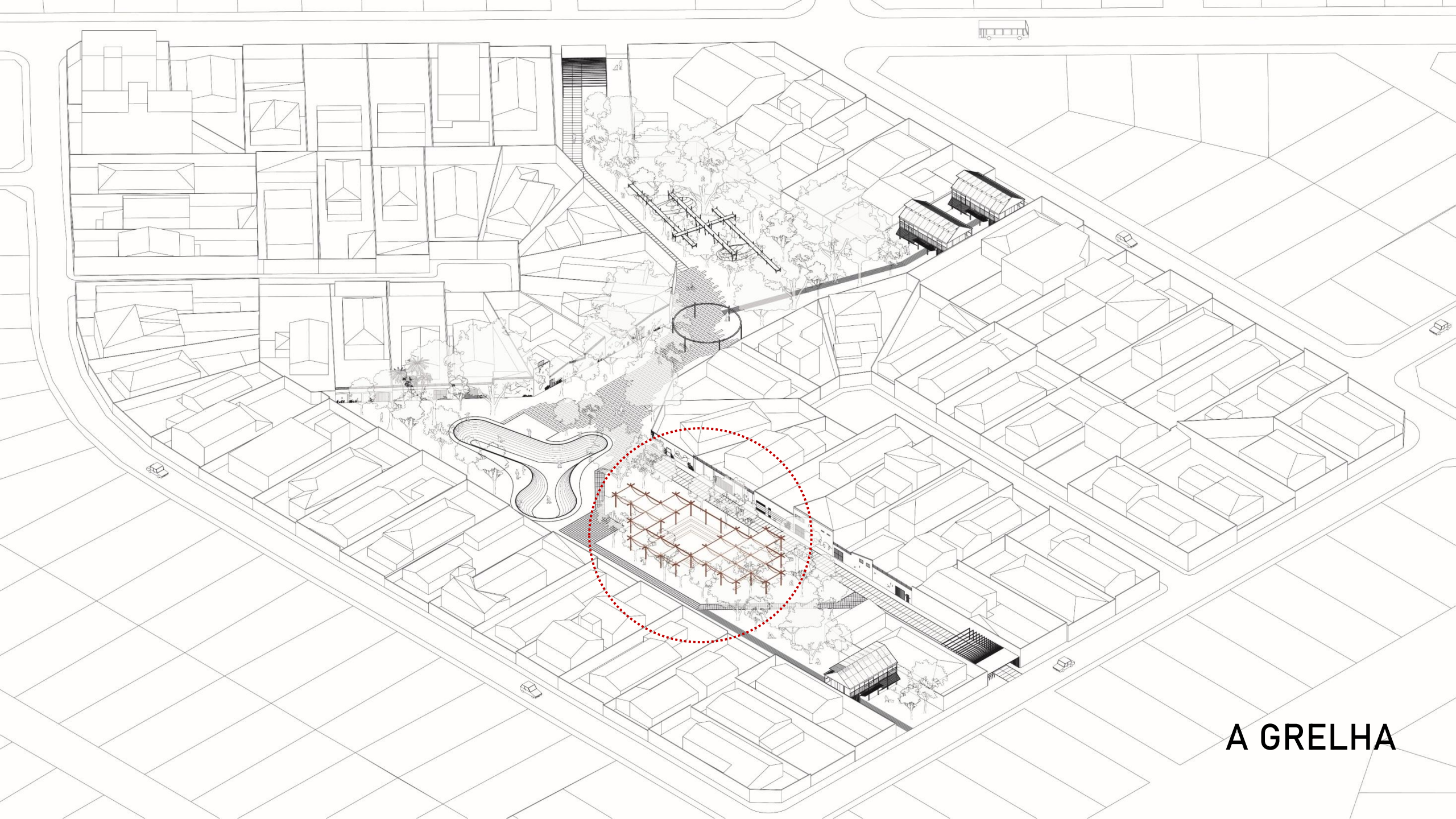
A pista de skate, apelidada de bacia, surge como uma oportunidade perfeita de apropriação do projeto. Construída com concreto polido feito in loco, a ideia é manter o traçado existente construindo a partir dele, aumentando suas dimensões e profundidade. Essa expansão também possibilita seu uso para outro fim, o de retenção de águas da chuva, preparando o terreno para a chegada da época chuvosa. O investimento nesse equipamento é uma aposta nos skatistas que construíram uma verdadeira territorialidade se apropriando desse e de outros espaços do bairro, chegando a reformar e cuidar do lugar por conta própria

PLANTA BAIXA

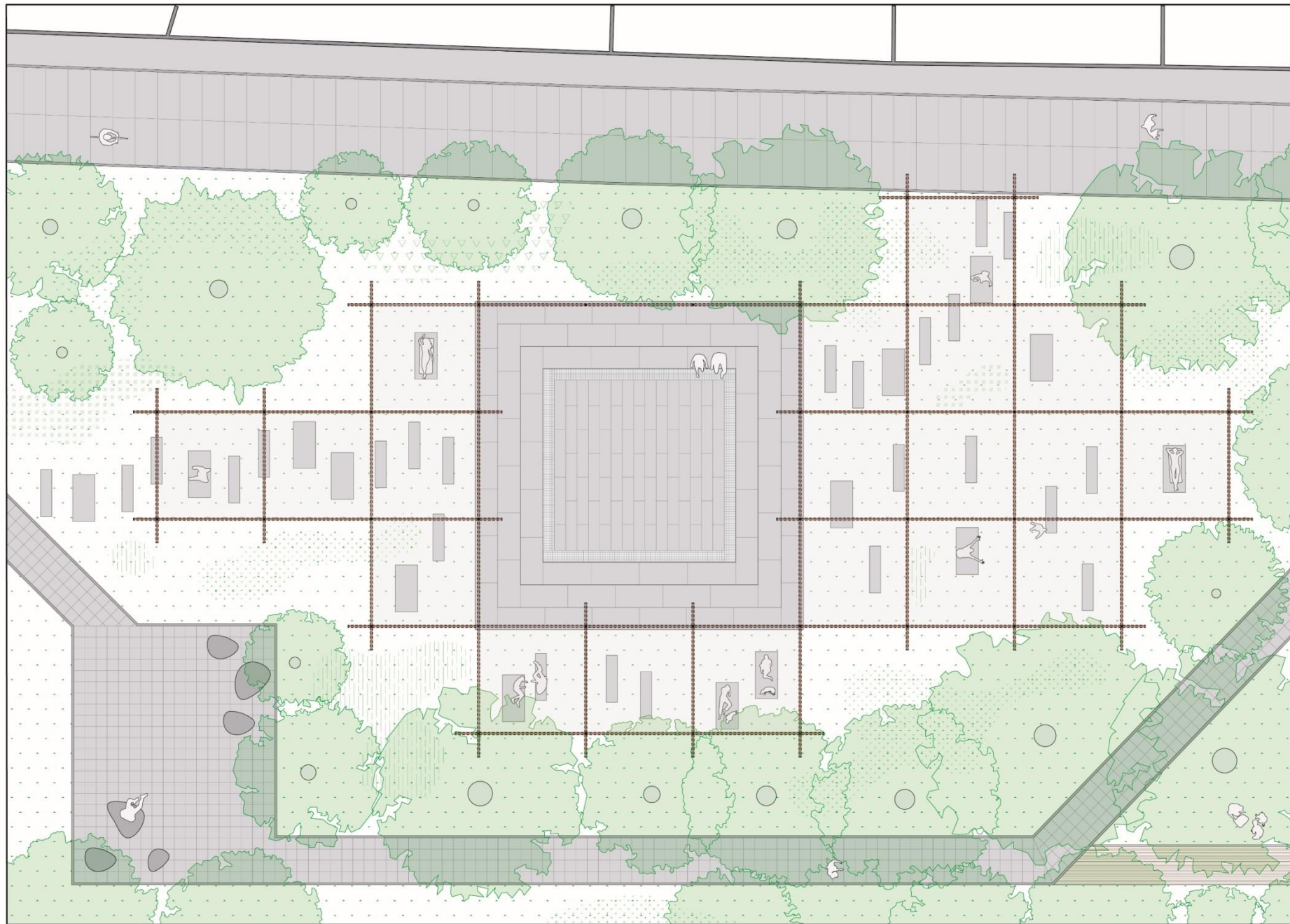




CORTE

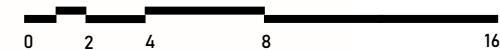


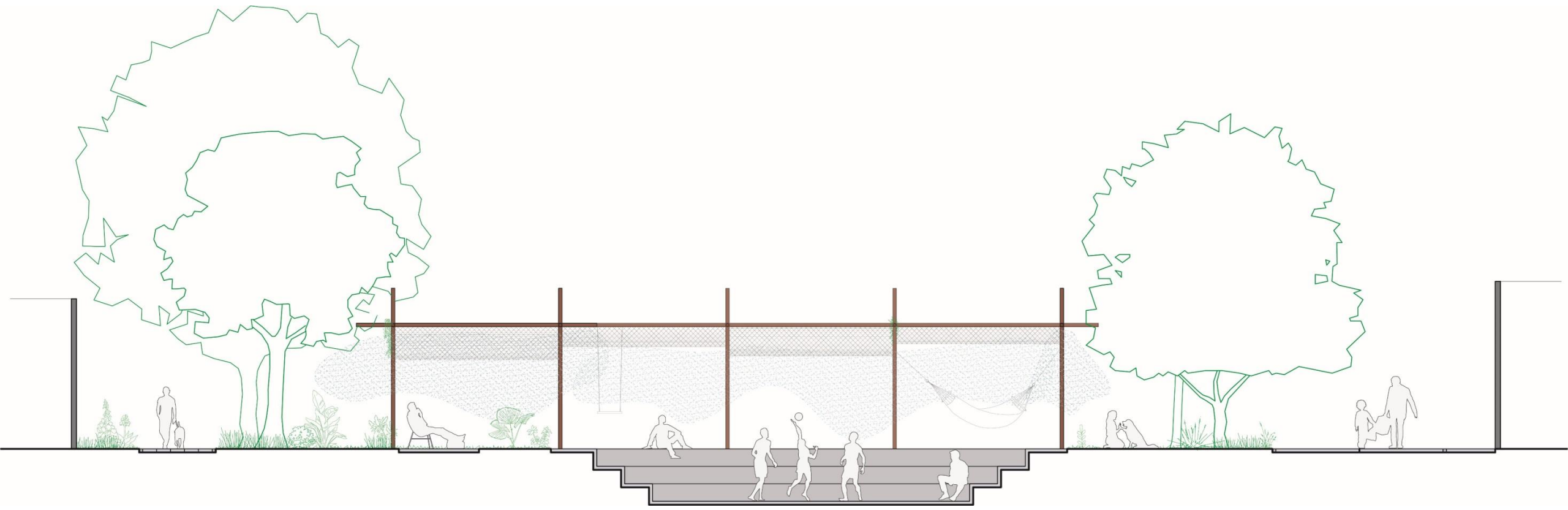
A GRELHA



A intervenção surge do desejo de ocupar o vazio da clareira existente, porém propõe um espaço constituído de vazio. A estrutura em grelha é apoio para uma cobertura têxtil de tela agrícola, criando um espaço que é ao mesmo tempo coberto e descoberto. A fixação é feita de forma mole, permitindo um leve movimento do tecido com o vento. No centro da grelha se localiza um vazio com um espaço para reuniões e fogueiras. Além disso, um sistema de irrigação por nebulização forma uma fina névoa que cria uma amenidade para a estação seca.

PLANTA BAIXA

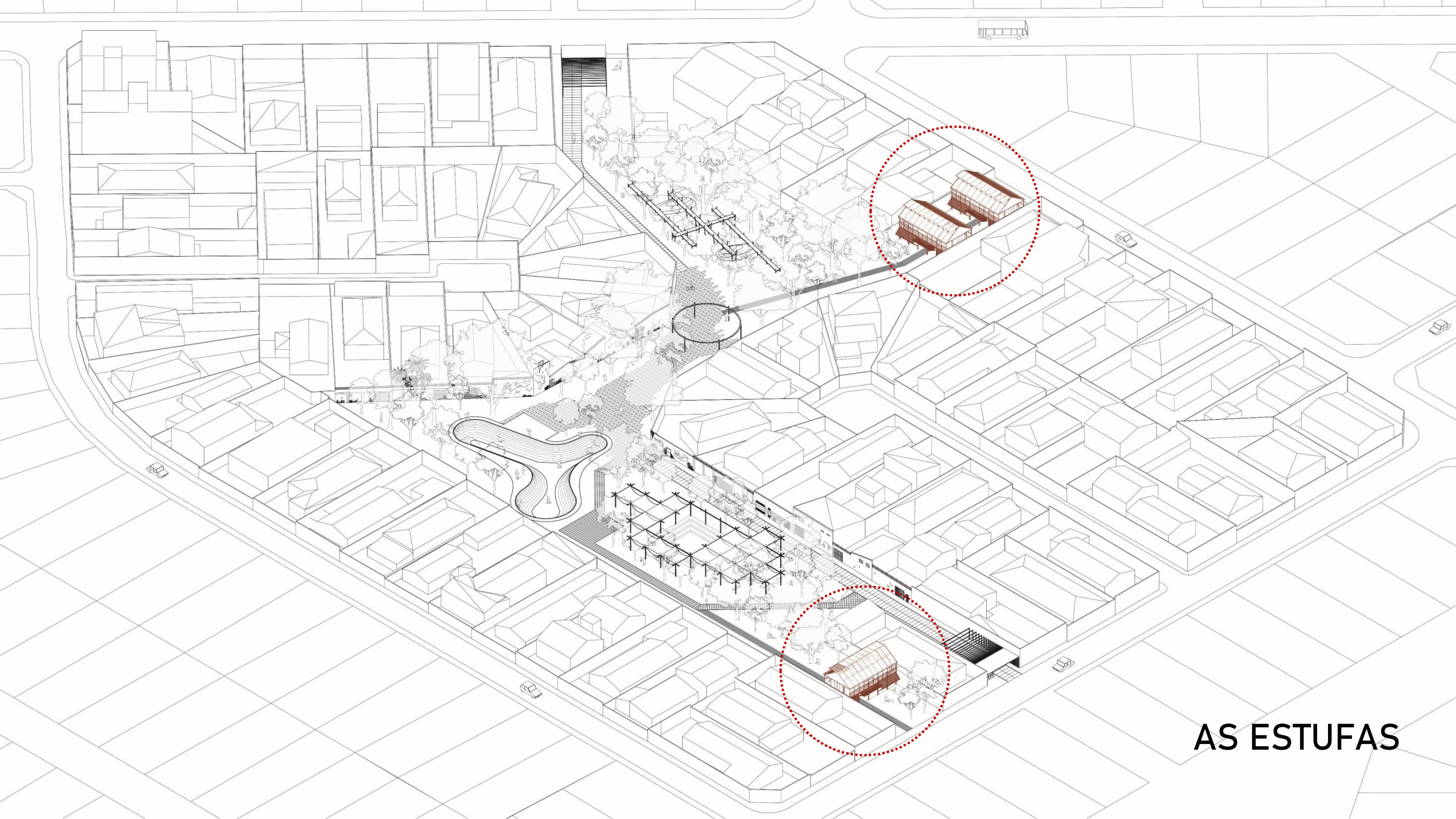




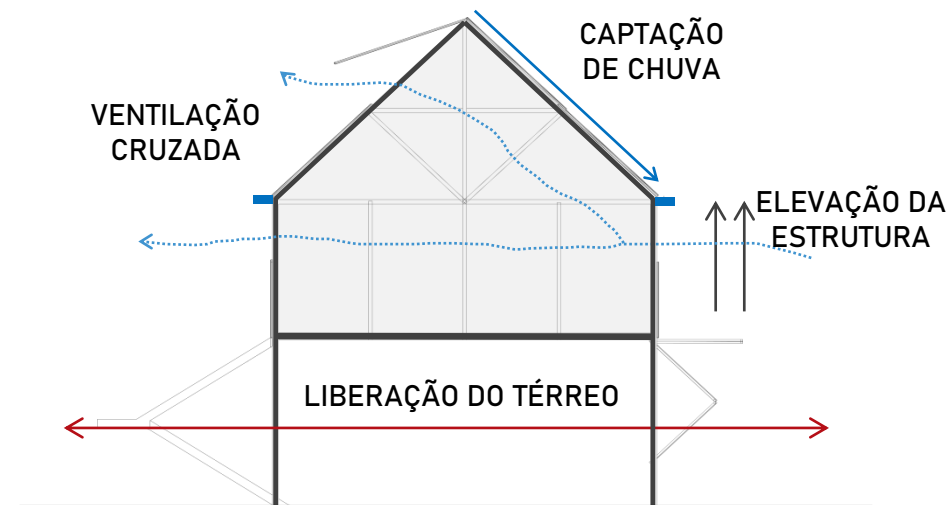
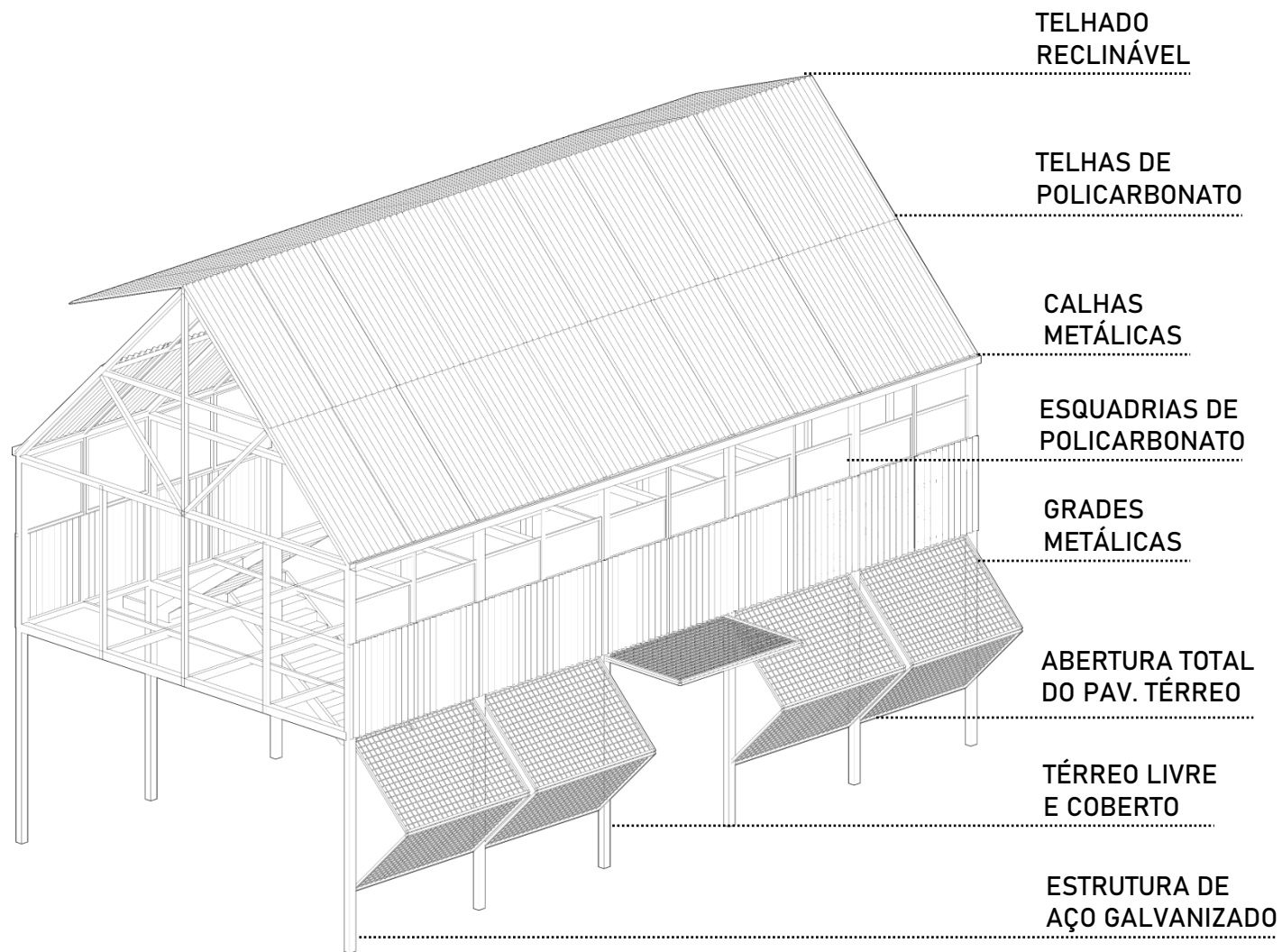
CORTE



PERSPECTIVA



AS ESTUFAS



AS ESTUFAS

Os lotes vagos são uma oportunidade de resgate de áreas verdes perdidas e preservação da vegetação existente, dessa forma mantê-los enquanto vazios e integra-los aos miolos se torna fundamental. Uma estrutura translúcida elevada libera o solo e propõe o uso do espaço aéreo ao mesmo tempo que cria um espaço coberto no térreo. Com inspiração em estufas agrícolas o objeto se propõe a ser um espaço comunitário ligado ao cultivo, podendo assumir outras funções ou mesmo ter usos simultâneos. O sistema construtivo, a modulação dos vãos, os materiais e a forma são baseadas no estudo de estufas, tanto referências de arquitetura quanto as ordinárias do meio agrícola do país.

IMPLANTAÇÃO TERRENO 01

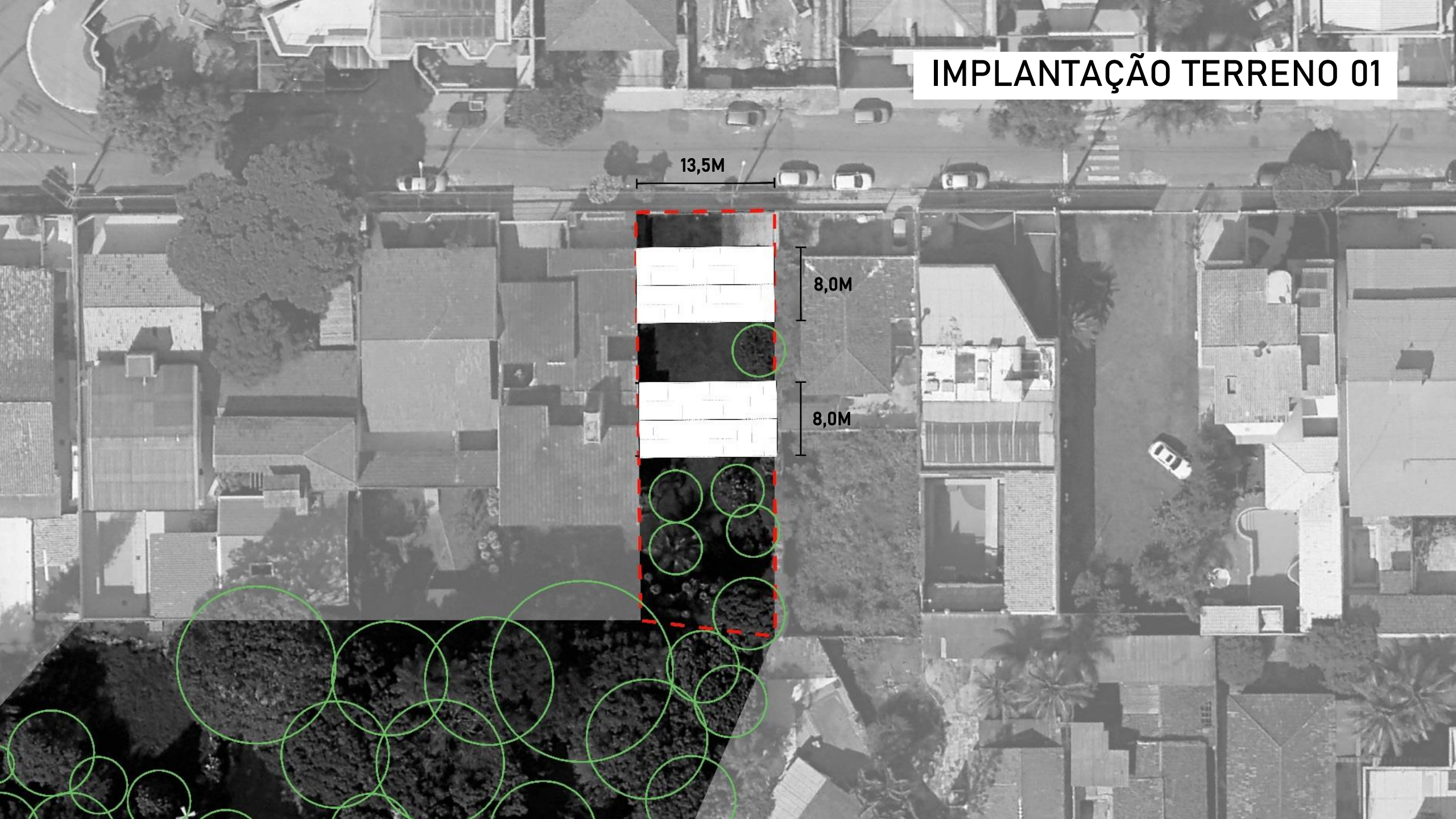


13,5M

37,0M

40,5M

IMPLANTAÇÃO TERRENO 01



13,5M

8,0M

8,0M

IMPLANTAÇÃO TERRENO 02

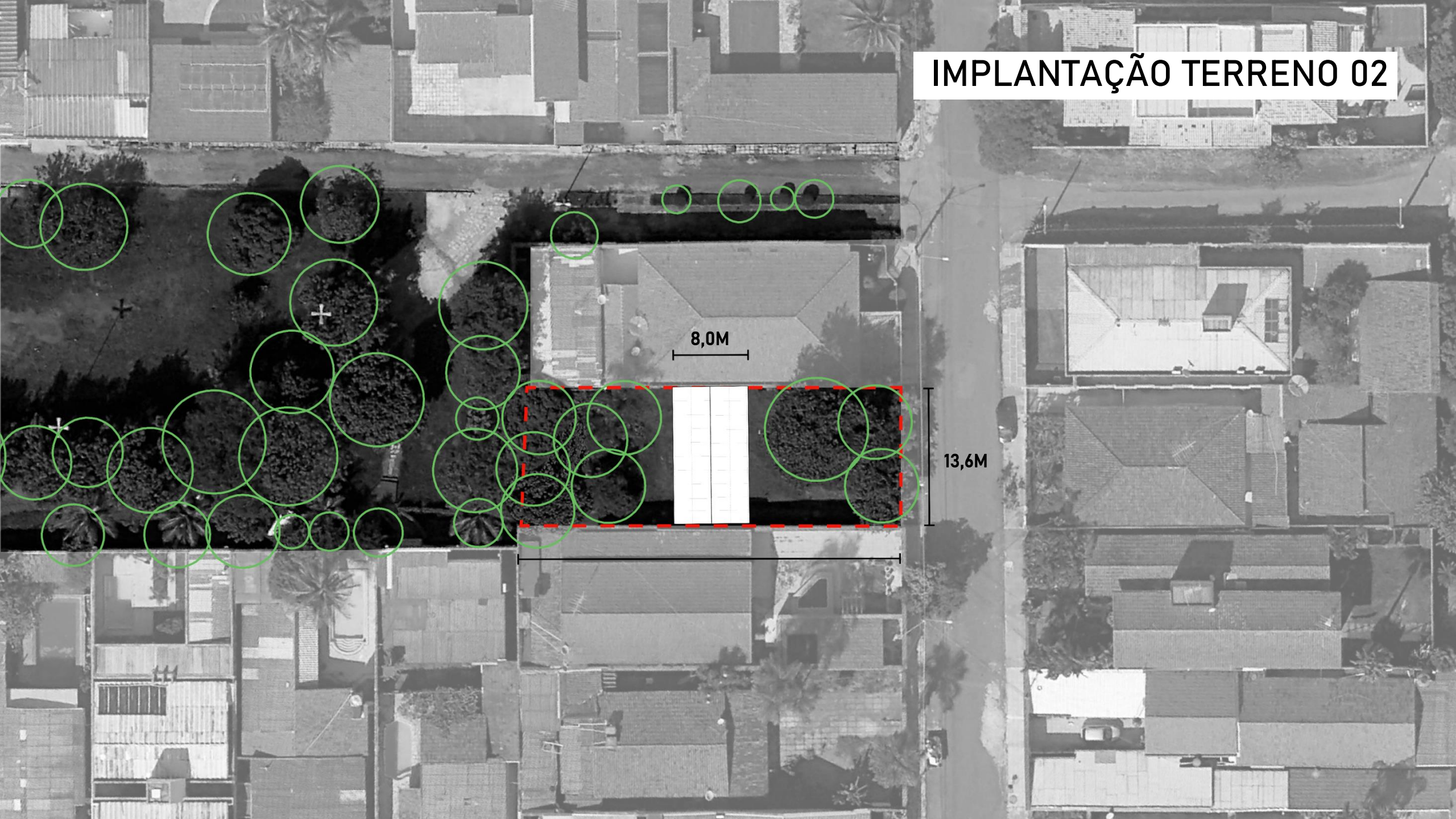


36,7M

13,6M

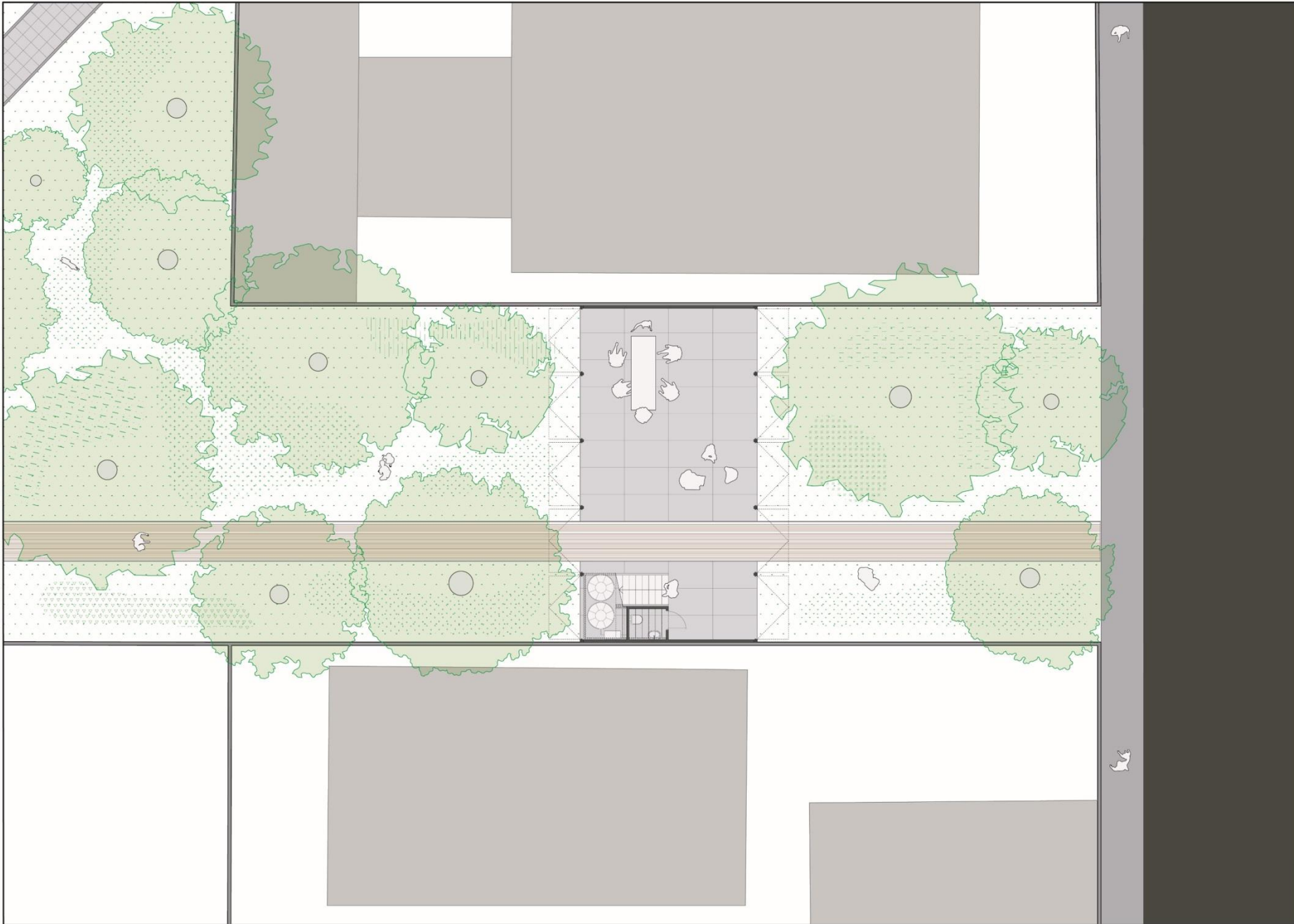
38,5M

IMPLANTAÇÃO TERRENO 02



8,0M

13,6M



PLANTA BAIXA TÉRREO



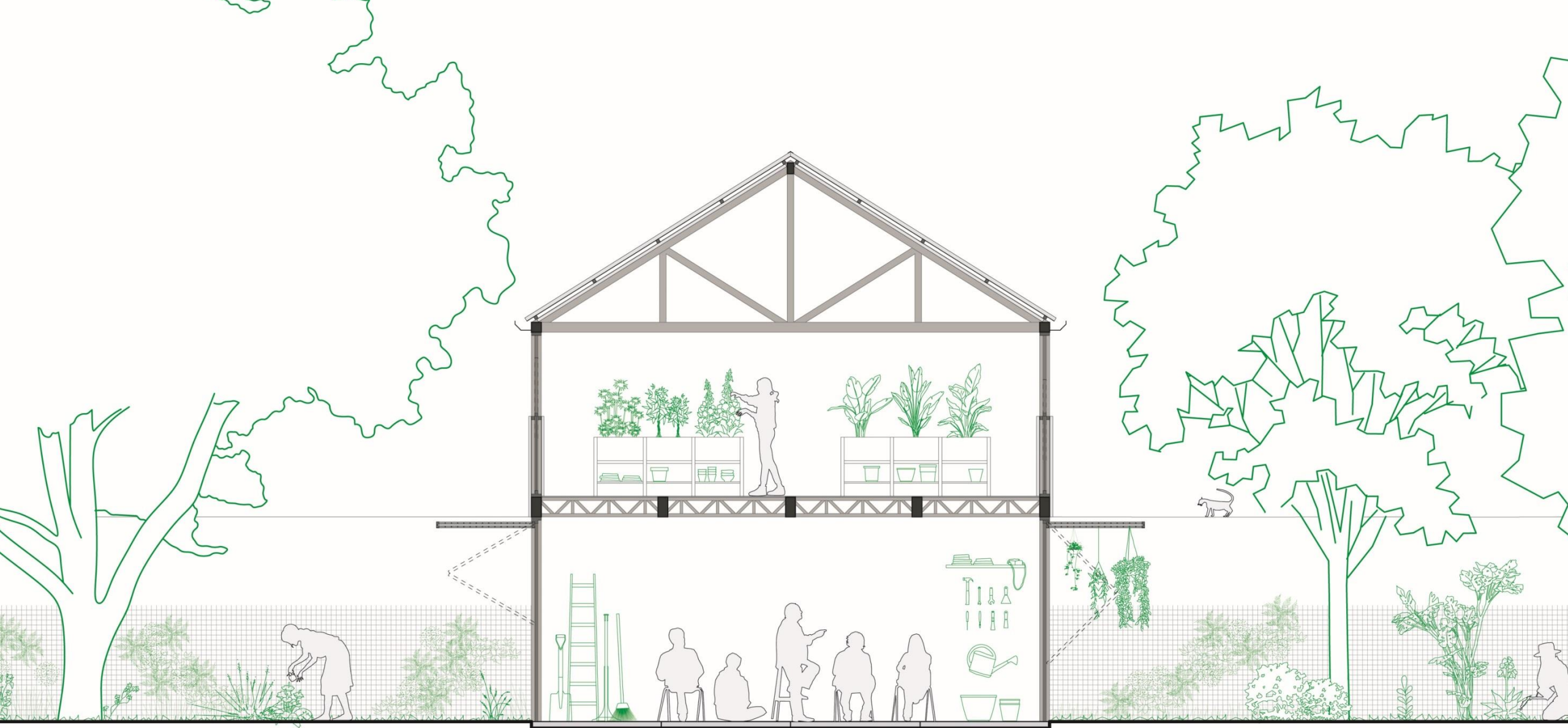


PLANTA BAIXA 1º PAV





CORTE



CORTE APROXIMADO



PERSPECTIVA



BACIA
DE SKATE

CAMINHO
REFORMADO

ESPAÇO
PARA REUNIÕES

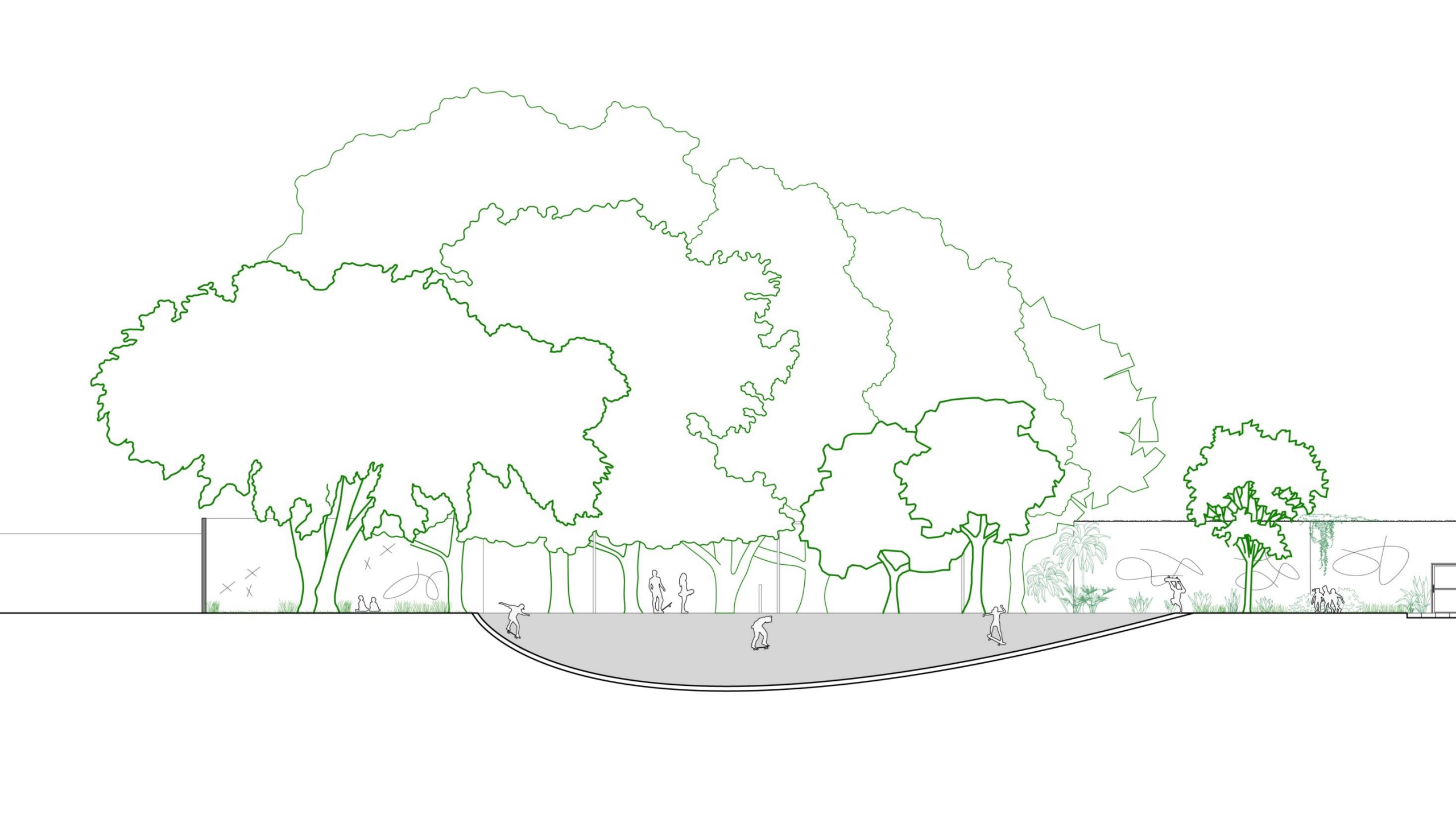
COBERTURA
TÊXTIL

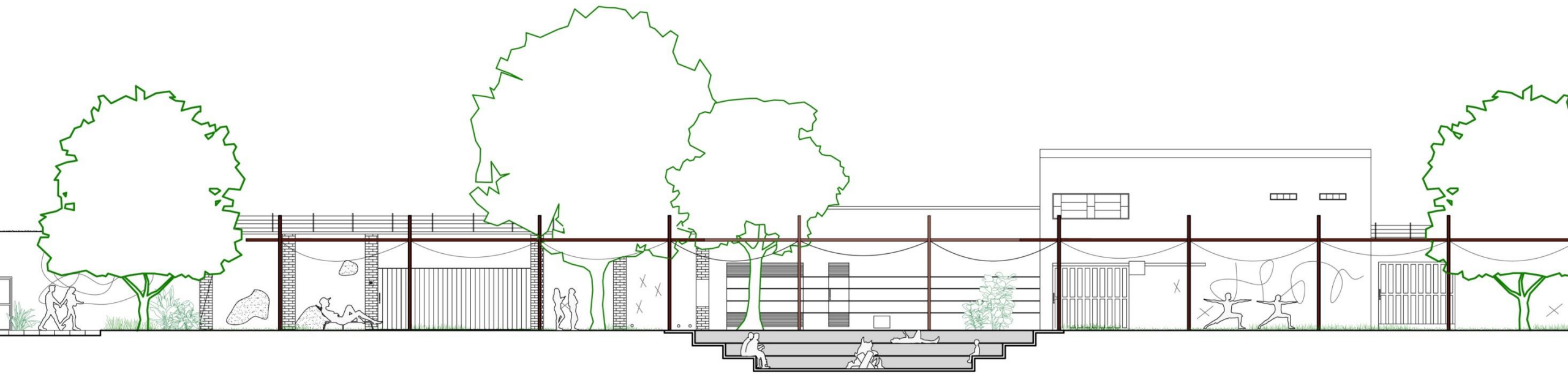
CAMINHO
REFORMADO

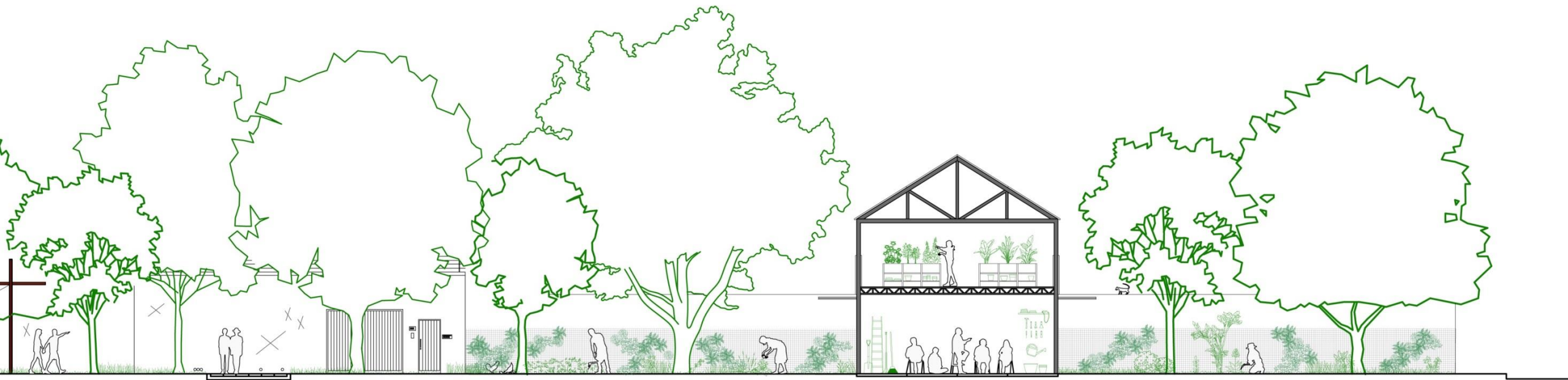
ESTUFA

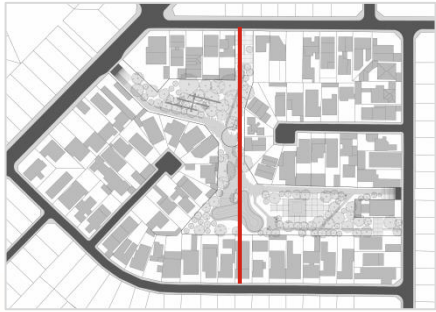


CORTE DO CONJUNTO









BACIA
DE SKATE

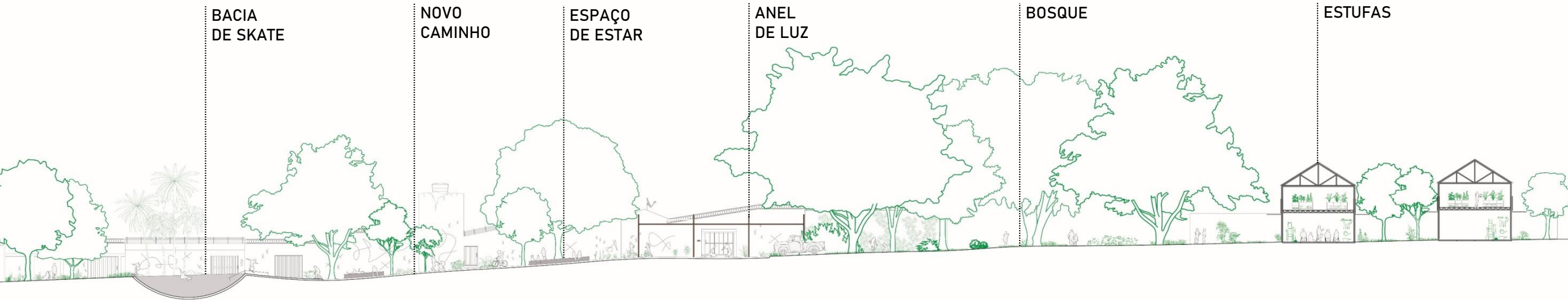
NOVO
CAMINHO

ESPAÇO
DE ESTAR

ANEL
DE LUZ

BOSQUE

ESTUFAS

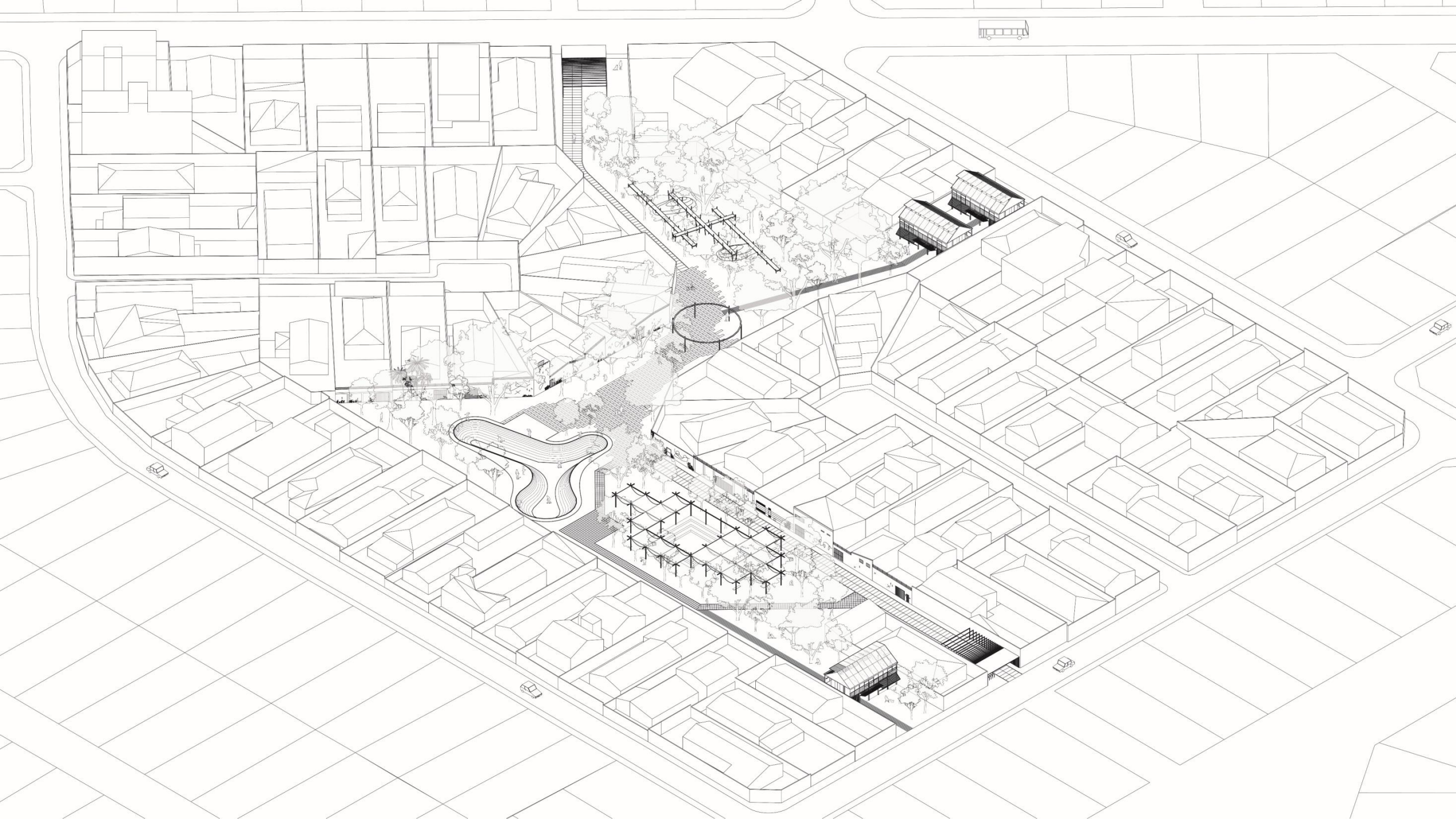


CORTE DO CONJUNTO









BIBLIOGRAFIA

PANERAI, Phillippe; CASTEX, Jean; DEPAULE, Jean-Charles. Formas Urbanas: a dissolução da quadra. Porto Alegre: Bookman, 2013.

DAHER, Tânia. O projeto original de Goiânia – Dôssie Cidades Planejadas. Revista UFG, junho 2009, Ano XI nº6.

DAHER, Tânia. Goiânia, uma utopia européia. Goiânia: Instituto Centro Brasileiro de Cultura, 2003.

FARIAS, A. C. C.; BRITTO, P. D. A urbanidade das áreas verdes do Setor Sul em Goiânia – Cartografando Bricolagens e Desejos. Seminário Nacional: Pensando o projeto e Pensando a Cidade, FAV-UFG, setembro 2016.

RIBEIRO, Maria Eliana Jubé. Goiânia: os planos, a cidade e o sistema de áreas verdes. Goiânia: Ed. Da UCG, 2004.

MOTA, Juliana Costa. O Setor Sul em Goiânia: o espaço público abandonado. In: III Seminário Docomomo Brasil – A permanência do Moderno. São Paulo, 1999.

GONÇALVES, Alexandre Ribeiro. Goiânia: uma modernidade possível. Brasília: Ministério da Integração Nacional: Universidade Federal de Goiás, 2002.

GRAEFF, Edgard. Goiânia: 50 anos. Série: Oito vertentes e dois momentos de síntese da arquitetura brasileira. Brasília: MEC-SESU, 1985.

VIEIRA, Patrick di Almeida. Attílio Corrêa Lima e o Planejamento de Goiânia – Um marco moderno na conquista do Sertão Brasileiro. Revista Urbana, volume 4, março 2011 – Dossiê: os eruditos e a cidade, CIEC/UNICAMP.

CAIXETA, J. L.; ENOKIBARA, M. Revisitando um sonho moderno. O sistema de áreas verdes do Setor Sul em Goiânia: dos planos de Attílio Corrêa Lima e Armando de Godoy à atualidade. Revista Nacional de Gerenciamento de Cidades, volume 5, nº33, junho 2017.

CAIXETA, Eline Maria Moura Pereira; ARRUDA, Ângelo Marcos. Goiânia e Angélica. Duas cidades modernas no centro-oeste. *Arquitextos*, São Paulo, ano 17, n. 195.07, Vitruvius, ago. 2016

BIBLIOGRAFIA

SIMÕES, Ana Rita Barreto. Do terrain vague ao desenho de ecossistemas urbanos – planejamento ecológica da vegetação urbana. Instituto Superior de Agronomia da Universidade de Lisboa, 2003.

BONZI, Ramon Stock. Do abandono a um novo valor no projeto e na apropriação da paisagem. Revista LabVerde nº7 – Artigo nº9, dezembro de 2013.

VIDEIRA, M.; FRUTUOSO, V. O jardim do telhado da Base de Submarinos em Saint-Nazaire como exemplo do princípio da Terceira Paisagem de Gilles Clément. Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro – ECAV, 2015.

OLIVEIRA, Ana Rosa de. Gilles Clément e o jardim planetário. Arqtextos, São Paulo, ano 01, n. 002.03, Vitruvius, jul. 2000

TEIXEIRA, Carlos M. "O Capim / Carlos M. Teixeira" 27 Jun 2013. ArchDaily Brasil. Acessado 30 Out 2020.

SOLÀ-MORALES, Ignasi. Terrain Vague. Territórios. Barcelona, 2002. Editorial Gustavo Gill.

SOLÀ-MORALES, Ignasi. Arquitetura Débil. Diferenças: topografia da arquitetura contemporânea. Barcelona, 1996. Editorial Gustavo Gill.

VAN EYCK, Aldo. Chapter 4 – Playgrounds: Lost Identity Grid. Collected Articles and Other Writings (1947-1998). Editora Sun

VAN EYCK, Aldo. Chapter 4 – Playgrounds: The Child and the City. Collected Articles and Other Writings (1947-1998). Editora Sun

WITHAGEN, R.; CALJOUW, S. Aldo Van Eyck's Playgrounds: Aesthetics, Affordances and Creativity. Front. Psychol, 2017.

ROSA, Marcos. Revisitando os playgrounds de Aldo van Eyck, 1947 | 2011. Arquiteturismo, São Paulo, ano 07, n. 074.02, Vitruvius, abr. 2013

OUDENAMPSEN, Merijn. A cidade como playground. PISEAGRAMA, Belo Horizonte, número 03, página 52 - 55, 2011.

STORI, Norberto; PELAES, Maria Lúcia Wochler. Diálogos sobre a obra do artista brasileiro Hélio Oiticica no Instituto Inhotim.. Revista Goma de Estudos Artísticos, nº10, julho-dezembro de 2017.



CAPIR

ENTREMUROS: UMA ARQUEOLOGIA DA CIDADE-JARDIM EM GOIÂNIA (GO)

FAU-UFRJ | TRABALHO FINAL DE GRADUAÇÃO 2 | BANCA FINAL | 2020.1
ALUNO: RAFAEL COSTA AMORIM | ORIENTADORA: JULIANA SICURO

















O SÍTIO





FAZENDA BOTAFOGO UM ESTOPIM PARA GOIÂNIA

Cidade





- CÓRREGO BOTAFOGO
- TOPOGRAFIA
- - - TRAJETÓRIA SOLAR



ASPECTOS NATURAIS



- CÔRREGO BOTAFOGO
- TOPOGRAFIA
- - - TRAJETÓRIA SOLAR



ASPECTOS NATURAIS

A large, thin orange circle is centered on the left side of the page. The text 'O PLANO' is located inside the circle, centered horizontally and vertically.

O PLANO

INFLUÊNCIAS



SISTEMA ASTERISCO EM PARIS

APLICAÇÕES



SISTEMA ASTERISCO EM GOIÂNIA



SISTEMA CUL-DE-SAC EM RADBURN



SISTEMA CUL-DE-SAC NO SETOR SUL



A OCUPAÇÃO

GOIANIA

todo um mundo de oportunidades



GOYAZ
GOIAS
MINAS GERAIS
SÃO PAULO

PLANTA DO SECTOR SUL



Associação Coimbra Bueno
Associação de Empreendedores
Associação de Comerciantes
Associação de Artesãos
Associação de Estudantes
Associação de Professores
Associação de Funcionários
Associação de Aposentados
Associação de Idosos
Associação de Jovens
Associação de Mulheres
Associação de Crianças
Associação de Deficientes Físicos
Associação de Deficientes Mentais
Associação de Deficientes Auditivos
Associação de Deficientes Visuais
Associação de Deficientes Múltiplos

Associação Técnica
COIMBRA BUENO & CIA LTDA

TERRENOS EM GOIANIA
vendedores no estado
fora do estado

**DEPARTAMENTO CADASTRAL
DELEGADOS REGIONAIS
CORRETORES DE LOTES
escritórios dos procuradores especiais:
COIMBRA BUENO & CIA LTDA
CONSTRUTORES DA CIDADE DE GOIANIA**



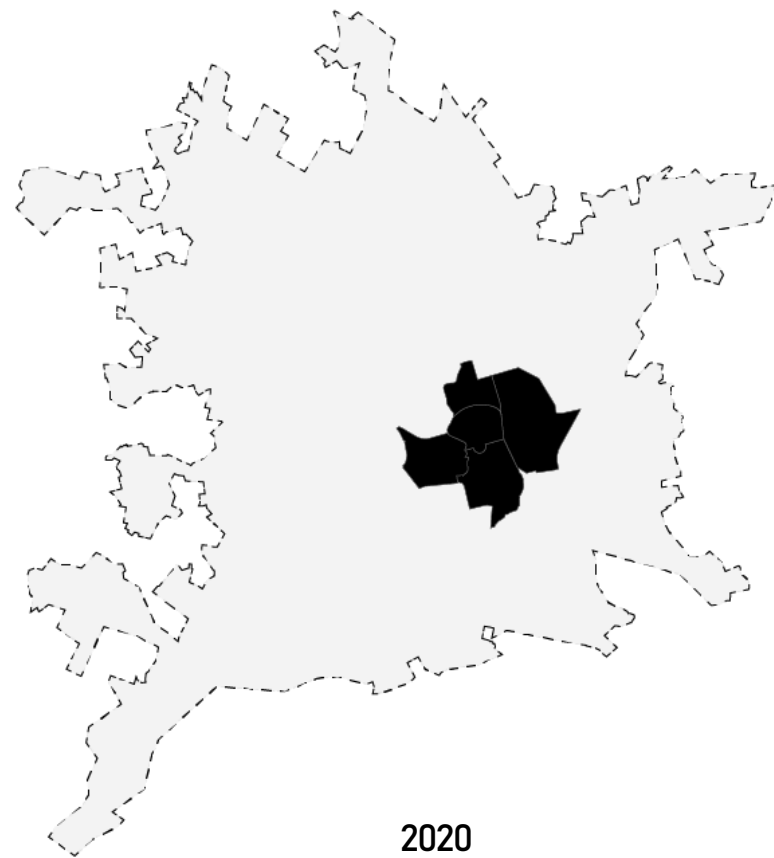
1940



1950



1960



2020



INÍCIO DA OCUPAÇÃO NO SETOR SUL
1950

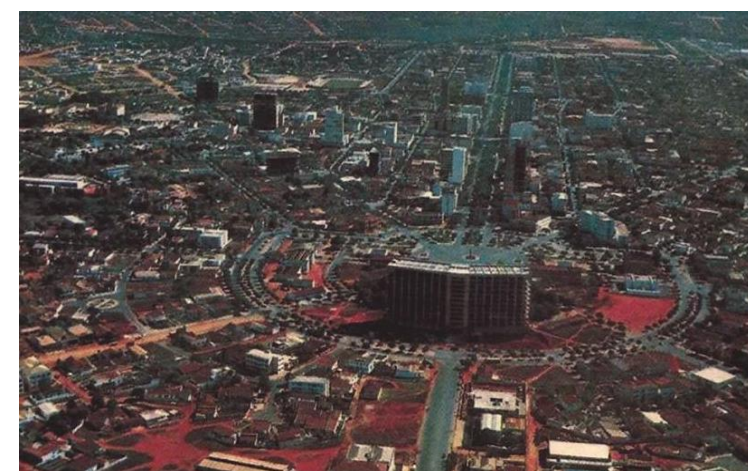


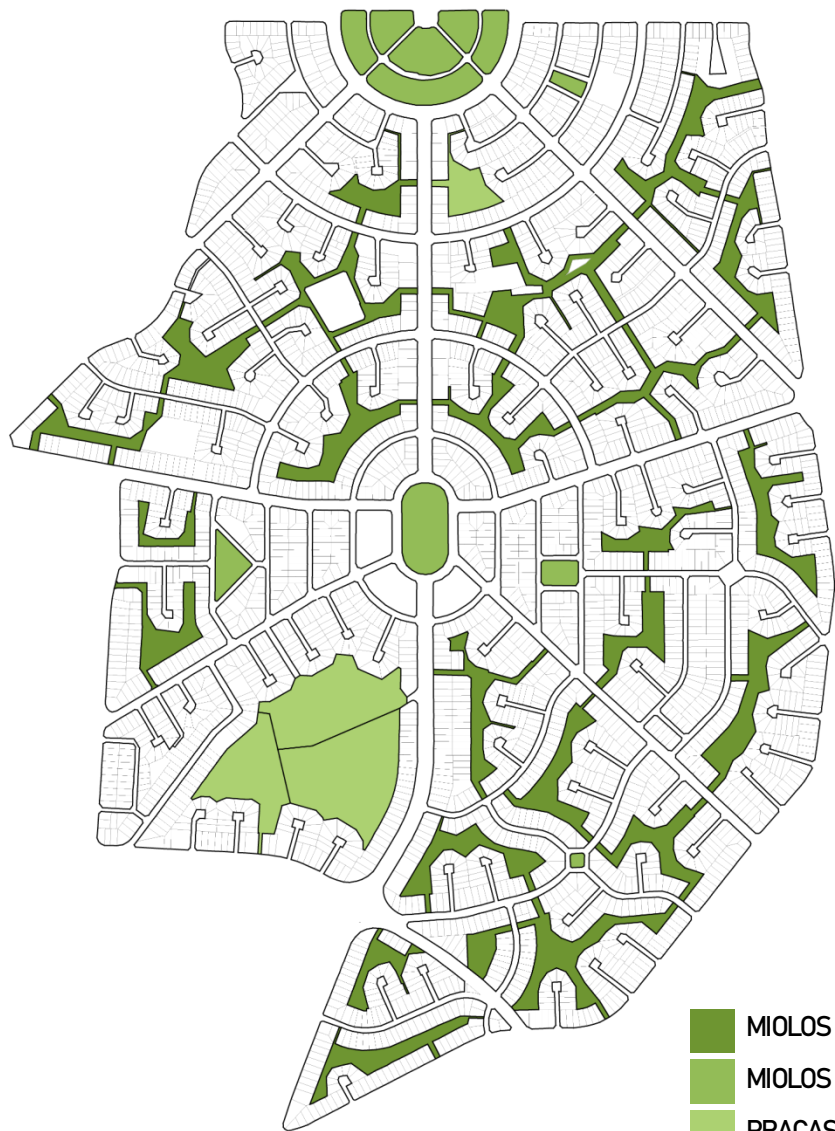
CONSOLIDAÇÃO DO BAIRRO
1960

1955
AUMENTO DA OCUPAÇÃO



1966
URBANIZAÇÃO AINDA PRECÁRIA

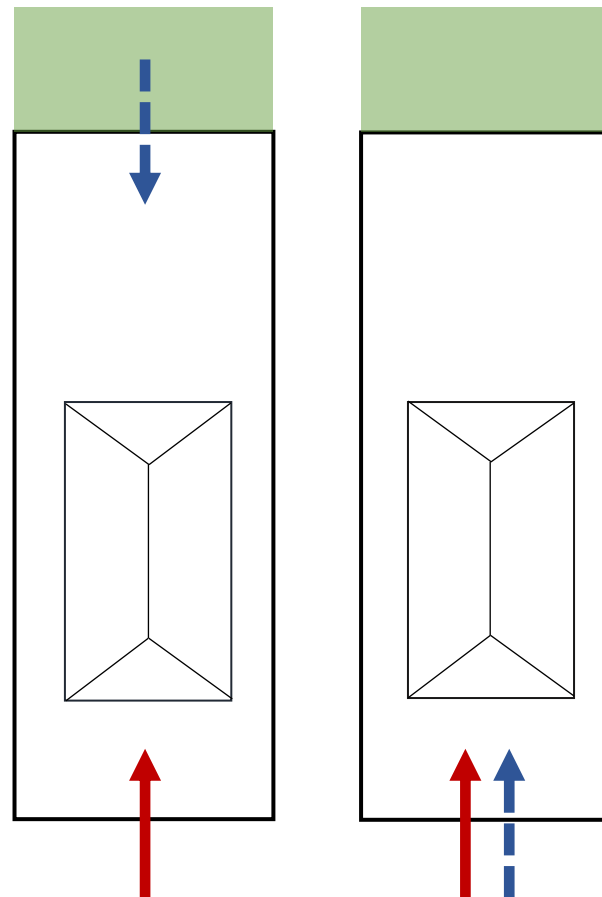




- MILOS PÚBLICOS
- MILOS PRIVADOS
- PRAÇAS

PROJETO

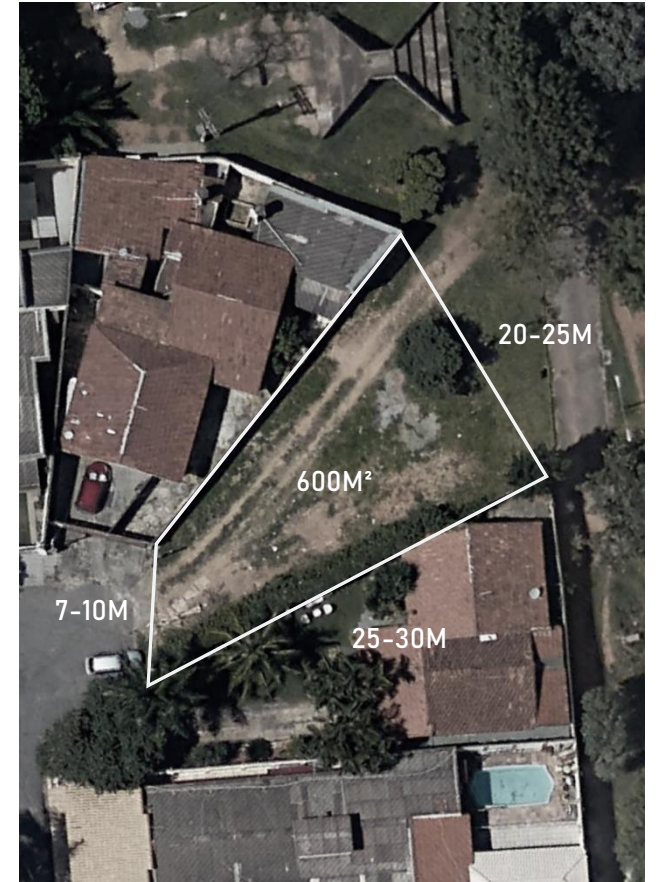
REALIDADE



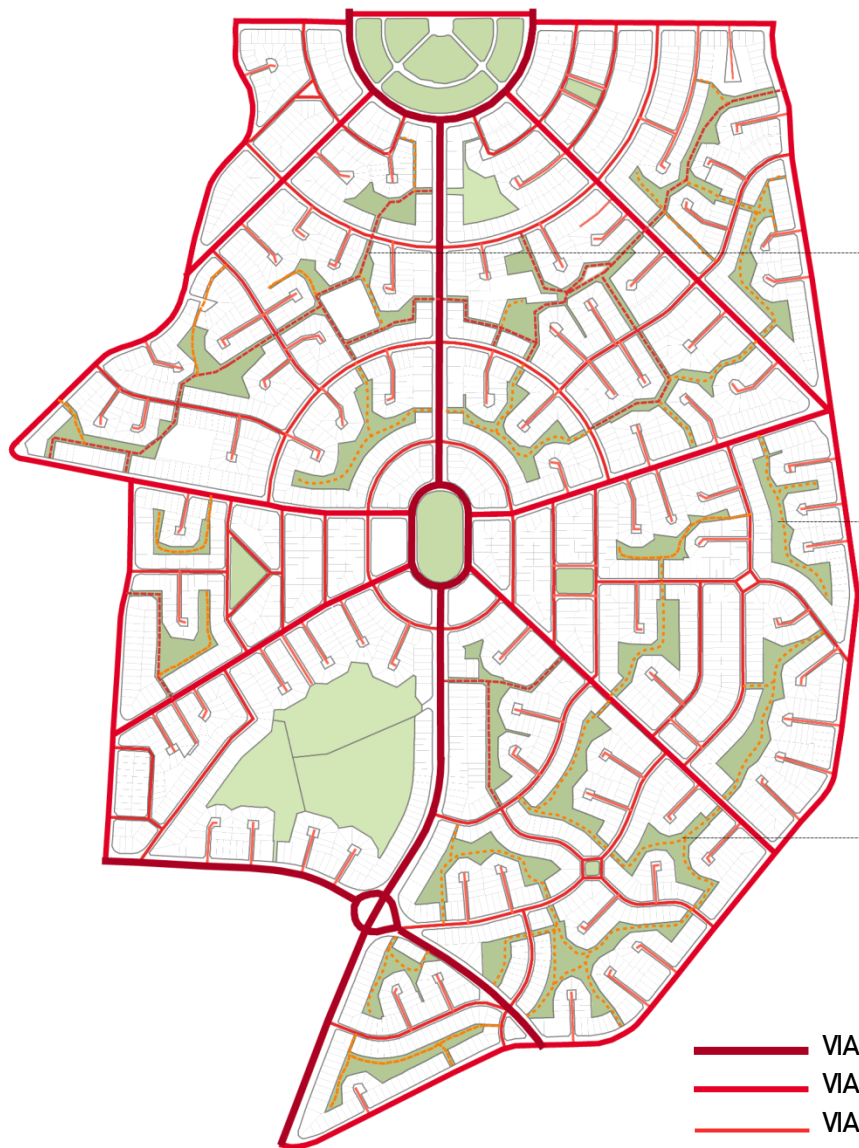
ÁREAS LIVRES



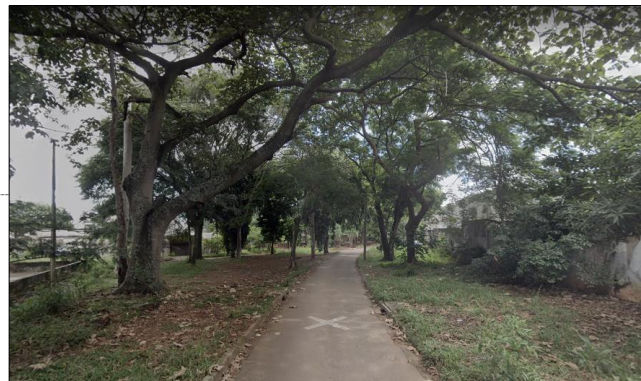
TOTAL: 64



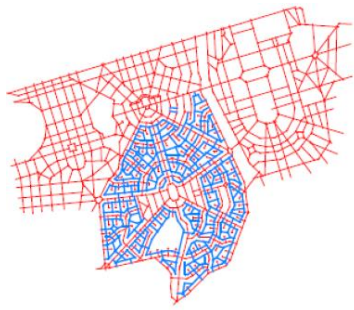
LOTES VAGOS



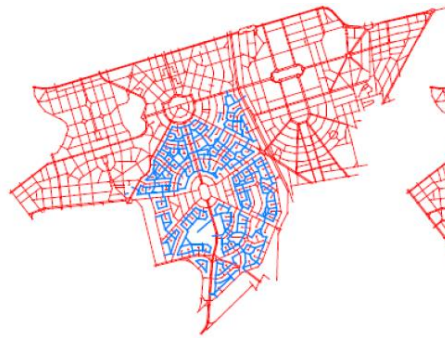
- VIAS ARTERIAIS
- VIAS COLETORAS
- VIAS LOCAIS
- VIAS DE ACESSO ("CUL-DE-SAC")
- CAMINHOS TRANSFORMADOS EM VIAS
- CAMINHOS COM PRESENÇA DE VEÍCULOS



VIAS E CAMINHOS



PROJETO (1947)
1º MOMENTO



IMPLANT. (1950-1975)
2º MOMENTO



PROJ. CURA(1973-1980)
3º MOMENTO



AV. CORA CORAL.(2000)
4º MOMENTO



SIT. ATUAL(2017)
5º MOMENTO

— CAMINHOS DE PEDESTRES



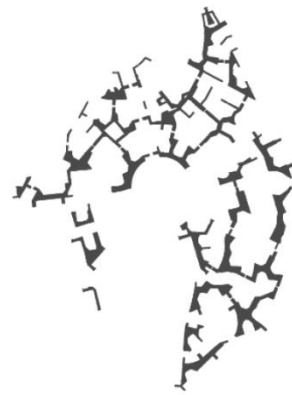
PROJETO (1947)
1º MOMENTO



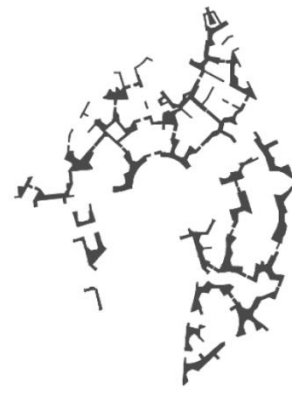
IMPLANT. (1950-1975)
2º MOMENTO



PROJ. CURA(1973-1980)
3º MOMENTO



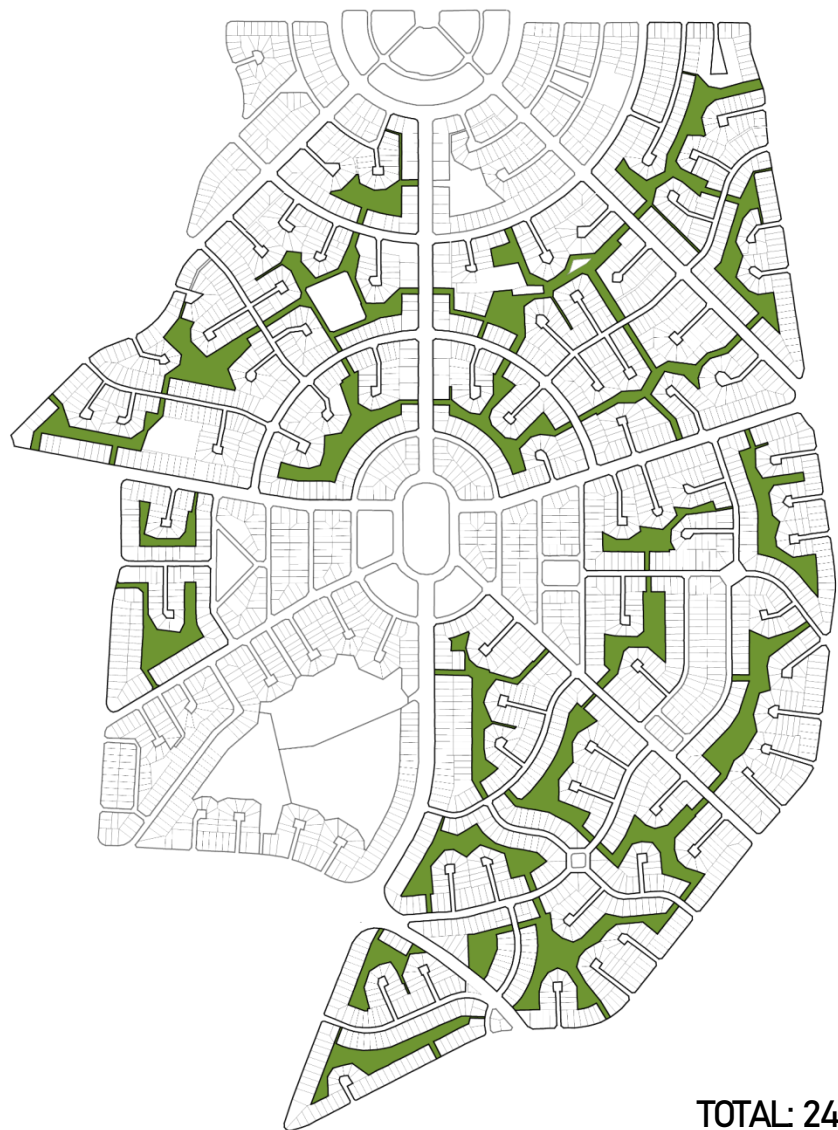
AV. CORA CORAL.(2000)
4º MOMENTO



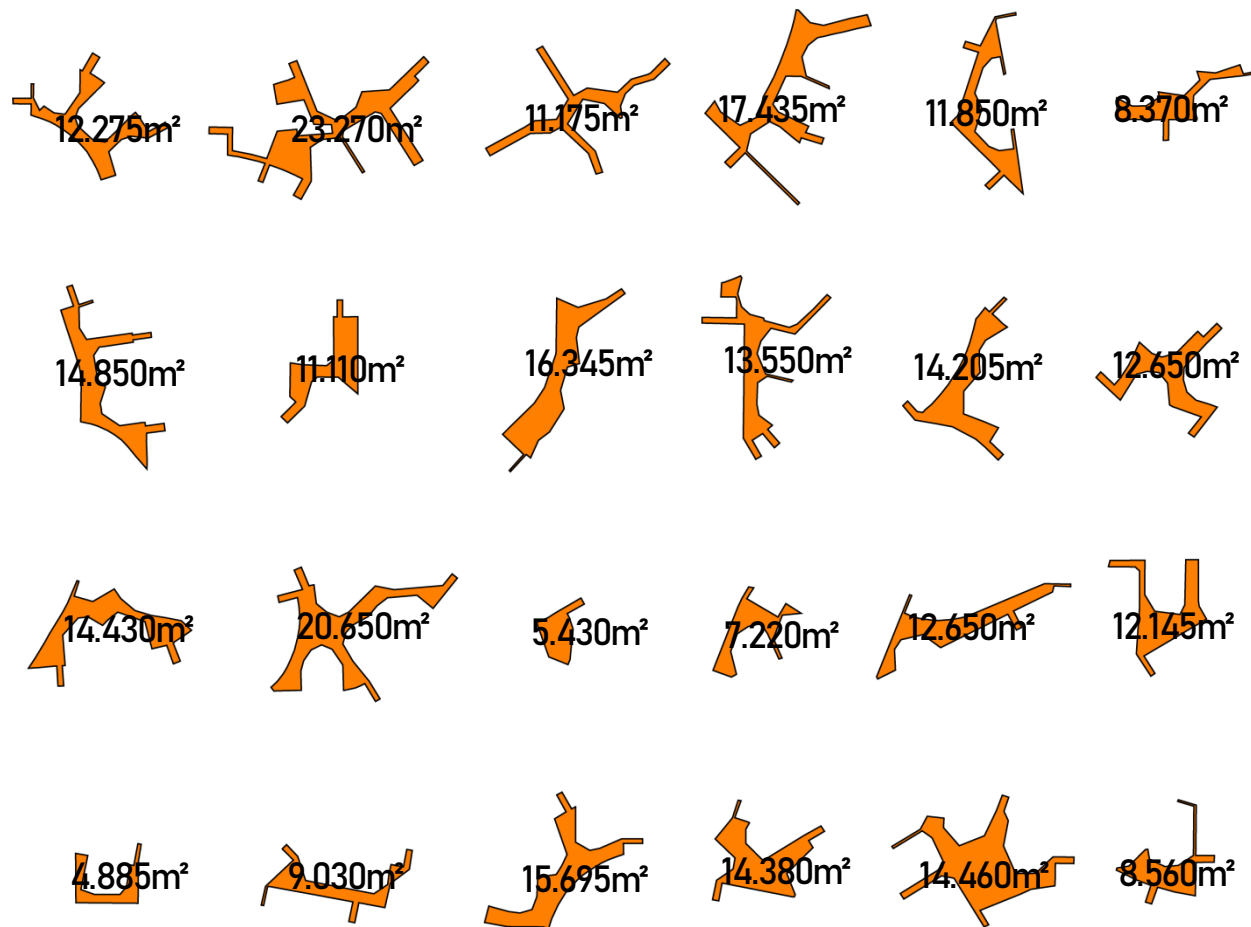
SIT. ATUAL(2017)
5º MOMENTO



A APROPRIAÇÃO

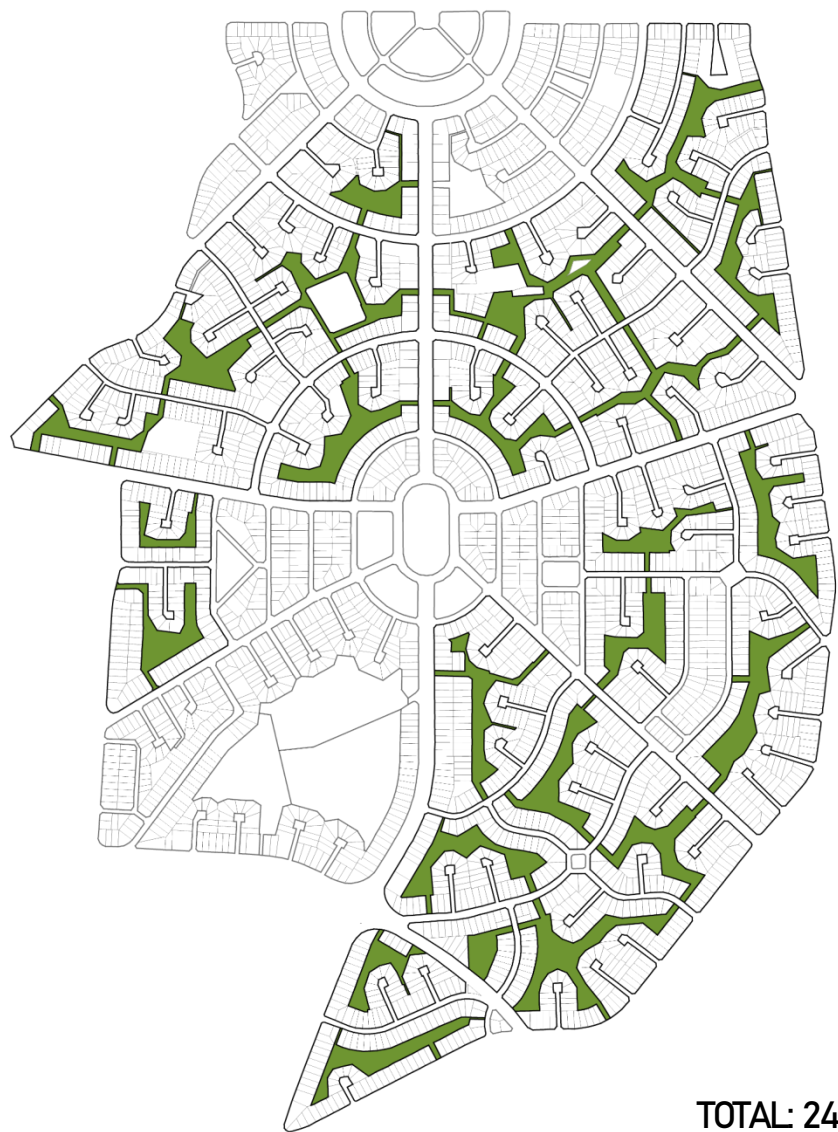


TOTAL: 24



TOTAL: 306.585m²
MÉDIA: 12.650m²

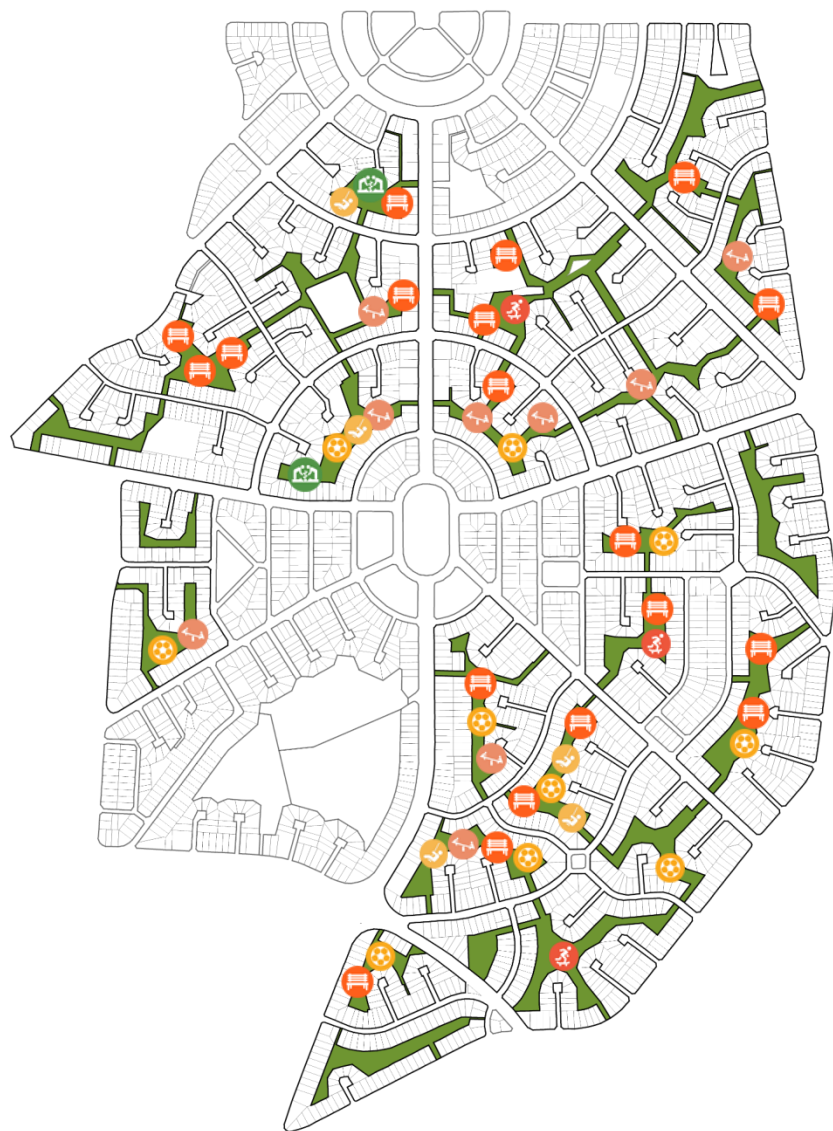
MENOR: 4.885m²
MAIOR: 23.270m²



TOTAL: 24



MIOLOS DE QUADRA PÚBLICOS



-  QUADRAS DE ESPORTES
-  PISTA DE SKATE E BACIAS
-  BALANÇO EM ÁRVORES
-  PARQUINHO INFANTIL
-  MOBILIÁRIO URBANO
-  HORTA COMUNITÁRIA



USOS E EQUIPAMENTOS

Moradores do Setor Sul revelam porque escolheram morar no “pulmãozinho de Goiânia”

Bosques e áreas verdes, vocação cultural, roteiro de lazer e arte são alguns dos atrativos de um dos primeiros bairros surgidos na capital do Estado

Bosque no Setor Sul é adotado e restaurado por moradores

Morador se acorrenta para evitar que árvore seja derrubada em Goiânia

Três plantas frutíferas darão lugar a um muro.

Moradores reagem a corte de árvores no Setor Sul, em Goiânia

Retirada de espécimes virou motivo de contenda em prédio residencial. Síndica conseguiu autorização, mas condôminos afirmam que exemplares são saudáveis



PROTEÇÃO PARA O SETOR SUL – O BAIRRO JARDIM DE GOIÂNIA



2,923 have signed. Let's get to 3,000

-  Anna C. signed 2 weeks ago
-  Barbara H. signed 2 weeks ago

PARA ALÉM DOS USOS



O Manifesto da Terceira Paisagem

“Um jardim é sempre artificial, mas um jardim pode se tornar refúgio de vida selvagem”

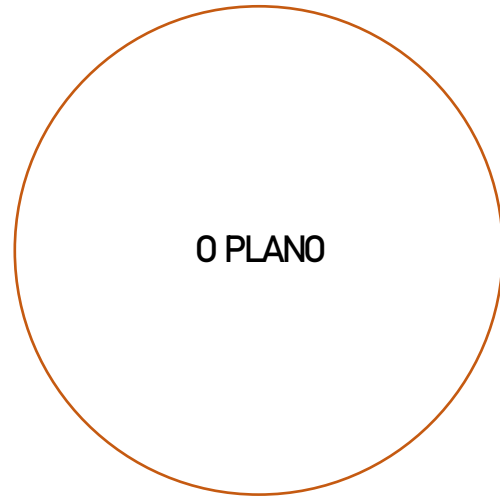
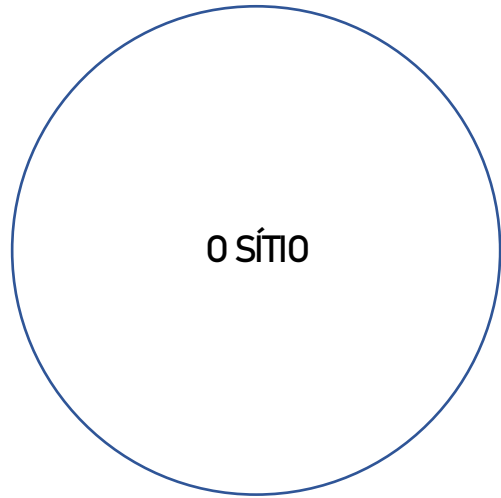


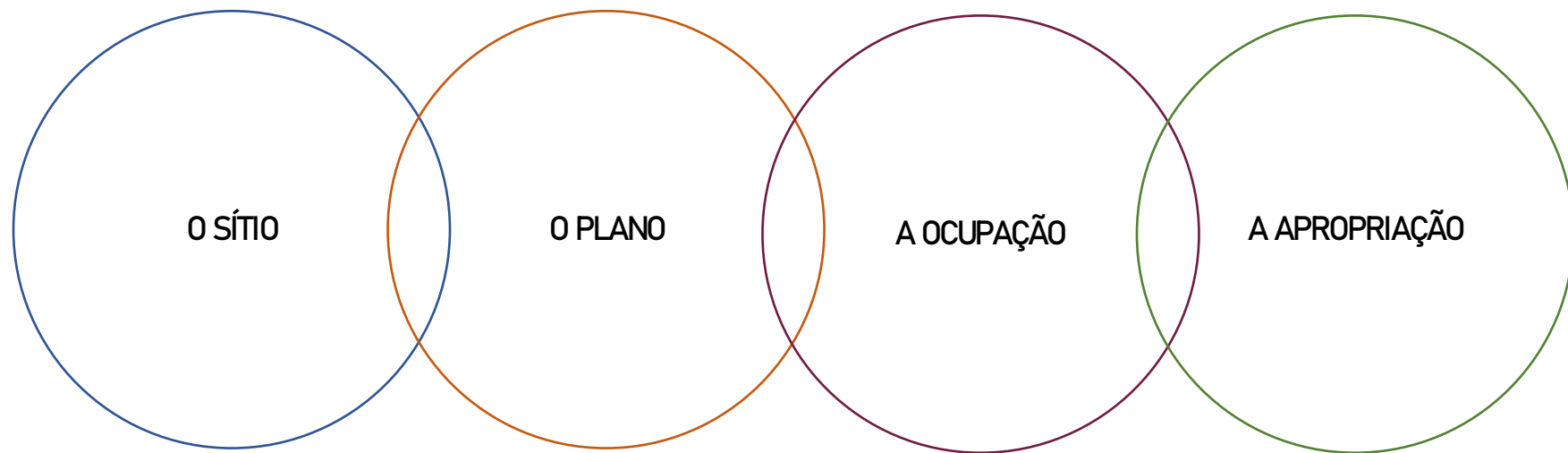
“A reapropriação da terra pela natureza é sempre interpretada como decadência, quando na verdade é exatamente o oposto. Este é um estereótipo que permanece, a ideia de que o homem nunca deve abandonar a terra que ele domesticou. Tudo o que o homem abandona ao tempo, dá à paisagem uma chance de ser simultaneamente marcada pela sua presença e por sua libertação” (Clemént, 2004)

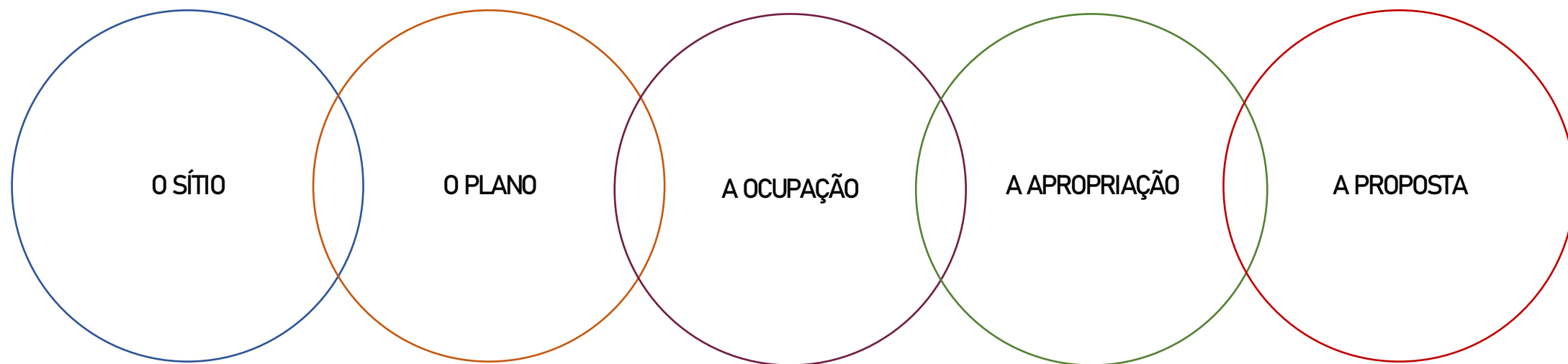


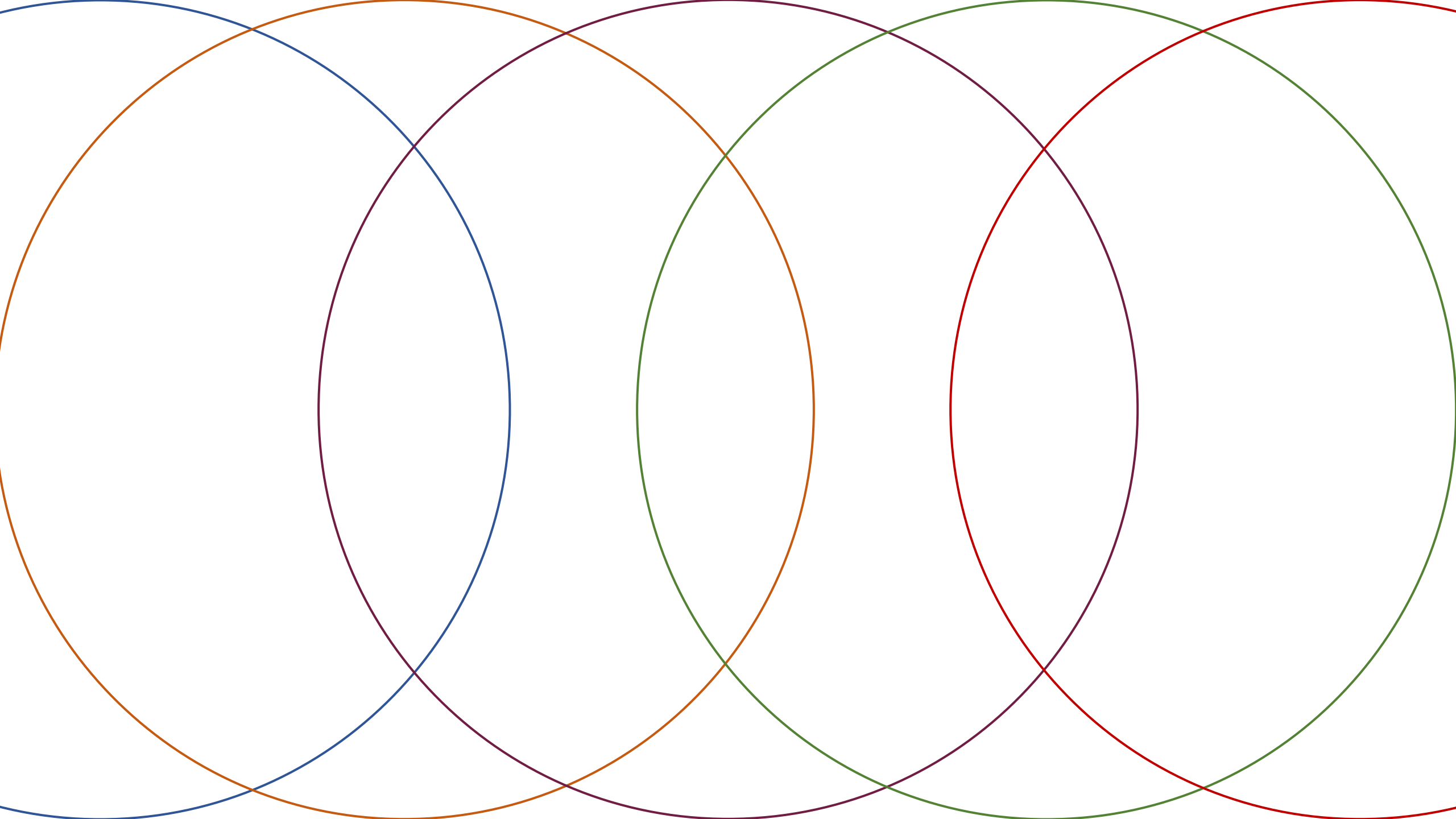
“[...] Deste modo, quando arquitetura e desenho urbano projetam seu desejo frente a um espaço abandonado, um *terrain vague*, parece que não podem fazer outra coisa que não seja transformações radicais, modificando o estranhamento pela cidadania e pretendendo a todo custo desfazer-se da magia não contaminada do obsoleto no realismo da eficácia.” (Solà-Morales, 2009)









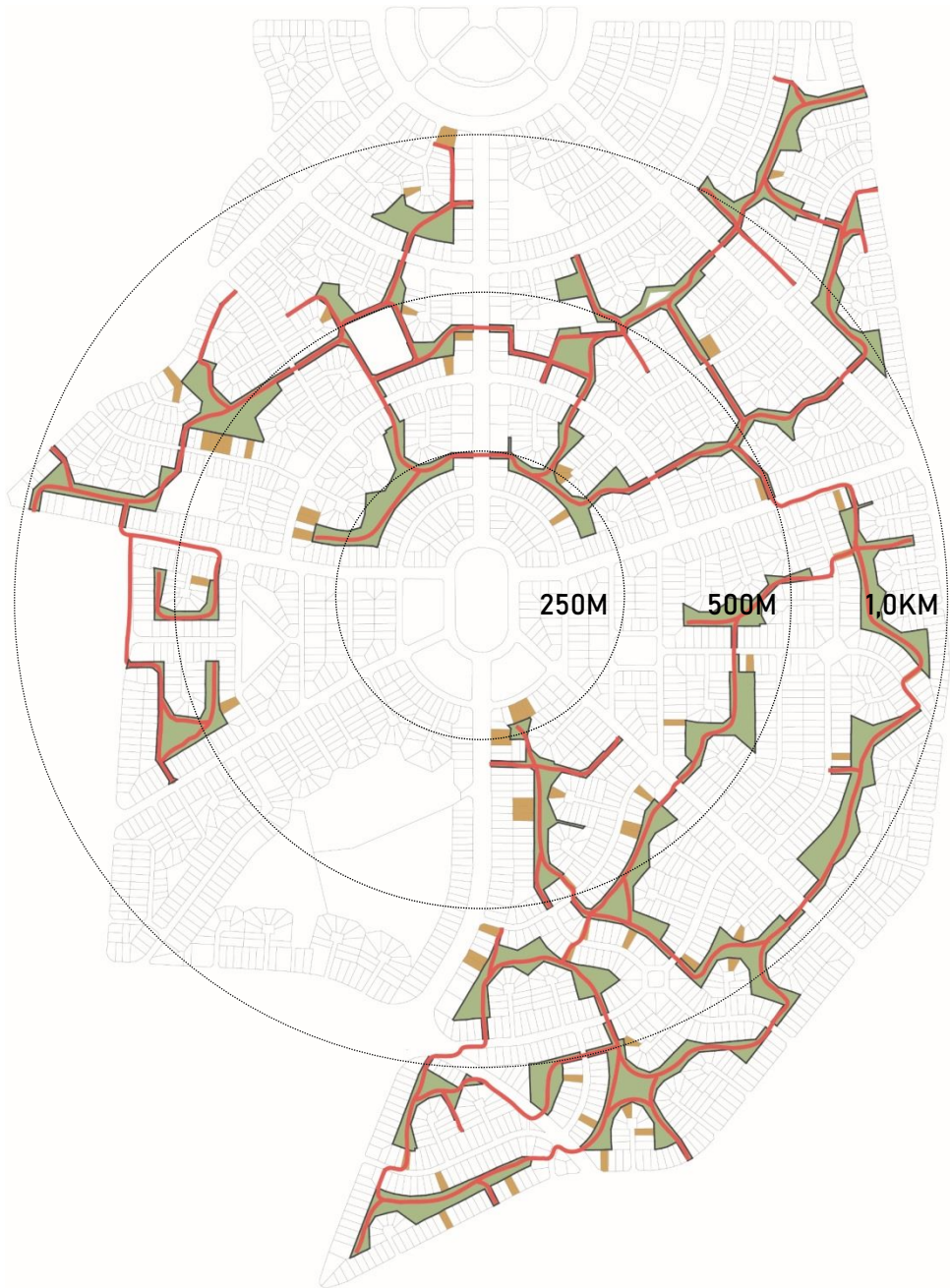




A PROPOSTA



O CIRCUITO BAIRRO-JARDIM



O CIRCUITO BAIRRO-JARDIM



PRAÇA DA BACIA
11.110M²

RECONHECIMENTO

CAMINHO CONSERVADO



BOSQUE



CAMINHONETE ABANDONADA



GALINHAS



BANCOS NAS ÁRVORES



VESTÍGIOS DE FOGUEIRA



BACIA DE SKATE

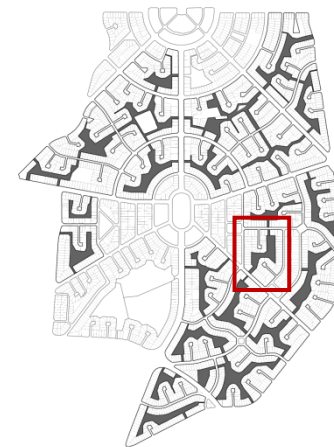


MUDAS



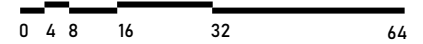
CAMINHO PELAS ÁRVORES

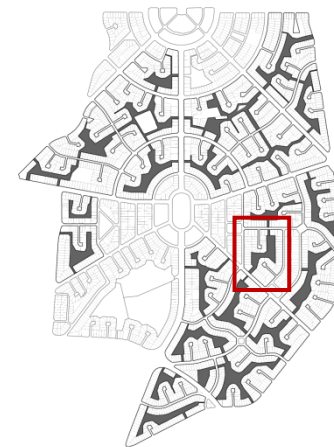




- 1 PORTAIS
- 2 BARRAS
- 3 ANEL
- 4 BACIA
- 5 GRELHA
- 6 ESTUFAS

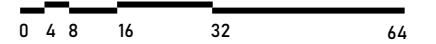
PLANTA GERAL

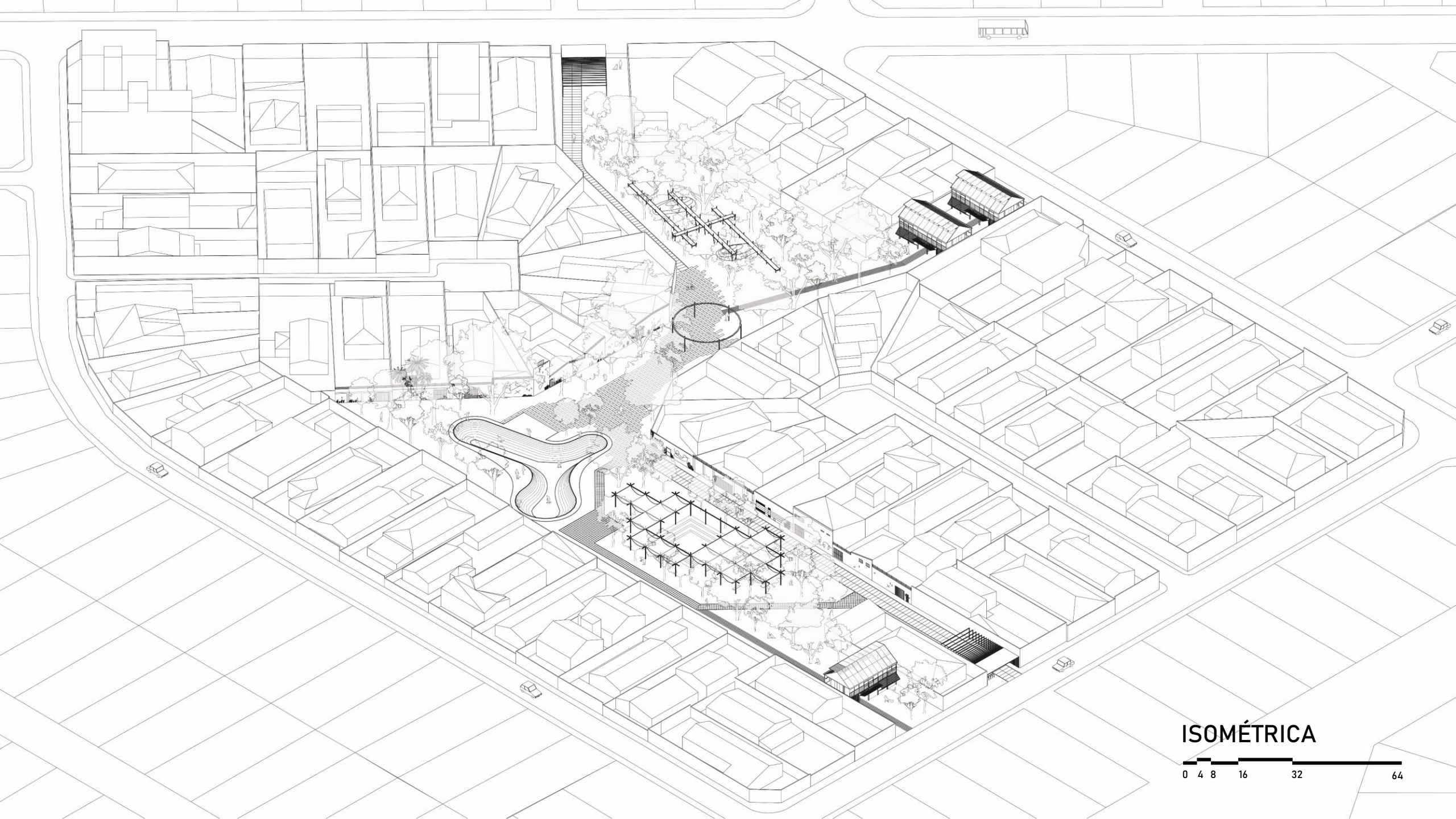




- 1 PORTAL
- 2 BARRAS
- 3 ANEL
- 4 BACIA
- 5 GRELHA
- 6 ESTUFA

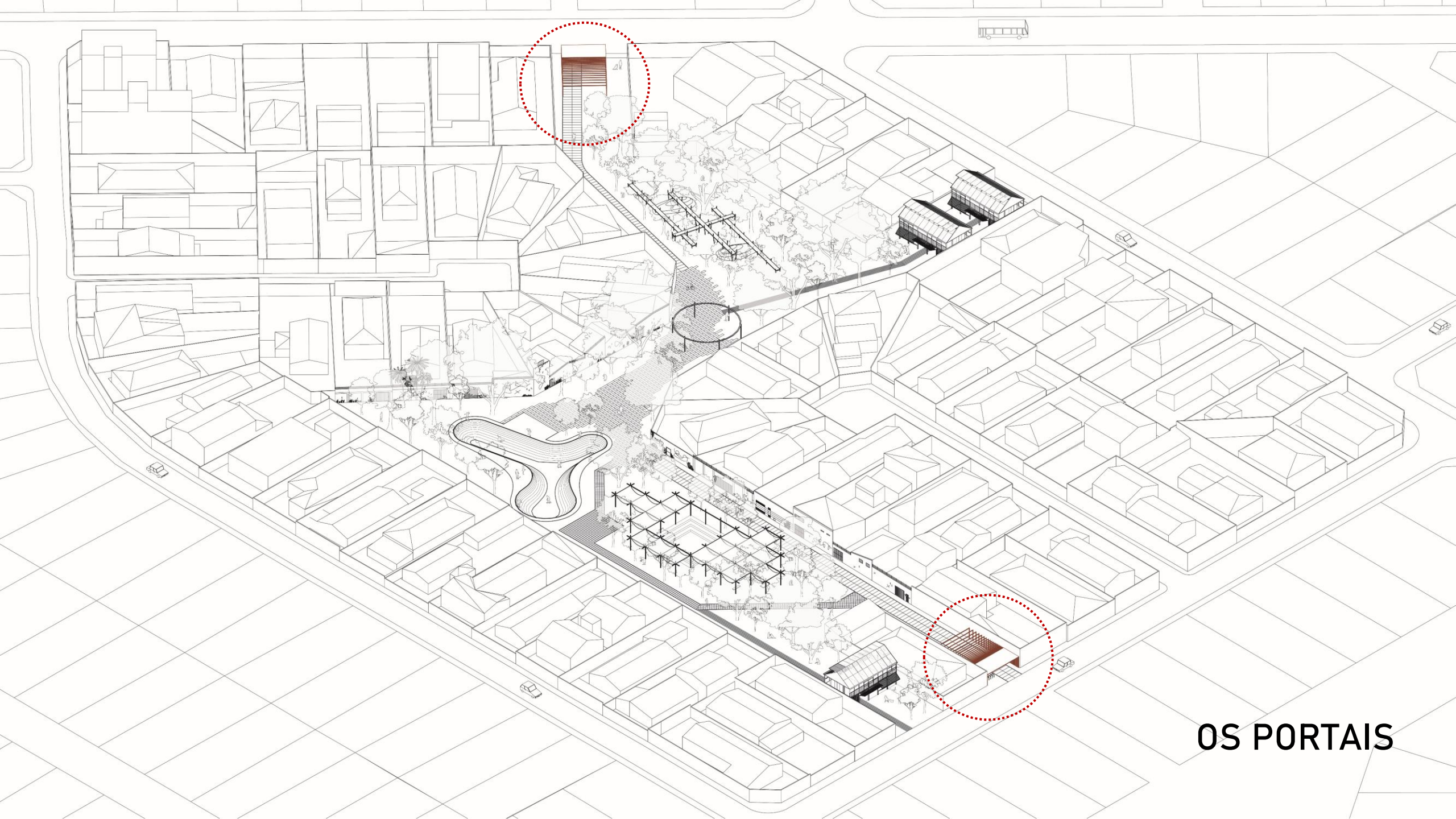
APROXIMAÇÕES



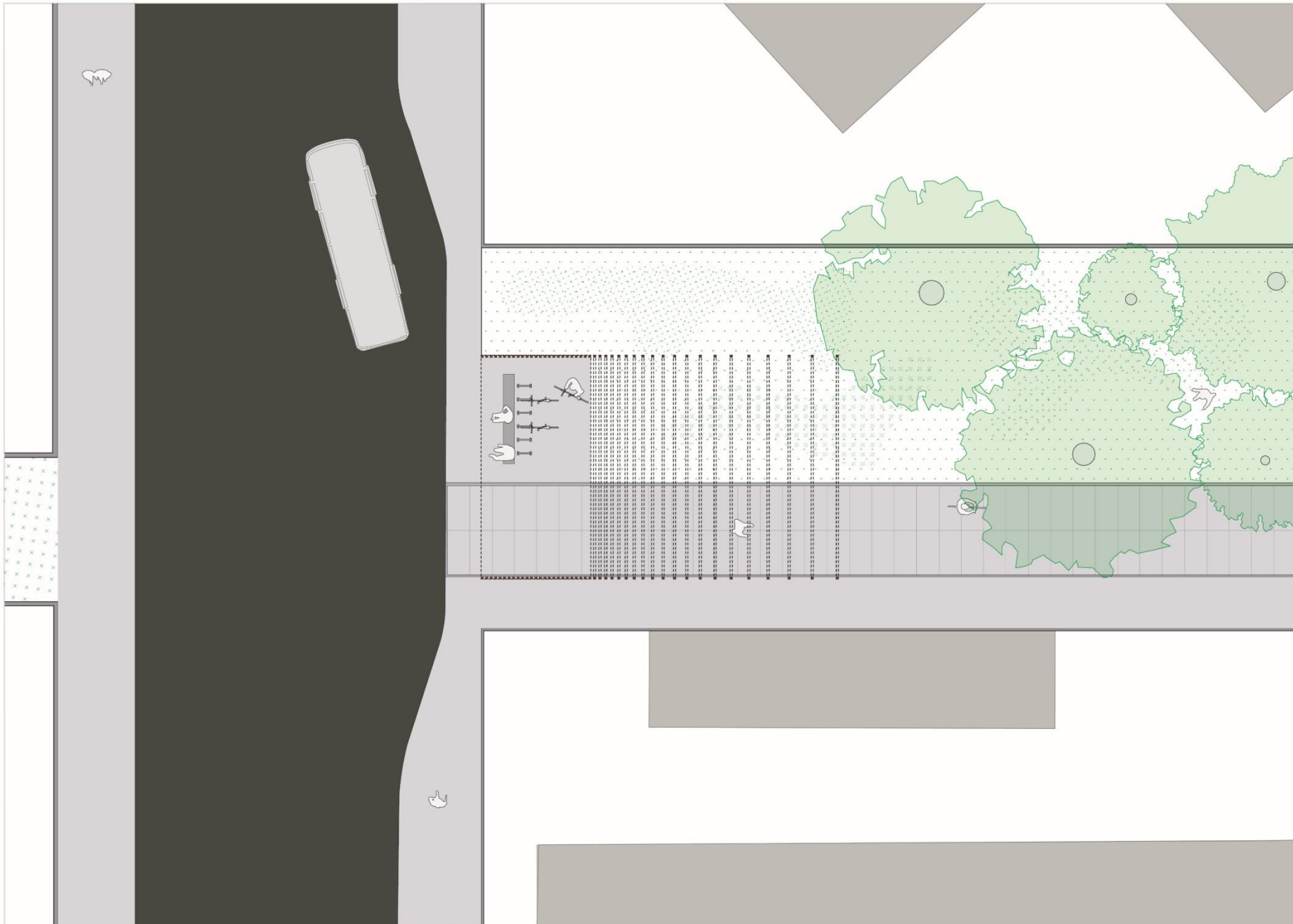


ISOMÉTRICA

0 4 8 16 32 64



OS PORTAIS

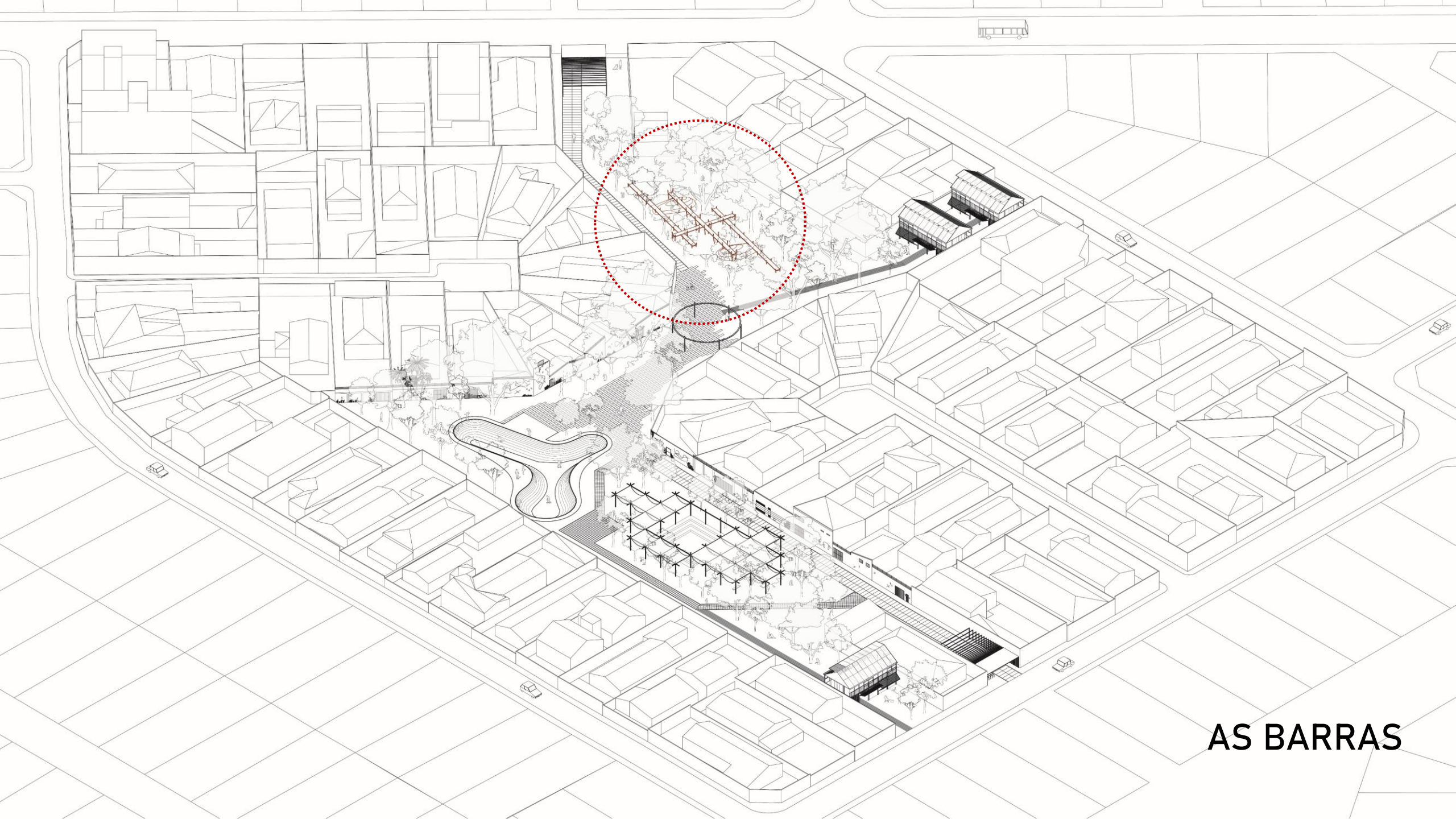


PLANTA BAIXA

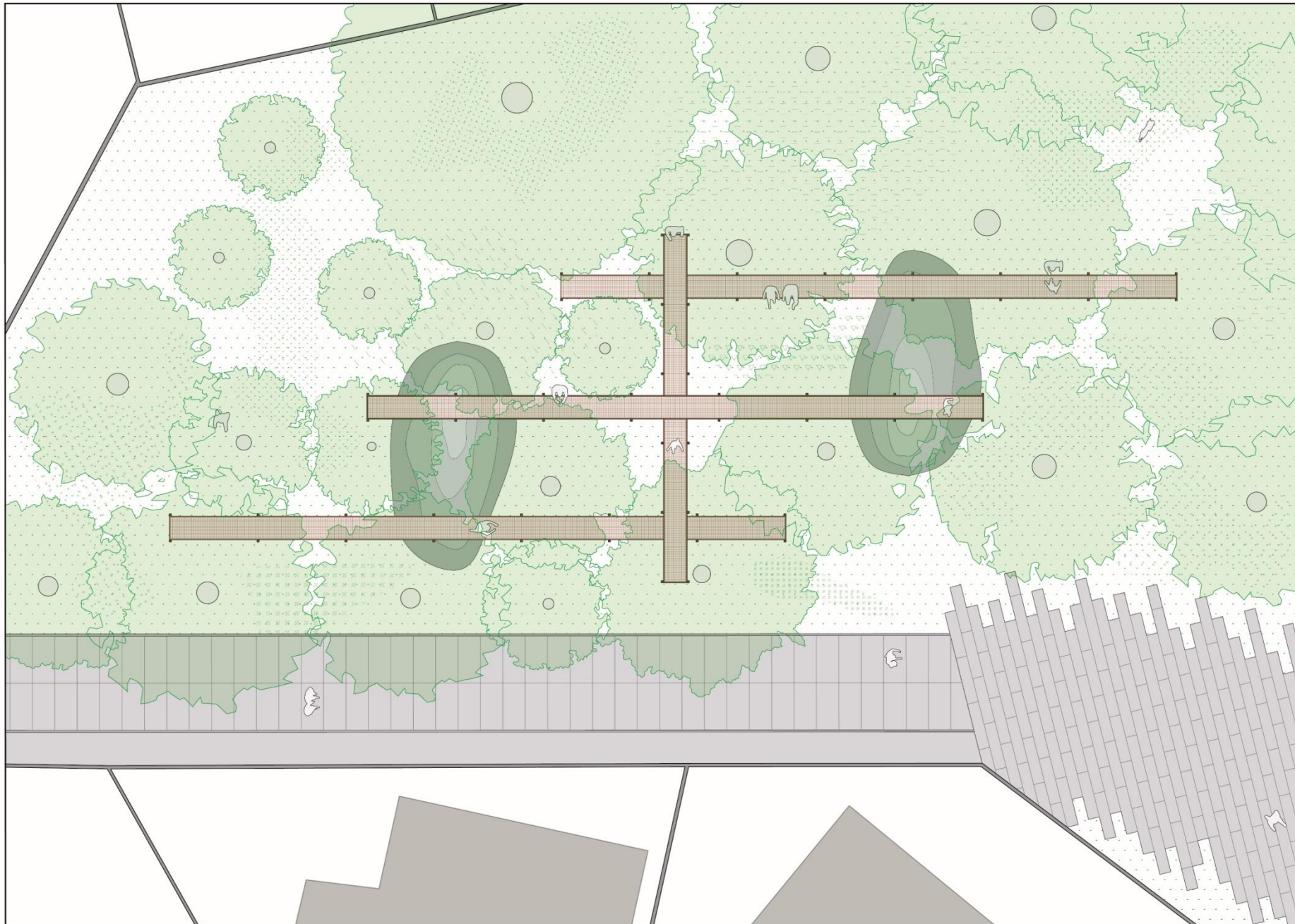




CORTE

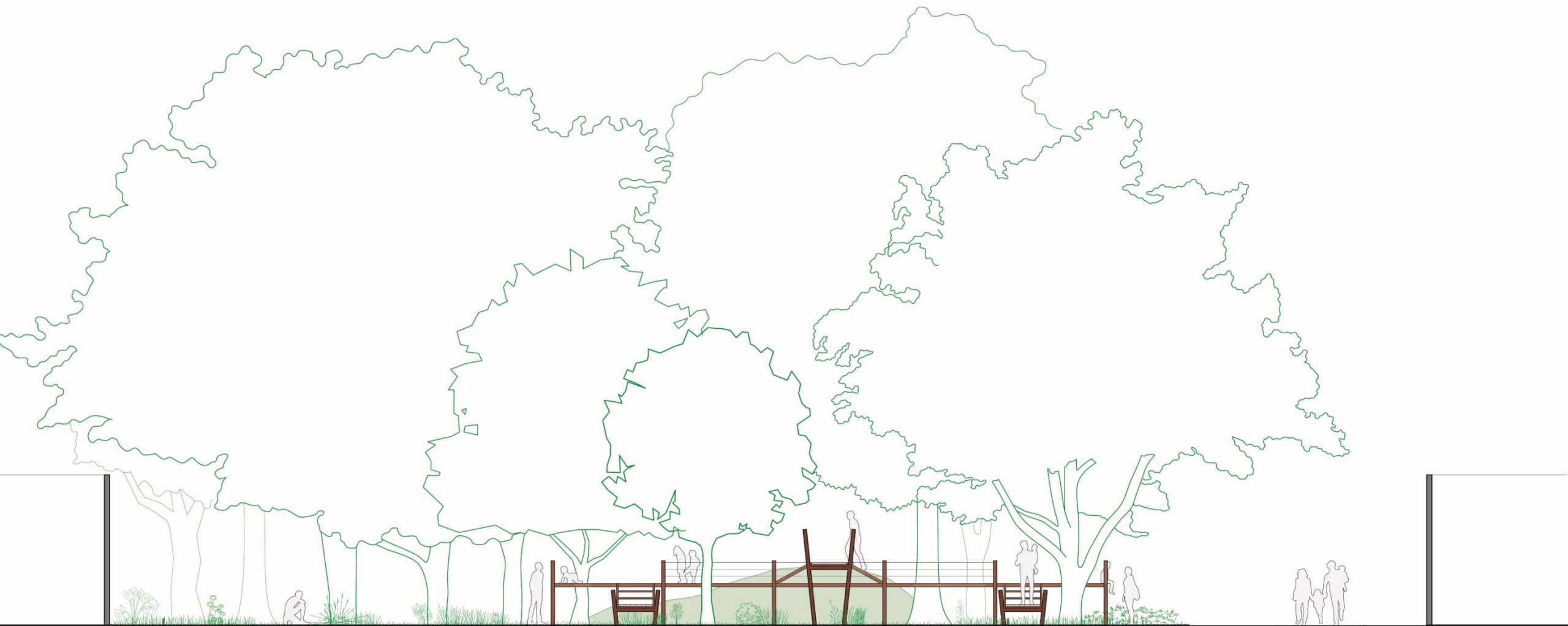


AS BARRAS



PLANTA BAIXA

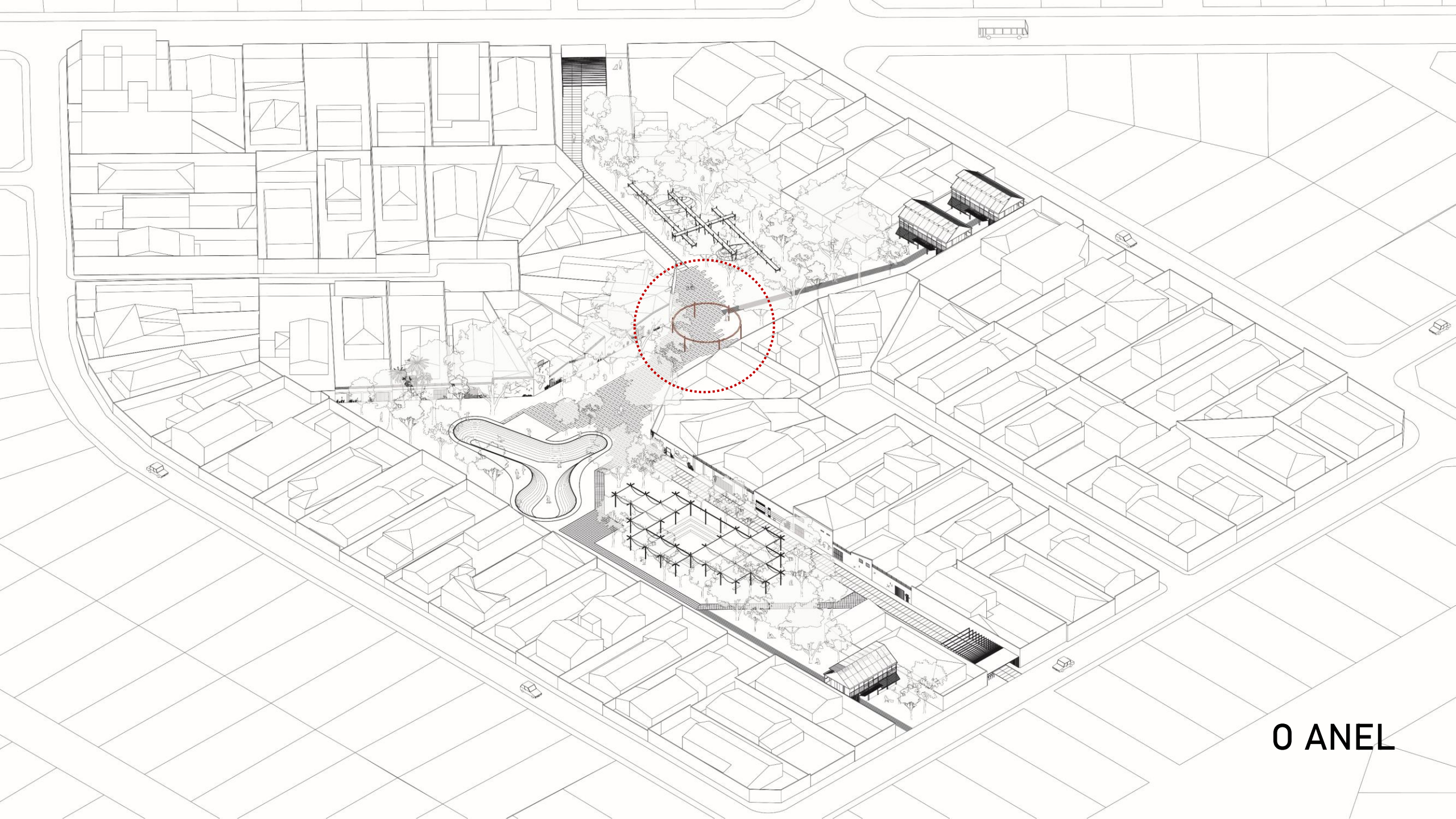




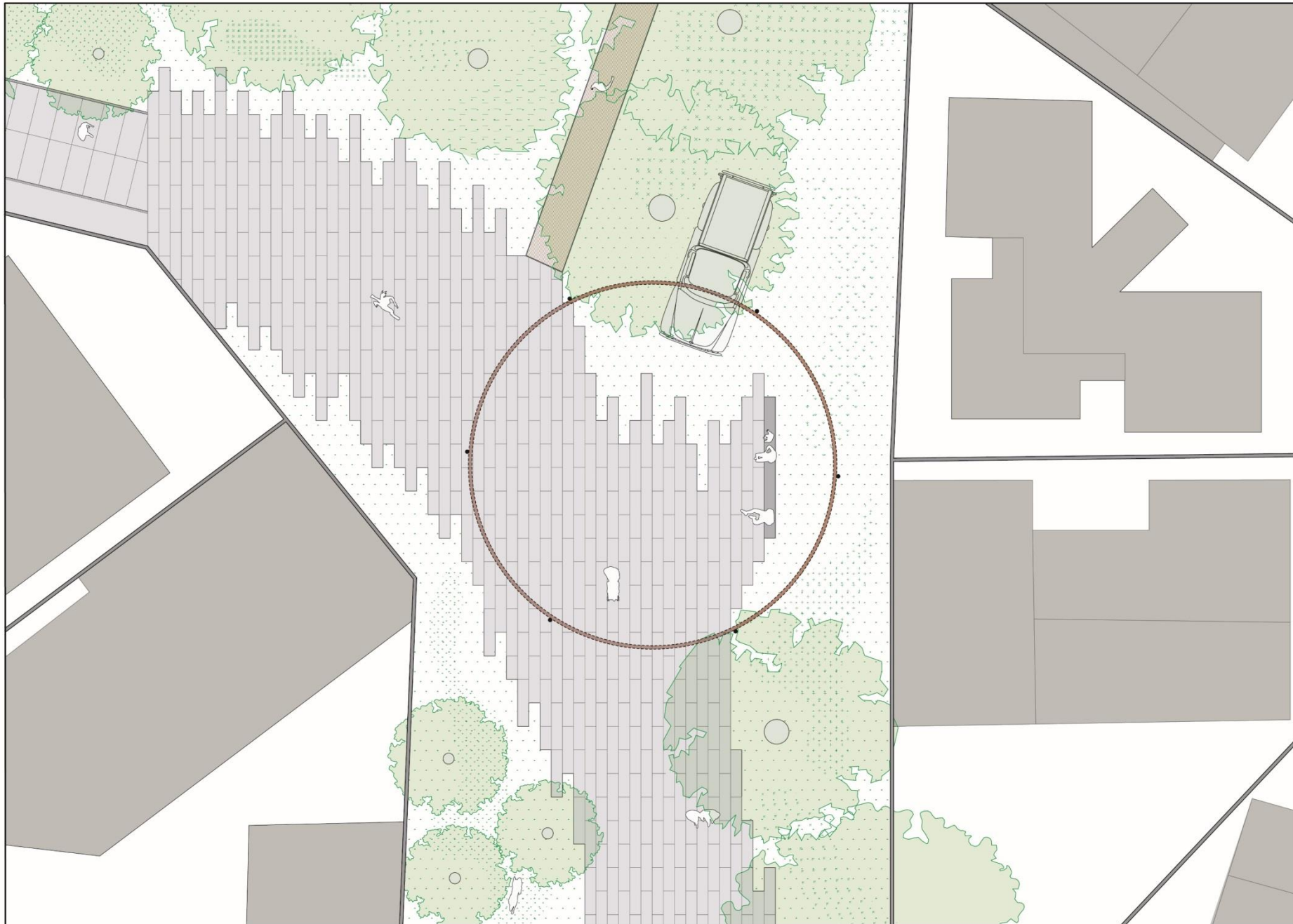
CORTE



PERSPECTIVA

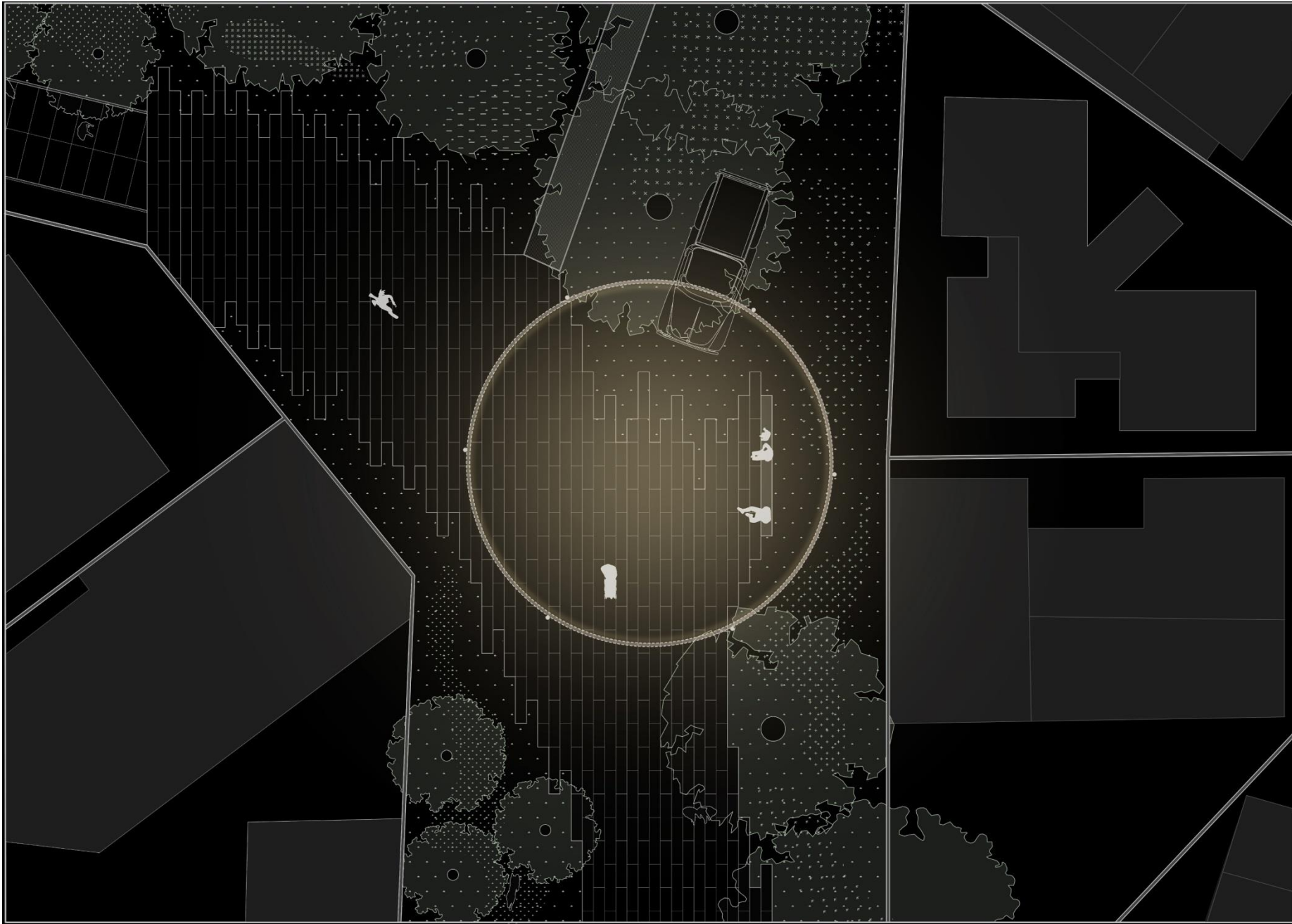


0 ANEL



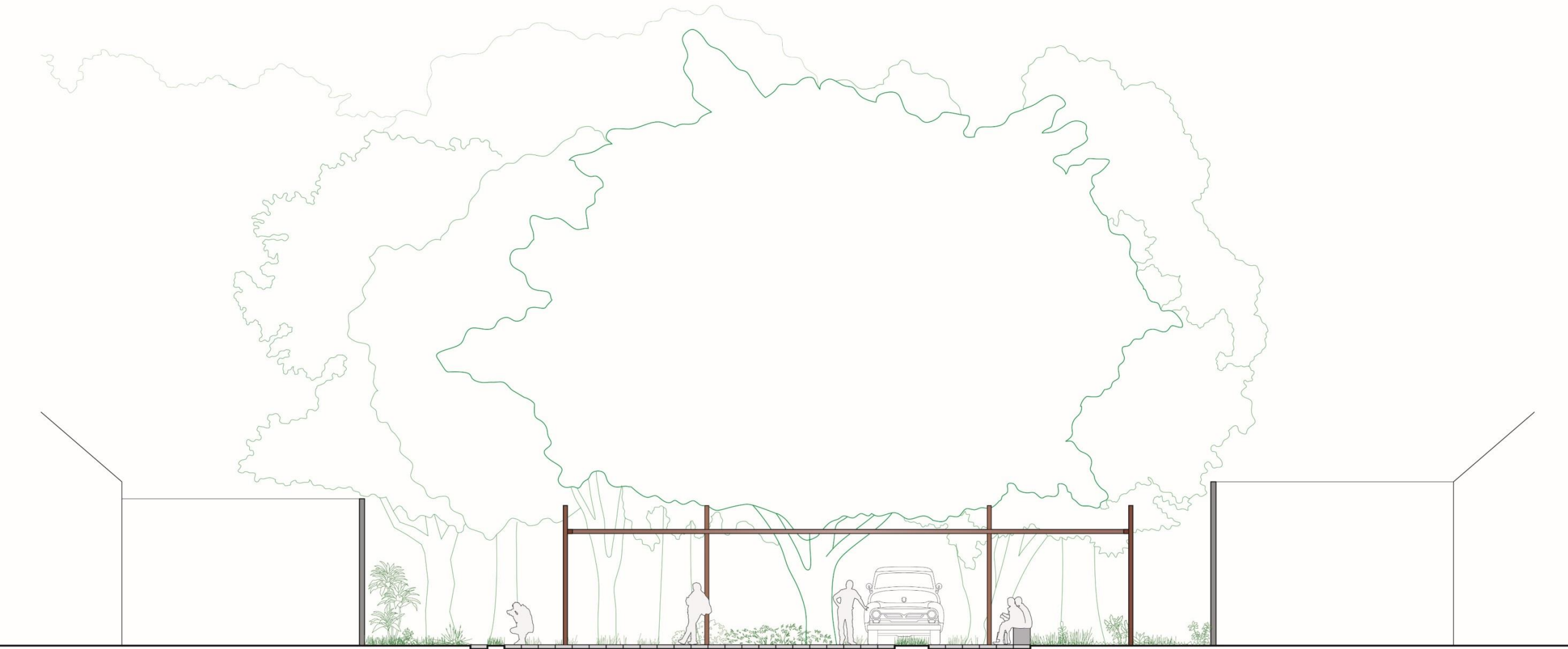
PLANTA BAIXA





PLANTA BAIXA



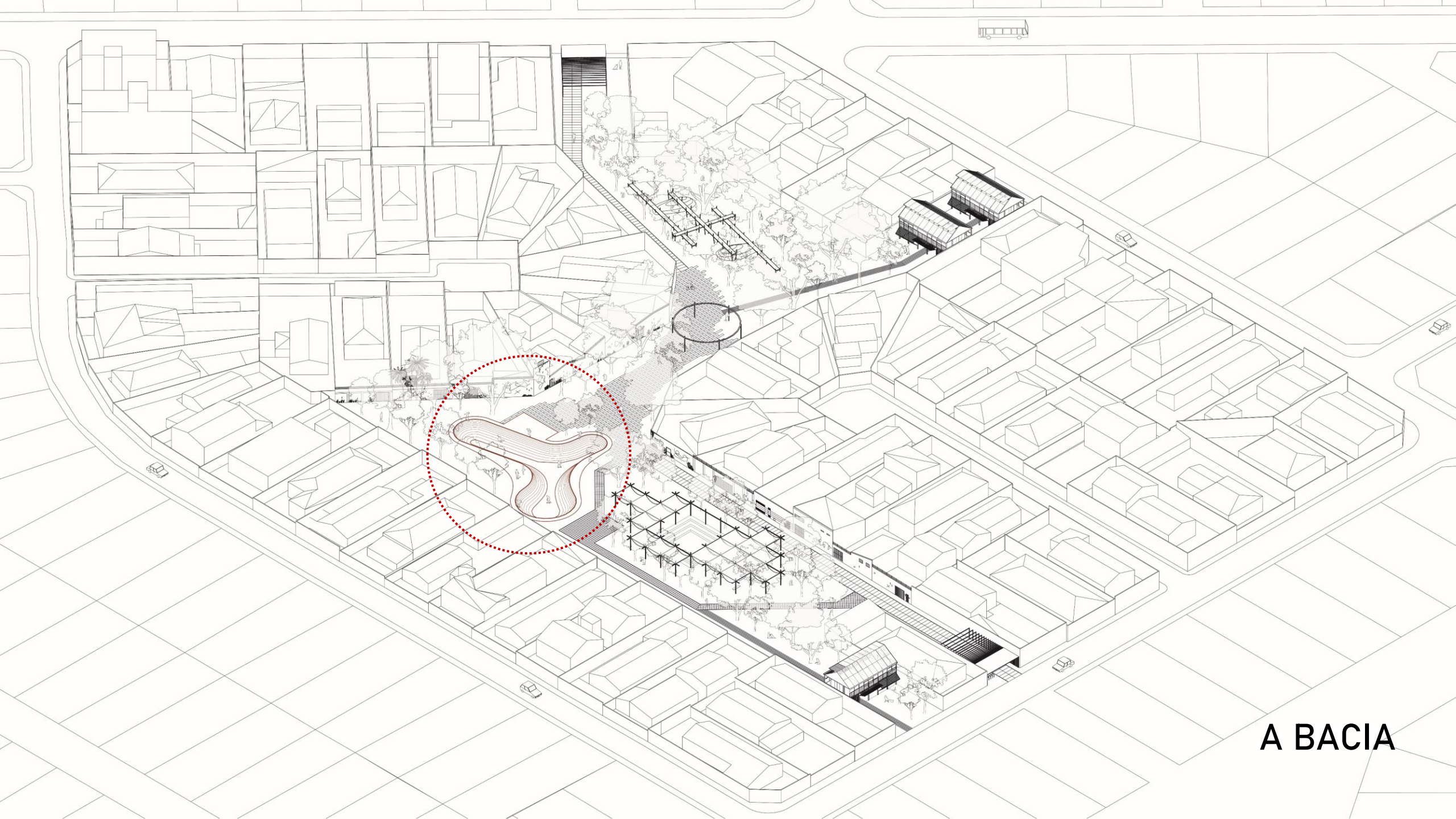


CORTE

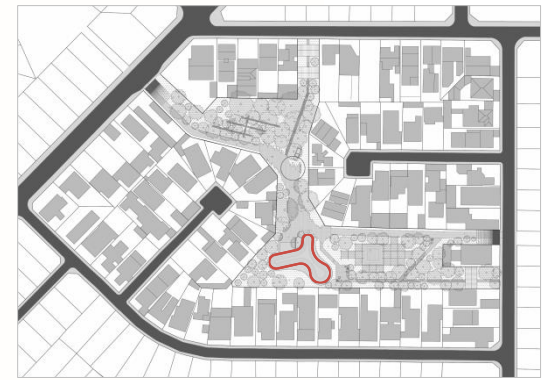
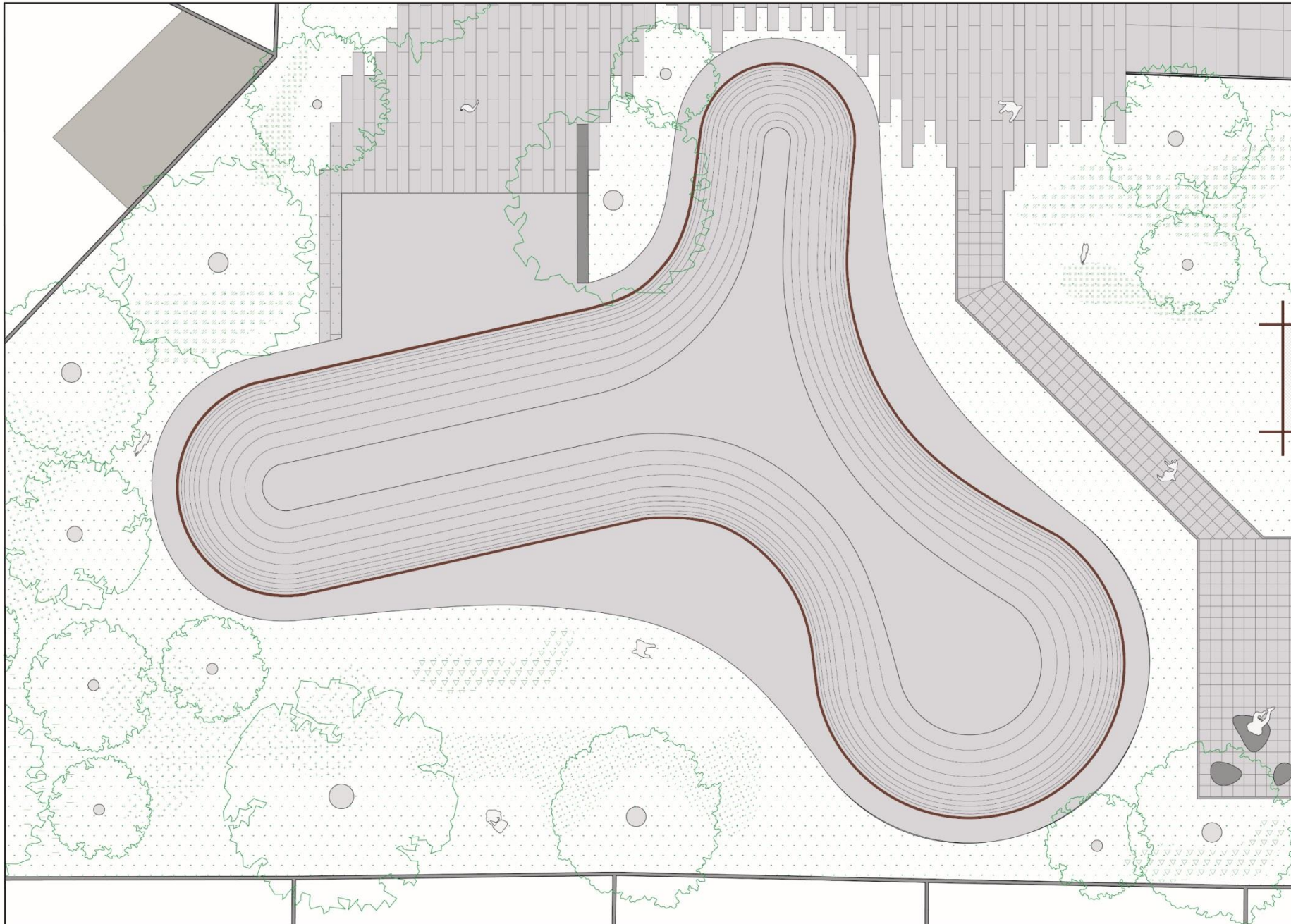




PERSPECTIVA

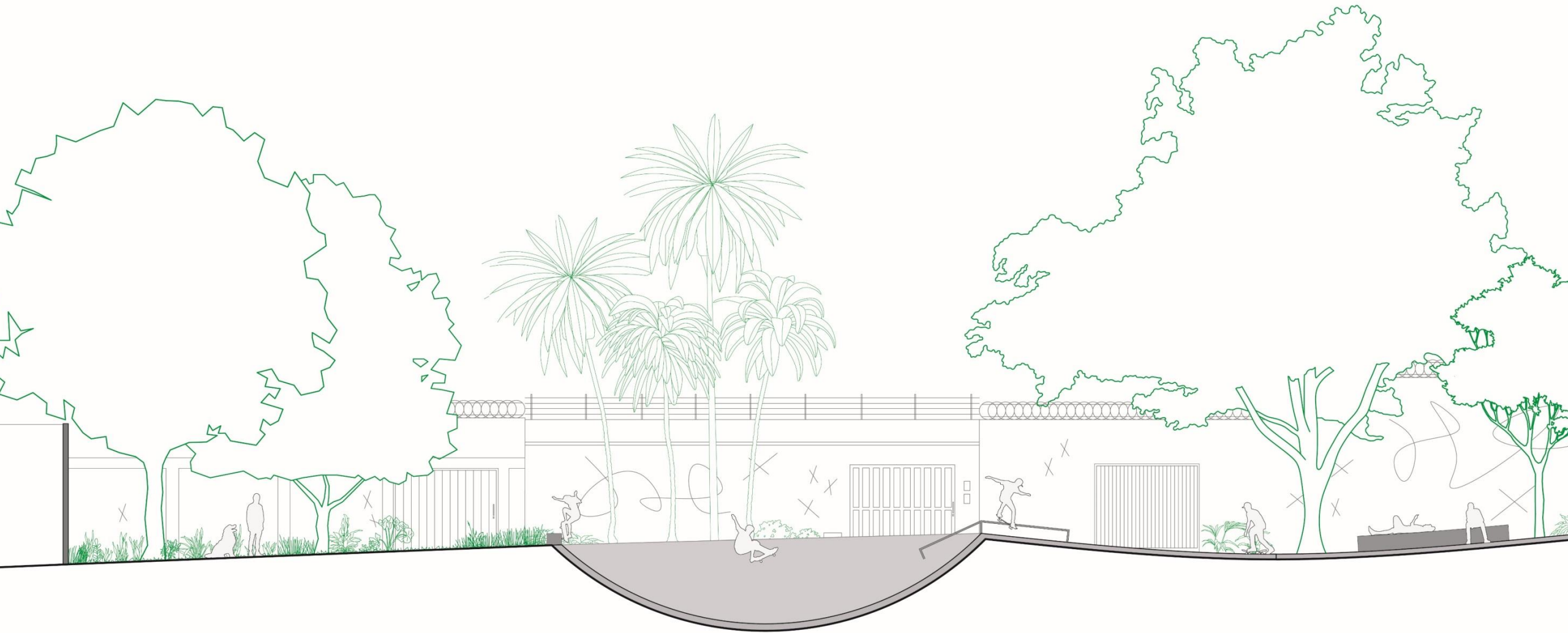


A BACIA

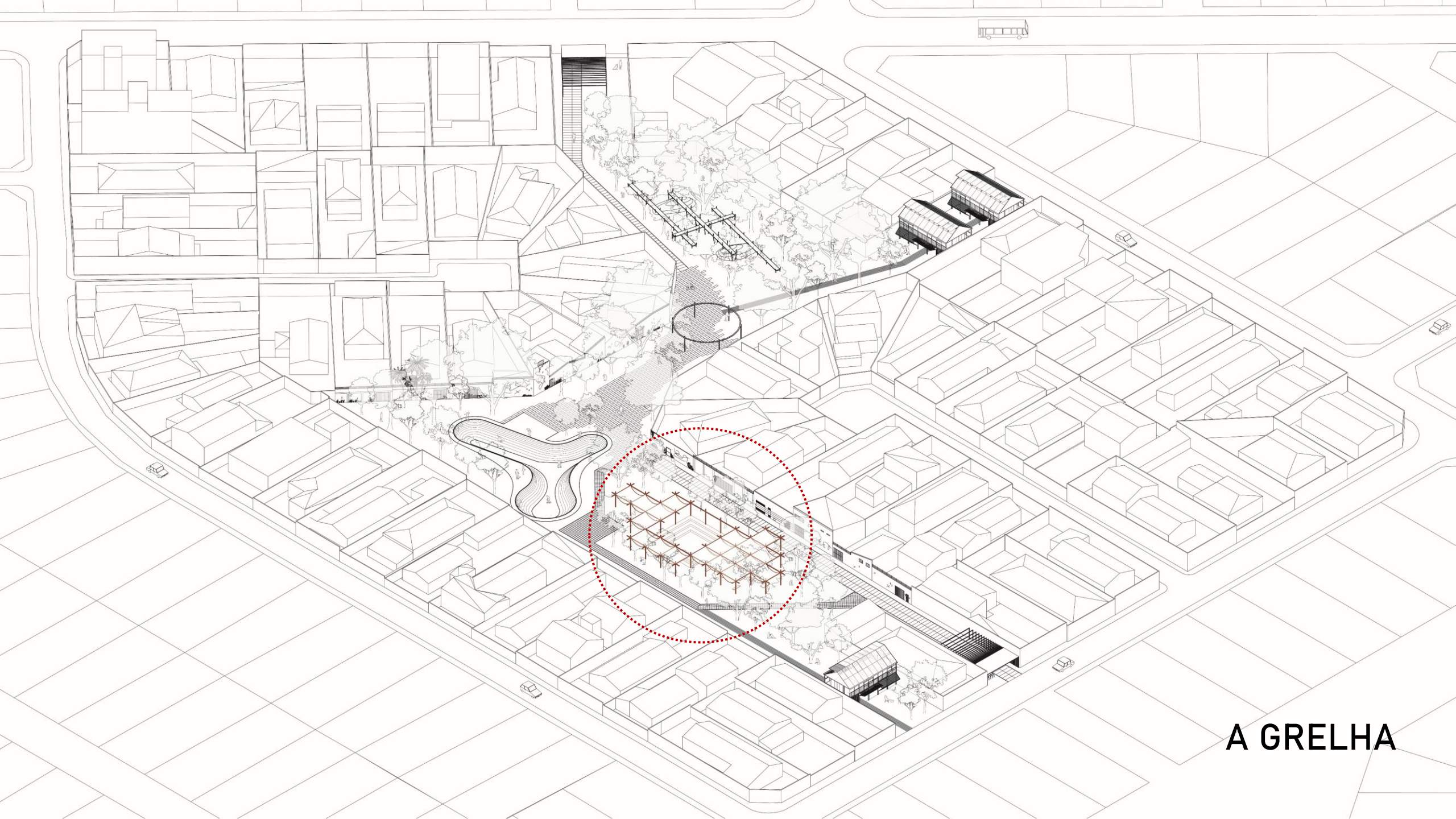


PLANTA BAIXA

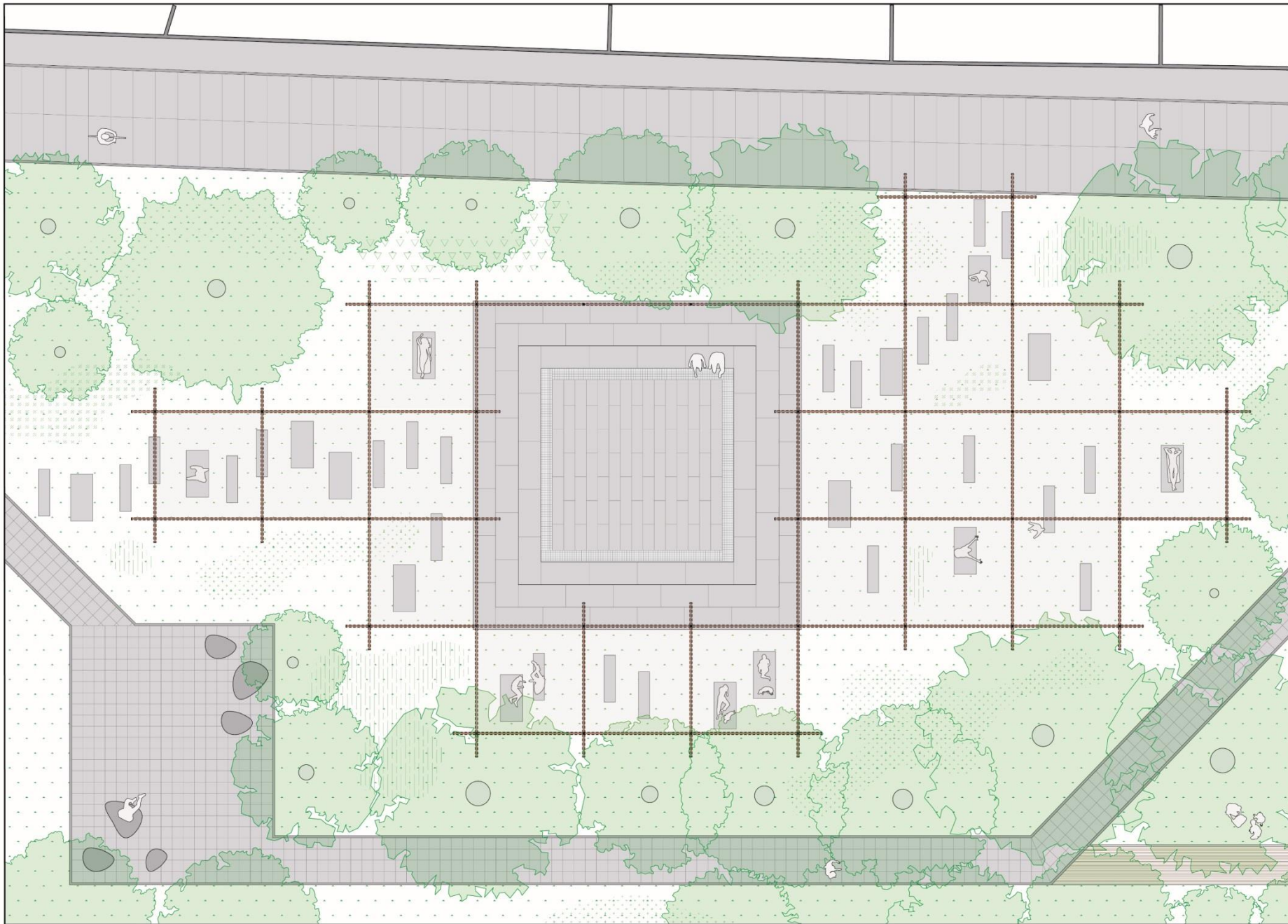




CORTE

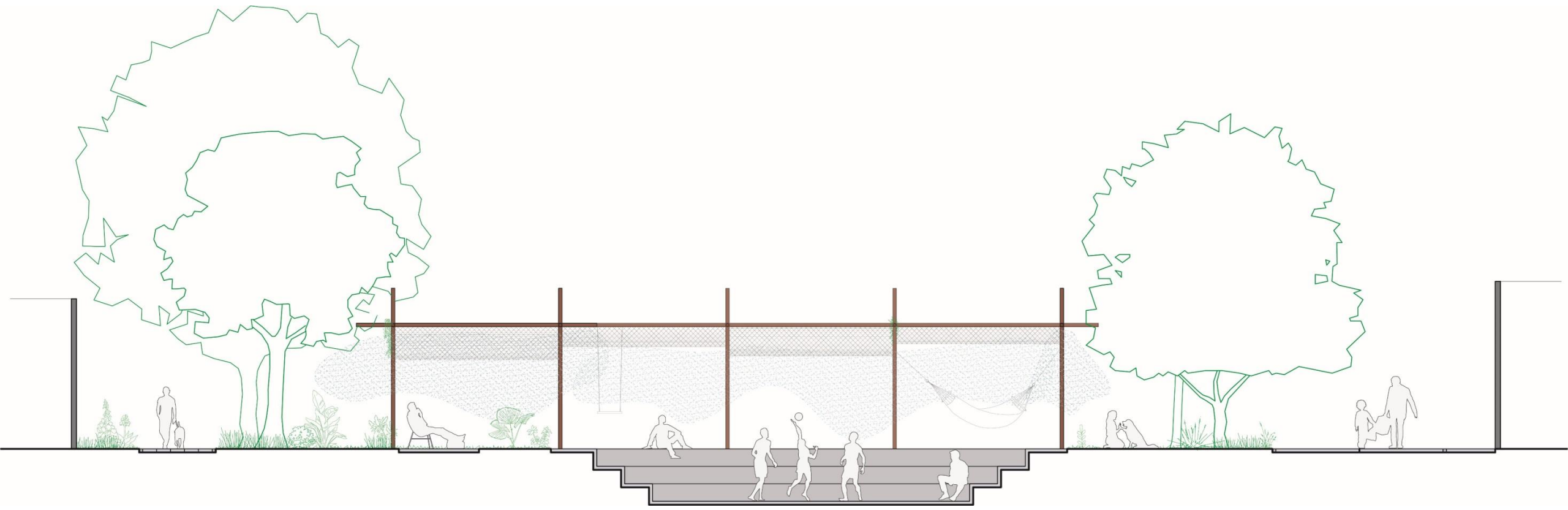


A GRELHA



PLANTA BAIXA

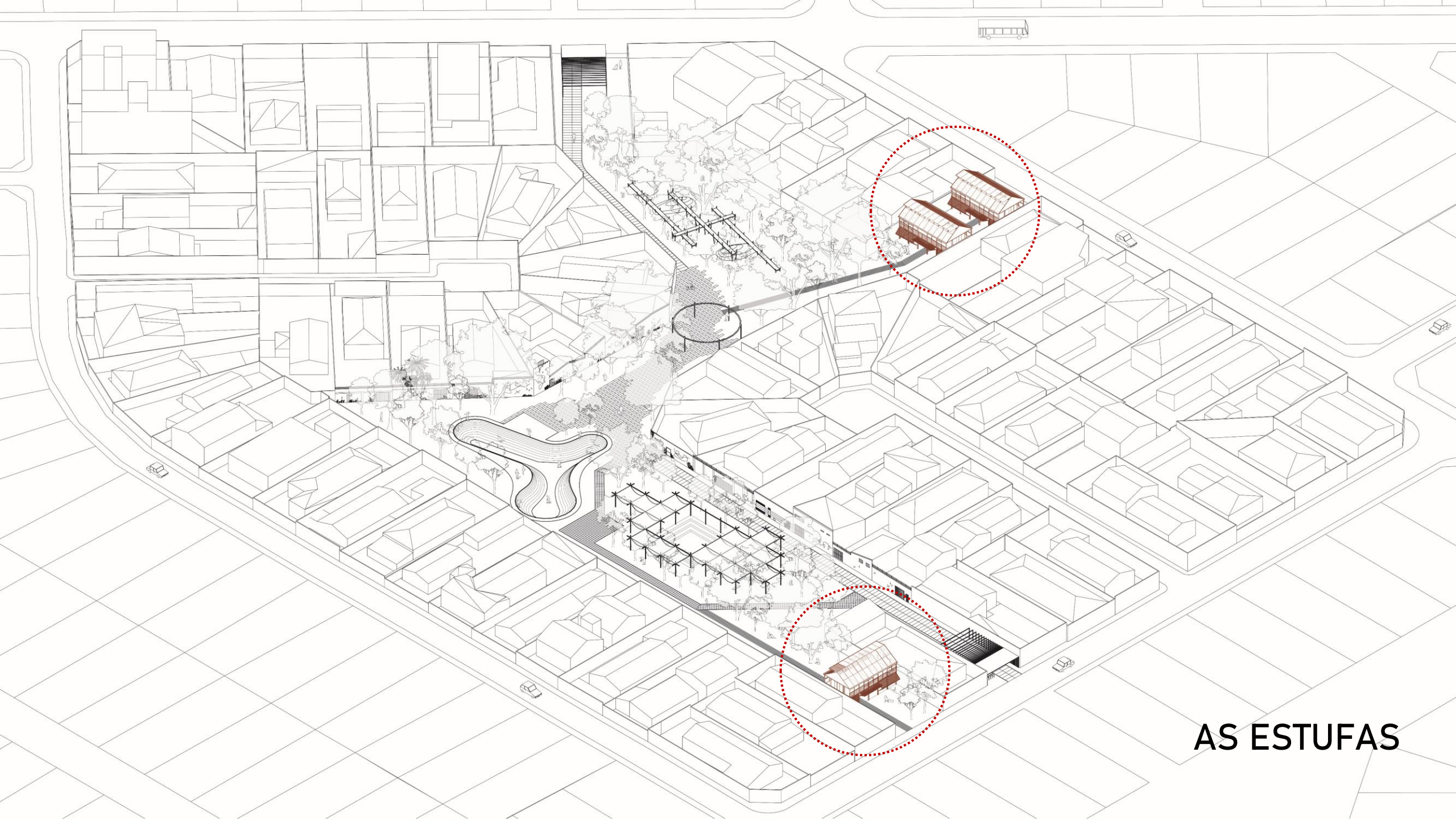




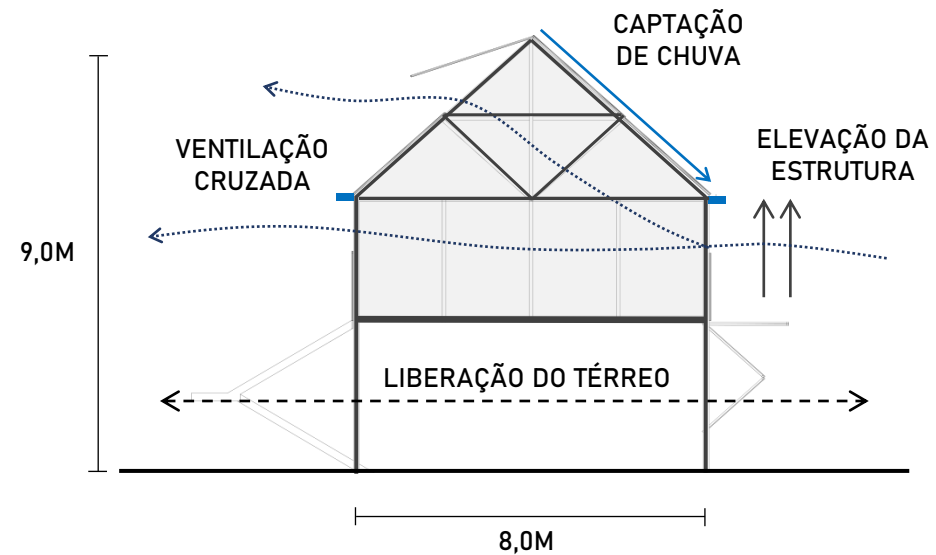
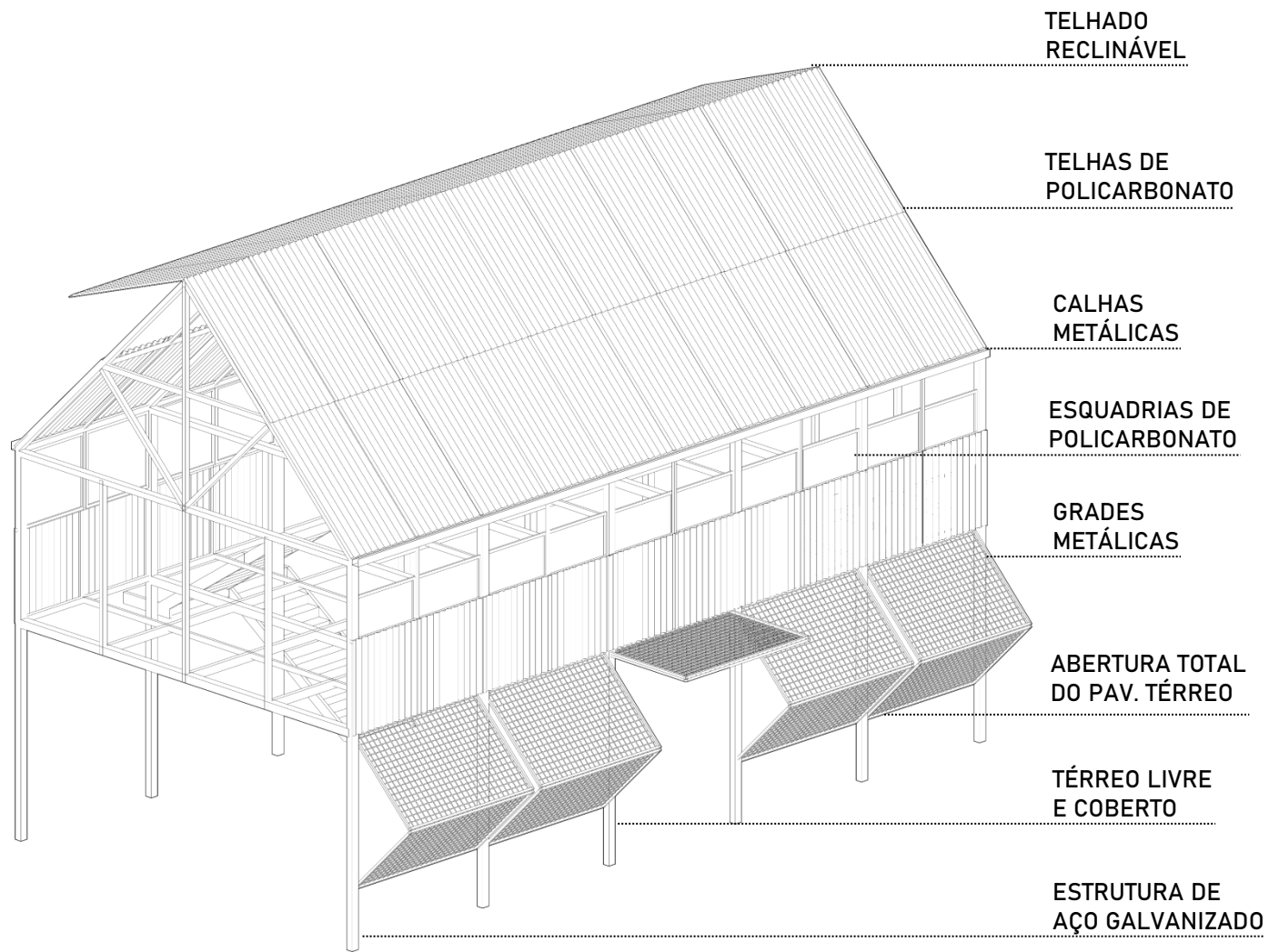
CORTE



PERSPECTIVA

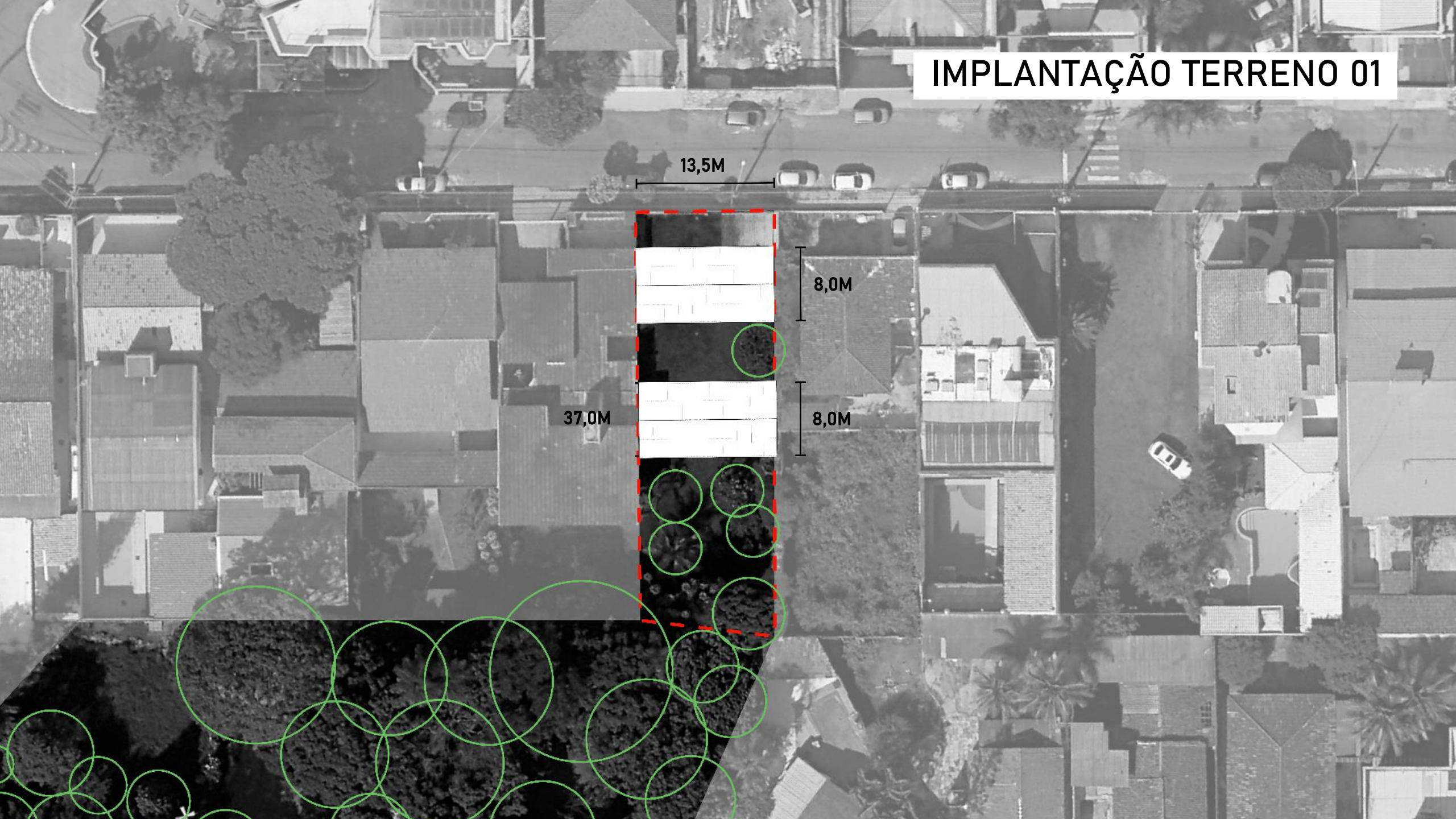


AS ESTUFAS



DETALHE DO PISO DRENANTE

IMPLANTAÇÃO TERRENO 01



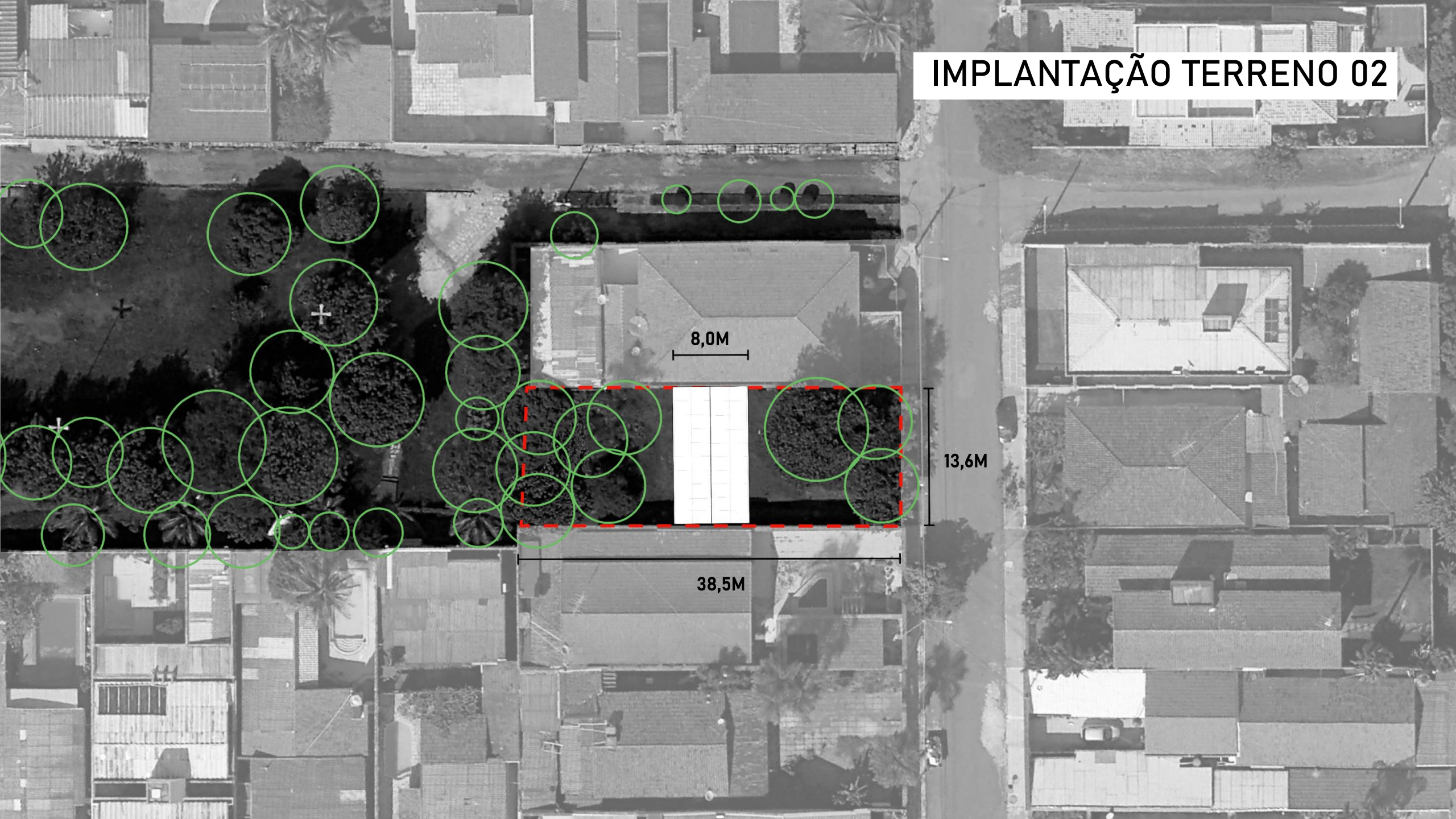
13,5M

8,0M

37,0M

8,0M

IMPLANTAÇÃO TERRENO 02



8,0M

13,6M

38,5M



PLANTA BAIXA TÉRREO



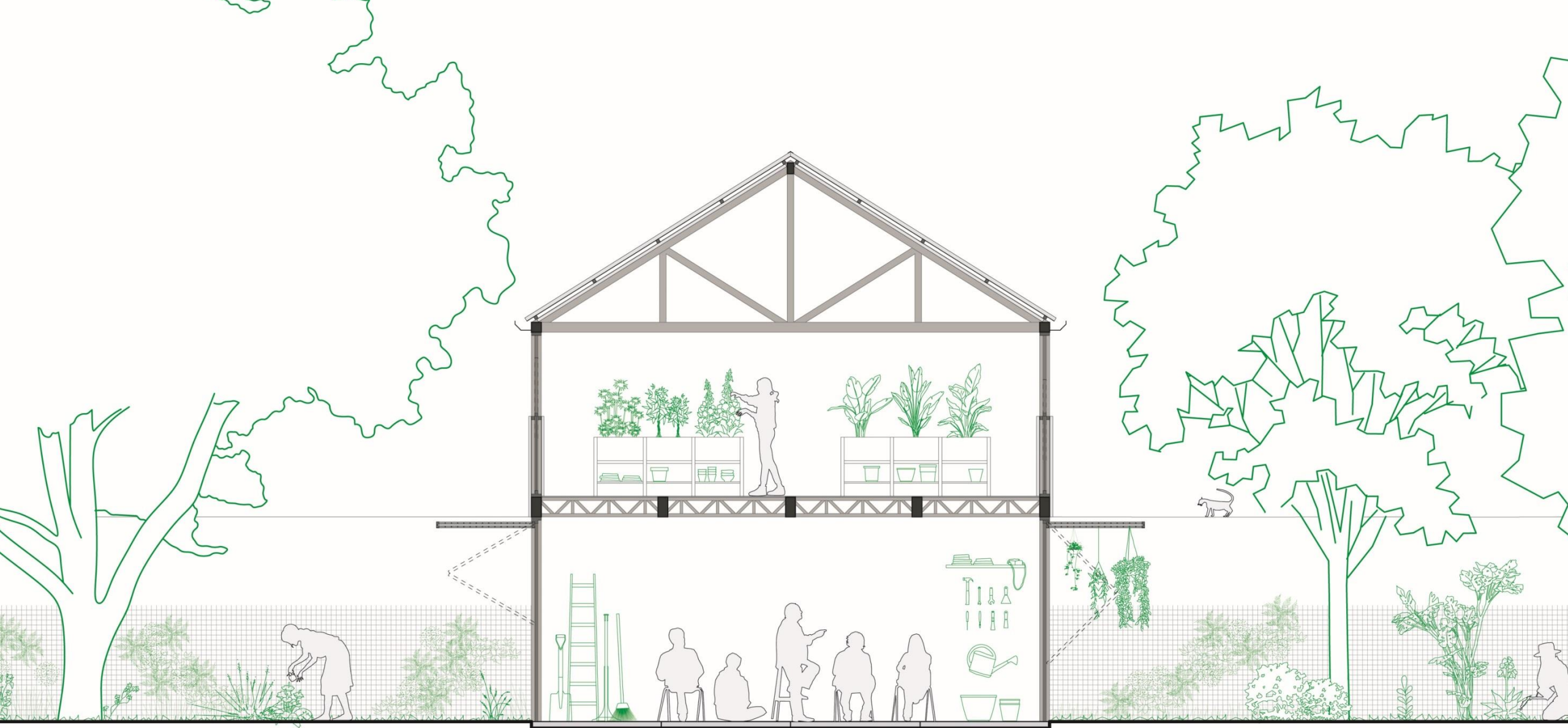


PLANTA BAIXA 1º PAV





CORTE



CORTE APROXIMADO



PERSPECTIVA



BACIA
DE SKATE

CAMINHO
REFORMADO

ESPAÇO
PARA REUNIÕES

COBERTURA
TÊXTIL

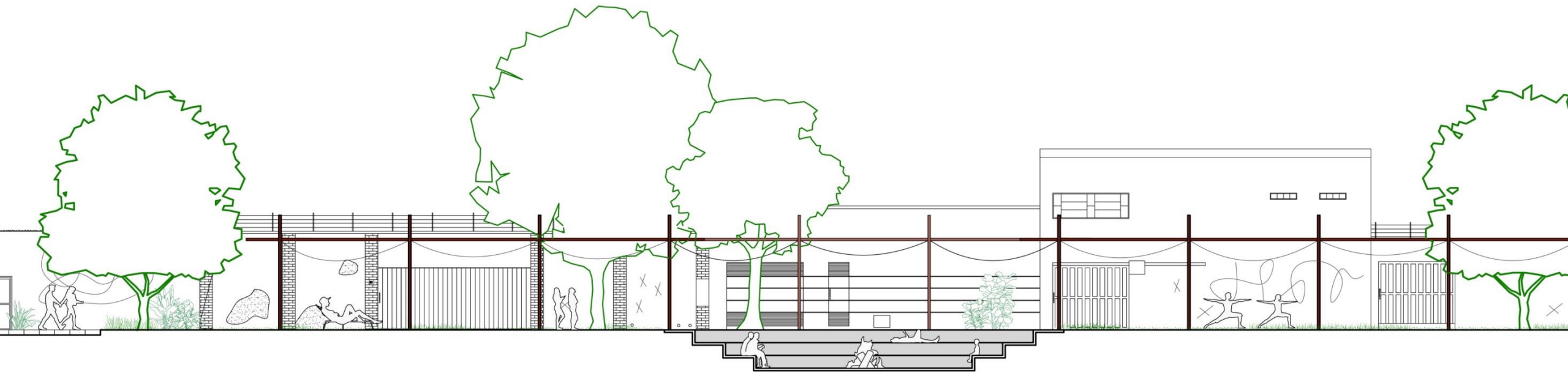
CAMINHO
REFORMADO

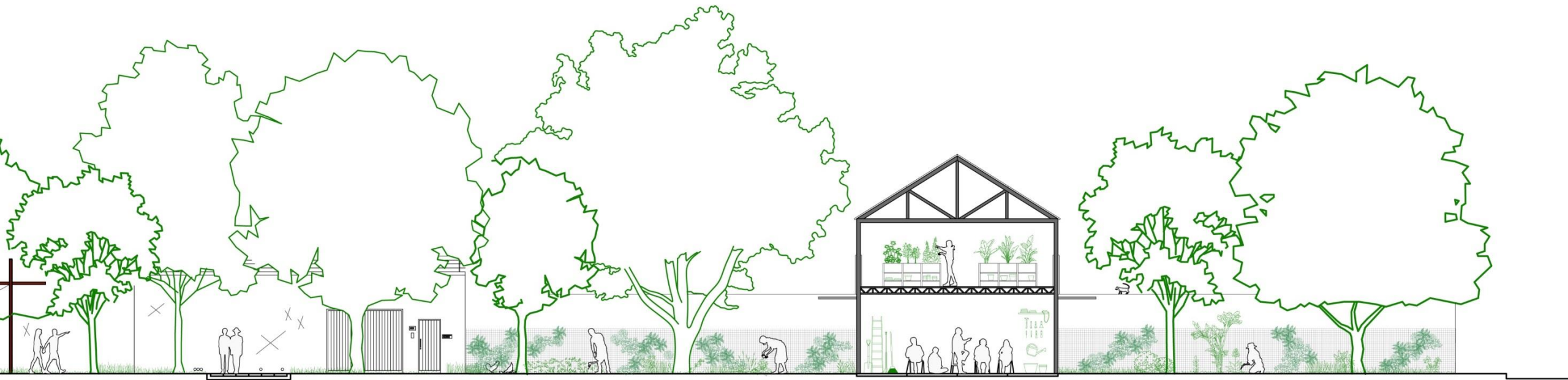
ESTUFA



CORTE DO CONJUNTO









BACIA
DE SKATE

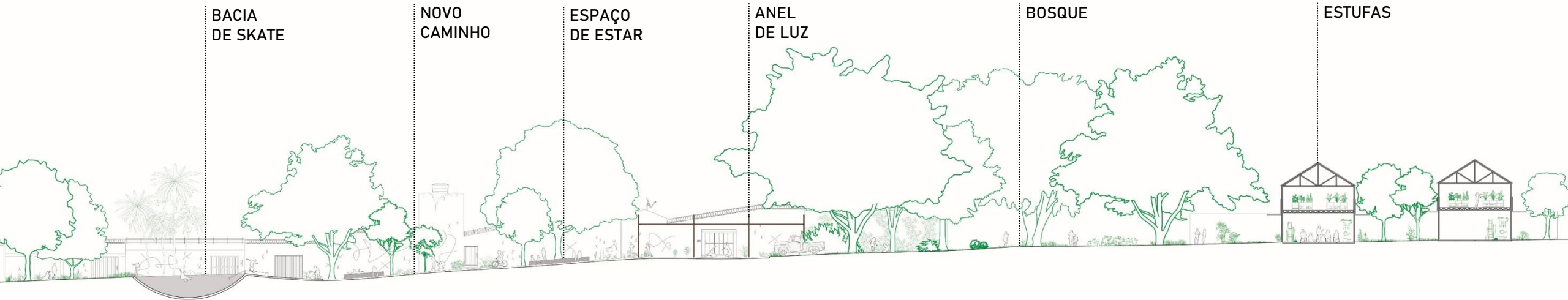
NOVO
CAMINHO

ESPAÇO
DE ESTAR

ANEL
DE LUZ

BOSQUE

ESTUFAS

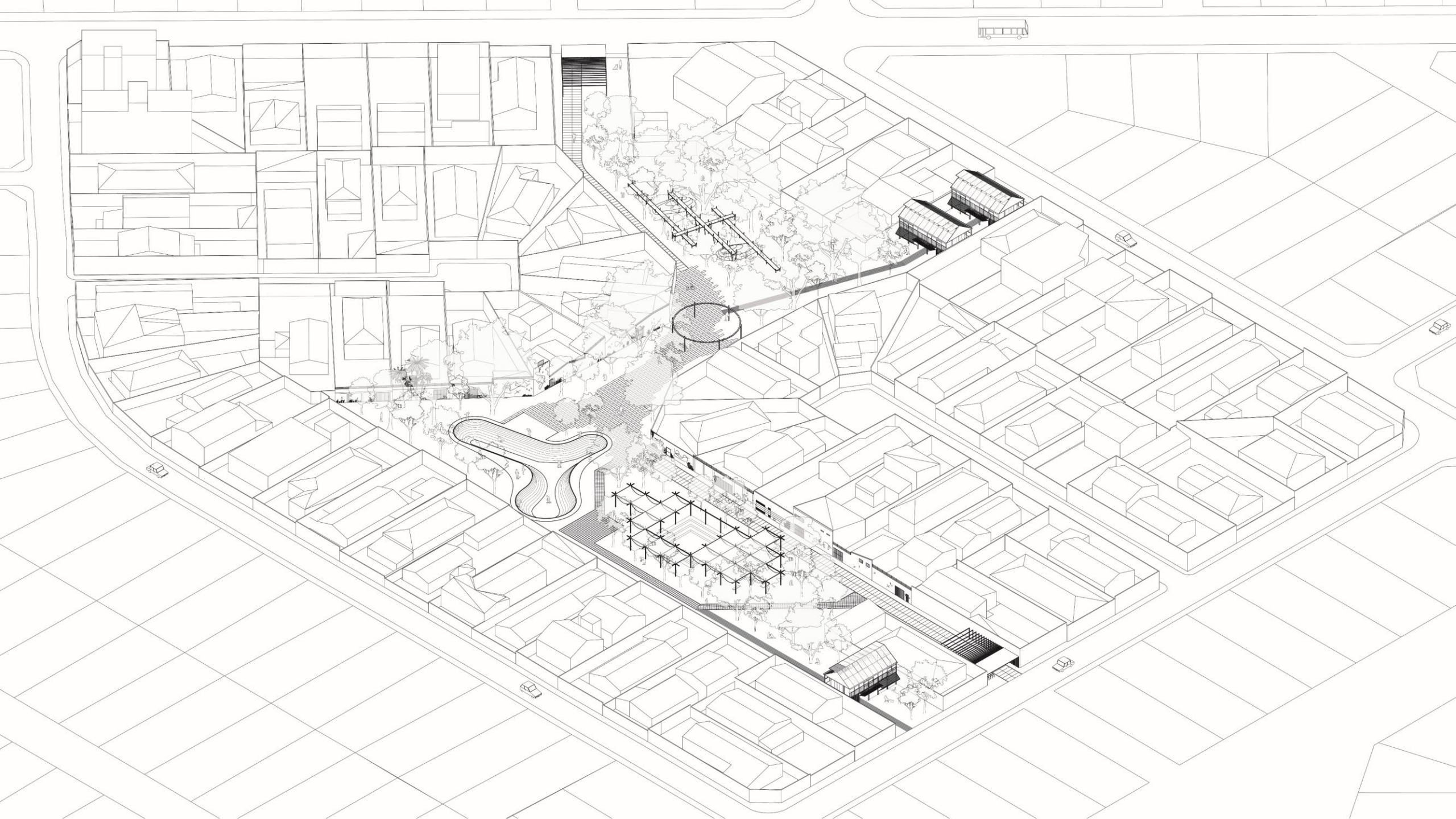


CORTE DO CONJUNTO









BIBLIOGRAFIA

PANERAI, Phillippe; CASTEX, Jean; DEPAULE, Jean-Charles. Formas Urbanas: a dissolução da quadra. Porto Alegre: Bookman, 2013.

DAHER, Tânia. O projeto original de Goiânia – Dôssie Cidades Planejadas. Revista UFG, junho 2009, Ano XI nº6.

DAHER, Tânia. Goiânia, uma utopia européia. Goiânia: Instituto Centro Brasileiro de Cultura, 2003.

FARIAS, A. C. C.; BRITTO, P. D. A urbanidade das áreas verdes do Setor Sul em Goiânia – Cartografando Bricolagens e Desejos. Seminário Nacional: Pensando o projeto e Pensando a Cidade, FAV-UFG, setembro 2016.

RIBEIRO, Maria Eliana Jubé. Goiânia: os planos, a cidade e o sistema de áreas verdes. Goiânia: Ed. Da UCG, 2004.

MOTA, Juliana Costa. O Setor Sul em Goiânia: o espaço público abandonado. In: III Seminário Docomomo Brasil – A permanência do Moderno. São Paulo, 1999.

GONÇALVES, Alexandre Ribeiro. Goiânia: uma modernidade possível. Brasília: Ministério da Integração Nacional: Universidade Federal de Goiás, 2002.

GRAEFF, Edgard. Goiânia: 50 anos. Série: Oito vertentes e dois momentos de síntese da arquitetura brasileira. Brasília: MEC-SESU, 1985.

VIEIRA, Patrick di Almeida. Attílio Corrêa Lima e o Planejamento de Goiânia – Um marco moderno na conquista do Sertão Brasileiro. Revista Urbana, volume 4, março 2011 – Dossiê: os eruditos e a cidade, CIEC/UNICAMP.

CAIXETA, J. L.; ENOKIBARA, M. Revisitando um sonho moderno. O sistema de áreas verdes do Setor Sul em Goiânia: dos planos de Attílio Corrêa Lima e Armando de Godoy à atualidade. Revista Nacional de Gerenciamento de Cidades, volume 5, nº33, junho 2017.

CAIXETA, Eline Maria Moura Pereira; ARRUDA, Ângelo Marcos. Goiânia e Angélica. Duas cidades modernas no centro-oeste. *Arquitextos*, São Paulo, ano 17, n. 195.07, Vitruvius, ago. 2016

BIBLIOGRAFIA

SIMÕES, Ana Rita Barreto. Do terrain vague ao desenho de ecossistemas urbanos – planejamento ecológica da vegetação urbana. Instituto Superior de Agronomia da Universidade de Lisboa, 2003.

BONZI, Ramon Stock. Do abandono a um novo valor no projeto e na apropriação da paisagem. Revista LabVerde nº7 – Artigo nº9, dezembro de 2013.

VIDEIRA, M.; FRUTUOSO, V. O jardim do telhado da Base de Submarinos em Saint-Nazaire como exemplo do princípio da Terceira Paisagem de Gilles Clément. Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro – ECAV, 2015.

OLIVEIRA, Ana Rosa de. Gilles Clément e o jardim planetário. Arqtextos, São Paulo, ano 01, n. 002.03, Vitruvius, jul. 2000

TEIXEIRA, Carlos M. "O Capim / Carlos M. Teixeira" 27 Jun 2013. ArchDaily Brasil. Acessado 30 Out 2020.

SOLÀ-MORALES, Ignasi. Terrain Vague. Territórios. Barcelona, 2002. Editorial Gustavo Gill.

SOLÀ-MORALES, Ignasi. Arquitetura Débil. Diferenças: topografia da arquitetura contemporânea. Barcelona, 1996. Editorial Gustavo Gill.

VAN EYCK, Aldo. Chapter 4 – Playgrounds: Lost Identity Grid. Collected Articles and Other Writings (1947-1998). Editora Sun

VAN EYCK, Aldo. Chapter 4 – Playgrounds: The Child and the City. Collected Articles and Other Writings (1947-1998). Editora Sun

WITHAGEN, R.; CALJOUW, S. Aldo Van Eyck's Playgrounds: Aesthetics, Affordances and Creativity. Front. Psychol, 2017.

ROSA, Marcos. Revisitando os playgrounds de Aldo van Eyck, 1947 | 2011. Arquiteturismo, São Paulo, ano 07, n. 074.02, Vitruvius, abr. 2013

OUDENAMPSEN, Merijn. A cidade como playground. PISEAGRAMA, Belo Horizonte, número 03, página 52 - 55, 2011.

STORI, Norberto; PELAES, Maria Lúcia Wochler. Diálogos sobre a obra do artista brasileiro Hélio Oiticica no Instituto Inhotim.. Revista Goma de Estudos Artísticos, nº10, julho-dezembro de 2017.